HISTORIA

DO

NASCIMENTO, VIDA E MARTYRIO

DO

BEATO JOÃO DE BRITTO.

O B. JOÃO DE BRITTO



Natural de Lx.ª missionario da Comp.ª de JESUS no Maduré, em traje de Saniás do Malabar; degolado por ordem do Regulo do Maravá em odio da Fé a 4 de fever.º de 1693, Beat.do pelo Papa Pio IX em 1852

HISTORIA

DO

NASCIMENTO, VIDA E MARTYRIO

DO

BEATO JOÃO DE BRITTO

DA COMPANHIA DE JESUS,

MARTYR DA ASIA,

E

PROTOMARTYR DA MISSÃO DO MADURÉ.

COMPOSTA POR SEU IRMÃO

FERNANDO PEREIRA DE BRITTO.

SEGUNDA EDIÇÃO COM UM IMPORTANTE ADDICIONAMENTO.



LISBOA:

TYPOGRAPHIA DE A. S. MONTEIRO,

Travessa de S. Nicolau n.º 5.

1852.

to no mundo, sem que o sangue possa exceptuar contra a verdade da narrativa, que se abona com o testemunho irrefragavel de quantos o conheceram, e trataram em Portugal e na India.

Saiu das mãos de seu auctor ha vinte annos. Mas não sei que nuvem lhe eclipsou a luz, a que o pertendia dar, para o esclarecer, reinando o serenissimo D. Pedro II de gloriosa memoria nosso senhor, e dignissimo pae de V. M. Qual fosse o mysterio d'este eclipse, sabe-o Deus; porém, se os eclipses annunciam futuros, e se eu posso conjecturar sobre o mesmo eclipse, presumo (lançando tudo á melhor parte, sem me metter a calcular sobre pontos de inveja inimiga da luz) que foi, para que V. M. com a vida escrita do V. P. João de Britto reduzisse a effeito os designios de Suas Majestades, que Deus tem na gloria.

Foi o caso: desejava intensamente o serenissimo rei e rainha, paes de V. M., que o V. P. João de Britto fosse em sua vida mestre do seu principe herdeiro, que então era V. M.: consta de duas cartas do geral da Companhia, que no fim do livro vão appensas, nas quaes responde aos padres Sebastião de Magalhães, e Leopoldo Fués, confessores dos ditos senhores reis, que em nome de seus amos procuravam que voltasse da India o V. P. João de Britto, e que ficasse em Portugal a titulo de se occupar na real educação de V. M., conduzindo muito para este altissimo emprego ter-se criado no paço desde menino, onde começou pelo exercicio de pagem da campainha do serenissimo rei D. João IV nosso feliz e acclamado restaurador. Entendia (e com razão) o prudentissimo rei, que só podia criar principes, quem da sciencia especulativa e pratica que apren-

deu na escola do paço, saberia tirar os documentos, que se deviam infundir e applicar pelo magisterio.

Mas a Providencia divina dispoz as cousas de sorte, que o V. P. João de Britto fosse primeiro tomar a laurea do martyrio, e graduar-se na universidade do ceu, para de lá vir no treslado de suas acções, ou na imagem da sua vida escrita o mais proporcionado mestre de um principe. Quando V. M. o era, não logrou o V. P. João de Britto a ventura de ter tão grande ouvinte, ou porque V. M. já nos primeiros annos era varão consummado, ou porque o mestre destinado tinha ainda muito que aprender no ceu, para ser cabal mestre de um serenissimo principe do Brasil.

E porque lá sabe agora mais do que sabia cá no mundo, concorrendo n'este tempo as plausiveis circumstancias, em que temos novo principe e novos infantes, vem n'esta sua estampa á presença de V. M., requerendo no indisputavel magisterio, que pertende, o cumprimento da primeira vontade do serenissimo rei D. Pedro (e de crer é que seria tambem a ultima, por isso inalteravel) o qual lá no ceu terá muito especial gloria de que seus mui presados netos se matriculem na escola do celestial Mestre de principes o V. P. João de Britto.

O que supposto, senhor, na escritura d'esta historia têem os serenissimos principe e infantes arte, e postilla para aprenderem em primeiro logar o amor, e temor de Deus, que se deixa ler e ver, como em regras, e documentos, nas acções e nos exemplos, de que está composta. Do amor que o Mestre tinha aos proximos aprenderão o amor aos vassalos, sem os quaes favorecidos e amados não pode haver principe ditoso, e bem afortunado. A' vista do zelo, com

que conquistava para o reino do ceu as nações mais remotas, concebêrão na idéa novas conquistas, a fim de ganharem para Deus novas almas, e para a monarchia de Portugal novos dominios. Aqui verão aquelle grande espirito despresador egualmente de trabalhos, que de regalos, proprio de animos heroicos e reaes. Finalmente aqui verão praticadas todas as virtudes que são a mais soberana regalia de reis e de principes; pois só o servir a Deus generosamente é o verdadeiro reinar, e a verdadeira conservação das coroas e dos imperios.

Em confiança de quanto fica dito e deduzido, espero se digne V. M., de que o seu augusto palacio seja verdadeiramente aula de disciplina christã, aprendendo-se n'ella as licções que ao principe e mais senhores nossos dará o V. P. Mestre João de Britto a todo o tempo e a toda a hora, que quizerem ver, e ponderar o texto da sua vida rubricado com o sangue do seu martyrio,

Com este beneplacito de V. M. me seguro na certesa de que não haverá quem não queira ver com bons olhos um livro, que souber é do real agrado; pois a inclinação do principe é poderoso e doce attractivo de que todos se deixam levar.

D. Fernando de la Cueva e Mendoça.



O AUCTOR AO LEITOR.

LEITOR amigo, a vida admiravel do V. P. João de Britto da Companhia de Jesu, admiravel no ardentissimo zelo da salvação das almas, admiravel no affectuosissimo empenho com que se occupava n'esta empreza, admiravel nas singulares circumstancias do seu martyrio, é a que escreveu a minha penna, e a que offerece a teus olhos a minha confiança fundada na tua benignidade. Se leres com paciencia, e com attenção o que escrevo, verás sobresair nas sombras d'esta historia os resplendores de uma illustre vida. Os que publicam seus escritos, temem ordinariamente ou a censura dos criticos, ou a enveja dos emulos. Não temo a primeira, porque eu mesmo sou o que a censuro; e quem n'isto concordar comigo não me offende, faz-me graça em se accommodar ao meu juiso. Não temo a segunda, porque tirando a enveja só ao que é bom, e que quanto mais envejado se acredita de melhor, confessando eu, como ingenuamente confesso, a tenuidade do meu talento, e do meu estylo, n'isso mesmo quebro as lanças, que me podia tirar a emulação. Estando pois n'esta conformidade seguro por ambos os lados, sem razão obrara, se ainda assim temera sair á luz com esta obra, que na confissão de seu auctor se exime da censura alheia; e prouvera a Deus se não pudera

eximir da enveja, com que ficaria bem qualificada. Mas nem todos têem a dita de que este vicio, quando se lhes oppõe, os exalte e canonise.

O estylo não é muito usado; mas já se póde chamar velho, depois que D. Francisco de Quevedo compoz por este methodo as vidas de S. Paulo, e de Marco Bruto. E quando os exemplares de tão discreto auctor correm com universal applauso, as suas imitações podem apparecer sem receio no tocante á materia, pois é santa; e no tocante á forma, pois está approvada.

Se o ser eu irmão do sujeito que descrevo e louvo, pode occasionar diminuições no credito da verdade que publico, seguro-te (para que não duvides) que primeiro fiz officio de fiscal, que de chronista; sendo assim preciso, para illudir a vehemencia da presumpção, de que no testemunho de um irmão por outro irmão se não hermanasse o dito com a realidade. Ora ponhamo-nos na razão, e venhamos a partido. Não duvides sobre a verdade da historia, e faze o conceito que quizeres da incapacidade do historiador.



PROTESTO

E DECLARAÇÃO DO AUCTOR.

INGENUAMENTE confesso, e como catholico romano protesto, que, quando chamo Martyr ao V. P. João de Britto, e quando n'esta historia refiro algumas acções com nome de milagres, ou prophecias, fallo precisamente no sentido, que se compadece com os decretos do Santissimo Padre Urbano VIII sem admittir a minima contrariedade aos seus preceitos ácerca da impressão dos livros que tratam de pessoas, que ainda não estão canonisadas, nem beatificadas. Confesso que á Sé Apostolica privativamente compete qualificar a verdadeira santidade e martyrio: e d'esta confissão entenderá com legitima inferencia, quem me ler, que as minhas proposições vão lançadas, como proposições de fé humana, em si fallivel, e sujeitas em tudo á determinação da Santa Madre Igreja.

PREFAÇÃO

DA SEGUNDA EDIÇÃO.

No B. João de Britto Apostolo insigne, valoroso Campeão, e Martyr da fé, offerece a missão do Maduré um espectaculo digno de Deus, digno da cubiça dos anjos, da imitação dos varões apostolicos, e de universaes encomios. Com estas memoraveis palavras o P. João Baptista Maldonado, a quem o desejo de feitorisar entre gentios a vinha do Senhor, levára tambem ás partes do Oriente, encetou o erudito opusculo que em 1697 saiu á luz em Antuerpia com o titulo de *Illustre Certame* do R. P. João de Britto. Mas quanto sobrelevem, e sejam de mais quilates as razões que temos para usar d'estas mesmas palavras no tempo agora presente, será mui facil de conhecer se se considerar, que aquelle atilado auctor, um dos primeiros que com a penna cumulou de tantos elogios as admirandas proesas e virtudes do Protomartyr do Maduré, quanto ao parecer de todos já em vida dignissimo d'elles era, escreveu a sua obra em Macau no mez de janeiro de 1695, apenas dois annos depois que o B. João de Britto fôra laureado de glorioso sangue em testemunho da nossa santa fé, e nós escrevemos depois de solemnemente proclamada do alto

do Vaticano a santidade de suas virtudes e martyrio.

Não eram passados muitos dias depois da publicação do oraculo Pontificio, quando já pela sua leitura, já pela de não poucos escriptos de auctores quasi todos contemporaneos do Bemaventurado Padre, recebemos sobejas noticias de sua vida, trabalhos e santa morte. Deslumbrados de tanta virtude e tão abonados testemunhos, não pudémos abrigar o nosso coração de um sentimento de admiração acompanhado de grande desejo de avivar entre conterraneos a memoria de tão preclaro filho d'esta terra, que estava a ponto de ser alevantado por Santo e Martyr da christandade. Assim deliberados a não intervallar a este religioso empenho, desde logo nos abalançámos a lançar mão d'esta briosa empresa. E para cabalmente nos desempenharmos d'ella, procurámos investigar quanto corria impresso sobre o Bemaventurado Martyr João de Britto. Entre as primeiras obras d'este genero que nos vieram á mão, foi a principal a interessante historia da sua vida e martyrio escripta em elegante estylo por seu proprio irmão Fernando Pereira de Britto, sobre os documentos que para esse fim lhe tinham dado os padres da Companhia, por este fidalgo levar em gosto ser o escriptor da vida de seu mui Santo Irmão, segundo refere o P. Franco, de que faremos honrosa menção. Ficou porém inedito alguns annos este importante trabalho, até que em 1722 D. Fernando de la Cueva e Mendoça sobrinho do auctor, o deu á luz com dois appendices, e dedicou á majestade d'el-rei D. João V, que havia com grande instancia sollicitado da Santa Sé a beatificação do Veneravel Martyr que do serviço do paço se passara ao do redil de Christo.

Cresceu todavia em nós essa vontade, quando

soubemos que aquella historia era rarissima, pois já não era facil encontral-a nem sequer em Coimbra onde havia sido impressa, no real collegio das artes. Não desapproveitando trabalho alheio, resolvemos então reimprimil-a entrançando n'ella uma Memoria com muitas noticias interessantes, que fômos recolhendo de algumas obras de auctores na maior parte contemporaneos do B. João de Britto, que á competencia o exalçaram em seus escriptos, e dos processos para a sua beatificação, as quaes tivemos que não só seriam cousa agradavel, e não desdiriam com o nosso intento, mas, o que é mais que tudo, seriam muito conducentes para melhor e mais diuturnamente se conservar a memoria dos gloriosos exemplos de santidade de um dos maiores Santos modernos de Portugal, e das circumstancias que precederam e acompanharam a mesma beatificação. E para não segundar as mesmas cousas, e tornar tediosa esta historia, enfeixámos na dita Memoria sómente aquellas noticias, que ou recordavam ou illustravam um ou outro facto e circumstancia em que era carecente o trabalho de Fernando Pereira de Britto, sem embargo de termos já publicado alguma cousa a este respeito em um jornal religioso d'esta capital (*).

Mas parecendo-nos este commettimento superior a nossos cabedaes, dirigimo-nos respeitosamente a alguns nobres cavalheiros parentes, ou representantes e herdeiros da illustre familia que com tanta honra e gloria sua deu um Apostolo ao Malabar, um Heroe, um Martyr, e um Santo a Portugal e á Igreja, e lhes pedimos a sua valiosa cooperação. E

(*) Jornal da Sociedade Catholica — Serie III, vol. I, n.º 32 e 34.

não foi esta a unica razão que a isto nos demoveu, senão tambem a de fazer bons officios de cortesania e melindre a quem tão de perto tocava a pessoa e a obra de que tratavamos. Porém saiu-nos o conselho errado! Os nossos disvelos e empenho, dizemol-o com repugnancia e magoa nossa, não tiveram boa correspondencia, nem favoravel acolhimento; e as diligencias que amigos nossos empregaram para o mesmo fim, não reportaram melhor successo, apesar de relevarem muito para o interesse e louvor domestico. Queixa é antiga da nação portugueza ser tão descuidada de si na diligencia de encommendar as suas cousas á custodia das lettras conservadoras de todas as obras, quão prompta e diligente em feitos, que mais se presa de fazer que dizer, como escrevia o grande Tito Livio portuguez João de Barros na dedicatoria da sua Asia portugueza a el-rei D. João d'este nome o terceiro de Portugal.

Todavia em muitos d'esses homens que espiritos nobres encaram com desdem, e n'esse clero que espiritos fortes apodam de ignorante, afferrado á secularidade do nosso tempo, participante dos desvarios da ruindade da geração que vae passando, e pouco sollicito dos gravissimos deveres da sua divina missão, achámos tal apoio, que nunca a fortuna surriu tão benigna a projectos nossos, tão bom succedimento e tão de sobra, quanto não foi possivel encontrar n'aquelles, que por irmandade de sangue a todos os outros deviam com grande distancia avantajar-se.

Cumpre-nos porém fazer aqui uma honrosa excepção, e é a de uma piedosa matrona d'esta cidade, sexta sobrinha do Beato João de Britto (*), a

(*) D. Isabel Barruncho Vidal de Azevedo.

qual se a mingua de cabedal lhe não impedira, que podessemos medir a sua cooperação pela muita e muito boa vontade de nos coadjuvar, não nos teria deixado andar batendo á porta d'estranhos, ainda que conterraneos, para que amparassem uma obra familiar e caseira, posto que nacional.

E' a esta religiosissima Senhora que devemos a primeira effigie que vimos do B. João de Britto, a qual ella tinha soffregamente a bom recado como tradição de familia, e era talvez uma das poucas que em solar portuguez se conservava ainda agora com santa memoria e acatamento. Foi sobre esta effigie que fizemos gravar a que acompanha esta obra, de cujo ornamento carecia a primeira edição, alterando porém alguns accessorios pouco correctos, e fazendo-lhe addicionar o anjo e a gloria que n'ella se vêem representados. Na capella do antigo collegio dos nobres d'esta cidade, onde o B. João de Britto fez o seu noviciado, sabemos que havia um grande retabulo com a sua effigie ao natural em traje de saniás, com um lettreiro, em que se lia o seu nome, o dia do seu martyrio, e como vivera n'aquella casa. Esta effigie era reputada como verdadeiro retrato, porém não a pudémos confrontar com a nossa, ignorando se foi presa do fatal incendio que em 1844 devorou aquelle edificio, ou qual é hoje o seu paradouro, no caso de ter escapado das chammas que desbarataram muita preciosidade alli amontoada. O certo é que esta effigie foi gravada logo depois do seu martyrio, e corria em Portugal sob as vistas dos mesmos padres da Companhia que o haviam conhecido; além de que a cotejámos com outras duas diversas, publicadas pelo mesmo tempo, com a qual perfeitamente se assimelha, sendo porém a de que nos servimos a de melhor desempenho artistico.

Além da referida estampa juntámos tambem a carta topographica da missão do Maduré, que fizemos copiar da que precede a obra do P. Maldonado de que acima fizemos menção emendando-a dos erros que a desfeiavam.

No corpo da vida do Bemaventurado João de Britto omittimos as reflexões moraes e politicas com que o seu auctor Fernando Pereira de Britto em numero de oitenta e uma a enriqueceu. As razões que a isso nos induziram foram primeiramente, que não fazendo ellas parte da historia, mas sendo meras considerações sobre o seu texto, em nada aproveitavam á fidelidade historica, e entravavam e tornavam menos deleitosa a sua leitura; e em segundo logar a economia não só de tempo senão tambem de cabedal. E não foi pouca a nossa admiração quando, depois de assentado e posto por obra este conselho, na vida do mesmo Beato descripta pelo P. Antonio Franco na *Imagem da Virtude*, de que entrançámos alguns trechos na nossa Memoria, deparámos com o seguinte:

« Não se contentou elle (Fernando Pereira de « Britto) com a simples narração das acções virtuo- « sas, mas sobre ellas tecia seus discursos politicos, « que faziam algum tanto menos fluida e aprasivel a « lição: pcr esta, ou por qualquer outra causa se não « imprimio aquella obra. »

A obra do P. Franco foi impressa em 1717, e a historia da vida do B. João de Britto composta por seu irmão, saiu á luz em 1722; e esta é a razão porque o P. Franco affirma que esta se não imprimira.

Os dois appendices da primeira edição constam, o primeiro de um compendio da vida do B. João de Britto apresentado em Roma á Congregação dos Ri-

tos no anno 1714, em ordem á introducção da causa da sua canonisação, o segundo de algumas cartas do mesmo Beato. Um e outro vão por sua ordem n'esta segunda edição, assim como uma collecção de poesias latinas, que muito se resentem do mau gosto da epoca, compostas por differentes poetas da Companhia em louvor do glorioso Martyr, as quaes na primeira edição precedem toda a obra, e n'esta collocámos no fim dos dois appendices citados.

A esta nossa prefação segue a biographia de Fernando Pereira de Britto, como nol-a deixou escripta o abb ade Diogo Barbosa Machado na sua Bibliotheca Lu sitana.

Em tod esta obra acharão os leitores alguns nomes proprios e de terras escriptos em differentes partes de diverso modo. E' isto devido á variedade com que os achámos exarados nos diversos auctores que citamos, sendo a verdadeira causa a diversa pronuncia com que os naturaes da India os pronunciam, ou a alteração que esses nomes teem soffrido com o correr dos tempos.

Após esta narração fidelissima das causas impulsivas e do andamento d'este nosso commettimento, parece-nos será razão fazer uma breve consideração muito digna d'este logar, para a qual nos serviremos das palavras do P. Franco na sua introducção á *Imagem da Virtude*, que vem para aqui muito a proposito.

« Um dos tempos mais bem gastados é aquelle « que se occupa em escrever as vidas dos homens « santos, e conservar os exemplos d'aquelles heroes, « que assim como na vida inspiravam virtude, assim « depois da morte essa mesma estão inculcando nos « santos exemplos que nos deixaram. A nós pertence

« tel-os presentes para com elles nos ajustarmos, pro-
« curando que nossas obras sejam como as suas. São
« as vidas escriptas umas como estatuas dos homens
« que representam: e têem sem duvida muito mais
« energia para persuadir, do que achava Scipião te-
« rem as estatuas dos seus romanos, a cuja vista elle
« confessava conceber novos alentos, e espiritos ca-
« pazes de se medir com todas as cousas grandes. Nas
« vidas dos homens santos aprendem os que seguem
« similhante instituto o modo que elles tiveram em o
« exercitar, o cuidado e vigilancia com que se hou-
« veram para chegar aos apices da perfeição evange-
« lica, a que subiram. Os caracteres que têem dian-
« te dos olhos, lhes estão mudamente repetindo a
« inscripção que os athenienses tinham nos pés das
« estatuas dos seus antepassados: sereis, dizia a ins-
« cripção, como estes, se fizerdes como estes. »

Finalmente, o desvelo e esmero que pozemos para que esta obra saisse apurada e nitida, esperamos que abonarão a nossa vontade e animo de modo, que temos por desnecessarias palavras para nos acreditarmos com nossos assignantes e leitores, os quaes por certo não deixarão de confessar, que fizemos um serviço sem visos de interesse, que mal se pode casar com à baratesa da sua emissão.

Lisboa, setembro de 1852.

OS EDITORES.

BIOGRAPHIA DO AUCTOR.

FERNANDO Pereira de Britto, fidalgo da casa real, alcaide mór d'Alter do Chão, e commendador de S. Maria de Monforte em a ordem de Christo, nasceu em Villa Viçosa em o anno de 1640, onde teve por pae a Salvador de Britto Pereira, alcaide mór de Ourem, e de Alter do Chão, commendador de Castellãos e de Monforte, vedor da serenissima casa de Bragança, e D. Brites Pereira, filha de Fernão Tavares Falcão, e de D. Maria da Fonseca. Cultivou com genio, e comprehendeu com vivesa as artes a que se applicou, saindo muito versado na historia sagrada e profana, e em todo o genero d'erudição oratoria e poetica, como tambem nas maximas da ethica e da politica. Foi casado com D. Maria de Britto, filha de João de Pinho, e Paschoa de Figueiredo, de quem teve tres filhos e duas filhas. Escreveu em o anno de 1702, e illustrou com oitenta e uma reflexões moraes e politicas a vida de seu Veneravel Irmão, a qual publicou D. Fernando de la Cueva e Mendoça, fidalgo da casa real, e commendador de S. Maria do Pinheiro Grande, sobrinho do auctor, e saiu com o titulo seguinte: — Historia do nascimento, vida e martyrio, etc. D'elle faz menção Antonio Carvalho da Costa *Corogr. Portug.* t. 2. p. 520.

Da Bibl. Lusit. t. 2. p. 49.

INDICE.

SEGUNDA PARTE.

Em que se contêem as acções que o V. P. João de Britto obrou na India até ser mandado a Portugal eleito procurador da sua provincia do Malabar.

PRIMEIRA PARTE,

EM QUE SE CONTÉEM AS ACÇÕES DO

V. P. JOÃO DE BRITTO,

DESDE O SEU NASCIMENTO ATÉ Á SUA PARTIDA PARA A INDIA, E CHEGADA A GOA.

CAPITULO I.

NASCE AO MUNDO O V. P. JOÃO DE BRITTO.

No primeiro dia de Março de mil seis centos quarenta e sete, na cidade de Lisboa, nasceu o V. P. João de Britto, da Companhia de Jesus. Teve por paes a Salvador de Britto Pereira, fidalgo da casa de Sua Magestade, o qual na feliz acclamação do sr. rei D. João IV se achava seu trinchante, e a D. Brites Pereira. Affirmou sempre sua mãe, que o nascimento d'este filho fôra prodigioso; porque, chegando-se o

tempo de entrar n'aquelle perigosissima batalha das mulheres, apenas sentiu os primeiros abalos da natureza, quando viu nascido um filho; sendo a brevidade tanta, e a molestia tão pouca, que quando esperava as primeiras dores, se viu livre das ultimas molestias; e quando chegou aquella operaria, que introduziu a arte com a modestia para acodir aos perigos de tão apertada hora, já achou que tinha nascido o menino: e se então pareceu nascimento prodigioso da natureza, depois o veremos parto milagroso da graça.

A poucos dias de nascido pareceu que não chegaria com vida ao oitavo, em que havia de ser baptisado. Movidos d'este receio mandaram seus paes, que logo o baptisassem em casa, e com toda a brevidade se executou esta determinação, e logo cobrou a criança outro alento. No dia, que estava determinado para o baptismo solemne, foi levado á igreja parochial, que era a de Santo André, para que ao sacramento do baptismo, que tinha recebido em casa, não faltasse a ceremonia da imposição dos sagrados oleos.

Baptisado assim foi principiando a vida na nutrição da ama, e antes de fazer dois annos, foi servido o sr. rei D. João IV nomear a seu pae Salvador de Britto Pereira por governador do Rio de Janeiro, o qual dispondo por serviço de seu rei sua viagem, e partindo-se para o governo, ficou este seu filho, não tendo dois annos ainda perfeitos, creando-se entre os peitos da ama e as lagrimas da mãe. Passados dois annos, morreu o pae no governo: chegou a nova a sua casa, e como o V. Padre João de Britto era o ultimo de tres, com que sua mãe se achava, foi este sempre o seu Benjamin.

CAPITULO II.

DA SUA EDUCAÇÃO NOS ANNOS DA PUERICIA.

PASSADOS aquelles annos, em que a natureza não concede aos homens, nem juizo, nem discurso, e chegados os de poder começar a aprender a doutrina christã, e as mais, que os paes são obrigados a ensinar, ou mandar ensinar a seus filhos, sua mãe D. Brittes Pereira, pelas suas insignes virtudes digna mãe de tal filho, o mandou ensinar com os mais irmãos com zelo de catholica insigne, é com cuidado de matrona grande. Continuava em aprender o que se costuma ensinar n'aquella primeira idade, com tanta docilidade de engenho, que nas acções não havia de que o reprehender, e no estudo havia muito pouco de que o castigar. Era ja n'esta tenra idade tão despegado das vaidades, e gostos do mundo, que sendo moço fidalgo com seus irmãos, e sendo aquelle logar, o que occupam no paço os filhos dos mais illustres fidalgos, e o mais gostoso divertimento para os moços, com tão pouca ancia solicitava esta assistencia, como se ella não fôra o mais qualificado timbre da fidalguia, e o mais gostoso passatempo da mocidade: ia ao paço quando sua mãe dispunha que fosse, e não procurava ir quando ou o não chamavam, ou sua mãe o não mandava.

CAPITULO III.

ADOECE GRAVEMENTE, E RECUPERA A SAUDE POR INTERCESSÃO DE S. FRANCISCO XAVIER.

CONTINUAVA ja os estudos, e ainda sua mãe não cuidava no estado, que lhe havia de dar, sem embargo de que sempre determinou dedical-o a Deus em alguma religião; mas é certo, que nunca formou conceito de o fazer padre da Companhia, porque era de uma contextura tão debil, que lhe parecia não poderia naturalmente com o trabalho d'esta religião sagrada. Tendo onze annos de idade enfermou gravissimamente. Em um dos mais apertados accidentes da enfermidade, que nos seus mortaes symptomas indicava muito pouca duração da vida, invocou a S. Francisco Xavier, pedindo com viva fé lhe alcançasse de Deus saude. Instou n'esta petição, que todos os dias repetia: e vendo sua mãe tão fervorosas deprecações ajuntou a estas tambem as suas, e de mais prometteu ao Santo Xavier, que se lhe alcançasse saude para o filho, o havia de trazer um anno no habito de S. Ignacio.

CAPITULO IV.

EM DESEMPENHO DA SAUDE RECEBIDA VESTE O HABITO DA COMPANHIA DE JESUS.

DESTA doença convalecido, e reconhecendo, que o sair d'ella com vida fôra milagrosa protecção de S. Francisco Xavier, quando saiu fóra de casa foi ja no habito de S. Ignacio. O mesmo foi ver-se vestido com a roupeta, que descobrirem-se n'elle uns ardentissimos desejos de professar a regra, e seguir a vida dos que a traziam. Passou o anno promettido n'este trajo com incrivel contentamento, com tanta modestia, e compostura, que quem o *visse*, e o ponderasse, podia cuidar que no habito, que vistira, roubara juntamente a S. Ignacio a regra, que deixara; e poderá ser, que considerando elle n'este piedoso roubo, se resolvesse a fazer uma restituição, como fez Zacheu, restituindo quatro por um, promettendo offerecer a S. Ignacio quatro votos por um vestido, pois era justo, que quem no habito tomou os accidentes, em quatro actos de outros tantos votos solemnes tomasse tambem a substancia da religião jesuitica.

Succedeu, que no anno, em que o nosso menino fazia figura de padre da Companhia, sendo moço fidalgo (como ja dissemos) houve um dia, em que lhe foi forçoso fazer duas representações, uma em

que significava que era da Companhia de Jesus, outra, em qua mostrava, que era da companhia do mundo. Louvavel era n'aquelle tempo o catholico uso dos serenissimos reis de Portugal irem á casa professa de São Roque, no ultimo dia das quarenta horas á tarde assistir á *procissão* depois de encerrado o Senhor, que aquelles tres dias costuma estar exposto. N'esta funcção vão as pessoas reaes acompanhadas de toda a nobreza da corte, e dos continuos da sua casa. Esta procissão faz a communidade dos padres da Companhia, em que assistem até os noviços: como o nosso prodigioso menino o era já interiormente nos desejos, e o parecia exteriormente no habito, quiz n'aquella procissão entrar na companhia dos padres, em quanto se não podia metter na sua religião; mas n'este designio o poderia impedir a assistencia, que devia fazer na mesma tarde ás magestades no logar, que lhe tocava. Porém aqui mostrou, que ja n'aquella idade sabia assistir a muitos officios, e cumprir com muitas obrigações. Entraram pela igreja de São Roque as pessoas reaes, que eram el-rei Dom Affonso o VI com seu irmão o infante Dom Pedro, agora nosso rei, e senhor. Iam no seu logar o nosso apostolinho em corpo, que com capa não podem assistir a seus amos os moços fidalgos; e d'esta sorte esteve no seu logar, reparando todos como unia bem as galantarias de palaciano com as apparencias de religioso. Dispoz-se logo a procissão, e foi d'alli fazer segundo papel na communidade dos religiosos; para o que chegou á sacristia, tomou a capa nos hombros, e uma vella na mão, e mettendo-se entre os noviços, foi com beneplacito dos padres todos na procissão, fazendo tão propria a sua figura, que parecia era aquella representação um modelo,

do que depois havia de ser. Acabou-se a funcção, poz de parte a capa, e tornou á primeira assistencia. N'estas mysteriosas representações, nem o profano perverteu o religioso, nem a politica encontrou a modestia.

CAPITULO V.

PERTENDE SER ADMITTIDO NA SAGRADA RELIGIÃO DA COMPANHIA DE JESUS.

ACABADO o anno da promessa, despiu a roupeta, e como até então tinha ardentissimos desejos da ordem, depois os acompanharam as saudades do habito; para o conseguir, começou a rogar ao padre provincial da Companhia o acceitasse: eram com tanta submissão e com tanta instancia as petições, que parece fundava só na humildade a sua razão, e na instancia a sua justiça. Condescendeu o padre provincial com a rogativa do novo candidato, e despachou-lhe a petição. Satisfeitos estes desejos, deu conta a sua mãe, e lhe pediu licença para os pôr em execução, pois, se até ali tinham sido fogo que não luzia, já eram incendio que abrazava: e não podendo deter os impulsos da vocação, lhe disse assim:

Minha mãe, e minha senhora, até agora fui devedor a v. m. da santa creação que me deu, agora lhe sou mais devedor pela occasião em que me mette. Eu jazia enfermo sem esperança de vida, roguei a S. Francisco Xavier que me alcançasse saude, e não passaram d'aqui os effeitos da minha afflicção: vossa mercê emendou esta rogativa accrescentando a piedosa promessa de me trazer um anno no habito de Santo Ignacio: assim se fez, e foi Deus tão miseri-

cordioso, que pela intercessão do seu Santo me deu a saude desejada. Vesti o santo habito, e logo me senti affeiçoado a merecel-o; busquei a satisfação aos meus desejos procurando ser acceito na sagrada religião da Companhia de Jesus: fui ouvido, e saí despachado. Os *auxilios* d'esta vocação bem conheço que tiveram o seu quasi principio na vestidura do habito, e d'esta foi causa a promessa, que vossa mercê fez na minha doença. Com que devo a vossa mercê não só a vida natural, mas a disposição para mais outra vida: no gosto de me ver nascido devo a criação para a vida da natureza, na pena de me ver enfermo devo a intervenção para a vida da graça: agora quero, que vossa mercê me seja a acredora de outra maior divida, pela qual me acho empenhado, e é o seu beneplacito para o ultimo conplemento de todas estas disposições. Eu estou acceito na religião da Companhia, e tenho para mim, que S. Francisco Xavier me chama: bem sabe vossa mercê que eu o invoquei, e que elle me acodiu; agora, que elle me chama, é justo, que eu lhe obedeça: em me ouvir o Santo consistiu a minha vida temporal, em corresponder agora, poderá ser que se funde a minha vida eterna. Isto não é pôr em questão a acceitação do auxilio, é querer que tenha vossa mercê tambem parte n'ella, e pedir, que, para eu merecer mais n'este sacrificio, me mande que o faça, a fim de ajuntar á circumstancia da victima o merecimento da obediencia. Não me empenho mais em requerer o que sei que vossa mercê me não ha de negar.

Feita esta proposta, respondeu a mãe com notavel contentamento: Que bem conhecia ser aquella vocação por agencia superior do S. Xavier; que a estimava, como favor do Ceu, e que internamente

se alegrava por ter um filho, que com tanta resolução se dava a Deus; que ella o dava de muito boa vontade; mas que só reparava na incompatibilidade da sua compleição com o trabalho d'aquelle instituto, que necessitava de outra saude mais robusta, que a sua. Respondeu o filho com ultima resolução: Deus chama-me, eu quero-lhe acodir, e por sua conta corre dar-me forças accommodadas para me occupar nos exercicios, e empregos do novo estado a que me convida.

CAPITULO VI.

DESPEDE-SE DE SUA MÃE, E ENTRA NO NOVICIADO DA COMPANHIA.

OUVIDA, e replicada a resposta da mãe, como o nosso pertendente ainda não tinha bastante idade para entrar na Companhia, ia continuando os seus estudos, e segurando a sua pertenção. Passou o tempo, que lhe faltava, e com poucas disposições, e menos faustos, tratou de ir tomar o habito, e dar cumprimento aos seus santos desejos no dia de Expectação da Virgem Senhora nossa, e despedindo-se da mãe lhe disse:

Minha mãe, e minha senhora, é chegado o tempo de eu deixar a vossa mercê por buscar a Christo, pois Christo me amou tanto, que deixou seu Pae por me buscar a mim: phrase (segundo ouvi a meu mestre) com que o evangelista S. João conta que Christo affirmou deixara o Pae para buscar o mundo. Vossa mercê creou-me para Deus, e Deus remiu-me para si. Por não arriscar este fim, é necessario, que vossa mercê me não retarde, já que para o mesmo fim me produziu, e creou. Deus deu-me uma doença mortal, e por meio d'ella uma inspiração; porque nas apertadas afflicções da doença me moveu a que chamasse por S. Francisco Xavier; e como eu invoquei a S. Francisco Xavier, logo o

mesmo Senhor me chamou, pois no ponto, em que me vi com a a saude, que o Santo me alcançou, comecei a sentir fortissimos impulsos de buscar a regra de S. Ignacio: e agora, que é tempo de accodir á vocação, me resolvo ao não perder, e a caminhar para onde me levam *os meus incendidos* desejos. Esta resolução é independente de toda a obediencia humana; porque só dar attenção ás inspirações, e aproveitar dos auxilios, é a primeira obrigação de quem se deseja salvar. Console-se vossa mercê muito, porque sendo necessario largar tudo do seculo para buscar a Deus, eu ainda quando o vou buscar, levo muito do mundo, mas não levo o que lá me póde tentar, senão o que me póde servir: levo o conhecimento, levo o desengano, e levo o despreso. Conheci o que o mundo dava, quando experimentei, que no rigor da enfermidade mortal só me alcançou saude a intercessão milagrosa de S. Francisco Xavier; desenganei-me do que o mundo era, quando no seu conhecimento vi o pouco, que podia; desenganado com esta luz intellectual, concebi tal despre.o do mesmo mundo, que espero na divina misericordia perseverar no aborrecimento do que por todos os titulos é cousa tão despresivel. Falta-me a santa, e maternal benção de vossa mercê, que entendo me não ha de negar. Se alguma pena levo, é precisamente considerar a com que vossa mercê fica vendo-me apartado da sua companhia. Mas Deus, cujo imperio me obriga, lhe dará tão fervorosos auxilios da sua graça, que na assistencia dos seus favores, não ache menos a minha.

Ditas estas razões, e tomada com profunda humildade, e veneração a benção a sua mãe, despedindo-se com uma santa inteireza de todas as pessoas

de casa, se partiu em companhia de seus dois irmãos Christovão de Britto Pereira, e Fernão Pereira de Britto para a casa do noviciado de Lisboa chamada communmente a Cotovia; e alli com as costumadas ceremonias despedindo-se dos irmãos, entrou para aquella clausura, e recolhimento de espiritos angelicos, onde não ha mais exercicios, que os espirituaes, nem mais cuidados, que os da contemplação, nem mais desejos, que os de servir a Deus; para aquella escola da perfeição, onde o exame é o da consciencia, onde a licção é a espiritual, onde a oração é a mental, onde os argumentos são os colloquios, onde a regra é a de Santo Ignacio, que se professa n'aquelle seminario de virtudes. Não se pode dizer mais. Aqui é o deserto para onde Deus guiou esta tão querida alma sua, para ali lhe fallar ao coração (*Ducam eam in solitudinem, et ibi loquar ad cor ejus*), e lhe dizer por meio de sobrenaturaes influencias o fim para que a chamava, e o que d'ella queria. Alli lhe mostraria as miserias de que a tinha tirado, e a coroa para que a tinha escolhido. Alli sentiria novas inspirações, novas vocações, e novos auxilios. Alli começariam novos desejos, e novas promessas, novos reconhecimentos, e novos votos, novos sentimentos, e novos sacrificios. Alli se veriam as inspirações bem satisfeitas, as vocações bem ouvidas, e os auxilios bem logrados. Alli finalmente diria a Deus: infinitas graças vos dou, Senhor, por este tão desejado bem que me concedestes. Já vejo logradas as esperanças, que tanto me affligiam, em quanto se dilatavam, e suavisados os incendios, que tanto me abrasavam em quanto não respirava com a branda, e fresca viração do Ceu, que corre por estes claustros. Que terrivel considera-

nação era para mim, Senhor, ver que vós me desejaveis aqui, e eu não acabava de chegar! Chamaveis-me á religião, e eu deixava-me estar no mundo: daveis-me a mão para vos seguir, e eu deixava-me ficar. No favor dos vossos auxilios me animava, na tardança da minha resolução me confundia, e n'estes dois torcedores um de confusão, outro de confiança, se apertavam os desejos de me ver já comvosco, para vos amar com mais efficacia, para esperar com mais firmeza, e para vos servir com menos embaraços. Aqui me tendes, Senhor, fallae, que já vos posso ouvir, mandai, que já vos posso obedecer. Até agora perturbavam as suavidades das vossas inspirações os rumores do mundo, e a desattenção aos vossos auxilios impedia a promptidão da minha obediencia. Aqui, para onde me conduziu a vossa clemencia, quero que me acompanhe a vossa protecção, para que perseverando nos desejos, que me déstes, não apeteça mais que agradar-vos, e não procure mais que servir-vos.

Com estes, e com outros mais pios, e discretos colloquios offereceria entre actos de summa humildade, e devoção este noviço as potencias da sua alma para com ellas obedecer, reverenciar, e servir aquella magestade tão piedosa, tão próvida, e tão omnipotente. Alli lançou a primeira pedra para um edificio tão prodigioso da fé catholica, para o logro da esperança mais heroica, e para complemento da caridade mais fina.

CAPITULO VII.

DA RESOLUÇÃO, FERVOR, E APROVEITAMENTO ESPIRITUAL, COM QUE PASSOU OS DOIS ANNOS DE NOVICIADO.

DEIXADO assim com esta resolução o mundo, e abraçada assim com este fervor a religião, deu principio aos dois annos da sua provação, nos quaes foi de tanto agrado, e admiração aos superiores, e aos connoviços, que aquelles, considerada a observancia, e exacção, com que os imitava, pareciam seus similhantes; estes, observada a humildade, e veneração, com que os servia, pareciam seus superiores. O primeiro dia, em que vestiu a roupeta de Santo Ignacio, foi o de Natal. N'este dia saiu o Verbo Divino ao mundo com o habito da natureza humana, que vestiu na Encarnação: n'este dia saiu o nosso noviço com o habito que na sua resolução havia procurado. No Verbo Divino o mesmo foi vestir-se da nossa humanidade, que deixar a Deus (com interpretação hyperbolica) para servir os homens: *Exivi a patre, et veni in mundum. Joan.* 16. 28. N'este noviço o mesmo foi vestir o hábito da sua devoção, que deixar os homens por servir a Deus.

Na casa do noviciado se usa fabricar todos os annos um devotissimo presepio, no qual ao Menino Deus nascido fazem varios colloquios os noviços: e

não só n'estes colloquios mostra cada qual o que deseja, e o que ama, mas passa a devoção a escrever cartas ao Menino Jesus. Alli envolta a pia affeição, e o juiso, competindo o discurso, e o devoto, mutuamente se ajudam; porque o juiso apura os discursos, e a devoção requinta os affectos. Em cada periodo se encerram mil ternuras, que edificam, em cada sentença se construem mil discrições, que enlevam. Observou o nosso noviço este estylo, e escreveu tambem com os outros a sua carta ao Menino Jesus, e nas ultimas palavras do sobscripto poz esta clausula: *Porte a missão do Japão.*

Foi mestre do nosso noviço o muito religioso padre Francisco Vitus, o qual confessava ingenuamente, que a vida e acções d'este menino o edificavam e confundiam; pois via cheio de cans no procedimento, a quem mal tinha saido da puericia: n'elle observava vinculado o principio com o fim, os rudimentos do espirito com os augmentos da perfeição; na realidade podia ser mestre, quando fazia papel de discipulo: porque o mesmo era n'elle aprender as regras, e documentos d'esta arte espiritual, que ensinal-os logo aos outros por obra, e por exemplo. D'aqui nascia no padre mestre dos noviços o particular affecto, com que o amava, e a justa razão com que o preferia.

CAPITULO VIII.

FEITA A PROCISSÃO, PARTE DE LISBOA PARA EVORA A DAR PRINCIPIO AOS ESTUDOS.

Com notavel edificação de todos os superiores, e companheiros, acabados os dois annos do noviciado, fez a sua profissão, e com pouca dilação em Lisboa foi mudado para Evora, para ahi estudar um anno humanidades, e quatro philosophia. Com tão excessivo disvelo se applicava aos livros, que adoeceu por causa do estudo: convalescido tornou aos exercicios de estudante; e, ou porque fosse contra as disposições do seu temperamento o clima da terra ou porque a muita curiosidade, e applicação ás letras tornasse a ser demasiada, enfermou de novo tão gravemente, que caminhava para thysico lançando já sangue pela bocca.

CAPITULO IX.

É MUDADO DE EVORA PARA COIMBRA, E N'AQUELLE COLLEGIO COM TODA A EFFICACIA PERTENDE A MISSÃO DA INDIA.

VENDO os prelados, que a vida d'este religioso perigava na assistencia d'aquelle clima, o mudaram para Coimbra, onde estudou artes. N'este tempo era todo o seu estudo interior buscar meios de conseguir licença para passar a uma das missões da Asia. E' praxe da sagrada religião da Companhia não obrigar a sugeito algum ás missões da India, senão dar licença para irem os que não sómente dizem que desejam ir, senão tambem com repetidas instancias pedem encarecidamente que os mandem: e não só basta apertar instando, mas é necessario dar clarissimas mostras, de que as petições são nascidas de verdadeira vocação. Os argumentos, e signaes da vocação do V. Padre João de Britto eram tão evidentes, e conhecidos, que fiado no que via praticar com outros sugeitos apostados a servir a Deus nas missões orientaes, se podia prometter seguramente o despacho da sua petição. Porém temendo com grande fundamento, que sua mãe podia instar com rogativas muito forçosas ao Prelado para que lhe não désse licença, e que estas poderiam conseguir algum effeito contra a sua tão resoluta determinação, es-

creveu ao P. geral da Companhia pedindo-lhe com grandes véras o nomeasse missionario para a India, e que de tal sorte commettesse ao P. provincial a communicação d'esta graça, que lhe prohibisse receber qualquer recurso, que por alguma via se interpozesse, para que elle supplicante não fosse.

CAPITULO X.

CONSEGUE O DESPACHO DA SUA PETIÇÃO SENDO MESTRE DE GRAMMATICA NO COLLEGIO DE S. ANTÃO DA CIDADE DE LISBOA; ESCOLHE A MISSÃO DE MADUREI, E RESISTE FORTEMENTE AOS IMPEDIMENTOS, QUE SUA MÃE LHE OPPÕEM.

ACABOU os quatro annos de philosophia em Coimbra com particular applauso, e singular nome entre os philosophos da Companhia. D'alli o mandaram os prelados a ler uma cadeira de grammatica no collegio de S. Antão em Lisboa. Estando occupado n'esta leitura chegou de Roma a licença do Geral remettida ao provincial, que então era o P. Manuel Monteiro, com ordem, que em plena communidade chamasse o V. P. João de Britto, e lhe dissesse que o P. Geral lhe concedia a licença, que havia pedido para passar á India como operario de uma das missões orientaes. Ouviu o V. P. João de Britto ler esta ordem, e teve tal contentamento, que não sei qual seria maior, se a ancia com que esperava tão boa nova, se o gosto com que viu satisfeito o seu desejo.

Restava já dispor-se para a viagem, e escolher missão. Achava-se n'este tempo em Lisboa por procurador geral de Madurei o Padre Balthasar da Costa, que viera tratar negocios da mesma missão, e buscar sugeitos para ella, com os quaes havia de

partir na proxima monção para a India. Houve o V. P. João de Britto de escolher missão, e como tinha ouvido ao dito P. procurador, que a de Madurei era a em que mais se trabalhava, e em que mais fructo se colhia, elegeu esta para n'ella merecer por fructo de seus trabalhos e suores a palma, e corôa do martyrio. Teve sua mãe d'isto noticia, e accommodando-se mal com a ausencia de um filho, que era toda a sua consolação, e todo o seu allivio, recorreu a queixar-se ao Padre provincial, de que sem lh'o fazer saber mandasse seu filho para onde o não havia tornar a ver mais. Respondeu o P. provincial: que elle não mandava para a India ao V. P. João de Britto, nem concorrera para isso, mais que com publicar a licença do Padre Geral na forma, que o mesmo lhe mandava: e se n'aquelles termos não havia já recurso para que o V. P. João de Brito deixasse de ir, isso fora effeito da diligencia do dito V. Padre, o qual com tanto empenho trabalhara na diligencia, e pertenção de ir para as missões, que fechou as portas a todo o recurso; e que se ahi houvera culpa, era sómente culpado o zelo do pertendente, pois soubera dispor de tal sorte as execuções da sua tão louvavel determinação, que nos termos, em que estava o negocio, já não tinha remedio.

Como o amor maternal não deixava conhecer os motivos, e os fins d'aquella ida, sem embargo d'este desengano, quiz ainda instar com diligencia para ver se podia conseguir que não fosse, revogando-se o que estava assentado. E parecendo-lhe que bastariam os seus rogos para o dissuadir, involvendo sentimentos com razões e argumentos com queixas, pedindo ao filho a quizesse ouvir, lhe disse:

Filho, buscastes a Deus na religião, e eu tive

tanto gosto de que vós o fizesseis, que a pena de ficar sem a vossa presença me suavisava a consideração da companhia, que procurastes. Agora vejo que subiu tanto de ponto o vosso fervor, que (a querer conformar-me com esta extraordinaria resolução, que tomaes, confesso que não sei accommodar-me, nem posso vencer-me: eu bem conheço que a empreza é a mais heroica, que se acha nos actos da virtude; mas nem este conhecimento me persuade a que consinta. Peço-vos, que me não deixeis em uma saudade, que me ha de custar a vida; se o fim da vossa resolução é sacrificar a Deus a vida pelo proximo, adverti que a vida de vossa mãe ha de ser o primeiro sacrificio, de que vós sereis ministro, quebrando com presumpções de cruel os foros da piedade, que manda ter mais attenção a uma mãe, que só assistida dos filhos poderá supportar as pensões do seu estado vidual. Nem só os que perdem a patria, ganham o Ceu; nem só se salvam os martyres com victimas, tambem se salvam os confessores com lagrimas; se as que me tem custado a consideração de que me deixaes, valerem tanto, que por ellas me não deixeis, perderão a sua amargura. e se converterão em doces.

Com as muitas, que n'este passo corriam, pararam as palavras, as quaes fizeram tão pouco aballo no peito do filho, que não só mostrou o não podiam mover nem divertir estas diligencias, mas antes á vista d'ellas se confirmou mais nos seus propositos. E para o persuadir, fez que não attendia ás sobreditas razões, e como se as não tivera ouvido disse: que elle ia para onde Deus o chamava, e que sabia era obrigado desattender aos homens por obe-

decer a Deus. Sem outra satisfação aos ternissimos rogos da mãe, foi tratando de se dispor para a viagem; e a principal disposição foi o tomar todas as ordens, e dizer missa. Mas sem embargo de que esta diligencia podia ser total desengano á pertenção de sua mãe, ainda assim recorreu a um meio, que lhe pareceu efficaz para o seu fim.

CAPITULO XI.

VALE-SE SUA MÃE DO NUNCIO APOSTOLICO, E APPLICA MAIS OUTRO MEIO PARA IMPEDIR A VIAGEM DO V. P. JOÃO DE BRITTO.

N'ESTE tempo assistia na corte o nuncio apostolico Francisco Ravissa. Mandou-lhe a triste mãe representar a desconsolação em que ficava na ausencia d'aquelle filho: e que lhe rogava ordenasse ao Padre provincial o não deixasse ir para a India. Pediu-se isto com tanto empenho ao nuncio, que se deliberou a escrever ao P. provincial interpondo sua auctoridade, para que revogasse a licença, que tinha concedido ao novo missionario: porque lhe constava quanto sua mãe sentia mandarem-lhe este filho para onde era certo o não havia de tornar a ver. Deu-se a carta ao P. provincial, o qual vendo-se obrigado de lhe pedir, quem lh'o podia mandar, e vendo tambem que não era facil satisfazer com resposta que agradasse, mostrou a carta do nuncio ao V. P. João de Britto, e disse-lhe: Que elle se via perplexo sobre o que havia de dizer a quem era seu prelado. E que, ainda que expressamente não mandava fizesse aquillo, que lhe insinuava, com estes termos lhe parecia que mais o obrigava. Respondeu-lhe o V. P. que se não affligisse; porque elle tomava por sua conta livrar a sua paternidade d'aquella perple-

vidade, e d'aquelle cuidado, e que para isso lhe suggeria o levasse comsigo á presença do nuncio, o qual ouvindo-o cessaria n'elle o empenho de conseguir, e em sua paternidade a difficuldade de responder. Veio n'este concerto, e foram ambos buscar o nuncio, a quem disse o provincial: Senhor, vossa illustrissima me escreveu não mandasse o P. João de Britto para a India; eu não o mando: da-lhe licença o nosso P. Geral; porque elle lh'a pedio para ir. Aqui o trago por testemunha d'esta verdade, e dirá por si, e por mim: ouça-o vossa illustrissima, que a sua resolução é a minha resposta. Ouviu o nuncio, e disse o V. P. João de Britto:

Se a vossa illustrissima lhe disseram, que os meus prelados me mandavam para a India, foi esta informação menos verdadeira: elles não me mandam, que eu vá, dão-me licença para ir; quem me chama de Portugal para a India, é quem me chamou do mundo para a religião. A primeira vocação foi do mal para o bem, a segunda *é do bem para* o melhor. A viagem para a India póde ser para mim jornada para o Ceu: se perder esta, posso não achar outra monção, a qual, como se encaminhe para o Ceu, não se ha de perder por nenhum motivo. Eu não só hei de dar conta a Deus dos males, que fizer, senão tambem dos auxilios, de que me não aproveitar. Conheço, que Deus me chama, e não acodir com presteza a tantos reclamos, que me tem dado por sua misericordia, será provocar temerariamente a sua justiça. O primeiro motivo, que me leva, é baptisar almas, para que se salvem. Se vossa illustrissima me mandar que eu não vá, considere bem o que carrega sobre a sua consciencia; e eu fio, que se vossa illustrissima o ponderar, não só me não ha

de dizer que deixe de ir, mas me ha de obrigar a que vá. Os preceitos injustos facilmente os revoga, quem os considera. Supponho que vossa illustrissima por fazer obsequios de subdito para com outrem, fez ostentações de prelado para comigo: mas tambem creio que esta razão de estado foi mais filha da sua benevolencia, e da sua politica, que da sua justiça, e da sua obrigação. Em fim, Senhor, eu tenho posto os pés no caminho, por onde Deus me guia com resolução de conseguir o fim, para que Deus me chama: vossa illustrissima, se m'o quizer estorvar, ha se de arrepender, e eu, em quanto tiver vida, não hei de desistir.

Ouviu o nuncio estas razões, e, edificado de quem as dava, respondeu ao P. provincial, e ao V. P. João de Britto: Que elle fizera aquella carta obrigado dos rogos de uma pessoa de singular respeito, que lh'o pedira; que pois conhecia a vocação, que o levava, não só o não havia de estorvar, mas que se edificava muito de rosolução tão heroica, e tão christã, tão zelosa do serviço, e honra de Deus; que lhe pedia não entendesse d'elle queria embargar acção tão louvavel: que fosse com Deus para a sua missão, e que o encommendasse ao mesmo Senhor.

Sairam ambos da presença do nuncio, um satisfeito de se achar livre da perplexidade, em que estava, e outro mais que satisfeito de ter vencido o ultimo embaraço, que se oppunha á navegação. Ainda se não dava por desenganada a mãe do V. P. João de Britto sem embargo de lhe constar da diligencia, com que elle tratava de vencer todos os obstaculos, que se lhe offereciam, e da facilidade, com que os vencia; mas levada de impulsos proprios da natureza, se resolveu a procurar um meio, de

quem mais affectuosa, que acertadamente discorre. Buscou pessoalmente em S. Roque ao P. provincial, e lhe offereceu uma grande esmola para aquella casa, se lhe deixasse ficar seu filho em Portugal. Tanto aconselha nas mulheres o apetite, e a tanto obriga nas mães o amor! Teve o provincial esta offerta por affronta, e aquelle intento por excesso, e não admittindo nem a pratica, nem a offerta, com razões muito decorosas, e muito prudentes respondeu: Que já tinha dito muitas vezes não cabia na alçada de seu poder mandar, que o V. Padre João de Britto não fosse para a India; que se estivera na sua mão, e fora licito o fazel-o, não havia de ser acceitando a tal peita, ainda que disfarçada com cores de esmola. Foi este o ultimo desengano á pertenção da mãe. Era isto nos dias proximos á partida das náos, e n'estes tres dias frequentava o V. P. João de Britto as visitas a sua mãe com tanta inteireza, como se andara nas vesporas de fazer uma ausencia para toda a vida.

CAPITULO XII.

EMBARCA-SE PARA A INDIA, CHEGA A GOA, EXPEDE-SE PARA A SUA MISSÃO.

TENDO chegado o dia da vespora da Encarnação destinado para a partida das náos, n'esse mesmo dia foi o novo missionario a casa de sua mãe, e sem dizer que aquella era a ultima vez, que se avistavam, foi-se embarcar no dia seguinte, que foi o em que se contavam vinte e cinco de março do anno de mil e seis centos setenta e tres, e da náo escreveu uma breve carta, em que se despedia. Mandada a carta, deram as náos á vela, e partiu de Lisboa para a India. Na viagem teve uma perigosissima doença, de que livrou com felicissimo successo, assistindo-lhe sempre á cabeceira Dom Rodrigo da Costa, que n'aquella monção ia por capitão mór das náos. Chegou á India, e desembarcando em Goa tratou das disposições necessarias para o fim, que o havia levado.

A primeira disposição foi concluir o tempo, que lhe faltava de theologia. Em quanto assistiu no collegio de Goa com esta precisa occupação, observou aquella vida, trato, e modo de viver, que depois havia de guardar, quando missionario, que era dormir sem cama, não comer carne, nem peixe, mas sómente legumes, hervas, frutas, arroz, e leite; mas qualquer d'estas cousas com grande moderação, e

parcimonia. Além d'isto vivia nas mais virtudes tão exemplar, que o podia ser a todos para a imitação. Nas penitencias, e mortificações era tão rigoroso comsigo, como se contra o seu espirito não tivera maior inimigo, que a si mesmo: e assim parece que era; porque o mundo já ficava vencido no despreso, com que o deixava: ao demonio esperava pela misericordia divina vencer na conversão das almas; e só contra si mesmo empenhava todas as forças da mortificação, e todos os fervores do espirito, para que d'esta sorte ficassem destruidos os tres inimigos da alma, mundo, diabo e carne.

No mez de abril do anno de mil e seis centos e setenta e quatro, tratou de se expedir para a missão de Madurey; mas vendo, e observando os prelados os dotes, e talentos, com que Deus o enriquecera (porque sem embargo de lhe faltarem os annos ordinarios no curso da theologia, em tão pouco tempo o viram confirmado theologo) lhe pediram, que ficasse em Goa, e lhe offereceram uma cadeira de artes, para logo a ler. Escusou-se o V. P. dizendo que não fôra á India para ler cadeiras de philosophia, senão para estudar meios proporcionados, e convenientes para cenverter gentios.

SEGUNDA PARTE,

EM QUE SE CONTEEM AS ACÇÕES QUE O

V. P. JOÃO DE BRITTO

OBROU NA INDIA ATE' SER MANDADO A PORTUGAL ELEITO PROCURADOR DA SUA PROVINCIA DO MALABAR.

CAPITULO I.

PARTE DE GOA PARA AS TERRAS DO MALABAR, E DESCREVES-E A SUA JORNADA.

COMO o V. P. João de Britto saira já de Portugal destinado para a missão de Madurey, no anno de mil seis centos setenta e quatro se partiu de Goa para Malagata nas terras do Malabar, d'onde tratou logo de passar á dita missão de Madurey, na qual de tão longe havia posto os olhos. Podera fazer a jornada com muito commodo; porque todo lhe offereceu a caridade do P. Braz de Azevedo, provincial que en-

tão era da provincia do Malabar: mas como o ardentissimo zelo de padecer era n'elle acção do seu desejo, querendo imitar o grande apostolo do oriente S. Francisco Xavier, se partiu a pé para passar aquellas celebres serras do Malabar, em cujo caminho começou a experimentar tão excessivas molestias, que só a ardente caridade, com que as buscou, lhe podia dar a conformidade, com que as soffreu. Era seu companheiro ou seu conductor o P. André Freire superior da missão.

Na primeira jornada, que fizeram os dois companheiros antes de entrar nas serras, como era necessario tomar guias para as passar (que sem ellas se não póde por alli fazer caminho por causa dos muitos ladrões), esperaram junto de certo rio, d'onde se não poderam recolher tão depressa a casa de um homem grave d'alli pouco distante, que escapassem á grande carregação de agua, que sobreveio, da qual ficaram tão molhados, que estando já dentro na casa, a que se retiraram, lhes parecia estarem ainda mettidos no rio, que tinham deixado. Vendo-os alli os gentios serranos em trajes tão differentes, dos que usavam os homens brancos na India, foi necessario gastar grande parte da noute em darem razão de si, e satisfazerem á curiosidade de multiplicadas perguntas. Foi Deus servido, que acharam bracmenes d'aquellas terras, aos quaes fallou nas suas linguas Tamul, e Badagá o P. André Freire, de que resultou terem os dois padres melhor agasalhado, do que cuidavam; mas não passou todo este de ficarem a um canto da casa sem cêa, e sem fogo para se enxugarem, estando bem molhados, e tendo por cama a dura terra.

No dia seguinte mudaram de logar para um

mato, onde tiveram melhor commodo podendo-se reparar do frio, que por meio dos vestidos molhados mais sensivelmente os penetrava. E não foi pequeno allivio verem-se já livres das nimias perguntas dos Malabares, que com sua impertinente curiosidade tudo inquirem, e tudo querem saber: achaque muito commum em toda a gente d'aquellas terras, a qual não se contenta até não saber de um forasteiro d'onde vem, para onde vae, que negocio traz, e com quem, se tem ainda pae, e mãe, se é casado, quantos filhos tem, e outras similhantes a estas. Dois bracmenes, que tomaram por guias, dispozeram por seu interesse a jornada de sorte, que partindo ao sol posto caminhassem toda a noute. Iam guiando tão apressadamente, que mal os podia seguir quem, sobre ser de poucas forças, tinha pouco exercicio de fazer caminho tão largo a pé, como o V. P. João de Britto, que brevemente conheceu era a jornada muito além da sua possibilidade. Mas tirando forças da fraqueza do corpo por beneficio dos alentos do espirito, proseguia alegre o caminho, como se fôra n'elle muito exercitado. Antes de entrar no mais espesso do mato, e no mais interior da serra, lhe concederam os conductores algum breve descanço; mas logo proseguiram na maior serração da noute por passos infestados de muitos ursos, tigres, e elephantes com preciso receio de encontrar com algumas d'estas feras: porém foi Deus servido, que não vissem mais que um elephante, o qual, posto que se avisinhasse á estrada, que seguiam, não os accommetteu; e assim, ainda que com temor do perigo por causa das feras, e com o trabalho de tão largo, e aspero caminho, acabaram de vencer o d'aquellas serras, andando n'esta noite, e parte do outro dia

onze legoas. Tão larga, e trabalhosa jornada em tão breve tempo podera cançar não só as forças mui robustas, mas ainda as que tivessem exercicio de similhantes viagens. Uma, e outra cousa faltava ao V. P. João de Britto; porque o corpo era muito debil sem costume de andar a pé com tanta continuação; e sem embargo de terem já passado as empolas dos pés a chagas vivas, faltava ainda mais de meio caminho por vencer para chegar ás terras do Satiamagalam, onde começa esta christandade pela parte do poente. Comtudo, animadas as fraquezas do corpo pelas valentias do espirito, proseguiram até chegar a um logar, no qual acharam já christãos, cuja vista causou tanta consolação ao V. Padre João de Britto, que o fazia esquecer de toda a molestia, que até alli havia padecido.

CAPITULO II.

ADOECE NA JORNADA, E, RECUPERADA A SAUDE, CONTINUA O CAMINHO ATÉ CHEGAR Á RESIDENCIA DE COLEY, ONDE FICA POR ALGUM TEMPO.

Tinha sido tão cruel o trabalho, que dentro de poucos dias lhe sobreveio uma tão grave enfermidade, que o poz ás portas da morte, de que Deus foi servido livral-o, dando-lhe saude sufficiente para dentro de um mez continuar a sua jornada até o reino de Ginja.

Partidos de Satiamagalam, por acharem impedimento no caminho ordinario, foram obrigados a fazel-o por outras serras, que alli ha, nada inferiores ás que tinham passado, entre as quaes era uma tal, que, ainda subindo por ella a pé, é necessario em partes ir valendo tambem das mãos, e pegar de alguns arbustos, para a poder vencer, por ser muito ingreme. Na passagem d'estas serras gastaram dois dias, e no ultimo lhe anouteceu no meio de um valle bem estendido com tão grande escuro, que lhe foi preciso passar n'elle a noute expostos aos tigres, que são por alli muitos, e para se livrarem da sua fereza faziam alguns christãos, que os accompanhavam, sentinella por seus turnos. Com esta diligencia, e com fogo, que accenderam, se livraram dos tigres, que andaram por bem perto do logar, em que pas-

saram a noute. D'alli proseguindo o seu caminho, se encontraram em Comur com o P. Antonio Ribeiro, e em Darmaburi com o P. Joseph Mocharelle, ambos missionarios de Maysur, os quaes com excessivo contentamento, e notavel caridade os obrigaram a descançar alli alguns dias; e partindo depois d'elles chegaram á residencia de Coley em trinta de julho, vespera do grande Patriarcha Santo Ignacio, pae de tão insignes missionarios, ao qual a gentilidade da Asia deve as primeiras instrucções, e institutos para os meios da sua conversão. N'esta residencia com santa consolação, assim dos nossos dois padres, como de todos os christãos, celebraram a festa do Santo Fundador da Companhia de Jesus. N'esta residencia de Coley ficou o V. P. João de Briito já como sua, e foi a primeira que teve na missão de Madurei. Aqui se viu mettido de posse da propriedade, que tanto pertendeu, e do morgado, porque tanto se empenhou. Aqui começou a cavar na vinha, e a lavrar na serra da sua tão desejada, tão solicitada, e tão apetecida missão de Madurei.

CAPITULO III.

TRATA-SE DOS PRINCIPIOS, PROGRESSOS, E MAIS COUSAS PERTENCENTES Á MISSÃO DE MADUREI.

Pois o nome d'esta missão, a sua fama, e o que d'ella se dizia, deu causa a levar tantas legoas fóra da patria ao V. P. João de Britto, com fervoroso desejo de levar para o ceu as almas d'esta parte da terra, é razão que saibamos os principios d'ella, os progressos, os usos, e o mais que lhe pertence.

E' Madurei a principal cidade, em que assiste o Naique rei d'aquelle reino, que é uma grande parte do vastissimo imperio da Narsinga. D'esta cidade, côrte, e cabeça do reino do mesmo nome, tomou o seu a missão de Madurei, a qual é a mais gloriosa, que hoje tem todo o oriente. A esta cidade, como a tão famosa, e celebre, concorriam a contratar, e a commerciar os portuguezes, e mais christãos, que viviam na costa da Pescaria, Ceilão, Jafanapatão, Nagapatão, e outras praças do dominio de Portugal. E como era grande o numero dos que acodiam áquella côrte por razão do contrato, fundaram n'ella uma famosa igreja com a invocação de Nossa Senhora, para alli ouvirem missa, e se lhes administrarem os sacramentos. Fazia officio de parocho um padre da Companhia de Jesus; e como era

eminente na lingua tamul, que é a universal que n'aquelles reinos se falla, todos os padres da Companhia, que haviam de cultivar as christandades da Pescaria, e Travancor, iam para aquella côrte aprender a lingua com o dito padre. Pelos annos [mil e seis centos e um, pouco mais ou menos, chegou alli com o mesmo intento o P. Roberto Nobili de santa memoria, de sangue illustrissimo da familia do Papa Marcello segundo, e sobrinho do eminentissimo Cardeal Roberto Bellarmino, mas mais illustre por sua insigne virtude, e singular sabedoria.

Aprendeu o dito P. Nobili a lingua com particular cuidado, e tratou de se empregar com ardente zelo na conversão d'aquella gentilidade. Alli lhe mostrou a experiencia, que o principal impedimento, que obstava á conversão do gentilismo d'aquelle dilatadissimo imperio de Narsinga, era o baixissimo concerto, que os naturaes faziam, e fazem dos europeos, que lá conhecem, a que chamam Pranguís, nome tão vil, e indigno entre elles, que o não tem a nossa lingua mais infame, nem ainda tanto. E a razão d'estes gentios para terem em má conta aos europeos, é porque vêm que admittem em suas casas, e trato familiar a certos naturaes da India chamados Pariás, ou Niger, os quaes entre aquellas gentes são tão vís e infames, que nenhum genero de communicação teem com elles; de sorte que os não consentem morar nas suas povoações, nem entrar em suas casas, nem se servem d'elles para ministerio algum, por mais vil e abatido que seja; se as povoações são de bracmenes, nem pelas suas ruas lhes permittem passar. Vendo pois os gentios que os europeos não só se servem dos Pariás, mas que tambem os admittem a seu trato, e á sua mesa, jul-

gam que uns, e outros todos são da mesma relé, e que lhes não fazem aggravo em os medirem pela mesma razoura. Confirmam-se n'esta sua opinião, porque vêm que os europeos comem carne de vacca, bebem vinho de palmeira, e outros similhantes, como fazem os Pariás. D'aqui cobraram uma tão entranhavel aversão aos que communicam com os Pariás, que costumam dizer: E' menor mal morrer, e ir ao inferno, do que ser discipulo de um pranguí; no que mostram o errado conceito, que fazem do inferno, e a aversão que teem aos europeos.

Conhecendo pois tudo isto o P. Roberto Nobili, e que os gentios d'aquelle imperio estimavam aos bracmenes pela casta mais nobre, e pelos homens mais letrados, que ha, nem pode haver no mundo, e que só elles podem ensinar a lei, e o caminho do ceu, e da salvação, se resolveu, *omnibus omnia factus* com intento de os lucrar para Christo, como outro S. Paulo, a seguir, em tudo o que, não era peccado, os ritos politicos d'aquellas terras. E como a juizo de Santo Ambrosio, *primus discendi ardor nobilitas est magistri*, apartando-se da companhia do padre que assistia em Madurei, e era tido e havido por Pranguí, se vestiu no traje de bracmene saniás (é o mesmo que religioso letrado) negando ser pranguí; e affirmando ser saniás romano, seguia em tudo o trato politico do estado dos saniazes, servia-se com bracmenes vestia-se de uns pannos de algodão tintos em almagre, e comia sómente um pouco de arroz, alguns legumes, e algumas hervas: trazia comsigo todas as suas alfaias, que vinham a ser uma pelle de tigre, a qual de dia lhe servia de assento, e de noute de cama lançada sobre a dura terra; porque este é o trato, e o traje dos

penitentes, e religiosos d'aquelles reinos. Com este rigor de vida, a que por amor de Deus, e da salvação das almas se condemnou o P. Roberto Nobili, começaram os gentios a vel-o com outros olhos; e como não estranhavam o traje, que era dos seus saniazes, nem a *lingua*, porque a fallava com grande propriedade e eloquencia, ouviram-*no* com attenção, e foi Deos servido que muitos bracmenes, e outros de diversas castas tambem nobres, conhecendo a falsidade de seus idolos, e a verdade da nossa fé, a abraçaram com grande resolução. Este foi o principio da missão de Madurei.

CAPITULO IV.

DE COMO OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS SEGUIRAM O EXEMPLO DO P. ROBERTO NOBILI, E O MODO QUE OBSERVAM NA CONVERSÃO D'AQUELLA GENTILIDADE.

COMO a experiencia ensinou que o estylo, que seguira o P. Roberto Nobili, era o mais conveniente, e efficaz para insistir na conversão da gentilidade de Madurei, resolveram-se muitos dos padres da Companhia de Jesus da provincia do Malabar a seguir o mesmo estylo, e assim, depois de aprenderem com toda a diligencia a lingua, entraram n'aquelle reino com este disfarce, obrigando-se aos rigores, que elle pede: e os effeitos teem mostrado que foi resolução do Ceu; porque não só pregam estes missionarios no reino de Madurei, mas tambem no de Tanjaor, no de Ginja, e no de Velur: e são já os convertido á nossa fé muitos mais de cem mil.

O modo, que os padres observam na conversão d'esta gentilidade, é o seguinte. Tem cada um dos padres missionarios quatro, ou cinco catechistas, os quaes escolhem entre os christãos naturaes d'aquellas terras, e são d'aquelles, que os gentios tinham por mais letrados antes de se converterem. A estes doutrina, e ensina o padre com particular cuidado os mysterios de nossa santa fé, e depois de instruidos, vão pelas

suas aldêas dizer o catechismo aos que o querem ouvir: e os padres o dizem nos logares, onde estão ou por onde passam. Estes mesmos catechistas, alem de ensinarem a doutrina, teem frequentemente grandes disputas com os mestres das seitas; e como sabem os principios falsos em que elles se fundam, ordinariamente os confundem com grande gloria da fé, e lei do verdadeiro Deus. Tambem na hora da morte dão o baptismo a muitos adultos, e meninos, a que os padres por razão da distancia, e falta de noticia não podem acodir. Assistem aos moribundos, e os ajudam n'aquella hora a fazer o que devem: dão sepultura aos mortos, e todos os dias á noute ajuntam os christãos da terra, e com elles resam as ladainhas de Nossa Senhora, e fazem exame de consciencia.

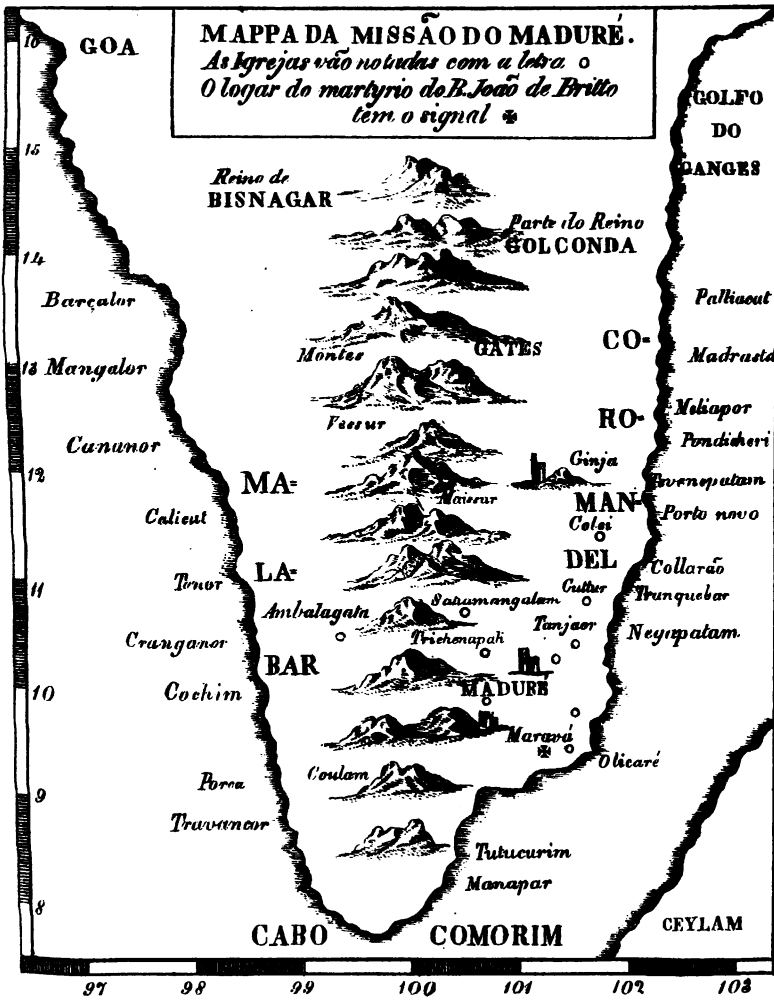
Depois que o catechista tem dito a doutrina christã, e acha que os que a teem ouvido, estão sufficientemente instruidos faz aviso ao padre, para que os venha baptisar. Com este modo mostra a experiencia a evidente utilidade, que se segue; porque um anno por outro recebem o santo baptismo cinco mil almas. Não deixam com tudo assim os padres, como os catechistas de padecer gravissimas perseguições dos gentios, as quaes tambem se estendem aos christãos novamente baptisados; o que elles soffrem com tanta constancia, e valor, que parece aquella igreja um retrato da primitiva: e fôra necessario para as referir fazer um grande tratado. São tambem muitos, e mui milagrosos os favores, com que Deus vae regando estas novas plantas da sua fé.

CAPITULO V.

DAS RESIDENCIAS, QUE TEM A MISSÃO DE MADUREÍ.

ATÉ agora dissemos da missão em commum, agora fallaremos d'ella em particular, referindo o numero das suas residencias. Nove residencias ha hoje n'esta missão, isto é no anno de mil e seis centos e noventa e sete, e só nove padres, que as cultivam, das quaes a que está mais para o norte é a de Agarão: esta tem christãos no reino de Golocandá, no de Vessur, e no de Ginja, e de norte a sul tem quarenta leguas, que tantas são da celebre cidade de Canjaburão até o rio de Velatro: e de leste a oeste mais de vinte e duas, que mais se contam da cidade de Xemgamão ás praias do mar do nascente.

A segunda residencia, que se segue á de Agarão para o sul, é a de Callur, que começa no rio Velatro no reino de Ginja até o celebre rio Collarão, que divide d'este o reino de Tanjaor, e n'este se estende até os seus ultimos limites no cabo de Cullimarú: tem de norte a sul mais de quarenta leguas, e de leste a oeste mais de dezeseis. Sendo tão dilatada, não tem logar algum seguro, onde sem assaltos dos gentios possa assistir o padre, que a cultiva, dois mezes; e lhe é necessario andar continuamente em uma roda viva.


MAPPA DA MISSÃO DO MADURÉ.
As Igrejas vão notadas com a letra o
O logar do martyrio do B. João de Britto
tem o signal ✠
GOA
GOLFO
DO
GANGES
Reino de
BISNAGAR
Parte do Reino
GOLCONDA
Barçalor
Palliacat
CO-
Madrasta
Montes
GATES
Mangalor
RO-
Meliapor
Vassur
Pondicheri
Cananor
Ginja
MA-
Trevenepatam
Maissur
MAN-
Calicut
Colei
Porto novo
DEL
Collarão
LA-
Tanor
Guttur
Tranquebar
Satumangalam
Ambalagata
Tanjaor
Cranganor
Trichenapali
Negapatam
BAR
MADURE
Cochim
Marava
Olicaré
Coulam
Porca
Travancor
Tutucurim
Manapar
CEYLAM
CABO
COMORIM
16
15
14
13
12
11
10
9
8
97
98
99
100
101
102
103

A terceira residencia é a de Nandavanapaty; esta terá de norte a sul quasi vinte leguas, e de nascente a poente quatro. A ella está sujeita parte do numero da christandade do reino de Tanjaor, e Xolamandalão, que é grande parte do reino do Maravá.

A quarta residencia é a de Colupaty junta com a de Trichirapily: fazem ambas uma residencia por as cultivar um só padre; ha passante de vinte e cinco leguas de districto, em uma e outra.

A quinta residencia é a de Mulipaty, a qual está annexa á de Madurey, e terras do sul. De norte a sul tem n'esta forma perto de cincoenta leguas, e outras tantas de leste a oeste.

A sexta residencia é a de Varagapaty, a qual do nascente ao poente tem mais de desoito leguas, e de norte a sul pouco mais de cinco: e sendo das residencias de menos districto, tem sem comparação maior numero de christãos.

A setima residencia é a de Anacareypalião, a qual tem de norte a sul vinte e quatro leguas de districto, e de nascente a poente quasi o mesmo, e grande numero de christãos.

A oitava residencia é a de Ellamangalão; d'esta residencia, e da de Canacavarey consta a provincia de Satiamangalão, e terá a residencia de Ellamangalão trinta leguas de districto, quinze de norte a sul, e quinze de nascente a poente.

A nona residencia é a de Canacavarey, a qual tem a mesma dimensão, que tem a de Ellamangalão acima referida.

Além das sobreditas residencias, ha n'esta missão a residencia de Coley a mais moderna de todas: porém está tão estendida, que não só tem christandade no reino de Ginja, mas tambem no de Velur.

E por esta causa foi necessario dividil-a em duas, ficando um missionario com ametade para o norte, e outro com ametade para o sul: é como grande parte da christandade do reino de Tanjaor, que por este rumo se avisinhava mais á residencia de Coley, que á residencia de Nandavamão, cujo padre missionario tem por sua conta os christãos d'aquelle reino, difficultosamente podia ser cultivada pelo dito padre, ficou a tal christandade aggregada á residencia de Coley, de que era missionario o V. P. João de Britto.

CAPITULO VI.

DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS, QUE SUCCEDERAM NA RESIDENCIA DE COLEY DEPOIS QNE N'ELLA ENTROU O V. PADRE JOÃO DE BRITTO.

Entre muitos prodigios, que succederam na residencia de Coley depois que n'ella entrou o V. P. João de Britto, é este um. Tinha o V. P. dado a certo christão um olho de vibora, dos que vem da ilha de Malta, com os quaes por intercessão do grande apostolo das gentes S. Paulo, costuma Nosso Senhor livrar a muitos, não só do veneno das viboras, mas tambem das mordeduras dos mais venenosos animaes. Mandou-o o christão engastar em um anel; e contou a seu tio que era gentio, o que o V. P. lhe tinha dito da sua virtude, e efficacia; mas elle zombando d'isso mostrou não fazer caso algum do que se lhe affirmava: com tudo levado da sua curiosidade querendo dar a entender, que se enganava, no que tanto encarecia, mandou bater o mato, d'onde saiu logo uma monstruosa cobra; mostrou-lhe a mão, que não tinha o anel, em que estava o olho da vibora, e escondeu a outra, em que o trazia: mas vendo que a cobra vinha para o morder, lhe poz diante o anel, com cuja vista caiu logo alli a cobra morta, sendo d'este maravilhoso caso mais de noventa as testemunhas, assim christãos, como gentios. Mas foi tão

grande a cegueira dos incredulos, que nem com similhante milagre abriram os olhos.

Como ao V. P. João de Britto tocava cultivar a maior parte da christandade do reino de Tanjaor, foi necessario fazer uma casa, e igreja na povoação além do rio Collarão chamada Tantuancheri, onde a seus tempos commodamente acodiam aquelles pobres christãos. Para esta obra conduziu muito o particular favor de dois principes gentios, que não só lhe deram licença para n'esta sua terra fazer a igreja, mas tambem lhe deram cartazes firmados, para que em todas as mais do seu dominio deixassem assistir o dito V. Padre, e lhe consentissem prégar a lei de Deus sem impedimento, nem contradicção alguma. Pareceu justo ao V. P. João de Britto visitar pessoalmente os dois principes, que eram irmãos, o que até alli não tinha feito, senão por terceiras pessoas: e resolvendo-se a fazel-o, foi acompanhado de dois bracmenes christãos, que valem n'aquellas terras muito para auctoridade da nossa santa fé; porque entre estas gentes e n'estas terras são tidos os bracmenes por uns deuses. Na visita lhe fizeram os principes notaveis honras, promettendo todo o favor para quanto intentasse fazer nas suas terras em ordem aos empregos de missionario, e para o que mais quizesse encommendando-se com particular benevolencia na sua benção e orações.

No tempo, que o V. Padre foi visitar os principes, lhe era necessario estar retirado de Coley por causa das guerras do Sabagí, e foi aquella uma das occasiões, em que experimentou, como lhe era de grande utilidade a casa, que tinha feito em Tantuancheri, onde em paz pôde acodir aos christãos de Nolamandalão no reino de Tanjaor; se bem não

podia acodir sem muito trabalho aos pariás, por lhe ser preciso il-os ver de noite em razão de serem gente de inferior condição, e estarem n'aquelle logar muito visinhos ás povoações dos bracmenes, onde não podem sem muita nota apparecer de dia.

Com as alterações da guerra, que n'este tempo fazia o tyranno Sabagí n'aquellas terras, foram notaveis as perturbações, que padeceram as residencias do reino de Ginja; por cuja causa era no V. P. João de Britto excessivo o trabalho de acodir áquelles christãos, aos quaes, por despejarem com os paizanos as suas terras, lhe ficava difficultosissimo virem aos postos, aonde os costumava levar a sua devoção, para receberem do seu padre a doutrina, e os sacramentos; mas vencendo muitas difficuldades, vinham como podiam, e não só os ensinava, mas os consolava em tão grande afflicção. Por não poder produzir a doutrina tão copiosamente pelas inclemencias da guerra, foram n'aquelle anno os baptisados da dita residencia só tresentos e noventa, e os catechisados duzentos.

CAPITULO VII.

REFEREM-SE QUATRO MARAVILHAS, QUE SUCCEDERAM NA SOBREDITA RESIDENCIA, QUANDO A GOVERNAVA O V. P. JOÃO DE BRITTO.

No tempo, em que assistiu, e cultivou aquella residencia de Coley, succederam n'ella notaveis maravilhas a favor da verdade de nossa santa fé. A primeira succedeu em Tinepiambião, onde um moço de idade de deseseis annos ouvia contra vontade de todos os parentes a lei de Deus; e o V. P. João de Britto, por ver sua muita fé, lhe deu o santo baptismo depois de elle ter ouvido seis mezes o catechismo; já baptisado mostrou grandissima fé nas perseguições, que lhe fizeram pae, e mãe, e mais parentes gentios, as quaes venceu com grande constancia. Adoeceu pois este moço gravissimamente, dizendo uns que a doença era peçonha, outros que era lepra; e os medicos para o curarem, pediam grande quantidade de dinheiro: mas os parentes gentios (como costumam) diziam ser a doença castigo dos seus deuses pelos haver deixado, e se fazer christão, e que só arrenegado, e tornando-os a adorar o curariam, e não de outra maneira. Vendo isto o bom christão, se encommendou muito de coração a Nosso Senhor, e fez um voto a S. Francisco Xavier, para que lhe desse saude. Deitou-se á noute tão enfermo, que todos o tinham por

incuravel, e levantou-se pela manhã tão são, e valente, que nem signal de doença lhe ficou. Veio logo á igreja, que distava oito legoas da sua povoação; e com muita devoção se confessou e commungou, cumprindo o seu voto, que era de meio tostão para cera. Este caso confessavam succeder os mesmos gentios, e o contava, e affirmava sua propria mãe, a qual, ainda que gentia, ficou admirada, e d'alli começou a dispor-se para ser christã.

A segunda maravilha foi a que succedeu em Marayão, onde um christão disse a um parente seu gentio, que estava enfermo, tratasse de ouvir a lei do verdadeiro Deus; porque só n'ella havia salvação. Assentiu a isto o enfermo, o qual depois de ouvir alguns dias o catechismo, e bem instruido nas cousas da fé, com muita devoção, e lagrimas recebeu o santo baptismo, e dentro em breve espaço espirou. Entre outros, que n'aquella occasião alli assistiram, foi um seu parente gentio da infame seita do Lorigão, e sacerdote dos idolos, o qual em espirando o novo baptisado começou a gritar com grande admiração, dizendo: não vedes a alma do novo christão, que vae com extraordinaria pompa, e magestade em um carro triumphante, cercado de admiravel luz, para o ceu? Os christãos, que alli assistiam, ainda que com os olhos corporaes não perceberam aquella visão, deram muitas graças a Deus Nosso Senhor pelo successo; e os gentios, vendo que o seu sacerdote não mentia, deixaram com a luz da divina graça, com que Nosso Senhor lhes illustrou os intendimentos, e affeiçoou as vontades, as trevas da gentilidade, e se converteram mais de trinta á nossa santa fé; e muitos depois d'isto á vista d'esta luz abriram os olhos, e se fizeram christãos, ficando ainda sepul-

tado em seus erros aquelle cego sacerdote, que não quiz abrir os olhos da alma, para se converter a Deus.

A terceira maravilha foi a que succedeu em Matur, onde estava uma bracmena gentia irmã dos bracmenes christãos, a qual por se ver perseguida, havia muitos annos, do diabo, que cruelmente a molestava, ouvindo dizer as muitas maravilhas, que Nosso Senhor obrava por meio de seus prégadores, mandou pedir ao V. P. João de Britto cinza benta, para com ella se armar contra o demonio: mandou-lh'a o V. Padre com este recado: que advertisse que para Nosso Senhor a favorecer, era necessario deixar o culto dos idolos, e adorar sómente o verdadeiro Deus do ceu e da terra; com esta condição poz a bracmena perseguida do infernal inimigo a cinza na cabeça, e logo se viu livre dos tormentos que o demonio lhe dava.

A quarta maravilha foi a que succedeu em Tutturancheri, e em Catagucipattre, onde as searas por causa da lagarta, que lhes deu, se viram quasi perdidas. Vieram os gentios pedir ao V. Padre remedio para tanto damno: deu-lhes agua benta para que em nome de Deus omnipotente a lançassem com fé nas searas: succedeu o remedio; porque a lagarta morreu logo toda, e as searas fructificaram copiosamente, como viu o mesmo V. Padre; e acreditou mais a verdade d'este prodigio o padecerem as searas visinhas, que não participaram da agua benta, lastimosa esterilidade por causa d'aquella praga.

Com estas, e outras maravilhas acredita Deus n'aquella missão a verdade de sua fé, o infinito de sua omnipotencia, e o zelo dos seus missionarios,

CAPITULO VIII.

REFERE-SE UM CASO, EM QUE O V. PADRE, E SEUS COMPANHEIROS EXPERIMENTARAM OS PRODIGIOS DA DIVINA PROVIDENCIA EM SEU FAVOR.

Entre estes prodigios parece que foi maravilha maior livrar Deus nosso Senhor o V. Padre João de Britto, e alguns companheiros que com elle se achavam de um extraordinario diluvio, que sobreveio áquellas terras em dezembro de seiscentos setenta e sete: foi o caso.

Assistia o V. P. João de Britto com dezesete companheiros christãos na casa, e igreja, que havia feito em Tantuancheri, junto ao rio Collarão, de cujo logar lhe haviam affirmado os naturaes d'aquella povoação, que nunca alli havia chegado o rio, por mais extraordinaria que fosse a sua enchente: e assim o affirmava tambem a eminencia do logar, em que estava a igreja, e casa, que o V. P. João de Britto havia edificado; e isto fez entender ao V. Padre (pois alli lhe era necessario assistir,) que ficava seguro de que a enchente do rio o podesse lançar fora do posto. Estando porém recolhido em uma noute com os seus christãos, ouviram que na povoação se davam grandes vozes, e suspeitando o que seria, se levantaram todos a tempo, que a agua já entrava pelos canos que se tinham feito, para que a que chovia no pateo da casa, e na igreja, fosse para fo-

ra. Viram-se os pobres christãos excessivamente afflictos, e perturbados na maior serração da noute, cercados de um mar de agua, sem luz, sem tino e sem conhecimento algum do effeito, que se poderia seguir a tão grande perigo, que é nos trabalhos a maior afflicção. Entre os evidentes riscos de tão impensada perturbação, o V. P. João de Britto, ou porque fosse dotado de um valor tão grande como a sua virtude, ou porque esta lhe desse n'aquella occasião novo valor, nunca perdeu o animo; antes com todo o que se podia esperar do mais alentado accordo, os consolava, e confortava: e mandando tapar os canos, por onde a agua entrava no pateo, se foi com os christãos para a igreja encommendar a Deus o negocio: e ainda que lhe occorreu passarem todos para um arvoredo, que ficava visinho menos de um tiro de pedra em logar mais alto, não se resolveu a isso, assim por não ter certeza do que as aguas tinham crescido, como por estar aquelle logar cheio de cobras peçonhentas, de cujo veneno não poderiam escapar nas trevas da noute, quando livrassem com vida d'aquelle diluvio.

Foram crescendo as aguas tanto, que chegaram ao mais alto das paredes da cerca; e sendo todas de terra, como as mais da casa e igreja, ao amanhecer começaram a cair por aquella parte, que ficava defronte da igreja, e foi particular mercê de Deus ser já de dia. Entrou a agua com tanto impeto, que o V. Padre, e os mais se acharam com ella pelos peitos. N'este aperto só restava por ultimo remedio passar para o arvoredo: assim o fez o V. Padre, e os outros christãos, dando-lhes já a agua pelo pescoço, e isto passando, e pisando muitos, e agudos espinhos, que atravessavam os pés;

valendo-se n'este extraordinario conflicto das ruinas de uma casa, que antigamente alli se tinha fabricado em cima de duas muralhas de terra, que já estavam cercadas de agua, se salvaram. Depois que o V. Padre com os mais (por todos eram dezoito pessoas) molhados, e tremendo com frio se viram no dito posto de algum modo seguros, trataram de recolher um pouco de arroz, que tinham em casa, para não perecerem alli todos á fome: porém cresceram tanto as aguas, que já se não podia ir pelo caminho, por onde tinham vindo, nem por outra parte, senão a nado: e assim foi um christão, que se aventurou, pelo meio da corrente, e nadando trouxe soccorro para todos, quede outra sorte pereceriam.

Estando pois alli todos, e o V. P. João de Britto com oito, ou nove pessoas em cima de uma banca, em que ao comprido mal se podia deitar uma pessoa, se viram em outro grande perigo, e não devia ser pequeno o que á vista d'este parecia grande. Este foi não só o das cobras peçonhentas do arvoredo, que os podiam morder, mas outro ainda maior; porque as cobras de grandeza disforme, fugindo tambem da inundação das aguas, vinham para se livrarem d'ella buscar o mesmo logar, em que estava o V. Padre com os mais, o que a todos ameaçava evidente risco da vida, do qual se livraram, valendo-se em primeiro logar da milagrosa terra, e olhos das viboras de S. Paulo, e depois da diligencia, com que postos em vela de dia e de noute, tratavam de as matar dentro na agua desviando-as, quando queriam subir a parede, em que estavam, e assim foi Deus servido que nenhum fosse mordido d'ellas.

Começando a enchente na sexta feira dezesete

de dezembro de noute, ao sabbado deu indicios de ir vasando. A' vista de tão alegre signal já o perigo parecia menos feio, e já podiam esperar melhor successo; e assim se consolaram todos esperando cada qual ver-se livre ao menos de perigo moralmente certo, quando se não vissem livres de afflicção tão terrivel. Mas durou tão pouco o gosto, ou allivio d'esta esperança, que no domingo se viram crescer as aguas mais, do que até o sabbado haviam subido: então se deram totalmente por perdidos, se Deos milagrosamente não dispozesse algum meio, por onde livrassem. Mas foi este Senhor servido, que parasse a agua, faltando sómente para os submergir crescer mais um palmo sobre a altura a que havia chegado; e quando n'estes termos lhes fosse possivel subir aos ramos das arvores, lá tinham certa a morte nas mordeduras de innumeraveis bichos peçonhentos, que acoçados da inundação, por salvarem as vidas, occupavam as mesmas arvores. Em tão perigoso e horrendo conflicto estavam alguns attonitos, considerando na falta da terra a sua morte, e na sobrada agua a sua sepultura: mas como importa pouco faltar a terra, a quem não falta o ceu, com a suspensão da chuva, e diminuição das aguas, foram experimentando menos perigo n'aquelle diluvio; no meio do qual houve alguns, que tendo melhor eleição só se dispunham para bem morrer com os actos de contrição, que faziam. A todos em tão grande aperto animava e consolava o V. P. João de Britto com o costumado valor, com que despresava os maiores perigos, e com a santa conformidade com que tolerava os maiores trabalhos, pedindo a todos se conformassem com a vontade de Deus, a quem tanto deviam. Foi este Senhor servido por sua infinita mi-

sericordia, que ao terceiro dia diminuissem as aguas de maneira, que poderam sair de tão grande infortunio, dando todos muitas graças a Deus por os ter livrado da morte, que parecia inevitavel.

CAPITULO IX.

REEDIFICA A IGREJA, PASSA AOS REINOS DE GINJA E DE TANJAOR, VISITANDO AQUELLAS CHRISTANDADES, E FINALMENTE ASSISTE Á PRECIOSA MORTE DE UM INSIGNE CATHECHISTA.

Como o V. P. João de Britto ficou sem casa, por haver caido não só a sua, mas tambem em grande parte as da povoação, que era toda de gentios, foi-lhe preciso ficar n'aquelle logar humido, e cheio de lodo, onde fez uma choupana, ou ramada; e n'este tão desabrido, e tão desaccommodado sitio, accompanhado dos seus poucos christãos, entre o frio, que causava o tempo, entre a pobresa que occasionava o desemparo, e entre o descommodo, que dava de si o logar, e a presente occasião, passou a festa do Natal, sendo todas estas mysteriosas circumstancias prodigiosos pintores, que áquelles christãos retrataram o desamparo, a pobreza, e o frio, que padecera o menino Deus nascido na lapinha de Bethlem; e foi tão misericordiosa a providencia divina, que, sendo o V. Padre de tão poucas forças, saiu d'este perigo, e d'este trabalho com a mesma saude, conservando-lh'a Deus Nosso Senhor quasi milagrosamente. Estando porém na sua pobre choupana tão exposto ás injurias do tempo, que o perseguiam, e ás miserias

da pobreza, que o apertavam, teve carta dos dois principes, que elle visitou (como acima vimos), os quaes com a mesma cortezahia, com que até alli se lhe haviam mostrado benevolos, lhe offereciam suas proprias casas, se se dignasse de ir morar n'ellas, e que, quando se resolvesse a ficar n'aquelle posto, lhe mandariam fazer nova habitação. Com este offerecimento tão filho de nobres animos, teve o V. Padre novo motivo de dar graças a Deus, que por meio d'estes principes gentios o favorecia; e assim se resolveu a fazer nova casa, e igreja no mesmo logar em que tinha escapado com vida: e posto que teve muitas contradicções, todas se venceram com o favor dos mesmos principes, e muito mais pelo favor de Deus, por conta de quem corriam os progressos de uma vida, que elle guardava, para com ella dar tantas acclamações, e tanta gloria á sua igreja.

Reedificou pois a sua igreja de Tantuancheri, e reedificada, lhe foi preciso passar ao reino de Ginja, para acodir ás christandades da residencia de Cattur, que alli tinha á sua conta. E sem embargo de lhe ser necessario todo o tempo, para baptisar os catecumenos, confessar, e commungar os christãos, consolar, e ajudar os moribundos, responder, e satisfazer ás disputas dos gentios, andando sempre em uma continua fadiga, edificou na dita residencia uma igreja e casa; na qual, no anno de mil e seiscentos setenta e oito celebrou a festa da Paschoa, com grande ornato, e maior concurso de christãos. Assistindo, ou, para melhor dizer, andando n'esta residencia desde o principio do anno de mil seiscentos e setenta e oito, até á Paschoa da Ressurreição do mesmo anno, passou á provincia de Pandanallur no reino de Tanjaor, e buscando logo a sua igreja de

Tantuancheri, tratou de baptisar os catecumenos, que havia pelas terras circumvisinhas, e confessar e administrar a sagrada Eucharistia aos christãos que concorriam á dita igreja, Satisfeita esta obrigação, se partiu para a provincia de Combuconão para acodir aos enfermos e moribundos, que n'aquelle anno foram alli muitos, pela grande falta que houve de chuvas. E recolhendo-se outra vez para Tantuancheri, lhe chegaram novas, que um velho catechista chamado Navamarti estava muito mal; e sem embargo de se achar n'aquella occasião com uma chaga em um pé, que lhe impedia o andar, não só se poz logo a caminho (sendo de noute), mas andou na mesma noute, e tres horas do dia seguinte a jornada commum de dois dias.

Chegou a Cabalacuri, onde estava o catechista enfermo, ao qual confessou, e deu a santa uncção. Recebidos os sacramentos, cheio de annos, e trabalhos padecidos pelo amor de Deus, e do santo Evangelho, espirou nas mãos do V. P. João de Britto, pagando Deus Nosso Senhor as virtudes da vida com a felicidade da morte. Foi tão grande o sentimento dos christãos na morte d'aquelle bom pae, que chorando a sua perda se lastimavam considerando-se orphãos, e se lamentavam por se verem sem tal catechista, e tambem porque o servo de Deus sem perdoar a trabalho algum acodia aos christãos de dia e de noute, por sol, por chuva, e por tempestades, com tal alegria e diligencia, que a todos causava admiração. Era tão obediente aos padres, que, sem nunca interpor escusa, fazia logo o que lhe mandavam; frequentava com notavel devoção os sacramentos: tinha dom de lagrimas, porque ouvindo, ou lendo algum milagre, já se banhava n'ellas:

tinha particular compaixão dos pobres, aos quaes solicitava o remedio nas suas necessidades, acodindo-lhes com quanto tinha.

CAPITULO X.

PARTE PARA MANARCOILO, E D'AHI PARA CARABANTÚ, ONDE CONVIDA Á DISPUTA DA LEI DE DEUS OS SACERDOTES DOS IDOLOS.

FAZENDO alli o V. P. João de Britto as exequias áquelle bom servo de Deus, e do proximo, passou para o sul á provincia de Manarcoilo, onde administrou os sacramentos aos christãos que alli havia, os quaes cobraram com a vista do V. Padre nas suas terras novo alento: porque havia doze annos, que o não tinham visto, tanto havia que o P. André Freire se fôra para a dita provincia de Manarcoilo, e depois nem houve padre que lá fosse, nem occasião para lá ir. Tendo alli assistido os dias que foram necessarios para acodir aos christãos, partiu para Carabantú. No anno antecedente tinha havido n'esta terra grandissima perseguição contra a lei de Christo, e n'ella fraquearam na fé alguns catecumenos: outros porém firmes e constantes padeceram muito por ella. Por esta causa julgaram que o V. P. João de Britto não fosse a Carabantú; mas sem embargo d'este parecer, seguiu o V. Padre a sua resolução, e mostrou a experiencia que andou acertado. E' esta provincia a ultima do reino de Tanjaor, e confina com o Maravá; é muito pobre, por não serem ferteis as terras, como são as mais do dito reino,

e tambem pelas injustiças dos que as trazem arrendadas. A maior parte dos moradores habitam em choupanas bem limitadas; e com este ser o estado da provincia, são os gentios, que a habitam, os mais soberbos homens que o V. P. João de Britto encontrou, e conversou n'aquellas terras, inimigos capitaes da lei de Deus, perseguidores e injuriadores dos que a seguem. Ainda que muitos d'elles foram ver o V. Padre, mais por curiosidade, porque nunca tinham visto sacerdote europeu, que por desejo da sua salvação, os sacerdotes dos idolos, que foram a causa da perseguição, não o quizeram ir ver; e como o V. Padre desejava muito fallar com elles, por lhes mostrar a sua cegueira á luz do Evangelho, e com esta a pouca razão que tinham para o negar e perseguir, lhes mandou dizer pelos gentios, que o foram visitar, que estando bem longe d'aquella provincia soubera como elles perseguiam a seus discipulos, e ainda insistiam na mesma demanda: que elle era a causa de terem os novos christãos deixado o culto dos idolos, e de adorarem ao verdadeiro Deus Omnipotente: que, se isto era culpa, como julgavam, toda estava sobre elle, e que para dar razão do que ensinava, fôra ás suas terras; que estimaria muito disputar com elles, e mostrar-lhes como o que ensinava era verdade, virtude, e caminho do ceu; e que depois de provada esta conclusão, era obrigado todo o homem a seguil-a.

A esta proposta, que por muitas vezes, e por varias pessoas lhes mandou fazer o V. P. João de Britto, responderam: que não haviam de fallar, nem disputar com elle: porque matava os meninos, e depois de lhes queimar os corpos, punha cinza na testa aos que fallavam com elle; e que em lh'a pondo, todos fica-

vam enfeitiçados, e que não tendo que lhe responder, seguiam a sua doutrina: que, se fossem fallar com elle, e disputar sobre a sua seita, lhes havia de succeder o mesmo: que fazendo-se christãos, toda a provincia se havia de converter, e convertida havia de vir peste, que mataria a todos. Muitos dias se gastaram n'estes recados, que houve de parte a parte, e nos taes dias acodia o V. Padre com os sacramentos aos christãos, que alli havia; e apesar do inferno disse o catechismo a vinte e quatro pessoas, das quaes baptisou doze, que mostraram grandissima fé; e deixando doze para as provar n'ella, o anno seguinte acodiu a baptisal-as. Concluido tudo o que tinha para fazer em Caranbantú, e visitados os christãos, que havia nas terras circumvisinhas, passou para Xirrucarambur, onde se podem estes cultivar com mais alguma quietação e socego.

CAPITULO XI.

POR CAUSA DA PERSEGUIÇÃO DEL-REI DE TANJAOR SE PASSA AO REINO DE GINJA, E NO CAMINHO LHE SUCCEDEM DOIS CASOS PRODIGIOSOS.

ESTANDO n'esta cultura assaz occupado, lhe chegaram noticias, que por ordem d'el-rei o buscavam, e aos bracmenes christãos em Tantuancheri, para os prenderem; e que uma esquadra de soldados, que a isso tinha saido, tirara o que havia n'aquella casinha do V. Padre; e como não era o que o desejavam, o entregaram ao guarda da povoação, para que a todo o tempo désse conta do deposito. Havida esta noticia, tratou o V. Padre por parecer dos christãos mais antigos, e experimentados de se passar do reino de Tanjaor para o de Ginja; e, como não podia ser por terra, o fez com bem grande molestia por mar, embarcando-se pela meia noite em habito mudado; porque no de que usava n'aquellas terras não podia ser. Esteve dois mezes no reino de Ginja, no fim dos quaes teve certeza, que sem perigo podia tornar para o de Tanjaor; porque el-rei estava occupado com os negocios da guerra, e não se havia de divertir com os da religião.

Logo que o V. P. João de Britto passou na derrota d'aquelle reino o rio Collarão, começou o inverno com tão extraordinario rigor de vento, e

chuva, que parecia se acabava o mundo. Depois de ter já passado tres rios a nado, lhe anouteceu em um matto, onde por não acabar com rigor do frio, e da chuva, que era grandissima, lhe deparou Nosso Senhor nma choupana, em que esteve com um christão, que o acompanhava: e o que mais affligia ao V. Padre, era ver o seu companheiro em jejum depois de tão comprida, e tão molesta viagem, sem lhe poder matar a fome, nem remediar o frio, o qual por ter os pannos todos molhados, era mais que grande. Quando o sentimento do V. Padre era maior, foi maior o remedio, com que Nosso Senhor lhe acodio; porque junto á meia noute chegaram dois, que pareciam homens gentios, e lhe trouxeram fogo e lenha para se enxugarem. Tambem trouxeram para o christão, que estava com o V. Padre, muito bem de comer, e para elle um tarro de leite. E' de advertir, que o que podia tomar da mão de outrém n'aquellas terras para haver de comer era sómente leite. O V. Padre, e o christão deram muitas graças a Deus por aquelle tão extraordinario, e inesperado beneficio. Aos portadores do presente deu os agradecimentos, e uma boa contrapeçonha, que trazia comsigo.

No dia seguinte se partiram o V. Padre, e o christão d'aquella choupana; e começando a caminhar, começou juntamente a chover; assim os acompanhou a chuva até ás quatro horas da tarde, em que chegaram á ribeira chamada Manjavical. Tentando a passagem, acharam se não podia vadear, nem ainda passar a nado, por se não poder vencer a corrente. Encontraram n'aquelles mattos a uns moços guardando gado, aos quaes pediram com instancia, lhes dessem alguma gamela grande, para n'ella metterem os livros do V. Padre, e os seus pobres

pannos, e pegados n'ella poderem passar a ribeira. Mas, ainda que por este beneficio lhes promettia boa paga, não se resolveram a fazer o que lhes pedia; porque a sua povoação estava muito longe e não havia tempo para elles irem e tornarem, por ser muito grande a chuva. Perguntou-lhes o V. Padre, se indo lá acharia logar para aquella noute passar. A isto lhe responderam, que não; porque tambem elles estavam desapercebidos, e vivendo em choupanas. Com este desengano de achar abrigo, em que passasse a noute, e sem esperanças de poder passar á outra banda, se sentou debaixo de um espinheiro, e começou a resar o officio divino, exposto já a passar alli a noute, na qual a chuva, o frio, e a fome (pois todo aquelle dia havia caminhado em jejum) lhe davam o trato, que qualquer das tres cousas costuma dar. Estando o V. Padre n'este tempo, n'este estado, e n'estes termos, viu que da banda d'além do rio veiu correndo com muita pressa um mancebo, e gritando perguntava, aonde estava alli o penitente, que queria passar a ribeira, e não achava quem o passasse. Levantou-se, dando graças a Deus, e disse-lhe que elle era. Com esta resposta passou logo o mancebo a ribeira a nado para onde estava o V. P. João de Britto, e fazendo-lhe a cortezia que n'aquellas terras se costuma fazer aos religiosos, e penitentes, passou primeiro da outra banda o breviario, e alguns livros com os pannos do V. Padre: depois tornando, e dizendo-lhe, que não temesse, lhe pegou de um braço, e o passou da outra parte da ribeira: o mesmo fez ao christão, que o acompanhava, o qual depois de passada a ribeira, querendo gratificar ao seu bemfeitor a mercê que lhe havia feito, achou que tinha desapparecido; d'aqui ficou intendendo que a Deus unicamente se

devia o agradecimento pela graça de o livrar da afflicção, e perigo em que se achava. Chegando a uma povoação de christãos que estava perto d'alli, lhes contou o beneficio que Deus lhe tinha feito, para que lhe dessem as devidas graças.

CAPITULO XII.

DE XIRIMCARAMBUR PARTE A VISITAR ALGUMAS RESIDENCIAS, E CAINDO ENFERMO POR CAUSA D'UMA DÔR DE OLHOS, É CURADO MILAGROSAMENTE POR S. FRANCISCO XAVIER.

No outro dia com a agua pelos peitos chegou á sua igreja de Xirimcarambur, aonde mandou chamar os christãos, que em grande numero acodem sempre áquelle posto para receber o santissimo Sacramento, e celebrar as festas. Celebrada a do santo natal, e assistindo alli até o fim do anno de seiscentos setenta e nove, em que baptisou novecentas pessoas, no principio do anuo de seiscentos e oitenta, feitas as pazes entre o reguloOrear, e o Sabagí, teve logar de voltar para a sua igreja de Cuttur, ainda que com bem desvello e gasto no resgate do ornamento da igreja de Tantuancheri, que no anno antecedente haviam tomado os que tinham ido para o prender, como atraz fica referido. Celebrada alli a festa da paschoa, havendo gastado toda a quaresma em correr o reino de Ginja visitando e sacramentando as christandades das provincias de Vangamapattey, Tarinadi, Vitavalão, Utraxilaborão e as mais d'aquelle reino, voltou outra vez para o reino de Tanjaor a visitar a christandade de Xolamandalão, e dar o santo baptismo aos catecumenos que, já bem provados na fé, o pediam com instancia. Depois de satisfazerem a seus de-

sejos com grande consolação e edificação do mesmo V. Padre, passou á provincia de Manarcoil, aonde por falta de logar e commodo para baptisar e administrar os mais sacramentos aos das castas baixas, esteve mais de quinze dias em um matto mui espesso sem casa nem abrigo, e porque fôra o anno muito falto de chuvas, nem agua para beber se achava, e a que se tirava de um charco era metade lodo. Para ser aquelle sitio por todas as circumstancias trabalhoso, não faltavam alli tigres e ladrões; mas o Senhor, que é em tudo poderoso, livrou o V. Padre da insolencia dos ladrões, e da crueldade dos tigres. Confessadas algumas duas mil pessoas, e baptisadas até cento e cincoenta, passou (ainda que com contradição dos catholicos) á provincia de Cararambattu a visitar os novos christãos que n'ella viviam: sacramentou-os, e disputou com os gentios de dia, que (como dissemos) são os maiores inimigos, que tèem os missionarios n'aquelle reino. Convertidos nove d'elles de muito boas familias, aos quaes mui bem catechisados deu o santo baptismo, e dita missa dia do grande patriarcha santo Ignacio, fazendo uma pratica aos christãos, que com muitas lagrimas choraram a partida do seu V. Padre, finalmente se despediu d'elles, e passando muitos rios a nado, chegou á provincia de Tirucaraur, onde por razão do excessivo trabalho não podendo já a natureza resistir tão extremadamente á guerra, que em continuo desassocego lhe fazia o espirito do V. P. João de Britto, rendida naturalmente a tão insupportavel peso, caiu com febre, e apostema em um pé, de que esteve perigosissimo; e de tudo foi Deus servido que livrasse. A esta doença se ajuntou no mesmo tempo uma grande dôr de olhos, da qual resultou crescer

no direito tanta carne esponjosá, que todos o julgavam por perdido. No decurso de dezoito dias esteve sem poder socegar ; porque não só o achaque não obedecia a mesinha alguma, mas com as que lhe applicavam se augmentava mais a dộr e a enfermidade. Recorria o V. Padre ao seu santo Xavier, e no maior aperto lhe fez um voto de perseverar na missão até á morte : no ponto em que acabou de o fazer, parou a dôr, a qual quando o fez, foi mais intensa que nunca, e se viu são da doença em breves dias.

CAPITULO XIII.

CHEGA Á RESIDENCIA DE CUTTUR, E VISITA OS SEUS CHRISTÃOS, AOS QUAES ACHOU MAIS ALLIVIADOS COM A MORTE DO BRACMENE ALINAEXI.

JÁ de todo livre da enfermidade voltou nos ultimos de novembro para correr a christandade do norte na residencia de Ginja, e para celebrar a festa do santo natal em Cuttur, onde achou por novas ser morto o bracmene Alinaexi, cabeça, e quasi senhor d'aquella povoação, em qne os catholicos passavam de quatrocentos; o qual, por ser inimigo capital da lei de Deus, intentou com falsos testemunhos, de que accusou muitas vezes os christãos perante os gentios senhores d'aquellas terras, e mattos, queimar a igreja, que alli tinham, para que não houvesse n'ellas christãos. Mas Deus Nosso Senhor castigou sua soberba, e odio; porque um dia á tarde chamando aos christãos lhes disse, que elle queria no outro dia fazer uma comedia aos seus deuzes, e qne elles, além de fazerem os gastos, haviam de assistir. Resistiram estes, dizendo, que não haviam de contribuir para tal acto, nem assistir a elle. Com isto se irou o bracmene gravemente, e começando a blasphemar da lei de Deus disse, que no outro dia mostraria seu poder em executar seus intentos. Mas Deus Nosso Senhor, o qual posto que promette perdão ao pecca-

dor, não lhe promette o dia de ámanhã, n'aquella mesmá noute o matou subitamente com admiração de todos, ainda dos gentios mais obstinados, e com não pequena consolação dos christãos, que conheceram ser castigo de Deus, o qual por este meio os livrara da ira de tão cruel inimigo.

Alem d'esta maravilha obrou Deus Nosso Senhor muitas outras; porque alguns, que vieram ouvir o catechismo para se verem livres das vexações de satanás, se acharam com muita paz na alma, e com muito boa saude, e disposição no corpo. O numero dos baptisados chegou aquelle anno a setecentos. No principio do anno de seiscentos oitenta e um se achava o V. P. João de Britto no reino de Ginja, onde gastou a quaresma, e celebrou a festa da paschoa, sendo grandes os concursos, nos quaes passaram de quatro mil os que receberam a sagrada communhão, e de trezentos os que se baptisaram.

CAPITULO XIV.

PARTE A VISITAR A CHRISTANDADE DE XOLAMANDALÃO ; REFEREM-SE ALGUNS PRODIGIOS, QUE N'AQUELLE TEMPO SUCCEDERAM.

FEITA a festa da paschoa com a solemnidade possivel apesar dos gentios, no tempo em que havia de passar ao reino de Tanjaor a visitar aquella christandade tão desamparada, o mandou a obediencia a S. Thomé, d'onde voltou no principio de junho, e foi logo para Xolamandalão reino de Tanjaor, onde os inimigos da fé não deixaram de o perseguir; e como alli não tinha casa, nem igreja commoda para acodirem os christãos de todas as castas, mettido pelos mattos, pelas brenhas, e pelas casas dos mesmos christãos, foi acodindo a todos do modo, que pôde. Mas como não podia fazer tudo o que era necessario para a cultura d'aquella christandade, o maior trabalho que tinha, era ver os muitos, que por falta de quem lhes acodisse, acabavam a vida sem o subsidio necessario dos santos sacramentos n'aquella hora ; porque tendo a sua residencia districto tão grande, quando acodia a uma parte, ficava totalmente desamparada a outra : e quando de tão grande distancia o vinham

chamar para sacramentar algum enfermo, ao tempo que lá chegava, o achava morto, ou livre do perigo; e como a este tão grande, em que estavam as almas, não acudiam missionarios, com fundamento temia, e com ardentissima caridade chorava pôr-se esta christandade no risco de acabar. N'aquelle anno o livrou Deus Nosso Senhor de grandes perigos, e castigou evidentemente os que o procuravam matar e maltratar, em odio da lei de Christo.

Depois de estar quinze dias nos mattos de Tiruvadanturrei, se partiu d'alli um domingo á tarde para Caranbantú, quando na mesma noute os ladrões, cuidando que estava ainda nos mattos, com mão armada por ordem do guarda mór da provincia, o foram buscar para o matarem, e roubarem, como elles disseram. Porém Deus, sem cuja vontade nada se move, o livrou de ser victima do odio d'estes malfeitores, cujos designios se viram de todo frustrados. Ficou tambem desvanecida a sua cobiça, faltando-lhes a materia, que imaginavam achar.

No principio de novembro houve por espaço de trez dias um vento tão forte, e vehemente, acompanhado de chuva tão grossa, e porfiada, que se não lembravam os homens de maior idade haverem visto outra similhante: e ainda que todas as terras experimentaram suas ruinas, o reino de Tanjaor, e suas provincias em Xolamandalão as experimentaram com maior excesso. Só na provincia de Tiruvarur, que é bem pequena, passaram os que morreram por causa da tempestade, e inundação, de dez mil, não sendo algum d'elles christão, sendo que n'ella havia muitos, que professavam a lei de Deus.

Na provincia de Pandanallúr, onde foi menor a perda, foi grande o castigo, que Deus deu ao bra-

communhão. Mas Deus, que os ornou de tão exemplares virtudes, lhes deu forças para tão extraordinario trabalho.

castigo merecido ás suas culpas; porque além de se lhe queimar a casa com tudo quanto n'ella tinha, pouco tempo depois de mandar queimar a do V. Padre, não podendo soffrer as vexações, que os ministros reaes lhe faziam por muito dinheiro, que devia, tomou peçonha, e morreu, para os missionarios poderem viver livres de tão grande adversario.

Em janeiro de mil e seiscentos oitenta e dois se achava na sua residencia de Cuttur no reino de Ginja, que chorava com irremediaveis lagrimas a crueldade, com que o governava, ou tyramnizava o inhumano Sabagí; e assistindo n'elle até abril, celebrou com grandissimo concurso dos christãos todos os officios divinos da semana santa: houve logar, e occasião para o fazer com solemnidade; porque teve a dita de se acharem então com elle dois padres n'aquella igreja, os quaes eram o P. Domingos de Almeida, que passou para reitor do collegio de S. Thomé, e o P. Jozé da Silva, o qual por causa das guerras que havia na sua residencia, se tinha retirado para aquella de Cuttur. Como para a maior parte dos christãos eram cousa nova as ceremonias sagradas d'aquelles santos dias, assistiram a ellas com notavel fé, devoção, e admiração. E por terem concorrido á festa da paschoa mais de cinco mil almas, não disseram missa na igreja, mas em um espaçoso campo, para todos terem logar de a ouvir. Os padres Domingos de Almeida, e Jozé da Silva, ainda que iam muito achacados, além de celebrarem todos os officios da semana santa, assistiram de dia, e de noute com tanta continuação no confessionario, que quasi todos os christãos, que vieram á festa, se confessaram, e receberam a sagrada

nunca tinha visto, aonde tambem passaram com elle a maior parte dos padres, que alli se occupavam na cultura da christandade, aos quaes ficou o. V. P. João de Britto muito agradecido pela grande caridade, e benevolencia, com que o tratavam, e de todos se apartou edificadissimo, por ver entre as mais virtudes (que todas n'elles resplendeciam) o apostolico zelo, e apostada resolução, com que incançavelmente trabalhavam na vinha do Senhor; e, ainda que a caridade, e exemplo dos padres lhe persuadiam mais larga detença, a obrigação que o levava, o fez cortar pelo desejo de tão bons irmãos, e pelo seu; e assim passou á costa de Travancor, onde achou no collegie do Topo o padre provincial Gaspar Affonso, que o recebeu cem extraordinaria benevolencia, e o tratou com notavel caridade. Communicou-lhe o V. P. João de Britto os negocios, que lhe havia mandado tratar com elle o P. André Freire; e tomada a benção, se partio outra vez para a missão, indo não menos agradecido, e edificado do caritativo trato, zelo, e mais virtudes dos padres de Travancor, que dos da Pescaria, os quaes em tudo lhe parecerão verdadeiros irmãos, e imitadores de São Francisco Xavier, apostolo d'aquella christandade.

CAPITULO XVI.

EMBARCA-SE COM SEUS COMPANHEIROS PARA OS REINOS DE GINJA, E TANJAOR. REFEREM-SE ALGUNS CASOS, QUE SUCCEDERAM DEPOIS DA SUA CHEGADA AOS DITOS REINOS.

ACABADOS em Turucurim os negocios, que alli tinha da sua missão, se embarcou para ella com os padres Jeronymo Telles, e Luiz de Mello sujeitos de grande virtude e singular ingenho, que entre os demais só elles se resolveram a se sacrificar aos trabalhos de missão tão grande, como a experiencia mostra aos poucos que se resolvem aos emprehender. Chegaram ao reino de Ginja depois de trinta e cinco dias de viagem, na qual arribaram tres vezes, e estiveram perdidos duas; a primeira, por se abrir a embarcação em uma tempestade que tiveram; a segunda por que os largaram os mouros marinheiros em um batel roto sem velas nem remos; mas de tudo foi Deus servido livral-os por sua infinita misericordia, e ineffavel providencia.

No reino de Ginja aonde chegou a desembarcar com os padres Jeronymo Telles e Luiz de Mello no fim de setembro, esteve com elles até os dezoito de dezembro com grandíssima consolação, por ver seu grande fervor, assim no estudo da lingua tamul como no zelo de converter almas. Aos dezoito de de-

zembro se partiu para o reino de Tanjaor a visitar as christandades das provincias de Pandanallúr, Rarajapattú, Tiracaúr, Manarcoil e Vedaranianão no cabo da Canhameira; e se lhe acabou o anno, em que baptisou oitocentos e doze; e seriam muitos mais se n'esse anno não foram tantas as digressões e não gastára fóra da missão perto de seis mezes.

N'aquella residencia obrou Deus, entre outras muitas maravilhas, a de livrar alguns endemoninhados, aos quaes o diabo além de cruelmente lhes tyrannisar as almas pela idolatria, lhes atormentava os corpos; mas ouvindo com fé o catechismo, se livraram d'uma e outra tyrannia. Obrou mais o mesmo Senhor outra maravilha, e foi que, com dizerem alguns alguns christãos devotos o catechismo sobre os enfermos lançando-lhes agua benta, cobraram saude.

Havia muitos annos que o V. Padre pelo incomparavel zelo da honra de Deus e ardentissimo desejo da salvação das almas, tinha tomado a peito não morarem christãos em uma povoação chamada Pompetti pelo impedimento que d'alli se seguia á conversão. No anno de seiscentos oitenta e um fez n'este particular maiores excessos: e Deus mostrou aos chistãos que confirmava o conselho do V. Padre, e que não só era necessario ouvil-o, mas observal-o e obedecel-o; porque succedeu que pegando-se desastrosamente o fogo em casa de um christão, foi queimando as mais dos outros; e como eram de palha, em breve tempo as consumiu com tudo o que tinham dentro. O que causou maior admiração foi que estando duas casas de gentios entre as dos christãos, e sendo de palha como as mais, o fogo as saltou em claro, e foi pegando nas dos christãos que seguiam adiante. Sabendo o V. P. João de Britto

d'este successo os mandou chamar e lhes disse: que a luz de tão grande e prodigioso incendio bastava para que com ella vissem, que não agradava a Deus viverem em tal terra; que advertissem que áquelles que não abrissem os olhos esperava mui rigoroso castigo; porque um raio do ceu lhes havia de cair em casa o anno seguinte. Advertidos e commovidos de tão efficaz advertencia, se resolveram a deixar aquella aldêa indo-se para outra; e no mesmo mez do anno seguinte que foi de seiscentos oitenta e dois caiu o raio prophetisado sobre a casa de um christão, que era o que tinha habitado mais tempo n'aquella povoação; mas como já estava em outra, não experimentou o castigo, mas conheceu com os mais que se alli estivera o experimentara; e que as advertencias do V. Padre eram inspirações, e os seus ameaços se encaminhavam a bem das suas almas, e aos livrar dos castigos do ceu.

CAPITULO XVII.

DISPUTA COM OS LETTRADOS GENTIOS, E CONVENCE-OS.

ACHANDO-SE no principio do anno de seiscentos oitenta e tres nas ultimas terras, que para o sul confinam com as do Maravá na provincia do Cabo, o vieram demandar dois gentios, dos que entre elles têem o nome de lettrados; e a soberba, com que disputaram, mostrava, que n'elles era maior o desejo de impugnar a verdade, que de a conhecer. Ha entre todo este gentilismo um celebre erro, a que chamam escriptura da cabeça, e vem a ser affirmarem, que o seu deus Bruma escrevera na cabeça dos homens tudo quanto imaginam, dizem, e obram; e que esta escriptura é causa antecedente, e tão efficaz de todas as acções humanas, que nem o mesmo Bruma, nem os mais trezentos e trinta mil milhões de deuses (tantas são as divindades que elles reconhecem) as podem impedir. A'cerca d'este celebre erro disseram estes lettrados que queriam disputar com o V. P. João de Britto. Acceitou o desafio, e, proposta a questão por elles, lhes perguntou que fundamento tinham para admittirem a tal escriptura. Responderam, que o fundamento era dizerem-no todos os seus lettrados, e ser entre elles primeiro principio, que nem se nega, nem se duvida. Perguntou-lhes mais, se o seu deus podia dizer cousa falsa. Respon-

deram que não. Argumentou-lhes então n'esta fórma: entre vós ha duas seitas, que são entre si contradictorias, e oppostas; uma é de Visnú, cujos sectarios dizem que só elle é deus, e não Xivem; outra é de Xivem, e os que a seguem affimam que só elle é deus, e não Visnú: agora assim: Bruma, como vós concedeis, não pode dizer cousa falsa: logo não pode escrever nas cabeças d'estes sectarios, que Visnú era, e não era deus, e que Xivem era, e não era deus; porque dizer, que a mesma pessoa é, e não é deus, é falsidade manifesta. D'onde se segue, que o que dizem os da seita de Visnú, que só elle é deus, e não Xivem, e o que affirmam os da seita de Xivem, que só elle é deus, e não Visnú, é effeito da vontade livre, e não da escriptura da cabeça, que attribuís ao vosso Bruma de infallivel verdade, como fingís; e o mesmo se segue das mais acções.

Não contente com a infallivel, evidente, e forçosa consequencia d'este argumento, que é certo não tem solução alguma, recorreu ainda a outro de não menor efficacia, e foi este: de duas preposições contradictorias, sendo uma verdadeira, a outra necessariamente ha de ser falsa. Vós dizeis, que ha escriptura da cabeça, eu nego que ha escriptura da cabeça: eis-aqui as duas contradictorias, das quaes uma é verdadeira, e outra necessariamente falsa: agora, ou haveis de dizer que o nego, porque quero, ou porque Bruma assim m'o escreveu na cabeça; se dizeis, que o nego, porque quero, infiro assim: logo bem digo eu, que não ha escriptura da cabeça, que seja causa necessaria de tudo o que os homens dizem, e obram, mas que as taes acções são effeitos da vontade livre: se dizeis que nego, por-

que Bruma assim m'o escreveu na cabeça, não podendo este nunca mentir, como vós dizeis, segue-se que é verdadeira a minha proposição, convem a saber, não ha escriptura da cabeça: logo é falsa a sua contradictoria affirmativa, ha escriptura da cabeça.

Convencidos tão evidentemente os gentios, e não tendo, que responder a estes argumentos calculatorios, obstinados no seu peccado trataram de encobrir a sua manifesta ignorancia com injuriarem de palavra o V. Padre, e o tratarem tão mal, que, se n'aquella occasião não deu a vida pela fé, não foi á falta de martyrios, mas porque a divina providencia lhe guardava a gloria do ultimo para outra occasião.

CAPITULO XVIII.

REFERE-SE A PERSEGUIÇÃO, QUE SE LEVANTOU CONTRA OS CHRISTÃOS NO REINO DE GINJA.

Da provincia do Cabo partiu para a de Manarcoil, e d'alli para a do Conhuconão, gastando na jornada quinze dias, em que administrou a muitos os sacramentos, acodindo aos moribundos, e baptisando aos que achou bem instruidos pelos catechistas, que tinha posto n'aquellas provincias. Passou depois ao reino de Ginja, e em Cuttur esteve até celebrar a festa da paschoa com bem grande sobresalto, por ter noticias certas, que o governador do Palião n'aquella solemnidade tratava de o prender. Affirmou isto ao dito V. Padre o escrivão da casa da polvora, christão de grande fé, o qual por ella com todos seus parentes tinha padecido muito; e pouco tempo antes aquelle mesmo governador havia mandado lançar um pregão, no qual dizia: que aquelle, e todos os mais christãos, pelo serem, eram infames, e como a taes lhes ordenava deixassem de morar dentro das povoações, onde até então moravam, e fossem habitar com os infames pariás por serem o mesmo com elles: que nenhum gentio tocasse, nem ainda as suas roupas, porque bastava tocal-as para ficar infame. Esta affronta, a qual é maior n'estas terras, que a de ser açoutado, enforcado, e esquar-

tejado. soffreram com grande paciencia, e conformidade com a vontade de Deus: e indo pedir conselho ao seu V. Padre sobre o que haviam de obrar na materia, elle lhes disse com S. Paulo: que deviamos caminhar para o ceu, *sive per infamiam, sive per bonam famam*: e que a elles dizia Christo: *beati eritis, cum separaverint vos*: que tratassem de deixar aquella fortaleza, e fossem para outra terra, onde não experimentassem tanto rigor.

Aquelles christãos parece que escolheram esta segunda parte do problema; porque ouvindo com grande consolação o conselho do V. P. João de Britto, se foram resolutos a deixar a fortaleza, e os officios, que n'ella tinham. Mas até a esta resolução obstava o governador, a quem não faltaria o castigo do ceu, como não faltou a um capitão, que foi a causa de toda a perseguição, o qual em breves dias se mirrou, e acabou miseravelmente a vida para penar eternamente no inferno.

Por estarem tão alteradas as cousas do reino de Ginja, tratou de passar ao reino de Tanjaor, onde é maior a christandade, e não era menor o dessocego. Estando já para se pôr a caminho, lhe chegaram novas, que as cousas da christandade estavam por então mais perturbadas n'aquelle reino, que no de Ginja; porque o governador das provincias do leste, onde o V. Padre tinha feito uma ermida haveria cinco annos, tinha jurado passar aos fios da espada todos os christãos, induzido a isto pelo guarda-mór d'aquellas provincias, inimigo capital da lei de Deus, chamado Ramanaique, homem deshumano e facinoroso, e como tal por razão de seu officio mais temido, e respeitado d'aquelles povos que o mesmo rei, ao qual por morar em Trangam-

bar dentro da fortalezo dos Dinamarquezes, el-rei não pôde prender, nem castigar suas insolencias, e por isso se fazia cada vez mais soberbo, e cruel.

Indo pois este tyranno visitar aquelle governador, lhe pediu encarecidamente, que queimasse a ermida, que o V. Padre tinha feito em Xirrucarambúr, e que depois de tomar aos christãos tudo o que tivessem, com titulo colorado de alguma culpa imposta, os desterrasse das suas provincias, e lhes queimasse as povoações; porque eram tão insolentes, que venderam um boi vivo aos pranguís da fortataleza de Trangambar, para o comerem. Esta culpa bastava n'estes reinos para maiores, e mais infames castigos. Além d'isto lhes disse outras muitas mentiras, e affrontas da lei de Deus, e seus prégadores. Não é crivel, nem se póde explicar a ira, que contra os christãos mostrou o governador, depois que ouviu aquella pratica, affirmando que logo havia de mandar queimar todas as povoações dos christãos, e passal-os todos a fio de cutello; porém o mesmo governador, e seus parentes temendo os Dinamarquezes, o persuadiram que por então não convinha executar aquelle castigo, mas que seria melhor dissimular, até se offerecer mais conveniente occasião.

Alguns soldados christãos, assim do governador, como do guarda mór, ouvindo esta pratica, na mesma noute fizeram aviso aos catholicos, para que estivessem acautelados; os quaes, feita sua consulta, se determinaram a buscar o governador, que então estava alli perto, e persuadir-lhe fizesse provar os crimes, que o guarda-mór dissera contra elles. O governador, sem lhes descobrir o que tinha no peito, os recebeu com signaes de benevolencia, encom-

mendando-lhes que cultivassem bem as terras, para que el-rei não tivesse perda: e sem fallar no caso os despediu com fingida affabilidade.

CAPITULO XIX.

NÃO VALENDO PARA SE VENCER ESTA PERSEGUIÇÃO UMA CARTA DO PRINCIPE OREAR, FINALMENTE SE ACABOU COM A INFAME MORTE DE QUEM A FOMENTAVA.

VENDO isto os christãos, para que não viesse algum mal aos soldados, que lhes tinham feito aviso, callando prudentemente o que intentavam fazer, deram de tudo conta ao V. P. João de Britto, e lhe rogaram mandasse visitar o principe Orear, e lhe pedisse uma carta de favor para aquelle governador; porque sabendo que um principe tão respeitado, e poderoso não só tinha nas suas terras aquelles christãos, mas ainda os favorecia, não executaria n'elles os castigos, que o tyranno Ramanaique lhe persuadia, e aconselhava. Respondeu o V. Padre, que aquella carta poderia ser causa de maior ruina; porque, se o governador respondesse ao principe Orear, que os christãos vendiam bois aos pranguís para os matarem, o tal principe lhes havia de cobrar grandissimo odio, e fazer-lhe gravissimo damno; porque esta culpa não tinha perdão n'aquellas terras, nas quaes não se averigua, se o que se diz é verdade ou não; mas basta dizer-se, para se proceder a castigo. Não foram bastantes estas razões, para que aos christãos bracmenes, e xustres parecesse melhor

não pedirem a carta de favor pelos inconvenientes, que o V. Padre apontava, do que pedil-a pelas razões, que elles tinham proposto, affirmando todos, os que a pediam, que este era o unico meio, para não perecer aquella christandade. E por lhe parecer ao V. Padre que se julgaria por temeridade em negocio de tanto peso antepor o seu juiso ao juiso de todos os naturaes, mandou pedir a carta ao principe, que logo a deu. . . . . .

Deu o principe Orear a carta de favor, e dizia elle: eu, bom senhor, que goso grandes fortunas, e que sou companheiro da infantaria, vos tenho a vós o Ponnamaratão na minha lembrança. Vós sabeis muito bem que tenho nas minhas terras, e trato com muita honra ao religioso do Senhor de tudo, e pelo venerar lhe fiz n'ellas uma casa, em que mora, e ensina aos seus discipulos. Eu sei que o dito religioso tem tambem casa, e muitos discipulos nas terras de vosso governo; e assim vos ordeno, que trateis as suas cousas com tão grande benevolencia, que me dê eu por bem servido. . . . . .

Levou esta carta um soldado christão, e sem descobrir que o era, a deu ao governador, que estava em audiencia, e logo lhe respondeu o seguinte.

Eu escravo de vossa alteza olhando para seus reaes pés lançado por terra o adoro. Recebi, como excellente dom, a real carta de vossa alteza; e humildemente digo, que vossa alteza por não ter verdadeira noticia dos procedimentos, dos que seguem a seita do Senhor de tudo, os favorece. Elles são tão baixos, e insolentes, que sem terem respeito ás leis, nem olharem para o que é peccado, não só vendem os seus bois vivos aos pranguís, mas compram os alheios para lh'os irem vender a Tramgam-

bar, e a Negapatão, os quaes pranguis, como gente vilissima, baixissima, infame, e barbara, sem temor de Deus, nem dos homens faz logo cair os ditos bois (esta palavra *matar bois* nenhum gentio a ha de dizer em publico) e os cortam, e comem. A grande malicia d'este horrendo sacrilegio é bem manifesta a vossa alteza, que tudo conhece: o crime está provado por meu senhor Bagupandidem, que poz espias para se certificar d'esta verdade, e tem ordenado, que de uma vez conclua com esta gente: e vossa alteza, como tão amante da virtude, e zeloso da justiça, seja servido de me não impedir; porque de outra maneira serão sem numero os bois, e vaccas, que cairão, caindo sobre nós o peso de tão execranda maldade, pela não impedir com o castigo merecido. E, para eu executar em tão malvada gente o que meu senhor me tem ordenado, fico esperando licença de vossa alteza.

Não contente aquelle malevolo governador com tão infame, e falsa resposta, para fazer o V. Padre, e os christãos mais odiados com o povo, antes de a mandar ao principe Orear, a fez ler em publico; e depois, para que todos tivessem occasião de a ver, a entregou aberta ao soldado; mas, como era christão, a trouxe ao V. P. João de Britto, o qual pela experiencia, que tinha d'aquellas terras, a deixou ficar em seu poder; porque se fosse á mão do principe, além de outros males, que podia causar aos christãos, e ao V. Padre, havia o dito principe mandal-a ler em publico, como é costume barbaro d'aquelles reinos; o que sem duvida resultaria em grande affronta da lei de Deus, por cujo credito ordenou aos christãos rogassem de continuo a Nosso Senhor fosse servido acudir, para que a mentira não

triumphasse da verdade; o qual Senhor parece se serviu de ouvir as deprecações de corações tão afflictos; porque dentro em dois mezes foi deposto aquelle governador com grandissima infamia, por se lhe provar, que tinha sido ladrão da fazenda real, e quiz Deus que a sua infamia fosse ainda maior; porque em um extraordinario concurso, que houve aos vinte e quatro de julho por causa do eclipse do sol, em que quasi todos os gentios se foram lavar ao mar lá no fim do reino, onde está um pagode, que dizem ser o primeiro, que houve em todo aquelle imperio, se espalhou fama constante, que el-rei tinha mandado cortar os pés, e as mãos áquelle governador, por ter sido ladrão; e, ainda que pelo discurso do tempo se achou ser falsa esta nova, e levantada pelo odio de seus inimigos, foi verdadeira a affronta, que d'ella se seguiu em tão innumeravel concurso.

CAPITULO XX.

PARTE PARA AS TERRAS DO NORTE: CONTAM-SE OS TRABALHOS, QUE PADECEU NO CAMINHO, E COMO SE DESFEZ A TRAIÇÃO QUE CONTRA ELLE ARMARAM OS INIMIGOS DA LEI DE DEUS.

JULGANDO que não era em abril occasião de passar ao reino de Tanjaor a respeito d'aquelle inimigo, que então estava ainda no governo, e na consideração de que a privança, que tinha com el-rei, e com os grandes, lhe promettia n'elle perpetua segurança, se partiu para o norte a visitar as christandades das provincias de Vetavanão, Tirunamaley, Xengama, e passar ao reino de Golocondá, d'onde lhe chegaram noticias, que havia grandes esperanças de conversão. Despediu-se em Cornapatú do P. Jeronymo Telles; e, depois de andar trez dias de caminho, chegou a uma povoação chamada Tanrey, que está entre Vetavanão, e Tirunamaley, e alli esteve morador perto de um mez d'entro em um matto, servindo-lhe de casa dois grandes penedos, de tecto uma arvore, que junto d'elles estava, e de igreja uma ramada, que fez para dizer missa. Incrivel é o que n'aquelles mattos padeceu com os christãos, que alli o acom-

panhavam, assistindo em logares infestadissimos de tigres, cobras, e outros muitos bichos peçonhentos; porque, além de serem n'aquelle tempo as calmas do clima muito rigorosas, e o calor do matto, e das penhas, em que rebatia o sol, excessivo, a falta do necessario para a vida humana era muito grande, e não menos a falta do somno; porque lhe era forçoso passar as noites em uma continua véla baptisando os catecumenos, instruindo e confessando os christãos, dizendo-lhes missa tão de madrugada, que ao nascer da aurora já todos iam caminhando para as suas aldéas. De dia escassamente tinha tempo para rezar o officio divino, sendo-lhe todo pouco para assistir ás continuas disputas dos gentios, armando-se de uma muito particular paciencia para soffrer as insupportaveis, e descortezes injurias, que lhe faziam, e para responder aos despropozitos, que lhe perguntavam.

Não bastou todo este disvelo, e cautela, para que o demonio não o perseguisse por via dos seus infernaes ministros. Em uma sexta feira, seis dias depois de sua assistencia n'aquelle posto, bem de madrugada, tendo-se já partido os christãos para as suas aldéas, a um, que ficou mais afastado, investiram dois soldados da infame seita do Lorigão, e lhe perguntaram pelo V. P. João de Britto; porque iam resolutos a o matar, e acabar por uma vez o que por tantas tinham intentado. A causa, que os movia a esta determinação, era o considerarem que o V. Padre era tão soberbo, e atrevido, que, tendo-lhe prohibido os magistrados, e republica ir áquellas terras, e ensinar n'ellas doutrina tão nova, e tão contraria aos costumes dos naturaes d'ellas, sem respeito algum ao que lhe tinham ordenado, tornava alli

a ensinar a todos a sua doutrina. Quando os soldados faziam mais violencia ao pobre christão, o guarda d'aquella aldêa, que tem obrigação de vigiar de noite, e dar fé dos que entram, e saem, conhecendo que o christão era seu parente, disse aos soldados, que o deixassem ir; porque não sabia nada do que lhe perguntavam, e que tinha vindo a visital-o, e por fugir ao rigor da calma se partira de madrugada.

Ouvindo isto os soldados o deixaram, e elle veio dar conta ao V. Padre do que passava, e que os soldados distavam d'aquelle posto um tiro de pedra. Ouvindo isto o V. Padre, tratou logo de recolher o ornamento da missa entre aquelles penedos, e com alguns christãos, que o acompanhavam, se puzeram em oração persuadidos a que Deos Nosso Senhor lhes queria dar occasião de morrerem por seu amor no mesmo dia de sexta feira, em que elle morreu para lhes dar a vida: e os christãos, que alli estavam, diziam uns aos outros: se fosse tanta ventura a nossa, que morressemos por aquelle Senhor, que foi servido dar a vida por nós! e se fosse tanta a nossa dita, que Deus nos fizesse mercê de sermos hoje as primicias dos martyres d'esta christandade! Isto proferiam os companheiros do V. Padre que eram oito; e, se isto diziam os discipulos, pondere-se bem o que confessaria o mestre. Mas como os soldados não puderam descubrir o logar, onde o V. Padre, e seus companheiros estavam, tanto que amanheceu se ausentaram.

Ainda que por então se frustraram os diabolicos intentos dos gentios, e a execução dos ardentissimos desejos dos christãos, não desistiu o demonio de os perseguir com maior força n'aquelle mes-

mo posto; porque como o regulo Xillanayque fazia por parte del-rei de Mayssur hostilidades no reino de Ginja, eram muitos os homicidios, e latrocinios, que se experimentaram nas provincias de Veteranão, e Tirunamaley, em que o V. Padre estava; e como tudo andava perturbado, cada um fazia o que queria, e ninguem se dava por seguro. Chegou a tanto a exorbitancia d'aquelle tempo, que um soldado razo matou a sangue frio um filho unico do mesmo governador da provincia de Ventanavão, para lhe roubar as joias, que trazia: feito o homicidio, e furto. na mesma hora se foi outra vez para o castello, onde assistia o governador, o qual, achando o filho menos, o fez buscar, e foi achado feito em postas mettido em uma gruta; e sabendo que o dito soldado o tinha acompanhado aquella tarde, o prendeu, e por se lhe achar ainda sangue na espada, o mandou logo espetar.

Não se passaram muitos dias depois d'esta aleivozia, quando junto ao matto, onde estava o V. P João de Britto, roubaram a um mercador ao meio dia setenta moedas de ouro. Indo-se o roubado queixar ao governador da provincia, que tem obrigação de pagar os furtos, alguns dos seus ministros, que são inimigos da lei de Deus, lhe aconselharam que imputzesse o furto ao V. P. João de Britto, dizendo que os christãos, que de todas as partes acodiam ao buscar, fizeram por seu mandado o latrocinio, e commetteram o crime: que com esta capa o prendesse, e affrontasse muito a seu bello prazer; e que, se o largasse com vida, lhe podia ordenar não tornasse áquellas terras a ensinar tal doutrina. Como o governador era tambem grande inimigo assim dos christãos, como do V. Padre, foi para elle um sin-

gular accordo aquelle alvitre, e mandou logo prendel-o por gente de pê, e de cavallo; mas descobrindo-se por outra via os ladrões, suspendeu-se com o conhecimento manifesto dos cumplices a malevola intenção contra o innocente,

CAPITULO XXI.

ENTRA NO REINO DE GOLOCONDÁ: VOLTA PARA O SUL AOS REINOS DE GINJA, E DE TANJAOR. DÁ-SE NOTICIA DE UM FAMOSO MILAGRE OBRADO POR INTERVENÇÃO DE S. FRANCISCO XAVIER.

DEIXADO o reino de Ginja, passou ao grande reino de Golocondá; e chegando a Utararanalúr, cidade muito populosa, e de grande contrato, onde n'aquelle tempo se abria o do ceu, achou que alli sê tinham muitos resolvido a deixar a adoração dos seus falsos deozes. Dia do Espirito Santo baptisou cento e oitenta, que achou bem catechizados, e ensinou o catechismo a outros muitos: mas, como não podia alli fazer detença, deixando n'aquellas partes dois catechistas, se partiu outra vez para o sul; e atravessando pelo reino de Vélúr passou para o de Ginja, onde se deteve sómente quinze dias para baptisar os catecumenos, e administrar os mais sacramentos aos christãos; e logo se foi para o de Tanjaor, apressando-lhe a jornada as enchentes, e innundações dos rios, que já começavam.

Visitada a christandade, que ha nas provincias d'aquelle reino, chegou a uma povoação chamada Xatipari, onde em casa de certo christão fez uma pequena ermida, e achou ter nosso Senhor alli bem perto obrado uma grande maravilha por intercessão

do apostolo do oriente. Foi esta, que em maio, andando tres moços apascentando gado, para se ampararem de um grande chuveiro, se recolheram debaixo de uma copada arvore, a qual ainda que os defendia da chuva, não os defendeu do golpe de um raio, que caindo os matou. Buscando depois os pais aos filhos, os acharam todos tres mortos ao pé d'aquella arvore: e como dois d'elles eram gentios da infame seita do Lingão, cujo idolo traziam ao pescoço, os parentes os enterraram conforme as ceremonias de sua seita. Ao autro, que era christão, a quem o V. Padre havia baptisado no anno antecedente, levaram para casa os pais, que tambem da mão do mesmo V. Padre haviam recebido o baptismo, para o enterrarem conforme o rito da Santa Madre Igreja. Depois de composto o menino que era de idade de treze annos, estando já para o levarem á sepultura, a mãe cheia de dor, e sentimento, e não menos de fé, e devoção, fez esta amorosa queixa ao Santo Xavier; glorioso Santo, eu ouvi ha poucos dias a lei santa de Nosso Senhor, e me converti, e recebi o baptismo, tendo firme confiança, que o mesmo Senhor por vossa intercessão havia de defender, e favorecer todas as minhas cousas, e assim o tenho manifestado a todos os meus parentes gentios, os quaes agora me lançam em rosto a morte tão desastrada de meu filho, que tem o vosso nome; e para que conheçam todos, que com o nome logra tambem vossa protecção, e que não são confundidos os que esperam na divina misericordia, para gloria do mesmo Senhor vos peço, que alcanceis vida a este meu filho. Caso estupendo! Acabada a oração da mãe, se levantou o filho vivo, e sem lezão alguma; e os pais o trouxeram á igreja

com uma offerta ao Santo, ficando muito confirmados na fé.

Vizitadas as christandades das provincias de Manarcoil, e do Cabo da Calhameira, chegou na antevespera de S. Lourenço á sua cazinha de Xirucarambur, aonde acodia a maior parte da christandade do reino de Tanjaor.

CAPITULO XXII.

ILLUDE-SE O DECRETO DE UM GOVERNADOR, QUE MANDAVA CORTAR A CABEÇA AO V. P. JOÃO DE BRITTO, E PASSA DE TANJAOR AO REINO DE GINJA; REFEREM-SE ALGUNS MARAVILHOSOS CAZOS, QUE ALLI SUCCEDERAM.

Aos oito dias de setembro passou ordem o novo governador d'aquellas provincias, que succedeu ao que escreveu contra o V. P. João de Britto, e seus christãos ao principe Orear (como fica dito), para que o prendessem, e confiscassem quanto tinha. Mas não succedeu a execução n'aquella noite; porque alguns christãos depois de largas disputas disseram resolutamente ao governador, que, se prendia ao V. Padre, haviam de despovoar a terra; e, como já eram muitos, temeu a grande perda, que d'alli se lhe podia seguir nos direitos da corôa, que trazia arrendados: e assim passou segunda ordem, que o não prendessem. Porém lá pela meia noite, instigado por alguns inimigos do V. Padre, e dos christãos, despachou um capitão de cavallos com gente de pé, para que cortassem a cabeça ao V. Padre, sem se saber de que mão lhe vinha o golpe, e que lha le-

vassem, porque, como não se atrevia a fallar-lhe, desejava vel-o, mas não ouvil-o.

Posto a cavallo o capitão marchou com os seus soldados; e indo já bem perto do logar onde estava o V. Padre, de repente veio uma porfiada chuva com trovões, e relampagos tão medonhos, que parecia se acabava o muudo; com o que perderam o tino, e desistiram por então da empreza. Mas, como o governador não distasse do posto, em que estava o V. Padre, mais que meia legoa, e os soldados da sua guarda fossem quasi todos christãos, de madrugada lhe vieram dar conta de tudo o que passava. Ouvindo o V. Padre o que lhe foram noticiar, julgando, conforme as presentes circumstancias, que seria monoscábo da lei de Deus ausentar-se n'aquella occasião, e sendo do mesmo parecer os christãos, que com elle assistiam, se deixaram ficar no mesmo sitio: mas não tardou Deus Nosso Senhor com o remedio, fazendo que o governador desistisse de seus damnados intentos.

O V. Padre d'ahi a poucos dias, passando sete rios a nado pegádo em alguns páos, foi acodir ás christandades, que tinha á sua conta no reino de Ginji, onde consolando-se em o Senhor com o P. Jeronymo Telles, que alli o veio visitar, esteve desde os ultimos de setembro até os quatorze de dezembro, no qual tempo tornou a passar para Tanjaor a celebrar a festa do natal, o que fez padecendo trabalhos inexplicaveis, mas com grande consolação, por ver os muitos, que se convertiam, e baptisavam, não sendo pequena a devoção dos christãos, que em grande numero acodiam a frequentar os santos sacramentos da confissão, e sagrada communhão; e desde vespera de S. Thomé até dia do santo nome

de Jesus passaram de mil e oito centos os que se confessaram, e commungaram da mão do V. P. João de Britto. Os que baptisou no discurso d'aquelle anno, foram mil e tres.

Em quanto alli esteve succedeu, que uma bracmena gentia muito nobre, e rica, a qual havia mais de vinte annos padecia tal vexação dos demonios, que a punham em tão miseravel estado, que por muitos dias não a deixavam comer, nem beber, muitas vezes quasi a affogavam, e outras lhe faziam andar a cabeça á roda com tanta vehemencia, que sete, ou oito pessoas não bastavam para lhe terem mão, outras vezes a lançavam no matto, e a apertavam alli de maneira, que era difficultosissimo tiral-a do logar, em que os demonios a punham. Ouvindo esta atormentada mulher contar as maravilhas, que Deus obrava, e as mercês, que fazia aos que seguiam a sua santalei, veio á igreja do V. Padre, e ouviu o catechismo por espaço de dez mezes, depois dos quaes, já bem provada na fé, da mão do mesmo V. Padre recebeu o santo baptismo, e ficou livre das vexações dos demonios, mas não das dos parentes, que, por verem se fizera christã, a injuriavam, e maltratavam; porém ella por beneficio da divina bondade soffria tudo com paciencia, e constancia notavel, vivendo com grande confiança, indo muitas vezes á igreja, e frequentando com devoção os sacramentos.

Mais de vinte pessoas no discurso d'aquelle anno foram alli, onde assistia o V. Padre, molestadas do demonio; uns tysicos confirmados por causa de feitiços, outros coxos, e aleijados de tal maneira, que não podiam pôr os pés no chão, aos quaes levaram os parentes em andores, e todos, tanto que ouviram

com fé o catechismo, cobraram perfeita saude; e, recebendo o santo baptismo, se foram para as suas terras cheios de alegria e devoção, e muitos deixaram alli os andores em testemunho da mercê, que Deus lhes fizera.

succedido, entrou no carcere, e posta de joelhos a seus pés chorando muitas lagrimas lhe disse: meu irmão, eu lhe invejo a sorte, que teve em padecer por tão bom Deus: rogo-lhe, que, quando se vir diante de sua divina magestade, lhe peça seja servido de me dar similhante ventura, e meio para receber o santo baptismo. Admirados os guardas d'esta constancia, se resolveu um d'elles com a sua familia a seguir a lei de Christo.

O segundo caso foi, que aquelle bom christão, deixando fiador no carcere, se foi na mesma noute despedir da mãe, da mulher, e mais parentes, todos os quaes no anno antecedente tinha baptisado com outros muitos o V. P. João de Britto, e lhes fallou d'esta maneira: ámanhã, Deus querendo, vou padecer pela lei de Christo: não posso explicar o gosto e alegria, com que recebo esta mercê do ceu. Tres cousas vos peço n'esta ultima despedida: a primeira, que rogueis muito a Deus me dê perseverança final: a segunda, que não tenhais por infamia esta minha morte, senão pela maior honra, que Deus costuma fazer aos seus escolhidos, de que eu não sou digno: a terceira, que não vos movam, nem a perda da honra, nem da fazenda, nem da mesma vida, a deixar a lei de Deus. Responderam a mãe, e mulher, e mais parentes, que estimavam muito a sua resolução, e que com a graça divina estavam com firme proposito de deixar antes a vida, que a fé, e que pela perseverança da sua ficavam rogando a Deus.

Consolados assim reciprocamente aquelles christãos, se foi Gaudioso para o carcere, onde, posto que lhe não pôde acodir o V. P. João de Britto (por quanto então se achava no sul, d'alli distante mais de

noventa legoas, e preso pelo Chanaás com grande aperto), os christãos e catechistas d'aquelle reino sabendo que a prisão, e condemnação de Gaudioso não fôra feita por ordem do rei, senão pelo odio de seus parentes, trouxeram ordem do governador, e general, para que Gaudioso fosse posto em sua liberdade, e restituido aos christãos tudo o que lhes tinham confiscado.

CAPITULO XXIV.

É PRESO O V. PADRE NO REINO DE MADUREY, E LIVRADO DO PERIGO DA MORTE, QUE O AMEAÇAVA.

Ao tempo que isto se passava no reino de Tanjaor, esteve preso com extraordinario aperto lá nas terras do sul, no reino de Madurey, o V. P. João de Britto. Entrou elle de novo em uma provincia, aonde ainda não tinham ido missionarios; e por não ter casa, nem igreja em que se podesse accommodar, esteve alguns dias em uma lameda de palmeiras, prégando a fé de Jesu Christo á grande multidão de gente, que de todo aquelle contorno concorria a ouvir a nova doutrina, a qual ouvida e acceita, se reduziu, conhecendo seus erros, a abraçar a verdade. Não pôde o diabo soffrer, que tantas almas, fugindo das redes, em que até alli as trazia o seu infernal engano, se fossem metter na de S. Pedro, que com tanta felicidade havia alli estendido o V. Padre João de Britto; e por isso uma noute, em que o mesmo V. Padre estava para baptisar duzentos catecumenos, se amotinaram os gentios d'aquella povoação, e juntando muita gente de armas, o foram prender. Tendo porém elle noticia de que o

buscavam, se adiantou a perguntar-lhes quem procuravam. N'este tempo tiveram logar os catecumenos para se retirarem, e assim prenderam sómente o V. Padre, e os catechistas, que o acompanhavam, vingando n'elles o odio, que tinham a todos. Foram cruelmente açoutados, e lhes roubaram tudo o que tinham: e, ainda que por muitas vezes vieram para lhes cortar as cabeças, que o V. Padre, e os catechistas offereciam com uma acceitação tão santa, e com uma constancia tão valorosa, que o pasmo dos gentios não sabia determinar se era maior para a sua admiração o valor, com que aceitavam a morte, se a constancia, com que offereciam a vida, não executaram o seu odio n'estas victimas já consagradas ao martyrio: porque lhes faltava a auctoridade publica para o fazer, porquanto a prisão não fôra feita por ordem do Nayque, nem ainda dos governadores, mas só por furia das castas, que tinham por grande affronta o converterem-se á lei de Deus os seus parentes: e assim depois de algum tempo soltaram o V. Padre e os catechistas. Sabendo elle, depois de solto, o que tinha passado Gaudiozo em Tanjaor, e o que no mesmo reino haviam passado os mais christãos, atravessando todas aquellas terras, se foi ao reino de Tanjaor, e a casa de Gaudiozo, mandando dizer aos que foram causa d'aquella perseguição, que se tinham alguma duvida contra a lei de Deus, não era justo averiguarem-n'a com aquelle christão, o qual não era lettrado na lei, que professava: que elle alli estava, e como mestre da mesma lei satisfaria com a razão a todas as duvidas, que lhe offerecessem: e não lhes quadrando o verem-se convencidos, não lhes seria difficultoso o tirar-lhe a vida, pois se ía metter nas suas mãos. Não quizeram

os gentios acceitar a disputa, mas choravam deixarem muitos a gentilidade, e recorreram ao V. Padre para que lhes dissesse o catechismo, e os admittisse pelo meio do santo baptismo ao gremio da igreja.

CAPITULO XXV.

LEVANTA-SE UMA GRANDE PERSEGUIÇÃO CONTRA OS CHRISTÃOS NO REINO DE TANJAOR. ASSISTE O V. PADRE COM NOTAVEL CARIDADE AOS AFFLIGIDOS.

NÃo podendo o diabo soffrer, que os ouvintes da doutrina do V. P. João de Britto não só se convertessem á fé, mas tambem dessem tão evidentes signaes da sua firme conversão, que lançando os idolos, que traziam no pescoço, aos pés do V. Padre, alli os pisavam, e desfaziam deitando outros no rio, e outros no fogo; e tolerando mal esta injuria, levantou a mais horrenda perseguição, que nunca experimentaram os christãos n'aquelle miseravel reino. Promulgou-se uma ordem do primeiro ministro, que fossem presos todos, e levados á cidade de Combuconão, aonde elle assistia; e para este effeito mandou o dito ministro justiça e soldados por todo o reino. Começaram as prisões dia de reis lá nas provincias do norte, achando-se o V. P.. João de Britto n'esse tempo nas provincias do sul, aonde lhe chegou esta noticia aos nove de janeiro. Poz-se logo a caminho para Combuconão; mas os christãos, que tinham até alli escapado de serem presos, indo ao seu encontro an-

tes de entrar na cidade, lhe persuadiram com razões efficazes, que passasse a todo o risco o rio Collarão, o qual divide o reino de Ginja do de Tanjaor, e que de lá assistisse com conselho, e direcção a negocio tão importante; porque elle preso só segurava o seu merecimento, e punha em risco toda a christandade, que d'ahi podia soccorrer, e dirigir: que se do rebanho levasse o lobo uma, ou duas ovelhas, podiam esperar as outras, que o pastor as pozesse em logar seguro; mas se o lobo comesse o pastor, pereceriam as mais ovelhas sem remedio, e sem esperança d'elle.

Movido o V. Padre da lastima, com que se lhe propunha este remedio, e da razão, com que se justificava este partido, se offereceu a seguir o que os afflictos christãos lhe pediam; e assim posto por elles sobre um feixe de lenha, foi passando além do rio, que então ía bem caudaloso. D'aquelle posto foi tratando de ver se podia acodir á christandade, e remediar a perseguição, que de cada vez crescia mais. Já todos os carceres do reino se achavam cheios dos innocentes christãos, a quem davam cruelissimos tormentos, para que deixassem a fé, depois de lhes terem confiscado todos os bens. Tratóu o V. Padre de ver se podia visitar o rei, e declarar-lhe a verdade: mas todas as portas achou fechadas; até que, depois de extraordinarias fadigas, os christãos da côrte, onde se não tinha ainda feito execução alguma contra elles, se resolveram, feitos em um corpo, a pedir ao general do exercito, mouro de nação, e profissão, que fallasse pelos christãos ao rei, dizendo-lhe, que estes não queriam senão que o rei os ouvisse, e que, se os achasse culpados, lhes cortasse logo as cabeças; e que, se os achasse innocentes,

refreasse a violencia dos seus ministros. Respondeu o mouro general, que elle não podia fazer rosto a todos os bracmenes, pois todos estavam contra a lei de Deus, e seus sequazes; mas que com tudo isso, achando occasião, não deixaria de dizer ao rei, que os ouvisse, se elle lhe perguntasse o que lhe parecia n'aquella materia.

Sabendo d'isto um gentio muito poderoso, chamado Ramanaiquen, o qual tinha sido auctor de toda esta tragedia, mandou visitar o mouro, e pedir-lhe não favorecesse o partido dos christãos; porque estes tanto affrontavam a lei de Mafamede, como a dos gentios, e que de uns, e outros eram capitaes inimigos: que deixasse acabar por uma vez com o nome de Christo n'aquelle reino; porque se por então lhe não punham remedio, dentro em poucos annos o veriam todo perdido, e acabado, sem haver um só homem, que venerasse aos seus deuses: e que depois d'isso iriam os europeos, e tomariam o reino; porque este era o meio, com que se tinham introduzido em todo o oriente. E para lhe fazer mais agradaveis, e efficazes as razões, que dava, lhe mandou um grandioso presente, e um cavallo ginete com todos os adereços de prata. Ouvida esta embaixada, e despedidos os mensageiros d'ella, ficou o mouro com muito má vontade contra os christãos.

Levaram os christãos estas novas ao V. Padre, a quem todos os dias mandavam dois, e tres recados por proprios: postas as cousas n'estes apertos, os christãos da côrte, dos quaes muitos serviam de levar os provimentos para a cavallaria, e para os elephantes do rei, tomaram a resolução de se retirar, e deixar sem provimento os elephantes e cavallos. Fi-

zeram isto por conselho de outro mouro principal, que lhes disse, que só por aquelle meio podiam ser ouvidos. Chegadas ao rei as noticias do que passava, e que a cavallaria e os elephantes pereciam, mandou logo conhecer da causa. Já n'este tempo estava passado decreto, que nenhum christão ficasse no reino, nem se prégasse mais n'elle a lei de Christo. Como o rei, e os ministros conheceram, que a falta, que fazia a retirada dos christãos aos provimentos da cavallaria e dos elephantes, nascia de o rei os não querer ouvir, e admittir-lhes as razões da sua justiça, chamou o primeiro ministro do rei os christãos mais principaes, e lhes deu vista das culpas, que Ramanaiquen, e os seus sequazes lhes tinham imposto, as quaes se reduziam a quatro. A primeira era, que os christãos nem adoravam os seus deuses, nem reverenciavam os seus templos: a segunda, que não havia entre elles cousa particular, mas que até as mulheres eram communs: a terceira, que as virgens haviam de ser desfloradas antes de se receberem: a quarta, que o timbre da lei dos christãos era beberem todos por um mesmo pucaro de barro o leite, e que bebiam cuspindo primeiro n'elle, dizendo aos christãos, que se pozessem contra o seu rei por parte dos europeos. A isto responderam: era muito verdade que elles não adoravam mais que a Deus verdadeiro, creador do ceu, e da terra, e que não haviam de adorar outro: que tambem era certo, que nem adoravam os seus deuses, nem reverenciavam os seus templos: que as mais culpas que se lhes imponham, eram falsissimas todas, e que, se provassem ser alguma d'ellas verdadeira, elles dariam mil cabeças ao talho, e todos os seus bens confisca-

dos, e mil patacas para o rei: d'isto passaram obrigação, e deram fiança.

Depois de quinze dias de detença, escreveu o rei ao governador de Comboconão, que tinha feito as execuções dos christãos, e lhe remetteu o assignado, que estes passaram em Tanjaor, e os mesmos, que o subscreveram. Não se póde crer o sentimento que recebeu aquelle bracmene, e os mais ministros, vendo que gente tão pouca em numero, como os christãos, pertendia estorvar seus intentos; e assim muitos d'elles votaram, que fossem arrastados pela cidade á cauda de um jumento, e mortos affrontosamente: que depois poderiam com algum crime imposto desculpar diante do rei este castigo. Porém o bracmene presidente lançou no meio do consistorio a carta do rei, dizendo: que se alguem se atrevia a provar qualquer dos crimes, que n'ella se continham, não só áquelles, mas aos mais christãos mataria logo: e que, se não se atreviam a proval-os, elle não podia mandar mais que o rei, o qual só provados os delictos, mandava proceder a castigo. Como se não poderam provar os crimes, deu o juiz por innocentes os christãos, ordenando por sentença publica, que podessem viver na sua lei, como até alli tinham vivido; com que ficou revogado o decreto passado.

Todo este successo tão outro do que se esperava, e do que se temia, affirma o P. Luiz de Mello na sua annua, em que refere os successos do anno de mil seiscentos e oitenta e cinco, se devera, abaixo de Deus, ao zelo, ao cuidado, ao trabalho, e á direcção do V. P. João de Britto, que n'aquelle tempo era superior da missão. E diz o mesmo P. Luiz de Mello que, quando julgavam todos, que com aquella perseguição acabaria a fé, não

só no reino de Tanjaor, mas tambem nos circumvisinhos, foi Deus Nosso Senhor servido, que a dita perseguição se convertesse em credito da sua santa lei.

CAPITULO XXVI.

ENTRA O V. P. JOÃO DE BRITTO NO REINO DO MARAVÁ: ENCONTRA-SE COM O GENERAL DO EXERCITO, QUE O PRENDEU.

O V. P. João de Britto dando por bem empregados os trabalhos, e fadigas, que teve n'esta occasião, deixando assim compostas as cousas do reino de Tanjaor, se passou ao reino de Maravá, onde havia desoito annos não ía missionario algum, por se temer grande perturbação n'aquella christandade, em respeito da perseguição, que o rei antecessor ao que então reinava havia feito no anno de seiscentos sessenta e nove, segundo referem as annuas d'aquelle tempo.

Como a entrada, que o V. Padre intentava fazer no reino do Maravá, era empreza tão ardua, para a eleição do meio mais conveniente a conseguir este fim, consultou um missionario muito antigo, para que n'esta materia o aconselhasse, como mais pratico. Pareceu ao consultado impossivel de conseguir o intento, e disse ao V. Padre: que se não cançasse na empreza do que lhe não era possivel conseguir, e para isto dava muitas razões, que provavam o seu conselho. Mas como o V. Padre nas suas resoluções seguia emprezas, que transcendiam a esphera ordinaria dos outros homens, vendo que lhe não apontava os meios, que procurava saber, mas que lhe queria

aconselhar desistisse do que intentava, disse ao Padre: que elle o não consultava, se havia, ou não havia de entrar no reino do Maravá; porque a resolução, com que estava, lhe não dava já logar para pedir conselho n'esta parte; mas que sómente pedia a sua reverencia lhe apontasse os meios mais convenientes, que se lhe offerecessem, para conseguir a dita entrada: que, supposto sua reverencia lhe não mostrava os meios, que pedia, elle se resolvia a ir sem embargo de não achar em sua reverencia a noticia, que procurava, fiado em que lhe inspiraria os meios, quem lhe dava os auxilios.

Resoluto assim o V. Padre João de Britto, inspirado e ajudado com particulares auxilios da Divina Providencia, entrou aos cinco de maio de mil e seiscentos e oitenta e seis no reino do Maravá com tão feliz successo, que baptisou até os dezesete de julho mais de dois mil e setenta, e confessou todos os christãos d'aquelle reino assistindo de dia e de noute, ou a confessar ou a baptisar, com tão grande trabalho, que os mesmos gentios se admiravam; e os christãos, que havia dezoito annos estavam esperando por quem lhes repartisse o pão da doutrina e dos sacramentos, ficaram muiito contentes e consolados em seu espirito, e com grande allivio de suas consciencias. Aos dezesetede julho determinou de ir para as provincias do norte, aonde mandou quatro catechistas, que tinham instruido grande numero de gente. No caminho, quando ia passando para uma terra grande chamada Mangalão, se encontrou com o governador do exercito do Maravá, que com mil soldados ia conduzindo a maior parte da gente da cidade e do paço, os quaes iam fazer certo juramento a um pagode distante d'alli oito leguas, para por elle se averiguar,

quem tinha roubado ao rei um collar de formosissimas perolas, e uma joia de grandissimo valor. Não quero faltar aqui á curiosidade do leitor: por isso referirei o modo d'aquelle supersticioso juramento, que é o seguinte. Na terça feira ao meio dia poem em cima do altar uma barra de ferro abrasado, o qual vão lambendo os sacerdotes do pagode, cada um em nome d'uma das pessoas, que hão-de fazer o juramento, e não dura este acto mais que até uma hora; e se algum dos sacerdotes queimou a lingua, aquelle por cuja tenção lambeu o ferro, fica culpado; e se a não queimou, é julgado por innocente. Depois de lamberem o ferro abrasado, os fecham em uma casa do mesmo pagode até ás tres da tarde, e então os vão ver tres grandes ministros e raspam-lhe muito bem a lingua com uma folha de palmeira: se dizem que não está queimada, fica tido por innocente o sujeito, em cujo nome se lambeu o ferro; e se affirmam, que se queimou, o dão por culpado. E n'aquella occasião entre mais de mil pessoas que eram, só duas sairam criminosas.

CAPITULO XXVII.

DÁ-SE NOTICIA DA PRISÃO DO V. P. JOÃO DE BRITTO, E DA CONSTANCIA, COM QUE ELLE, E OS SEUS CATECHISTAS SOFFRERAM OS TORMENTOS; E DE COMO FINALMENTE É PRONUNCIADO A' MORTE.

O general, que conduzia toda esta gente, sabendo que passava o V. Padre com mais cinco catechistas, o mandou prender; e trazidos todos á sua presença, lhes tomou tudo quanto tinham, e os mandou açoutar cruelissimamente com os loros dos cavallos, querendo persuadil-os a que invocassem o nome do celebre idolo Xivem, dizendo-lhes, que dissessem, *Xivá Xivá*. E como nem o V. Padre, nem os christãos quizessem pronunciar o tal nome, tendo os gentios porfiado n'esta demanda até alta noite, o carregaram de grilhões, e o amarraram a um cepo, no meio da praça, e no mesmo cepo lançaram os cinco christãos, e lhes pozeram uma companhia de guarda. Toda aquella noute estiveram em véla os soldados de Christo, fazendo sentinella ao ceu. Pela manhã veio toda a gente da villa, e a mais que se conduzia para o juramento, a ver aquelle expectaculo. Não é facil de crer, nem será facil de explicar as injurias, as affrontas, as tyrannias, e as molestias, que alli padeceram assim o V. Padre, como os catechistas; porque uns lhes davam bofetadas, outros

lhes cuspiam, outros lhes davam com páos, e todos os escarneciam, e zombavam d'elles.

Assim estiveram até o meio dia n'aquelle logar, onde a quentura do sol os abrazava, e o tumulto da gente os affligia. Depois do meio dia lhes deram tratos de agua, os quaes se executam d'esta sorte. Amarram ao padecente uma das mãos atraz com dura corda, e deitam-no em uma grande lagôa de agoa, onde se lhe poem um homem em cima, e depois o tiram á praia, para que diga o que querem, que confesse. Tanto que deram estes tratos ao V. Padre, e a seus companheiros, foram marchando com elles para uma fortalesa, chamada Calicoil, que distava d'alli tres legoas. No caminho usaram os gentios de grande crueldade com os nossos prezos, mas de muito maior usaram depois de chegar á fortaleza; porque um dos catechistas, homem já muito velho, por ser creado no paço, e muito conhecido do general, foi o maior objecto do seu odio; e assim depois de o mandar alli açoutar por mais de meia hora pela mão de muitos, e crueis soldados, o mandou arrastar nú por um monte abaixo todo cheio de espinhos, e grandes pedras, e lhe mandou arrancar todos os cabellos da barba, um por um. Julgando todos que o valoroso soldado de Christo estava morto, o mandaram queimar em duas, ou tres partes com um tição de fogo, o que elle por então não sentiu; e ao V. Padre o mandaram carregar de ferros nos pés: entre estes metteram uma estaca, e junto d'ella puzeram outra mais atraz, em que lhe prenderam as mãos pela parte das costas, ficando com esta invenção o corpo feito em um arco. Porém querendo os gentios segurar o V. Padre, e os catechistas, o tiraram d'aquella machina, e carregados de ferros metteram a

todos seis em uma pequena casa, na qual não cabiam bem tres pessoas: alli estiveram toda a noute; e já se contavam duas, e dois dias, em que não tinham comido cousa alguma. D'aquelle carcere os mandaram para outro, ainda que mais largo, muito mais horrendo por sua escuridão, e mau cheiro. N'elle estiveram doze dias com tal aperto, que só o poderia explicar quem o experimentou, e com tanta molestia, que só a saberia comprehender quem a soffreu. Depois de passarem tres dias inteiros sem comer, lhes davam de vinte em vinte e quatro horas um pouco de arroz cozido em agua.

Passados doze dias, mandou o general ordem ao governador da fortaleza, que lhe remettesse os prezos. Este satisfazendo não só á ordem, mas ao gosto do general os remetteu a tão bom recado, que os mandou amarrados com cordas pelos pulsos dos braços, e com grande guarda de soldados. Assim caminhavam até o logar, onde estava o general com o seu exercito, e mais ministros, sendo o caminho de cinco legoas, muito aspero, por ser de mattos e grandes penedias, no maior calor da canicula. Chegados finalmente áquelle logar, se levantou n'elle um tribunal de grande numero de ministros: o principal d'elles perguntou ao V. Padre, e aos catechistas um por um, se estavam resolutos a dizer, *Xivá Xivá*: e como todos respondessem que não, lhes deram muitas bofetadas; e dando a primeira ao V. P. João de Britto, offereceu elle a outra face para lhe darem a segunda; o que vendo um gentio do consistorio disse: o primeiro, que ensinou a lei, que este segue, deu por preceito o que elle agora obrou. Logo lhe intimaram a sentença do rei, que dizia assim: por este Gru, ou mestre da lei do Senhor de tudo, vir

ensinar uma nova seita a estes reinos em tudo contraria ás nossas, e por não querer pronunciar o nome do grande deus Xivem, nem ordenar a seus discipulos, que o pronunciem, lhe serão cortados os pés, e as mãos, e será espetado: e o mesmo castigo se dará aos seus maiores catechistas; e aos tres mais pequenos cortarão um pé, uma mão, os narizes, a lingua, as orelhas, e os largarão com vida.

Depois que lhes deram esta sentença, açoutaram cruelissimamente assim ao V. Padre, como aos catechistas grandes, e lhes deram tratos em cima de uma penha de pedra pomes, onde os pozeram estendidos só com um pequeno panno atado pela cintura, e deitando-os ora de bruços, ora de costas, pondo-lhes em cima sete ou oito pessoas, lhes faziam entrar pelo corpo os bicos das pedras, molestando-os mais, que as agudas pedras, o grande calor do sol, que n'ellas reverberava. Depois d'isto veiu o carpinteiro com um espeto, e enxó para cortar os pés, e as mãos ao V. Padre e aos catechistas, o que então se não executou, por chegar uma carta do rei ao general, em que lhe dizia, que seu cunhado estava resoluto a se rebellar contra elle, e chamava em sua ajuda ao rei de Tanjaor: pelo que deixasse toda a execução, e occupação, que tivesse para outro tempo, e marchando logo com toda a gente de guerra, com que se achasse, se fosse ver com elle. Tornaram então a carregar o V. Padre e os catechistas de ferros, e os metteram em um terrivel carcere com extraordinarias cautelas e guardas, onde estiveram dezoito dias, no fim dos quaes veiu um escrivão intimar ao V. Padre a sentença, que contra elle pronunciara o rei por informação pessoal, que lhe deu do caso o mesmo general, que o havia mandado

prender e açoutar. A sentença era: que só o V. P. João de Britto fosse morto e espetado, depois de lhe cortarem os pés, e as mãos. Ouviu elle a sentença e perguntou, se logo alli a haviam de executar, ou se havia de ser em outro logar: respondeu-lhe o escrivão: que, como viesse segunda ordem do rei, então se saberia.

Deu o V. Padre graças a Deus pelo beneficio, ordenando aos christãos que tambem as dessem, e todos rezaram em acção de agradecimento um rozario a Nossa Senhora, para que lhe alcançasse de seu filho graça final.

CAPITULO XXVIII.

SUSPENDE-SE A EXECUÇÃO DA SENTENÇA: É LEVADO Á CORTE: TEM AUDIENCIA DO REI, O QUAL REVOGANDO O DECRETO, O MANDA SOLTAR E AOS CATECHISTAS.

PASSADOS quatro dias, chegou ordem d'el-rei para que o V. Padre e os catechistas fossem levados á côrte, que distava d'alli trinta leguas. Lançaram-nos então em algemas de dois em dois; e conduzidos de bom numero de soldados os mandaram para a côrte, aonde chegaram depois de cinco dias de jornada com os pés vertendo sangue, e tão chagados, que até a muitos dos gentios causavam compaixão. Alli lhes deram por carcere a estrebaria dos cavallos, para accumularem aos mais despresos esta affronta. Em tal prisão esteve o V. Padre João de Britto mais de um mez, lançado em grilhões de extraordinaria grandeza. Foram muitos dos maiores letrados dos gentios a disputar com elle, e todos pela graça de Deus sairam convencidos e tão admirados, que foram dizer ao rei: que o V. Padre ensinava uma doutrina muito rara; e ainda que era contraria á sua, a provava com taes razões e comparações, que ninguem lhe podia resistir. Outros diziam: que era ignorantissimo e que só o odio, que tinha aos seus deuses, lhe fa-

zia dar algumas razões falsas na realidade, e verdadeiras na apparencia.

Movido com aquellas noticias o rei, mandou tentar ao V. Padre por muitos ministros, e por seu mesmo filho mais velho, para que invocasse o nome de Xivem, ou ao menos mandasse aos christãos, que o invocassem; porque tinha por grande menoscabo de sua pessoa o perder-se-lhe em publico o respeito. Porém certificado já com largas experiencias, que o V. Padre não havia de invocar o seu idolo, se resolveu a chamal-o. Vindo o V. Padre á sua presença, o rei sem lhe fallar em Xivem, teve com elle uma larga pratica, e lhe perguntou pela doutrina, que ensinava: respondeu-lhe que a doutrina, e o caminho que ensinava era a da salvação: e assim lhe foi explicando um por um os preceitos do Decalogo. Ouviu o rei com grande attenção, e perguntou todas as duvidas que lhe occorreram, a que o V. Padre satisfez com tão cabaes respostas, que o rei diante de toda a sua côrte disse: verdadeiramente que não ha, nem pode haver lei mais santa, do que esta; porque manda fazer tudo o que é virtude, e fugir de tudo o que é peccado: e disse voltando-se para o V. Padre, qne se não esquecesse de lei tão santa, nem do Deus, que adorava: e que elle não queria se executasse a sentença, que havia assignado contra elle, e contra os seus catechistas. A isto disse aquelle general, que o havia preso: porque não invocaes a Xivem? Respondeu, que só quem adorava a Xivem o invocava: que elle só adorava ao Deus verdadeiro, creador do ceu, e da terra, e por isso sómente a este Senhor havia de invocar. Ouvida esta resposta pelo rei, disse: eu não vos pergunto por isso, nem vos ordeno tal cousa; mas só vos man-

dei chamar para saber da doutrina, que ensinais: ainda vinde cá amanhã, e fallaremos mais devagar n'esta materia.

No outro dia, ainda que soltaram os catechistas, não quizeram soltar o V. Padre, por lhe não darem entrada no paço, para segunda vez fallar ao rei; e diziam que era necessario não tornasse a fallar com elle; porque assim como da primeira vez o enfeitiçara para lhe perdoar, e aos seus catechistas, depois de ter firmado contra elles duas vezes sentença de morte, assim tambem o enfeitiçaria para o fazer da sua religião: e por esta causa ainda depois d'isto o tiveram quinze dias prezo na estrebaria dos cavallos, no fim dos quaes por cair um dia solemne, em que o rei costumava dar perdão a todos, á vespera do dito dia os ministros juntos dando o recado da parte do rei o foram soltar: e com a liberdade, que lhe deram, acabou a tempestade, e se suspendeu o martyrio do V. P. João de Britto, e dos seus catechistas, não faltando elles ao martyrio, mas faltando o martyrio a elles.

CAPITULO XXIX.

NOTAM-SE ALGUMAS COUSAS DIGNAS DE REPARO, QUE SUCCEDERAM NO TEMPO DA PRISÃO.

Livre assim o V. Padre, e os seus catechistas, tratou logo de fazer todas as diligencias por fallar ao rei segunda vez, para ver se podia reduzil-o a que de todo conhecesse a verdade da nossa fé, e os erros da sua gentilidade, e conhecidas bem uma, e outra cousa, se resolvesse a largar a idolatria, e adorar o verdadeiro Deus, fazendo-se christão; ou ao menos para ver, se podia alcançar ampla licença, com a qual podesse livremente prégar no seu reino, sem que ministro algum lh'o podesse impedir. Mas como os seus vassallos receavam isto mesmo, que o V. Padre intentava, empregaram todas as forças da sua industria em lhe impedir esta entrada: e quantas mais eram as suas diligencias para a conseguir, tantas mais eram as industrias dos vassallos para a estorvar. Mas, sem embargo de todas as cautelas, já tinha disposto fallar ao rei, e tambem comprado o consentimento d'aquelles, em cuja mão estava o admittirem-no á real audiencia, quando recebeu aviso do seu provincial, para que fosse logo ver-se com elle, porque tinha certos negocios de importancia, que lhe communicar. Como o V. P. João de Britto observava tanto á risca a virtude da obediencia, foi-

lhe preciso deixar para outra occasião esta diligencia, e ir com toda a brevidade a buscar o seu prelado. Mas nós não havemos de deixar para outra occasião o contar alguns prodigios, que Deus obrou, quando o prenderam.

Entre outros foram tres os que com mais admiração se observaram. Foi o primeiro prodigio, que indo o V. Padre lançado em algemas com tantas affrontas, e algazáres dos gentios, vendo, e reparando todos a boa cara com que ouvia, e soffria tudo entre tantos executores d'aquellas tyrannias, vieram muitos (até dos bracmenes) dizendo, que se queriam converter; porque lei, que ensinava a soffrer tantas affrontas com bom animo, e fazer mais caso d'ellas, do que o mundo faz das honras, não podia deixar de ser verdadeira.

Foi o segundo prodigio: que dos tormentos ficaram o V. Padre, e os seus catechistas tão feridos, que julgavam todos era moralmente impossivel poderem viver: e tendo este conceito tão evidentes e forçosos fundamentos, foi Deus servido, que sarassem em breves dias sem mais subsidio, que o das miserias, que passavam; sem mais cura, que a das prisões, que soffriam, accumulando-se ás crueis rasgaduras dos açoutes, que nos corpos eram perennes fontes, as tyrannas feridas dos pés, que pelos caminhos asperos eram correntes rios; sendo allivio d'este cruel caminho os rigores de uma prisão sobre mui affrontosa mui aspera; servindo de refrigerio a tanta crueldade a necessidade continua de tudo o que podia ser sustento á vida, e refrigerio á pena.

Foi o terceiro prodigio, que nos tratos, os quaes, como atraz dissemos, deram sobre as pedras ao V. Padre, e aos companheiros, a um d'elles que-

braram um dos olhos. Acodiu o V. Padre a consolal-o, dizendo-lhe se não affligisse, e repetindo-lhe a sentença de Christo, que melhor era entrar no ceu com um só olho, que no inferno com dois: e fazendo logo o signal da cruz sobre elle, foi Nosso Senhor servido restituil-o são com extraordinaria admiração dos idolatras: e o bom christão dizia com sentimento igual á sua fé, que merecia muito pouco a Deus; pois tendo muitos a dita de dar a vida pela fé, elle a não tivera de dar ao menos um dos olhos da cara. É certo que a fé d'este christão lhe fez não sentir, nem reparar em perder um dos olhos. Mas a providencia, e misericordia de Deus fez, que milagrosamente alcançasse saude pelos merecimentos d'aquelles actos, com que firmemente cria, e por cooperação do contacto do V. P. João de Britto.

TERCEIRA PARTE.

EM QUE SE CONTEEM AS ACÇÕES QUE O

V. P. JOÃO DE BRITTO

OBROU DEPOIS QUE CHEGOU A PORTUGAL, E DEPOIS QUE DE PORTUGAL SE EMBARCOU SEGUNDA VEZ PARA A INDIA, ATÉ CONSUMMAR A VIDA COM O GLORIOSO MARTYRIO.

CAPITULO I.

CHEGA A LISBOA, ONDE É RECEBIDO POR EL-REI COM SUMMO AGRADO: PARTE PARA OS COLLEGIOS DA COMPANHIA A CONVIDAR OPERARIOS PARA A SUA MISSÃO.

Em oito de setembro de mil seiscentos oitenta e oito aportou na côrte de Lisboa o V. P. João de Britto: saltou em terra, tomou a benção ao seu prelado, deu-lhe conta do negocio a que o mandava a obediencia, e foi ao paço beijar a mão a el-rei, que o recebeu com uma tal demonstração de gosto, como se em conhecimento sobrenatural estivera vendo o que até alli

havia padecido e obrado, e o que d'alli em diante tinha para obrar e padecer. E como a conclusão dos negocios, que da sua missão o traziam a Portugal, dependia em tudo da protecção de sua magestade, communicou-lhe todos os designios d'aquella jornada, pedindo-lhe para os conseguir a sua real protecção.

Ouviu Sua Magestade o requerimento e reservando para seu tempo o deferir-lhe, tratou o V. Padre logo de não perder hora na applicação dos negocios a que vinha. E como lhe pareceu, que procurar sujeitos para na monção de março seguinte enviar para a missão, devia ser o que primeiro começassé a obrar, tratou de se pôr a caminho para os collegios de Santarem, Coimbra, Porto e Braga, a intimar áquelles religiosos todos a falta de sujeitos, que havia na sua missão em ordem á cultura de tão grande seara; para que afervorando-os com o exemplo, e com as razões, colhesse este primeiro fructo. Poz-se a caminho, e foi de Lisboa a Santarem, em cujo collegio esteve os dias, que lhe foram necessarios; e continuando a sua derrota, partiu para Coimbra. Assistia n'este tempo sua mãe na cidade de Portalegre, vinte e seis legoas distante de Lisboa; e havendo quatorze annos, que se tinha apartado d'ella, não bastou tão dilatada ausencia, para que chegando a Portugal não tratasse de mostrar, que para elle estavam em primeiro logar as obrigações do officio, que as leis do sangue; porque chegando-lhe a Lisboa carta de sua mãe, em que significava o gosto excessivo, que tinha da sua boa vinda, e o grandissimo, que teria da sua vista, e já que ella não podia antecipar-se porque os seus annos lhe não davam logar a fazer jornada, lhe pedia encarecidamente quizesse ir

alliviar-lhe uma saudade tão longa. Respondeu á carta com a reverente modestia, que lhe dictava a sua virtude, e o seu juiso, concluindo que elle passava a Coimbra a tratar do negocio, que o trazia a Portugal, e que na volta iria tomar-lhe a benção.

Partindo, como diziamos, de Lisboa para Santarem e de Santarem para Coimbra, indo chegando á villa da Golegã, lhe disse um padre de auctoridade, o qual n'aquella jornada ia por seu companheiro, que d'alli meia legoa, onde chamam o Pinheiro Grande, vivia sua irmã D. Luiza Maria de Britto (o que elle sabia muito bem), que a fosse ver de caminho; pois não perdia por isso nem jornada, nem negocio. Respondeu, que elle não vinha a Portugal a ver parentes, senão a servir sua religião: que na volta faria aquella diligencia. Julgando o padre companheiro, que esta resolução parecia excesso, como era religioso de auctoridade teve-a para lhe dizer, que tal determinação lhe não parecia bem, nem lh'a approvava: que sua reverencia fosse ver sua irmãa; e que, se assim o não fazia, elle se eximia de seu companheiro, e ficaria sempre seu queixoso. Convencido, e obrigado com estas razões, fez aquella breve digressão de meia legua, e foi ver sua irmãa; e assistindo com ella tempo muito breve, partiu logo para Coimbra.

Partiu do Pinheiro para Coimbra, e d'ahi passou aos collegios do Porto, e Braga, nos quaes foi recebido com os applausos, que merecia. Fez as suas propostas, relatou os seus trabalhos, insinuou os seus intentos, persuadiu os seus designios, moveu a muitos, e admirou a todos. E como entre estes collegios o de Coimbra é o de mais sujeitos, e onde podia colher melhor fructo, dispoz de tal sorte a sua proposta, que achando-se ahi pela festa do natal, e na

na presença do menino Deus nascido no presepio, propoz como ia buscar n'aquelle collegio sujeitos que o acompanhassem para a India, imitando o exemplar de Jesu Christo, missionario vindo do ceu á terra por mandado de seu Eterno Pae.

No tempo em que assistiu n'estes collegios, teve sua mãe aviso, que elle a não poderia ir ver a Portalegre, senão d'alli a alguns mezes: com esta noticia se resolveu a ir ao Pinheiro, dezeseis leguas d'aquella cidade, a casa de sua filha, afim de que, passando o filho de Coimbra para Lisboa, lhe mandasse dizer que alli estava e a viesse ver; pois para chegar áquella quinta não torcia mais, que meia legua. Assim succedeu, porque partindo de Coimbra, e sabendo como sua mãe o estava esperando n'aquelle sitio, lhe foi tomar a benção, e gastando alli alguns dias, passou a Lisboa, onde começou a tratar das cousas para que fôra enviado a Portugal.

CAPITULO II.

IMPEDIDA A JORNADA A ROMA PARTE DE LISBOA PARA EVORA, E D'AHI PARA PORTALEGRE A VISITAR D. JOÃO MASCARANHAS BISPO D'AQUELLA CIDADE, E A SUA MÃE.

Uma das primeiras obrigações dos procuradores geraes, que vem da India, é passarem a Roma, para dar conta ao seu geral do estado das missões, dos negocios a que vem assistir, dos requerimentos, que lhes é necessario fazer, e de tudo o mais, a que o seu prelado os manda. Esta jornada a Roma dispunha o V. Padre, quando soube, que o pontifice Innocencia XI havia mandado, que todo o missionario, que em Roma se achasse, fizesse juramento de sujeição, e obediencia á junta *de Propaganda Fide*, cujo juramento nos missionarios Portuguezes era em perjuiso do direito da corôa de Portugal. Com este obstaculo se resolveu a escrever ao seu geral, dando-lhe conta de tudo o que tocava áquella materia, para que suppostas as controversias presentes, resolvesse sua paternidade, se havia ou não havia de ir a Roma.

Expedido para Roma este aviso, passou o V. P. João de Britto ao collegio de Evora, e fazendo a dilação, que pedia o negocio, que ahi o levava, passou a Portalegre para visitar o bispo D. João de

Mascaranhas, pessoa em quem competiam com indeterminada vantagem o excellente das virtudes com o illustre do sangue. Avistaram-se com excessivas demonstrações de gosto: contenderam as cortezanias com notaveis apertos. Prostrou-se o V. Padre para tomar a benção ao bispo: chegou este a lançar-se por terra (querendo antes receber a benção, do que dal-a) para tomar a benção ao V. Padre. No V. Padre instava a obrigação e a modestia, e no bispo porfiava a benevolencia, e a veneração; um instava, outro não cedia: o V. Padre fez o que devia, e não pôde fazer mais: o bispo fez mais do que devera, mas não estava na sua urbanidade fazer menos. Fez cada qual o que queria, sem nenhum conseguir o que intentava; porque ambos mutuamente beijaram as mãos, e apostadamente negaram as bençãos.

Concluidos estes primeiros, e tão cortezãos agasalhos, começaram a saudar-se; e passadas uma ou duas horas de conversação, saiu o V. Padre a ver sua mãe para lhe tomar a benção e com pouca dilação se foi ao collegio d'aquella cidade.

CAPITULO III.

REFERE-SE O QUE LHE SUCCEDEU NA JORNADA DE EVORA A PORTALEGRE.

Na passagem de Evora para Portalegre, foi o V. P. João de Britto a uma villa, que se chama Monforte, onde vivia seu irmão Fernão Pereira de Britto, e feita breve saudação, tratou de seguir a sua jornada, que n'aquelle dia tinha já sido de quatro leguas, para ir dormir a Portalegre, que d'ista dalli outras quatro, e com effeito se pôz a caminho: mas ao sair do logar principiou tal tormenta de vento, e agua, que ainda a quem fosse atraz de um grande negocio suspenderia a jornada, e com maior razão achando-se em povoado, e onde vivia seu irmão a quem não tinha visto havia quatorze annos: mas como elle estava costumado a desprezar maiores tormentas dos elementos, e maiores tempestades dos homens, nada lhe fazia obstaculo a proseguir, nem o obrigava a voltar; antes contra os rogos, que se lhe faziam, para que suspendesse por aquelle dia a jornada, com apostada resolução persistia no intento, e desattendia ás persuasões. Ia por seu companheiro um religioso de grande auctoridade, e prendas, cancellario da universidade de Evora. Vendo este, que o V. P. João de Britto se resolvia a caminhar sem attender, nem deferir ao que se lhe

dizia, e rogava, voltou para elle com uma singular galantaria, e lhe disse: Padre João de Britto, se vossa reverencia quer hoje com a terribilidade d'este dia ir dormir a Portalegre, parece-me muito bem: vá com Deus, que eu determino dormir esta noute em um logar, que chamam Monforte, em casa de um amigo, que ahi tenho, que se chama Fernão Pereira de Britto; pela manhã, se fizer bom tempo partirei para Portalegre em seguimento de vossa reverencia, e lá nos veremos.

Pareceu ao V. P. João de Britto, que devia accommodar-se com a persuação do padre companheiro, e desistindo do caminho voltou para Monforte ficando a jornada para o dia seguinte. Nas horas que n'aquelle logar se deteve, succedeu um caso que parece admiravel. Ha alli um convento de religiosas de S. Francisco: n'este estava por educanda uma sobrinha do V. P. João de Britto, filha de seu irmão Fernão Pereira de Britto. Pediu-lhe o tal irmão, que, já que alli se achava, lhe quizesse ir lançar a benção. Recusava o V. Padre esta diligencia com fundamento de não ir a convento de freiras: foi finalmente, e como já era patente a todos a sua vida, o veneravam as religiosas com especial desejo de o verem, e com maior que todas uma religiosa de maior supposição, chamada Maria dos Seraphins. Havia esta recommendado muitas vezes ao irmão do V. P. João de Britto que, indo elle áquella villa lhe pedisse muito, fosse ao seu convento, onde queriam todas as religiosas ter o gosto de o ver, e a consolação de lhe tomar a benção. Chegando o V. Padre á grade da igreja, onde concorreram logo todas as religiosas, como o irmão do V. Padre não visse alli a madre Maria dos Seraphins, mandou-a logo cha-

mar: voltou com a resposta quem levou o recado, dizendo que já vinha. Como o V. Padre não queria fazer muita dilação, sem embargo de seu irmão lhe pedir se não fosse sem fallar áquella religiosa, que desejava summamente vel-o, intentou apartar-se sem esperar, que ella chegasse; mas conseguindo os rogos do irmão, que fizesse mais uma dilação breve, ao terceiro recado chegou a religiosa com grande ancia do não ser a primeira, que alli se achasse, e muito mais de ser necessario mandarem-na chamar tantas vezes para vir, aonde tanto desejava. Chegou á presença do V. P. João de Britto, e pedindo-lhe com muita cortezania e discrição a benção com o perdão da culpa, que conhecia haver commettido em ser a ultima que alli chegasse, as primeiras palavras, que o V. Padre lhe disse, foram estas: madre, a verdadeira tença é salvar, e tudo o mais d'esta vida é nada: tratar da salvação, que as tenças cá ficam. E mettendo outra pratica com pouca mais dilação se despediu das religiosas. Passados poucos dias fallando esta religiosa com o irmão do V. P. João de Britto, lhe perguntou se porventura advertira nas primeiras palavras, que o V. Padre lhe dissera tanto que chegou á sua presença? E respondendo, que não estava advertido, replicou a mesma: lembrado estará vossa mercê que para eu vir ver o V. Padre foi necessario que mandasse dois, ou tres recados, sendo que eu era a que mais desejava vel-o, e a que mais trazia no cuidado ser a primeira que lhe fallasse. Pois foi o caso, que sendo-me muito necessario mostrar certo papel de um retro de trigo, que se me paga n'esta villa, o andava buscando no meu escriptorio entre outros papeis: e quando me deram o primeiro recado, respondi que já ia, e fiz mais

alguma diligencia pelo achar; e sendo já em mim grande a ancia por ver que me detinha, fui recolhendo os papeis, que tinha fóra das gavetas, para deixar a diligencia e ir buscar o V. P. João de Britto: chegou segundo recado respondi; que eu ia: e deixando os papeis no estado em que estavam, e vendo que não achava o que me era necessario, disse comigo muito afflicta: bem fico eu agora, se perco a minha tença: e vindo já para onde me chamavam achei no caminho terceiro recado do qual levei a resposta; e chegando á presença do V. P. João de Britto, me disse: madre, a verdadeira tença é salvar, e tudo o mais d'esta vida é nada; tratar da salvação, que as tenças cá ficam. Lembrou-se então o irmão do V. Padre d'algumas d'aquellas palavras, e tendo reconhecido a verdade da religiosa, ponderando as circumstancias antecedentes a este dito, fez um conceito que até agora viveu por decreto da modestia nas prisões do segredo, e que agora vivirá por credito da virtude na verdade d'esta historia.

CAPITULO IV.

VOLTA A LISBOA: TRATA DOS NEGOCIOS DA MISSÃO: FAZ-LHE SUA MAGESTADE FORTES INSTANCIAS PARA QUE FIQUE DE ASSENTO NA SUA CORTE.

GASTANDO em Portalegre alguns dias, passou á corte para tratar dos negocios da missão. O primeiro foi pedir a sua magestade renda para os catechistas, ao que el-rei deferiu não só com larga mão, mas com brevidade. Não sei qual é mais para louvar nos principes, se a grandeza, com que despacham, se o breve espaço, em que concedem a graça: o certo é, que rara vez se acha principe, que não pensione a grandeza da mercê com o encargo da dilação. Perdoe-me o leitor d'esta digressão breve, por não ser das que me concede o estylo d'esta historia. Assim no modo com que o V. Padre se havia n'esta sua pertenção, como em todas as mais acções, foi sua magestade fazendo um tão siugular conceito do V. P. João de Britto, que se resolveu (segundo o que depois se viu) a fazer com elle, que ficasse na corte. Começou-lhe a significar o seu desejo, e que este nascia do muito, que lhe era conveniente tel-o no seu lado. Desattendendo estas primeiras razões o V.

P. João de Britto, tratando só de attender á conclusão dos negocios, a que viera a Portugal: e como lhe era preciso communical-os todos a sua majestade, foi-lhe forçoso fazer no paço aquella assistencia, que requer a pertenção de muitos negocios. N'estas assistencias se confirmava mais na estimação d'el-rei, que sabia pezar bem o valor d'aquelle talento, e crescia n'elle o desejo de o adquirir. Cada qual dos mais illustres cavalheiros da côrte estimavam tanto a sua amisade, que continuamente lhe assistiam ou todos, ou cada um. E como experimentavam n'elle uma verdade sem affectação, uma lhaneza sem ceremonia, uma benevolencia sem lisonja, uma virtude sem sobrescrito, e um talento sem presumpção, desejava cada qual ser o seu maior amigo, e julgava, que ficar o V. Padre em Portugal era o mais acertado accordo, e seria a mais bem acceita resolução, de quem lhe podia mandar, que não tornasse á India.

Declarou-se sua majestade com o V. Padre, e disse-lhe tinha gosto de que ficasse em Portugal, e que esta resolução nascia de que lhe era necessaria a sua assistencia. Com todo o decoro e modestia recusou tão singular mercê, que lhe propunha o real affecto de um principe tão soberano, pedindo-lhe com toda a submissão e respeito lhe não quizesse estorvar a volta para a sua missão; porque todo o seu desejo era acabar n'ella a vida, ou consumindo-a com trabalhos pelo amor de Deus, ou entregando-a nas mãos do martyrio pela fé. Que elle conhecia de si não tinha mais prestimo, que para missionario: que o deixasse sua majestade continuar com a vida, para que Deus o havia chamado. Com estas e outras reverentes deprecações tratava de não ficar em

Portugal. Não queria sua majestade admittil-o a razão alguma, que defendesse a sua escusa. Com tudo não deixava o V. Padre de persistir no seu proposito, sem faltar ao decoro na continuada resistencia. Aqui recorreu sua majestade ás delicadezas do seu juizo, para convencer ao V. P. João de Britto com a força de um argumento, querendo provar, que ainda para a cultura da missão era mais util a sua assistencia na côrte, do que em Madurei, e argumentava assim: pergunta, padre, quem trabalhará mais na cultura d'uma vinha, um operario, ou muitos operarios? Isto não é materia de questão: indo vós para Madurei, tem a missão um operario, ficando vós em Portugal, mandarei todos os annos muitos, porque para isso tem o vosso zelo, a vossa agencia, a vossa auctoridade, e o meu favor, o que tudo cessa não estando vós na côrte para sollicitar estas disposições: bem tem mostrado a experiencia a verdade d'esta proposição. Pois, se de ficardes em Lisboa, resultará á missão ter muitos operarios para a sua cultura, o que não terá senão ficardes, e se é maior a cultura de muitos operarios, que de um só, colhe-se por legitima conclusão, que á mesma missão convém mais ficar o Padre João de Britto em Portugal que voltar para Madurei.

Ouvido pelo V. P. João de Britto este argumento, respondeu: que elle não tirava nem evitava os meios, para que houvesse muitos missionarios, antes para persuadir a todos que o fossem, viera a Portugal, e determinava tornar á missão para mover a uns com os rogos, a outros com o exemplo: que fiava do catholico zelo de sua majestade; havia de obrar na sua ausencia a favor da missão com o mesmo empenho, com que o faria na sua presença;

finalmente, que movido do que com toda a humildade tinha replicado, lhe havia de dar a seu tempo licença para voltar. Não quiz nunca sua majestade largar palavra, que construida pelo desejo do V. P. João de Britto, se podesse chamar licença, antes constantemente dizia, que o não havia deixar ir.

animo d'el-rei; e tratando de consultar esta materia com quem era obrigado a dizer-lhe, se encarregava ou não a sua consciencia em obrigar ao V. P. João de Britto a ficar em Portugal, disse ao seu confessor o P. Manuel Fernandes, da companhia, que com toda a attenção, que pedia a gravidade da materia, consultasse este ponto, e o communicasse com o P. Sebastião de Magalhães tambem da mesma companhia, e lhe dissessem ambos se sem offensa de Deus podia obrigar ao V. Padre, que se não fosse de Portugal, supposto achar-se no dito V. Padre singular prestimo para occupações mui relevantes.

Recommendada por sua majestade esta diligencia ao seu confessor, iam-se preparando as naus para a commum viagem de todos os annos, e o V. P. João de Britto ia trabalhando com toda a diligencia para haver de ir. Era tão apostada a sua resolução, que muitas vezes disse (e muitas pessoas podem testemunhar esta verdade): que se sua majestade se determinasse a lhe não dar licença, e o obrigasse a ficar em Portugal, se havia de fingir louco, e havia de andar tirando pedradas aos rapazes, para que fazendo-se conceito que elle endoudecera. o deixassém, e elle buscasse via para voltar á India. Tal era a força da vocação, e tal a efficacia do auxilio! Bem sabia Deus a quem dava as suas inspirações, e bem sabia S. Francisco Xavier a quem tinha recommendado a sua imitação. Como o V. P. João de Britto não tivesse ainda licença, que por todas as vias procurava, e fazia conta de ir por qualquer via que fosse, ver que se chegava o tempo da viagem, o alegrava; conhecer que lhe faltava licença, o affligia. Intendeu que a rainha era particularmente empenhada, que elle não fosse; e presumindo que esta

força só bastaria para el-rei lhe não dar a faculdade que procurava, buscou ao P. Leopoldo Fués, confessor da rainha, e pediu-lhe com summa instancia, e com extraordinarias acções de humildade, fizesse intender á rainha, que estorvar a sua ida para a India, era encargo da consciencia de sua majestade. Fez o Padre confessor esta diligencia com toda a que esteve na sua mão; e foi para o successo tão bem afortunado, que muitas pessoas de religião, e auctoridade ou zelosas do bem das almas d'aquelles gentios, ou compadecidas das ancias, e deprecações do V. Padre, como piamente se póde crer, o ajudaram n'esta empresa com tanta industria e efficacia, que persuadiram á rainha, que seria contra o serviço de Deus reter o V. Padre em Portugal. Como a rainha era tão timorata, sem embargo de que desejava summamente ficasse o V. Padre, cedeu do seu empenho, e ajudou o requerimento por se persuadir que assim o devia fazer em ordem a maior agrado, e serviço de Deus.

Foi esta ultima diligencia tão poderosa, que, se não foi a causa total de conseguir a licença que procurava, foi a mais principal.

CAPITULO VI.

ALCANÇA FINALMENTE LICENÇA DE SUA MAJESTADE PARA SE EMBARCAR PARA A INDIA: DESPEDE-SE DOS PARENTES, E DOS AMIGOS.

No tempo em que andava n'estas diligencias, teve aviso do seu geral, que não era necessario ir a Roma. Quasi se chegava o tempo da desejada partida, e só restava a expressa licença de sua majestade. Já então não fallava n'esta materia, como em duvida, senão como em certeza: e dizia a el-rei, que suppunha a licença por infallivel; porque sua majestade lhe não havia de negar o que não podia deixar de lhe conceder: que sobre aquella materia havia representado tudo o que concluia a sua pertenção: que só restava a expressa licença, que imaginava concedida. Já a sua majestade não impedia a concessão da licença mais que o saber a resolução da proposta, que havia feito ao seu confessor o Padre Manuel Fernandes, o qual em conclusão lhe disse: que sua majestade não obraria justissimamente, se impedisse tornar o V. P. João de Britto para a India; e que do mesmo parecer fôra o P. Sebastião de Magalhães. O grande zelo de Sua Majestade nos particulares da religião catholica fez que esta resposta franqueasse a licença, que o V. Padre desejava, para fazer aquella tão querida, tão apetecida, e tão procurada jornada,

dirigida a continuar na cultura da seara onde o haviam maltratado tantas pedras, onde o haviam martyrisado tantos espinhos, onde o haviam desconsolado tantas sequidões. Aqui conseguiu o V. Padre o primeiro vencimento para a sua conquista: aqui se considerou com a primeira disposição para tão prodigiosas emprezas que proseguiu, e para tão gloriosos triumphos que alcançou.

Havia já finalisado todos os seus negocios, e tinha-os concluido com tanta felicidade, que só lhe faltava a fortuna de se ver segunda vez na sua missão. No discurso do tempo que esteve em Portugal, foi duas vezes a Portalegre, sendo igual motivo d'esta jornada vêr sua mãe, que alli vivia, e vêr o bispo d'aquella cidade, D. João Mascaranhas, de quem já fallámos, com quem tinha intima amisade, e communicava os seus maiores negocios. A ultima vez que se apartou da mãe, ainda que não foi com total desengano de que se despedia, foi com claras mostras de que se apartava para sempre; e a seu irmão, e mais amigos de quem claramente se dava por despedido, dizia com uma notavel inteireza, adeus até ao dia de juizo; e sendo entre todos um dos seus maiores affeiçoados o bispo de Portalegre, D. João Mascaranhas, succedeu que desejando este ir de Portalegre a Lisboa dar-lhe os ultimos abraços, e obstando razões muito forçosas, que precisamente lh'o impediam, partiu o caminho, e foi á villa de Punhete, que está situada entre o rio Tejo, e o rio Zezere, n'aquella parte onde este entrando no Tejo faz um angulo agudo, a qual villa dista de Lisboa dezenove legoas. Tinham ajustado o bispo e o V. P. João de Britto, que, repartindo o caminho entre ambos, se ajuntassem no sobredito logar, para alli se apartarem

mutuamente com as ultimas despedidas. Saindo de Lisboa o V. Padre, abalou de Portalegre o bispo, e chegaram ambos a Punhete na mesma hora; o que parece não carece de mysterio: fique este á consideração do leitor. Ao segundo dia depois de terem chegado, se deram reciprocamente os derradeiros abraços, e n'elles derramou tantas lagrimas o bispo, evidente argumento da sua saudade, e manifesta demonstração do seu amor, que querendo sair com o V. Padre até a margem do Zezere, em que se embarcou, lhe disseram os que alli assistiam: que não convinha á decencia de um prelado veremno chorar em publico, e com excesso. O V. P. João de Britto, parecendo que fazia gala da sua inteireza, dizia ao bispo: que as lagrimas eram tão escusadas na presente occasião, como improprias na sua pessoa: e dizendo estas palavras, se ausentou.

CAPITULO VII.

VENCE A MAIOR DIFFICULDADE, QUE SE LHE ARMOU, PARA SE NÃO EMBARCAR, E ULTIMAMENTE DÁ Á VELA NA NAU ALMIRANTE.

FEITAS assim as despedidas dos amigos todos, que eram muitos, e preparadas as naus, só restava chegar o dia destinado para se embarcar com seus companheiros. Tinham-se feito prestes duas naus, e na capitania se embarcou a maior parte dos padres, que iam n'aquella monção: o V. P. João de Britto ía na almiranta com dois companheiros. Chegou-se o dia, em que as naus haviam de botar para fóra, e estavam já a bordo os companheiros; mas o V. Padre, como havia de ser o ultimo, no mesmo dia, ao tirar peça de leva, saiu do collegio de Santo Antão, e indo embarcar-se, passou por côrte real, e subiu a dar um abraço ao marquez de Marialva Dom Pedro Luiz de Menezes, seu particular amigo. Feita esta demonstração de benevolencia, querendo voltar a embarcar-se, lhe disse o marquez o não fizesse sem ir beijar a mão a el-rei: respondeu-lhe, que essa diligencia estava feita no dia de antes, e já não tinha mais tempo, que para se ir embarcar com seu companheiro, pois elles eram os ultimos. Replicou o marquez dizendo: que as naus não trincavam amarra n'aquelle dia, que seguramente podia deter-se sem perigo algum, e que fosse beijar a mão

a el-rei, o qual teria summo gosto de o ter mais comsigo um par de horas; pois ficava com summa pena de perder a sua assistencia para toda a vida: e mandado recado que alli estava o V. P. João de Britto, el-rei ordenou, que lhe fosse fallar. Intendendo que não perdia tempo, por condescender com o empenho de um amigo tão grande, e satisfazer ao gosto de um rei tão benevolo, entrou á presença de sua majestade, com quem estava tambem a rainha para o mesmo fim de fallar ao V. Padre; e ambos o recebéram entre as demonstrações de gosto, com que sempre o admittiam, e entre os assaltos do pesar, que lhes causava a sua ida. Mas como o V. Padre estava com cuidado, se perderia viagem n'aquella dilação, que fazia, ouvindo tirar uma peça lançou-se a beijar a mão a el-rei, e rainha dizendo: que as naus deviam já de ir á vela, que elle se partia a embarcar. Respondeu-lhe el-rei: que se não sobresaltasse, pois n'aquelle dia já não podia ser que as naus saissem para fóra; e que por esta causa lhe sobejava tempo para se embarcar. A obrigação de dar credito ao que el-rei lhe affirmava, o fazia não instar, e confiado, em que as naus não sairiam n'aquelle dia, se deixou continuar com a pratica.

Iam as naus já quasi uma legoa rio abaixo, quando começou a soprar favoravel o vento: aproveitaram-se da occasião os navegantes, e largando mais panno trataram de se pôr fóra da barra. No tempo, em que o V. Padre se detinha com el-rei, estava seu companheiro em uma sala observando o movimento das naus; e vendo que quasi as perdia de vista, se resolveu a entrar, onde el-rei estava, e dizer: Padre, as naus vão saindo a barra, e nós ficamos em terra.

Não é possivel explicar o susto, que concebeu na repentina noticia, de que as naus navegavam com vento feito, quasi barra fóra: e sem mais outra acção, que a de partir com extraordinaria pressa a buscar uma fragata, que o conduzisse á náu, saiu da presença del-rei, e achando o marquez de Marialva, que lhe havia dito, quando entrava a fallar a el-rei, que elle lhe mandava ter prestes falúa para o conduzir á nau, lhe perguutou com ancia inexplicavel, onde estava a embarcação, ao que respondeu o marquez: que elle havia mandado fazer toda a diligencia possivel pela falúa, e que até alli se não havia achado, por terem ido todas a bordo das naus; mas que ainda esperava por um criado, que tinha ido fazer a ultima diligencia, e que poderia ser a descobrisse. N'este mesmo ponto chegou o criado, e disse: que á boavista tinha fragata, mas que um dos fragateiros estava tão fóra de si por causa do vinho, que lhe parecia impossivel poder remar. Ouvido este recado, partiu o V. P. João de Britto a buscar a fragata, indo-o acompanhando o mesmo criado, que se chamava Antonio Martins, o qual diz, e affirma com admiração notavel, que quando caminhavam n'esta demanda, não sabia se iam pela terra, se pelo ar; que tal era a pressa, ou natural, ou sobrenatural, com que o V. Padre buscava remedio á sua pena. Chegados assim á fragata, succedeu, que embarcado já o V. Padre, o fragateiro que dissemos estava tomado de vinho, caiu no mar: testifica Antonio Martins que o V. Padre estendêra o braço, e pegando do homem, como quem pegava em um pequeno vulto, e de muito pouco peso, em um fechar, e abrir de olhos o tirara do mar, e o mettera na fragata. Embarcado assim com seu com-

panheiro, mandando remar com toda a pressa para bordo da almiranta, começou a fazer novos votos a S. Francisco Xavier, para que o fizesse alcançar a nau, o que já lhe parecia moralmente impossivel. Querem muitos que o particular affecto de sua majestade fabricasse este estratagema, para que não podendo o V. Padre alcançar as naus, ficasse em Portugal. E esta presumpção tem muitas circumstancias, que a apadrinham, e muitas razões, que a encontram: mas a razão manda, e obriga que se não averigue a verdade d'este ponto; porque os discursos particulares não teem licença para examinar os segredos dos principes.

Navegava o V. P. João de Britto na derrota da sua nau em um mar de cuidados, quando o marquez de Alegrete, Manuel Telles da Silva, que era védor da fazenda, vindo de despedir as naus, reparou em que aquella fragata remava com desusada pressa, e entendendo que alli ia alguma pessoa para se embarcar, dando juntamente vista de uma barca do alto, que vinha rio acima, lhe mandou capear, a qual barca arribando sobre a falua do marquez, para ver o que se lhe ordenava, mandou o marquez fosse logo demandar a fragata, e que indo n'ella alguma pessoa para as naus a tomasse, e que velejando tudo o que fosse possivel, as seguisse até poder abordar com alguma, e lançar-lhe dentro a pessoa que fosse na fragata. Com esta ordem fazendo-se o arraes na volta da fragata, e arribando sobre ella baldeou dentro o V. P. João de Britto, e seu companheiro, e forcejando tudo o que pôde, seguiu a ordem que o marquez lhe dera: mas naturalmente fôra sem fructo toda esta diligencia, se o capitão da nau almirante não fôra um grande amigo do V. P. João de Britto, por

cuja intercessão sua majestade lhe deu a dita capitania. Vendo este que lhe faltava o V. Padre, foi atravessando a nau, e dando logar a que chegasse, intendendo que algum grande negocio o detinha, mas que nenhum o obrigaria a ficar. Passada já a torre de S. Gião, que é na bocca da barra tres legoas de Lisboa, deu a nau vista da barca, e fazendo o capitão conceito que n'ella ia quem esperava, atravessou de todo a nau por dar logar a que a barca podesse tomal-a, o que d'alli para baixo seria cousa difficultosa. Abordou a barca a nau, e saltou n'ella o V. P. João de Britto com seu companheiro. Duas cousas me não é possivel explicar n'esta resolução, o sentimento do V. P. João de Britto, quando se viu no risco de não poder alcançar as naus, e o gosto do mesmo V. Padre quando viu que as tomou.

CAPITULO VIII.

DÁ-SE BREVE NOTICIA DA SUA NAVEGAÇÃO.

TANTO que o V. P. João de Britto entrou na nau, todos os que o esperavam o receberam nos braços. Foi tão excessivo o gosto de se ver com liberdade de tornar para a missão, que bem o justificava o empenho com que para ella partiu, e depois ha de canonisar o que n'ella obrou.

Sairam os navios com bom successo barra fora, e parecendo justo que a viagem servisse de ferias aos trabalhos já passados, e aos que com tanto desejo ia continuar na India o seu ardente zelo e incomparavel caridade, intendeu tanto o contrario, que começando a navegar, principiou de novo a merecer. E sendo alli o principal objecto da mesma caridade a assistencia dos enfermos, com tão excessiva ancia de trabalhar se poz a servir de confessor, de medico, e de enfermeiro, como se só por sua conta correra aquelle ministerio. Foram no discurso da viagem muitos os doentes; e como a todos assistia o V. Padre, a uns com a medicina, a outros com a consolação, a outros com os sacramentos, servindo a todos sem socego, sem repouso, sem attenção ao risco da saude, e ao perigo da vida, grangeou n'este tão extraordinario, como fervoroso exercicio uma tão grande enfermidade, que todos desconfiaram da sua vida. Porém foi Deus servido, que escapando (ao parecer de muitos milagrosamente) chegasse a Goa, se não livre de doença, livre de perigo.

CAPITULO IX.

PARTE DE GOA PARA O MALABAR, E CONSTITUIDO VISITADOR DA MISSÃO ENTRA NO REINO DO MARAVÁ: É CHAMADO PELO PRINCIPE TARIADEVEN RESOLUTO A SE CONVERTER Á NOSSA SANTA FÉ.

APORTADO em Goa mal convalescido o V. P. João de Britto, foi logo todo o seu cuidado dispor os meios necessarios para se transportar á missão, emprego de todos os seus designios, e balisa de todos os seus desejos. Não assistindo em Goa mais tempo, que o que bastou para a convalescença, se embarcou para o Malabar, onde deu conta ao seu provincial do que obrara em satisfacção dos negocios a que fora mandado á Europa. Não é necessario dizer a benevolencia, e o affecto, com que o recebeu o padre provincial agradecido ao singular complemento, que deu a todas as obrigações do seu officio de procurador geral. E querendo dar a intender quanto se devia estimar um talento tão grande, o nomeou visitador da missão. Como o V. P. João de Britto não sabia mais que obedecer, sem embargo de recusar a sua humildade tudo aquillo, que tinha nome de prelazia, acceitou o cargo, e tratou logo de satisfazer á obrigação d'elle partindo-se para a missão, na qual começou a visitar as residencias. E para encher melhor o officio de prelado, pelo qual estava obrigado,

segundo os dictames da mais bem ajustada consciencia, a ir diante de todos com o exemplo, não se deixando levar das conveniencias, e commodidades, que occasionam as prelazias, sem tomar ferias nem descanço, sem interromper a pesada tarefa dos trabalhos successivos, que padeceu na visita, como se alli se ensaiara para cousas maiores, e para mais difficultosas emprezas, passou ao reino do Maravá, em cujos martyrios achava todos os seus regalos, em cujos desabrimentos sentia todos os seus allivios, e em cujos tormentos esperava todos os seus descanços. Reinava alli então o principe Raganadadeven, que, como regulo, se havia levantado com o reino contra seu sobrinho o principe Tariadeven, e intruso o governava, sendo de todos obedecido, tirando algumas terras, em que conservava seu legitimo dominio o principe Tariadeven.

Este regulo além de ser cruelissimo tyranno, éra um insigne perseguidor dos christãos; e como tal havia seis annos, que tinha mandado ao V. Padre, que sob pena de morte não prégasse n'aquelles reinos a lei evangelica; mas elle fazendo d'estes preceitos maior incentivo ao fervoroso zêlo, com que prégava, despresou tanto os seus ameaços, que o tyranno levado do sentimento, com que se via desobedecido, e despresados os seus decretos, lhe mandou dar os tormentos, que vimos no discurso d'esta historia. Chegado pois o V. Padre ao Maravá, visitou os bosques d'aquelle reino, em que estavam as igrejas dos christãos, aonde estes acodiam com a nova presença do seu antigo pastor, para assistir aos officios divinos, e receber os sacramentos da confissão, e sagrada communhão; vinham tambem os catecumenos para receber o do santo baptismo. Nem

faltavam os gentios, que se queriam converter, e ouvir o catechismo. Foi tão copioso o fructo recolhido n'esta sua seara, que em quinze mezes, que alli assistiu, baptisou passante de oito mil catecumenos. Era a fama dos prodigios, que Deus Nosso Senhor obrava com os que se queriam reduzir á sua fé, e que com ella ouviam a prégação, tão commum, e tão grande, que adoecendo gravissimamante o principe Tariadeven, de que atraz fallámos, e vendo-se em evidente perigo da vida, já de todo desconfiado, e desesperado dos remedios humanos, ouvindo os milagrosos casos, que Deus obrava por meio do V. P. João de Britto com os que de coração buscavam o caminho da verdadeira vida, assistindo á prégação evangelica com tenção de abraçar, e seguir a lei verdadeira, mandou dizer ao V. Padre o estado em que se achava, e que pedia lhe fosse acodir com a instrucção da doutrina evangelica, a qual não queria sómente ouvir, mas tambem queria abraçar, seguir, e obedecer; porque só fiado nos poderes de Deus, cuja lei elle ensinava, esperava conseguir a saude, que com grande desejo pertendia. Ouvido este recado pelo V. Padre, mandou um seu catechista, que fosse buscar aquelle principe, e o instruisse nas cousas da fé. Foi este, e vendo o miseravel estado, em que o principe se achava, lhe disse sobre a cabeça um evangelho, e lhe resou um credo, a qual diligencia feita, immediatamente se achou não só livre do perigo, em que estava, mas restituido á mais perfeita saude com admiração geral de todos, compuncção do que recebeu o beneficio, e particular consolação de quem applicou os meios para elle. Resoluto efficazmente este principe a se converter á nossa santa fé, mandou dizer segunda vez com no-

taveis instancias ao V. Padre, se quizesse ver com elle para o instruir, e baptisar. Então conhecendo o V. Padre ser aquelle o tempo conveniente de fazer esta diligencia, sem obstar á sua resolução o dizerem-lhe que o principe era um dos mais conhecidos inimigos dos catholicos, e que podia ser fingimento o que considerava vocação, despresando todos estes avisos, o foi buscar logo.

CAPITULO X.

FALLA COM O PRINCIPE TARIADEVEN: ESTE SE PREPARA PARA O BAPTISMO, E POR ESTA CAUSA SE LEVANTA UMA PERSEGUIÇÃO CONTRA O V. PADRE.

CHEGOU o V. Padre á presença do principe Tariadeven, que o recebeu com excessivas demonstrações de gosto, de benevolencia, e de agradecimento. Achou-o com tão maravilhosa disposição para receber o baptismo, como logo mostrará o successo. Como aquellas terras eram do governo d'este principe, achou-se alli o V. Padre com mais desafogo para prégar, e para baptisar: e assim, celebrada a festa dos reis, baptisou logo mais de duzentos catecumenos. Quiz o principe, que o mettesse logo no numero d'estes novos christãos: estava já tão provado o seu fiel desejo, e elle tão bem instruido, que sómente obstava a receber o santo baptismo ter, conforme o uso, e costume d'aquellas terras, cinco mulheres e ser-lhe preciso demittir de si quatro, ficando só com uma. Isto lhe propoz o V. Padre com tanta efficacia, e elle o ouviu com tanta resolução de seguir tudo o que fosse necessario obrar para professar a lei evangelica, que dando palavra de largar, e despedir quatro das cinco mulheres, que tinha, e ficar só com uma, se foi para casa, e fallando com todas as cinco, lhe disse: que elle estava resoluto a receber o

baptismo, e professar a lei de Christo, porque tinha conhecido, que só na dita lei havia salvação: mas porque na mesma lei era preceito não ter algum dos que n'ella viviam mais que uma mulher, e elle queria satisfazer logo a este mandamento, determinava que uma só (e esta havia de ser a primeira, com que celebrou matrimonio) ficasse por sua legitima consorte, dimittindo de si as outras. Dito isto, e feita a eleição, propoz ás quatro repudiadas, que, se queriam viver no seu palacio separadas, como se fossem suas irmãs, lhes consignava para congrua sustentação ametade da sua fazenda. E com effeito deu á execução o que disse determinava fazer. Das quatro que rejeitou, uma era sobrinha do principe reinante; e esta ou por mais altiva mais injuriada, ou por mais impaciente mais infurecida, se foi ter com o tio, e queixar-se da injuria, que lhe fizera o principe Tariadeven no repudio, que lhe dera, e tambem ás outras tres; e que não só se queixava do repudio, mas da causa d'elle, que era a razão mais forçosa de sentimento não só para ella, mas para todos; porque a causa, que o principe Tariadeven tivera para obrar tão grande temeridade, fora o querer seguir, e professar a lei dos christãos, induzido por um feiticeiro, que n'aquelle reino andava reduzindo os homens com encantos a que seguissem a lei, que elle prégava. A esta queixa se ajuntou a de todos os sacerdotes dos idolos juntos com os bracmenes; pois valendo-se do occasião para se vingarem, levados do odio, que tinham ao V. P. João de Britto, se confederaram todos a persuadir ao rei, que por aquella causa tirasse a vida ao V. Padre, e extinguisse a prégação evangelica nos seus estados. E para melhor representarem a sua maliciosa, e diabo-

lica queixa, fizeram seu antesignano aquelle, que lhes pareceu mais capaz, o qual era um de maior auctoridade entre os mais, chamado Putpavanão. Este com apparencias de sentido, e magoado pelo credito da sua religião, disse ao rei em nome de todos: Que por aquelle embusteiro, e perverso homem levar atraz de si com a sua prégação, e com os seus encantos quasi todas as pessoas, se achavam os templos sem assistencia, e os idolos sem culto, faltando-se aos concursos, faltando-se ás adorações, faltando-se ás ceremonias, e faltando-se aos sacrificios. D'onde resultava verem-se os templos desamparados, os idolos offendidos, os sacerdotes queixosos, e todos escandalisados. Que se sua alteza não mandava pôr remedio a tanto damno, todos, os que choravam com lagrimas de sangue estes desacatos dos idolos, e aggravos da religião, estavam resolutos a despejar o reino, e ir povoar os mais remotos desertos, por não quererem experimentar o castigo, que estavam vendo cair sobre quem consentia, e tolerava uma tão execranda maldade, podendo-a evitar.

O tyranno enfurecido com estas queixas mandou publicar edictos, pelos quaes ordenava que as igrejas dos christãos fossem logo queimadas, e saqueadas as suas casas: e com mais apertadas ordens mandou-lhe levassem preso o V. P. João de Britto, a qual diligencia encommendou a seu primeiro irmão Tiruvreiadeven. Não obrigou tanto ao tyranno a mandar passar tal decreto o zelo, quanto a ambição; porque na consideração de que fazendo-se christão o principe Tariadeven legitimo senhor d'aquelle principado, o seguiriam todos os que professassem a lei de Christo, os quaes eram já muitos, temeu que juntando-se no principe as circumstancias de senhor,

de bemquisto, e de christão fosse facil levantarem-se os catholicos com elle, e metterem-n'o na posse do seu principiado. Esta razão de estado o fez ouvir com attenção as queixas dos sacerdotes, e deferir-lhes com tão prompta resolução, sendo a primeira e principal o odio da fé.

CAPITULO XI.

É PRESO O V. P. JOÃO DE BRITTO: DÁ-SE NOTICIA DO QUE SUCCEDEU ATÉ SER LEVADO Á CORTE DO TYRANNO RAUGANADADEVEN.

Aos oito do mez de janeiro se achava o V. P. João de Britto nas terras do governo do principe Tariadeven, e tendo n'esse dia administrado os sacramentos a grande numero de pessoas, mândou a todas, que se ausentassem depressa, porque uma grande perseguição vinha sobre elles. Apenas se tinham ido, quando vieram avisar ao V. Padre que uma tropa de cavallos o vinha buscar. Com esta noticia saiu o V. Padre a receber os soldados, que o vinham prender, com tão alegre semblante, como quem alcançava o que tanto appetecia. Os crueis ministros do tyranno se houveram tão impiamente com elle, como se vieram sómente provar a sua paciencia nas injurias, que lhe fizeram, e apurar a sua constancia nos desacatos, com que o injuriaram: competiam as injurias com os golpes, sendo estes e aquellas sem numero, até que finalmente lhe ataram as mãos, depois de o terem mettido muitas vezes debaixo dos pés; e juntamente prenderam com o V. Padre um seu catechista, e bracmene chamado João.

Marcharam d'alli os soldados com os dois presos para onde o tyranno estava: foram incriveis os tormentos, que no caminho padeceram estes inno-

centes prisioneiros; porque indo a pé, queriam os inhumanos ministros, que igualassem os passos dos cavallos; e quando pelo não poderem fazer opprimidos do excesso, e crueldade, com que os apertavam, caiam em terra, com maior crueldade lhes davam muitos golpes, para que se levantassem.

Nas povoações, por onde passavam, eram excessivos os escarneos, e os insultos da plebe, porque eram innumeraveis, e exorbitantes.

Antes de chegarem os presos á côrte, entraram em uma povoação chamada Anumandacurem, da qual os conductores não quizeram passar sem reforçarem a guarda, que levavam, por temerem que os christãos compadecidos de tão deshumano trato, se amotinassem contra os gentios: por isso em quanto comeram, e descançaram, ataram os presos a um carro triumphal, em que costumavam levar os seus falsos deuses, o qual estava na estrada publica, lançando-lhes á noute nos pés uns pesadissimos grilhões.

Na manhã do seguinte dia, chegando ao cabo o principal ministro d'aquella conducção novos soldados, para em maior numero poderem rebater algum motim que houvesse, dispozeram continuar a jornada até a côrte. E como o V. P. João de Britto estava quasi todo uma pura chaga pelos muitos, e excessivos golpes, que havia recebido, e novamente tinha os pés de sorte, que lhe era impossivel dar um só passo pela nova molestia dos grilhões, que lhe haviam lançado, o levaram em um cavallo, que ao caminho lhe mandou o general do Maravá chamado China-Paver-Deran, finissimo christão, que por se compadecer do lastimoso estado, em que via caminhar o V. Padre, pediu licença ao conductor para applicar este allivio a quem via tão afligido. Me-

lhorado n'esta forma foi andando até Ramanadaburão côrte d'aquelle principado, aonde chegaram assim o V. Padre, como o catechista em onze de janeiro, tendo soffrido ambos com admiravel paciencia, sobre injuriosos vituperios, e insuportaveis tormentos, grandissimas fomes. E porque o tyranno Rauganadadeven não estava então na corte, foram lançados os dois presos em um escuro carcere até que elle viesse.

No tempo, em que Tiruvrenjadeven mandou os seus soldados prender o V. P. João de Britto, mandou tambem aviso a Candaramanuão, que era aldea, junto da qual tinha o V. Padre uma ermida, para que a saqueassem, e a queimassem, e prendessem as pessoas, que n'ella estivessem. Obedecendo o governador de Candaramanuão á ordem, que lhe haviam dado, elle a excedeu de sorte, que não só roubou quanto estava na ermida, mas tambem fez o mesmo nas casas de um catechista, e de alguns christãos, que alli viviam, e depois de as queimar, e arrasar, prendeu o catechista, que se chamava Muttú, e a dois meninos, que aprendiam a doutrina, um por nome Arularandem, e outro Mariadajen; e açoutando-os cruelissimamente, accumulando aos açoutes atrocissimas injurias, carregados de algemas os levaram á côrte, aonde chegaram em doze de janeiro, e alli os metteram na mesma prisão, em que estava seu mestre o V. P. João de Britto, o qual os recebeu com ternissimas demonstrações de amor, e benevolencia, beijando muitas vezes as cadeas, que deshumanamente prendiam os innocentes cordeiros; e não podendo reprimir as lagrimas, que amorosamente corriam, mostrava bem a magoa de os ver tão cruelmente tratados: elles com reciprocas sau-

dações abraçavam affectuosamente seu bom mestre. Deram todos graças á divina bondade pela particular mercê do soffrimento, e constancia, que uns, e outros estavam vendo, e admirando; até que o tyranno voltasse para a côrte, estiveram todos no mesmo carcere.

CAPITULO XII.

REFERE-SE O QUE LHE SUCCEDEU NA CÔRTE COM TIRUVRENJADEVEN.

Chegou finalmente á côrte o tyranno trazendo em sua companhia a seu primo Tiruvrenjadeven, aquelle a quem havia encarregado a prisão do V. P. João de Britto, o qual Tiruvrenjadeven mandou ir perante si aos nossos presos, e tambem o que se apanhou no saque, que deram na ermida, cuidando acharia com que satisfazer parte da sua cubiça: mas vendo que não passava tudo de uma pobresa muito limitada, e que entre aquellas pobres alfaias ia um crucifixo de latão, que lhe pareceu podia ser de ouro, para exame da sua duvida o mandou tocar em uma pedra, e visto que não era ouro, incendido em nova colera perguntou ao V. Padre, de quem era aquella imagem. Esta imagem, disse o V. Padre, é a de meu Deus, e meu Senhor. Ouvindo Tiruvrenjadeven esta resposta começou a blasphemar contra o crucifixo, acompanhando-o todos os circunstantes; e sacrilegamente enfurecidos, ou cegos, lançaram a imagem em terra com irreverencia mais que gentilica, e com furia mais que diabolica; a cuja execranda acção se oppoz a pia, religiosa e reverente piedade do V. Padre, que se lançou por terra com toda a devoção, e ternura para levantar a imagem, beijan-

do-a, e chegando-a ao peito com mil amorosos abraços.

Persistia o V. P. João de Brito abraçando a imagem do Christo crucificado, a quem podemos crer diria interiormente estes, ou outros mais internecidos colloquios: agora conheço, meu Deus, quanto custa soffrer a tyrannia dos homens. Até agora era para mim allivio padecer por amor de vós, agora sinto o maior tormento vendo-vos padecer por amor de mim. Em quanto as injurias diziam o que eu sou, não podia ter por aggravo as suas acções: em quanto as blasphemias dizem o que vós não sois, é justo que as tenha pelas mais sacrilegas injurias: em quanto eu soffria o mau trato, que me faziam, nada soffria em tolerar o que merecia a minha culpa: em quanto vos vejo soffrer o desacato, que vos fazem, é necessario todo o soffrimento para ver padecer a vossa innocencia. Agora, Senhor, conheço que deve ser confusão minha o pouco, que padeço pelo vosso amor. Que muito é, meu Deus, que eu me resolva a entregar a vida nas mãos dos homens, se vós permittís, que os homens tenham atrevimento para vos arrojarem a meus pés? Quem vir estes excessos da vossa paciencia, como póde avaliar por fineza dar eu a vida pelo vosso amor? E se até aqui m'a quizestes conservar, seja para que m'a tirem vossos inimigos, pois eu sou o que mereço ser injuriado, e não vós, meu Deus, digno de toda a honra, e louvor.

N'este tempo o tyranno lhe arrebatou das mãos o Crucifixo, roubando-lhe tão precioso thesouro, e perguntou ao V. Padre, se a lei, que ensinava era tão justa, como elle dizia, como dispunha que os maridos não fizessem vida com suas mulheres, dei-

xando-as viuvas antes de acabarem a vida. Acrescentou, que era gravissima injustiça o que havia persuadido ao principe Tariadeven, a quem fizera repudiar as suas esposas. Feita esta pergunta, e dada esta reprehensão, se ausentou e mandou, que os presos fossem outra vez levados para o carcere.

CAPITULO XIII.

OPPÕEM-SE OS MINISTROS Á VONTADE DO PRINCIPE RAUGANADADEVEN, QUE QUERIA FALLAR COM O V. PADRE: PROCURA MATAL-O COM FEITIÇOS: REFERE-SE O QUE MAIS SUCCEDEU ATÉ SER LEVADO Á PRESENÇA DO TYRANNO.

Em quanto Tiruvranjadeven passava estas cousas com o V. Padre, soube o principe Rauganadadeven como o V. Padre, e os mais presos estavam já no carcere da côrte, e intentou mandar ir o V. Padre á sua presença, e fallar com elle. Mas como os sacerdotes, que haviam feito queixa ao tyranno (o principal d'elles era o bracmene Palpanavão) de que o V. P. João de Britto pervertia com a sua doutrina a adoração dos idolos, viram que estava preso, acodiram com toda a diligencia a accusal-o: e já então o não faziam sómente reu do crime de prégar a lei evangelica, mas de todos os crimes, que verdadeiramente o são; e fazendo das suas accusações um criminal processo, pediam por conclusão d'elle o castigo merecido a tanta culpa. Deferiu o tyranno com a promessa da pena merecida por culpas tão execrandas: e não se contentando os infernaes accusadores com estas diabolicas diligencias, empenharam todas as forças das suas persuasões impugnando acerrimamente mandar o principe Rauganadadeven ir

perante si o V. P. João de Britto, temendo todos que indo á sua presença, o principe os mandaria disputar com elle, de que certamente havia de resultar ficarem convencidos, o que para homens tão soberbos, e presumidos seria mui vergonhoso vituperio, e não lhes ficaria confiança para pedirem a Rauganadadeven, que tirando-lhe a vida concluisse com a prégação evangelica nos seus estados, nem para lhe persuadirem, que o V. Padre não sabia o que dizia, e que só por encantos reduzia os que seguiam a sua lei. E assim se dirigia todo o seu designio a persuadir ao principe, que não convinha fallar com o V. Padre, nem ainda vel-o; porque era tão insigno feiticeiro, que com seus encantos attrahia a si todos os que com elle fallavam. A isto respondeu o principe pondo os olhos em Tariadeven, que alli se achava defendendo valorosamente a causa do V. Padre: não podem os seus feitiços ter mais actividade, que os nossos; e se não, todos vereis, como dentro de tres dias á força de feitiços faço com que morra, sem que ninguem lhe toque. E dispondo tudo o que era necessario para uma diabolica feiticeria, a que chamam Patiragûlipugei, a mandou pôr por obra. Fizeram-se pela primeira tenção as ceremonias necessarias, das quaes a principal era lançarem no fogo a imagem do V. Padre, que para isso mandaram formar de barro; e no cabo de tres dias indo ao carcere ver se tinha expirado o acharam com mais alentos do que tinha antes d'aquella infernal diligencia. Principiaram de novo outra feiticeria, que chamam Satpecciam, a qual dizem tem mais actividade que todas, fiando n'estes aprestos a satisfacção do seu entranhavel odio. E para ajudarem tão damnado intento, quizeram

ajuntar ás ditas preparações os effeitos da fome, que para matar são os mais naturaes verdugos. E assim ordenaram, que nos dias em que pediam aos deuses a morte do V. Padre por meio das referidas ceremonias, se lhe não desse de comer, antes o tratassem d'alli por diante com a maior crueldade, que fosse possivel. Mas Deus é tão poderoso, qne fazendo-o assim os guardas, cada vez o valoroso soldado da fé estava mais animoso, e mais robusto. Conheceu o tyranno Rauganadadeven, que todas as suas maleficas artes não produziam effeito algum contra a vida do innocente Padre, e novamente enfurecido, e vergonhosamente confuso voltou todos os raios da sua ira contra o principe Tariadeven, e mais fidalgos christãos que lhe assistiam, mandando a todos, que adorassem a um idolo, que alli estava, com comminação de logo lhes tirar a vida, se não obedecessem. O principe resistiu constante a este preceito despresando a comminação da pena, e dizendo que elle não adorava mais que ao verdadeiro Deus, de quem milagrosamente cobrara a saude temporal, e esperava receber a eterna, e que por segurar esta não temia perder a vida. Quasi o mesmo respondeu um fidalgo chamado Paradeven, ajudando-os muito a esta constancia de animo as continuas admoestações, que do carcere lhes mandou fazer o V. P. João de Britto, incitando-os não só com a lembrança das infinitas obrigações, que deviam a Deus, mas representando-lhes o premio do merecimento, e o castigo da culpa. O mesmo fazia a seus queridos discipulos, e companheiros, propondo-lhes as excellencias do martyrio, cujas penalidades suavisava a consideração da bemaventurança, que com elle se ganhava. E suppondo que seriam chamados á presença do tyranno, os ins-

truia no que haviam de responder, e logo lhes ensinava orações, para pedirem a Deus a virtude da constancia; e d'esta sorte excitava em todos o desejo do martyrio. Foram tão efficazes n'aquelles innocentes estas exhortações, e produziram n'elles tal desejo de darem a vida pela fé, que ouvindo dizer que o principe lhes queria dar liberdade, choravam como desgraça sua esta tenção do tyranno. Este conceito lhes ensinava a fazer a vida, e as acções de seu mestre; pois com singular reflexão ponderavam, que quando estava mais opprimido de trabalhos, então o viam mais alegre, e mais satisfeito, padecendo no carcere insoffriveis penalidades, insupportaveis fomes, e sedes, sem dar a intender, que a sede o affligia, ou que a fóme o apertava. A esta quizeram muitas vezes acodir os padres provincial, João da Costa, Manuel da Rocha com outros mais, interpondo para isto um particular desvelo, e outros effeitos de grande caridade por lhe mandarem alguns mimos, e fazerem que outras pessoas obrigadas ao V. Padre lhe assistissem pessoalmente n'aquella prisão. Mas a tudo obstava a continua vigilancia das guardas, e o aperto com que se lhes encarregava impedissem ao V. Padre toda a cummunicação exterior com os christãos. Alguns gentios o visitavam no carcere por zombar d'elle, e outros por disputar; estes pela divina bondade, porque saíam convencidos, se tornavam confusos, e envergonhados, e os primeiros mudados da tenção que os havia levado.

Todas as praticas do V. Padre se encaminhavam a intimar os desejos do martyrio, e os seus eram tão ardentes, que além das excessivas ancias, com que os explicava, lhe ouviram em uma occasião estar dizendo: Senhor, e Redemptor meu, em uma

quinta feira fostes preso por minha causa, e m uma quinta feira fui tambem preso pela vossa; concedei-me agora, misericordioso Senhor, que assim como vós consummastes a minha redempção com vossa morte, consumme eu tambem por vosso amor esta vida: mas porque não mereço a cruz sagrada, em que vós por mim morrestes, concedei-me ao menos uma figura d'ella, em que eu por vós acabe a vida: seja meu corpo cruelmente despedaçado, porque nem sepultura merece: seja alimento de brutos, e bestas feras. Isto pedia, isto desejava o insigne martyr de Jesu Christo, e isto mesmo lhe foi concedido, como logo veremos.

CAPITULO XIV.

APPARECE O V. PADRE NA PRESENÇA DO TYRANNO: É OUVIDO, E SENTENCIADO Á MORTE: DIFFERE-SE A EXECUÇÃO; E FINALMENTE É REMETTIDO A URGUR, PARA QUE ALLI EXECUTE A SENTENÇA VRENJADEVEN IRMÃO DE TYRANNO.

HAVIA vinte e tres dias, que o V. Padre estava preso, quando o principe Rauganádadeven o mandou chamar a juiso, e aos companheiros; e temendo fallar com elle, por lhe haverem persuadido que com feitiços attrahia a todos os que o tratavam, mandou a Tiruvrenjadeven, que estava presente, lhe perguntasse se sabia artificios com que rebater o golpe de uma balla de artilheria, ou se podia fazer com que chovesse todas as vezes que fosse necessario. Ao que respondeu o V. Padre, que detestava similhantes artes. Alli o tiveram em pé com seus companheiros mais de duas horas, descobertos ao sol, que era intensissimo, e inaturavel, ouvindo repetidas injurias, escarneos e vituperios, que soffriam com paciencia incrivel, sendo objecto de affrontas, e alvo de ludibrios. A este tempo mandou Rauganadadeven, que mettessem os presos outra vez no cercere, e pouco depois mandou, que lhe levassem dois d'elles Muttú, e Arulanamden, em cuja companhia foi tambem com permissão do tyranno o V. Padre João de Britto, o

qual lhes fez n'aquelle pouco espaço de tempo uma pratica, animando-os a padecer por Christo; e concluia, que esta era a occasião, que tanto desejava para dar constantemente a vida por quem lh'a dera. Animados assim estes soldados de Christo, e armados da fortaleza, que lhes infundiram as razões de seu mestre, foram á presença do tyranno, fazendo dos grilhões, que arrastavam, gala com que saíam. Tanto que chegaram á presença do principe, foram recebidos por elle com mil affrontas, e immodestias. Mandou, que lhe dissessem as orações de seu catechismo; a que elles responderam com os signaes, que deve ter o verdadeiro Deus, e com os dez preceitos do decalogo: mas a cada palavra, que os dois christãos diziam, saía o barbaro em uma blasphemia. E perguntando-lhes se estavam resolutos a confirmar o que diziam, firmando-o com o sangue das veas, e com a entrega da vida, lhe responderam: que tomaram ter muitas vidas, para que dando-as todas pela fé, confirmassem muitas vezes a verdade, que publicamente tinham confessado. Aqui acceso o tyranno com nova colera mandou, que logo os mosqueteassem, ordenando a um soldado insigne na arte de tirar, que executasse este mandado. Logo o soldado dispoz com toda a brevidade fazel-o assim, e mettendo á cara uma espingarda, que para este effeito escolhera por melhor, succedeu que batendo o cão no fuzil errou fogo, sendo a pedreneira das escolhidas. Mais raivoso o tyranno com este successo, mandou levantar segunda vez o cão á espingarda, e que tirasse a uma parede; não faltando então a pedreneira com fogo, disparou, e fez com as ballas uma grande brecha no muro. A tudo isto estavam immoveis os valorosos soldados, mostrando bem na constan-

cia a sua fortaleza, sendo esta maior credito da sua fé; excedendo no valor a capacidade dos annos, porque um não passava de vinte e dois, e outro de quinze.

O V. P. João de Britto acodiu valorosamente aos seus soldados, e na presença disse ao tyranno: se é culpa n'estes meus discipulos seguirem, e confessarem a lei de Christo, d'essa culpa sou eu a causa, porque sou seu mestre; e sendo eu a origem da culpa, pois ensinei a doutrina, de que ella resulta, não é justo que os innocentes levem o castigo do culpado: aqui me tendes, venha sobre mim o golpe, que estou prompto para o receber. A estas razões se seguiu, que assim o tyranno como os que com elle assistiam, cercaram, como famintos lobos, o innocente cordeiro, dando-lhe bofetadas, pancadas, e açoutes tão deshumanamente, que julgaram todos os circumstantes não saía d'alli com vida. Soffreu porém tudo com tanta paciencia, humildade, e alegria, que um gentio disse admirado: todos intentam impugnar, como falsa, a lei d'este homem, mas o soffrimento, que elle mostra, prova sem duvida ser verdadeira.

Acabado este mau termo, com que os ministros crueis trataram o V. Padre, lhe perguntou o tyranno pelo livro da lei, que ensinava: ao que satisfez um soldado trazendo-lhe o breviario, que no saque da sua igreja lhe haviam tomado, com que o tyranno ficou muito contente, porque o haviam persuadido, que com aquelle livro illudia não só quantos feitiços lhe punham, mas tambem quaesquer ballas de artilheria; do que resultou perguntar-lhe o supersticioso idolatra, se poderia uma balla de espingarda offender aquelle livro? Ao que respon-

do V. Padre: que naturalmente bem podia. E para o tyranno o experimentar, mandou, como por escarneo, atar o breviario a uma gallinha, ordenando a um soldado lhe fizesse tiro. Obedeceu este, e succedeu que acertando o tiro, e fazendo a gallinha em pedaços, ficou o breviario illeso. Confuso o tyranno, mandou que segunda vez atirasse sómente ao breviario; e feito o tiro, ficou este escaçamente mordido da balla. Então o começou o barbaro, e insolente tyranno a descompor, e arguir de fementido, como se elle tivera promettido que o breviario não teria lesão, sendo que realmente tinha dito o contrario. N'este caso um fidalgo gentio commovido de tanto padecer injusto, querendo acodir pela innocencia, estranhou com urbanidade aquelle procedimento.

Alli usou o tyranno de nova cavillação, determinando obrar uma cousa, fingindo que obrava outra, e foi que mudando de pratica perguntou ao V. Padre, se estava lembrado que havia alguns annos lhe havia mandado, que sob pena de morte não prégasse a lei evangelica nas suas terras? E se o preceito lhe fora intimado, como se atrevia a prégar, e ensinar publicamente, quebrantando o seu mandado? Formando d'aqui bastante culpa para o maior castigo, que lhe arbitrou, ordenando que fosse arcabuseado. Para esta execução se dispoz logo na praça todo o necessario. Estava o V. Padre junto a um mastro prompto a dar a vida com este genero de morte; mas o tyranno fez que a execução ficasse suspensa, e que o V. Padre tornasse para o carcere: sem embargo porém de ser differido o procedimento contra o reu, nem por isso se lhe tirou do coração o entranhavel odio, nem da intenção o proposi-

to de o mandar matar por qualquer caminho, que lhe fosse mais facil, sem que isto se obrasse em publico; por temer já n'aquelles termos, que o empenho do principe Tariadeven não só lhe impediria a execução d'aquella morte, mas que d'ella resultaria algum tumulto publico em damno da sua conservação. Este obstaculo lhe accendia mais o fogo da sua colera, da qual vencido mandou que o V. Padre fosse levado a Urgur, cidade distante da côrte duas jornadas, situada nas fraldas do rio Pamparrú, e nos confins do principado, onde assistia seu irmão, chamado Urenjadeven, tão tyranno, e tão malevolo como elle, com recado que alli lhe remettia aquelle preso, e ordenava lhe desse a morte com o tormento que lhe parecesse.

CAPITULO XV.

PARTE PARA URGUR: É APRESENTADO A URENJADEVEN, E FINALMENTE POR SEU MANDADO LHE DÃO A MORTE EM ODIO DA RELIGIÃO CHRISTÃ.

HAVENDO de se partir o V. P. João de Britto de Ramanadaburão para Urgur, despediu-se dos seus tão queridos, e estimados discipulos, e companheiros. Foi este apartamento para o V. Padre o martyrio mais insuportavel a que o condemnou a deshumanidade do tyranno. Apesar de todo o sentimento se despediu: e apesar de toda a repugnancia houve finalmente de se ir. E' a relação d'esta despedida mais para objecto da dor, que para materia do discurso: sinta-se no affecto, o que não cabe no conceito. Ultimamente separado com violencia dos seus amados discipulos, partindo de Ramanadaburão, chegou a Urgur a trinta e um de janeiro com tormento tão insuportavel, e com afflicção tão incrivel, que se não acabou a vida no caminho, pode-se crer com fundamento, que o conserval-a foi particular mercê do ceu. Eram tão fortes os golpes, com que os algozes irosos, e assanhados o feriam, que o sangue derramado deixava impressos no caminho vestigios da sua crueldade. Chegado n'esta forma a Urgur, deram os conductores ao tyranno Urenjadeven o recado, que lhe levavam, e metteram na prisão

ao V. P. João de Britto. Achava-se Urenjadeven havia muitos annos enfermo de lépra, e quasi entrevado. Quiz que o V. Padre fosse á sua presença, e tendo-o diante de si, lhe pediu o sarasse da enfermidade, que padecia sem remedio por dilatados annos; pois ouvira dizer que elle obrava similhantes prodigios. Respondeu o V. Padre, que elle não dava saude, nem tinha poder para obrar o que só competia ao todo poderoso Deus, Senhor, e creador do ceu, e da terra; mas, se para lhe agenciar algum remedio humano tinha prestimo, com muito boa vontade o faria. Instou o enfermo, e disse-lhe: bem conhecia elle a jurisdicção, e auctoridade, que se lhe commettera, e como na sua mão estava tirar-lhe a vida, ou dar-lh'a. Em conclusão, se o sarasse, não morreria: de mais saíria d'alli com um presente de grande preço. Respondeu o V. Padre, que tudo quanto o mundo lhe podia offerecer, estimava em nada, e que a mercê da vida estimava em tão pouco, que toda a sua tenção fora sempre entregal-a pela fé na mão dos algozes; pois havia muito tempo estava esperando, como mercê particular de Deus, aquella morte que lhe davam por castigo, e acceitava por favor. Teve este tyranno varias disputas com o V. Padre sobre a religião, e mandou chamar varios dos seus lettrados para disputarem com elle; mas todos pela bondade de Deus saíram convencidos, posto que tão obstinados, e pertinazes, que não quizeram confessar o seu erro, nem deixar a sua idolatria.

Desenganado o tyranno de que por aquelle caminho não havia de conseguir a saude que desejava, pois queria que Deus obrasse n'elle um milagre, sem elle querer abraçar a fé, na virtude da qual a divina omnipotencia obra todos os seus pro-

digios, mandou-o recolher ao carcere, d'onde escreveu ao Padre Francisco Laynes a carta seguinte.

Aos vinte e oito de janeiro fui levado a juizo, e mandado arcabuzear diante do mesmo Rauganadadeven. Posto no logar, em que havia de ser arcabuzeado, e tudo em ordem, temendo o dito Rauganadadeven algum motim no povo, apartando-me dos meus gloriosos confessores de Christo, e remettendo-me a seu irmão Urenjadeven, no ultimo de janeiro fui mandado apparecer na audiencia, em que houve uma boa disputa: depois tornaram-me a metter no carcere, onde fico esperando a morte por meu Deus, e Senhor, que é o que unicamente vim buscar duas vezes á India, á missão e ás terras do Maravá. Ainda que é muito o trabalho, é muito maior o premio: fico muito contente, e consolado *in Domino*; pois sendo a culpa de que me accusam virtude, o padecer por ella é grande gloria: para merecer esta, peço a santa benção de vossa reverencia, em cujos sacrificios, etc. Carcere, tres de fevereiro de mil e seis centos noventa e tres.

A quatro do sobredito mez o mandou levar fóra de Urgur a um logar distante, onde estava um outeiro, ou cabeço, que fica eminente ao rio Pamparrú, e foi elegido por altar da sagrada victima. Condemnado pois com ultima sentença a que morresse ás mãos dos algozes, estes o levavam como reu dos maiores crimes com exorbitantes insultos de todo aquelle povo, com injuriosas murmurações d'aquelle innumeravel concurso, e com sacrilegas injurias de todo aquelle povo gentio: mas o venturoso padecente caminhava tão alegre e satisfeito, como quem ía lograr o que lhe havia custado tantos desejos, e tantos trabalhos. Tanto que o manso, e hu-

milde cordeiro chegou ao logar do sacrificio, todo victima da fé, todo holocausto do amor, começou o algoz a afiar o cutello com que o havia de degolar n'uma pedra, gastando quasi meia hora n'esta diligencia; e no mesmo tempo estava o V. Padre recolhido dentro de si com fervorosa oração, e ardentes jaculatorias, que subiam até o ceu.

Gastada meia hora n'este espiritual exercicio, se levantou o V. Padre com semblante tão alegre, que parecia ou espelho, em que a graça reverberava, ou abrasado Etna, em que o fogo do amor de Deus ardia. Então com notavel resignação, e paciencia se entregou á vontade dos ministros executores da sentença, e da tyrannia, agradecendo-lhes, como pôde, o beneficio que da sua mão esperava. Succedeu, que n'este tempo achando-se no grande ajuntamento do povo dois novos christãos, cresceu n'elles tanto o zelo, que saindo do concurso correram para os algozes protestando a fé catholica, e dizendo, que em obsequio d'ella queriam dar a vida, e fazer n'aquelle sacrificio fiel companhia a seu santo mestre. Como os algozes não tinham poder para dar satisfacção aos pios, e catholicos desejos d'estes dois valorosos confessores, os mandaram presos para o carcere, até nova ordem do tyranno: e arremettendo logo ao V. Padre o despojaram das vestiduras, diligencia que, conforme o uso do paiz, precede ao castigo mandado executar nos que hão de ser punidos; e achando que tinha ao pescoço um relicario, fizeram conceito que alli trazia alguns encantos, com que enfeitiçava os que convertia; porque na sua opinião ser convertido era ser enfeitiçado. E olhando uns para os outros reciprocamente se advertiram, que o não tocassem por não ficarem tambem attra-

bidos do veneficio, como os mais: e para o lançarem fóra sem risco de lhe tocarem, vendo que pendia de um cordão, lh'o cortaram com tão cruel golpe de alfange, que entrando pelo lado lhe abriu uma consideravel ferida.

Tanto que caíu o relicario, cortando o cordão de que pendia, chegaram os algozes ao V. Padre, e fazendo-o assentar, para que assim esperasse o ultimo golpe, lhe ataram as mãos, e juntamente a barba ao peito, pois a trazia sempre muito grande, por ser isto preciso aos que, como doutores e mestres de alguma lei, a prégam, e ensinam n'aquellas terras. Feitas estas funebres preparações, levando o algoz do cutello já referido, descarregou sobre o pescoço da sagrada victima aquelle golpe tão desejado, tão pleiteado, e com tantos merecimentos conseguido.

Já S. Francisco Xavier vio desempenhada a sua protecção. Já o V. P. João de Britto vio cumprido o seu desejo. Já se pôz o despacho, e o como pede a tantas petições. Já finalmente o grande missionario de Madurei, o incançavel operario da vinha do Senhor, o legitimo filho da companhia de Jesus, o verdadeiro imitador do apostolo do oriente, deu a vida em testemunho da pureza da fé catholica, e da verdade da religião christã que professava, e prégava.

CAPITULO XVI.

RELAÇÃO DE ALGUMAS CIRCUMSTANCIAS SUBSEQUENTES AO GLORIOSO MARTYRIO, E CONCLUSÃO D'ESTA HISTORIA.

Levada quasi de um golpe a cabeça, pois lhe ficou presa somente por uma pequena pelle junto á garganta, succedeu que devendo caír o corpo para diante, por estar para alli inclinado, por lhe darem a ferida não pela garganta, mas pela outra parte opposta, caiu o corpo para traz com os olhos abertos, e postos no ceu, e com os pés estendidos. Tão maravilhosa circumstancia cabe na admiração, mas não cabe no intendimento: sojeite-se este a crer, que não ha prodigio impossivel á graça, e logo conhecerá que não ha milagre improporcionado á crença. Vendo os algozes que a cabeça aínda estava presa por uma pelle junto á garganta, fazendo conceito que o V. Padre a poderia tornar a unir com encantos, lh'a acabaram de separar, e depois lhe cortaram as mãos, e os pés, pondo tudo no mesmo logar ao ludibrio, e desacato do povo. Aos dois chistãos, que se declararam ao tempo do tormento, mandou depois o tyranno cortar os narizes, e orelhas; e um d'elles lamentava com muitas lagrimas a desgraça de lhe não haverem tirado a vida pela verdade evangelica. Os algozes atando á cintura do sagrado cadaver a cabeça, mãos, e pés, passado de

alto abaixo com um espeto de pau, o arvoraram. Assim esteve oito dias, em um dos quaes o pozeram em outro espeto mais alto por ordem do tyranno. No fim d'este oitavario caíu em terra o santo corpo; e a cabeça rodando pelas asperezas do monte, foi dar comsigo nas correntes do rio, querendo mostrar a providencia, que de tal reliquia só era digno sacrario o cristal mais puro. Ficou alli o precioso cadaver exposto ao desamparo; e como aquelle sitio era mui habitado de féras, foi d'ellas comido, e despedaçado, poderá ser que em satisfação da rogativa, que o V. Padre havia feito a Deus no carcere. Os fragmentos, que restaram, foram achados, e recolhidos pelo zelo, e industria de dois catechistas, que a titulo, e pretexto de montaria, entraram no logar do martyrio para este fim. Acharam pois a cabeça, e os ossos, que entregaram ao superior da missão, o qual os mandou a Goa, e se conservam n'uma caixa, que se guarda no cubiculo do padre procurador do Malabar.

Na hora em que degollaram o V. P. João de Britto (era esta a do meio dia), se achava o P. João da Costa acima referido, distante seis jornadas de Urgur, e adormecido, por ter caminhado o dia, e noite antecedente, e parte d'aquelle mesmo sem descançar, nem fazer intervalo na jornada; e repousado assim, lhe appareceu em sonhos o V. P. João de Britto degollado: acordando logo entrou n'esse tempo á presença do padre um seu catechista chamado Jorge, ao qual disse o que sonhara; e querendo-o divertir o catechista dizendo que era sonho, de que não devia fazer caso, d'ahi a tres dias veio ter com o P. Costa outro catechista chamado Manuel em companhia de um d'aquelles bons christãos, que

offerecendo-se a dar a vida pela fé, lhe mandou o tyranno cortar as orelhas, e os narizes, e lhe traziam a nova da gloriosa morte do V. P. João de Britto; e conferindo o P. João da Costa a hora do sonho com a hora, em que os mensageiros diziam que o V. Padre fora degolado, se achou ser no mesmo ponto em que lhe appareceu. Isto affirma com juramento o dito P. João da Costa.

Na mesma hora, em que o V. Padre foi para o ceu por meio do espontaneo, e glorioso martyrio na cidade de Urgur, soltaram em Ramanadaburão, côrte do tyranno, que dista de Urgur dois dias e meio de jornada, os seus catechistas, e companheiros, que havia deixado no carcere; mandando-os soltar o tyranno Rauganadadeven, e despedindo-os com muita honra. E' successo muito digno de reparo, e reputado por cumprimento do vaticinio, com que o V. Padre prognosticou que n'aquella perseguição só elle havia de perder a vida. Consta este presagio pelo processo authentico, que por mandado do bispo de Meliapôr Dom Gaspar Affonso, se tirou da vida, e morte do V. Padre.

No anno seguinte ao em que foi degolado, succedeu, que em uma comarca chamada Fotião, que fica ao poente de Calpalião, adoeceu certo gentio de uma ardentissima e perigosissima febre: vendo-se desconfiado da vida, chamou para o curar um christão por nome Gegani, o qual com ardentissimo zelo de por todo o caminho acodir ás necessidades do proximo, aprendeu alguma cousa de medicina, e sem embargo de que esta não passava de uns confusos principios da tal faculdade, comtudo tinha n'aquellas partes nome de medico, e como a tal recorreu a elle o gentio enfermo, commettendo-lhe a cura da sua

doença. Como o christão conhecia no enfermo outra doença de mais consideravel cuidado, que era a da errada lei que seguia, quiz involver nas operações para o remedio da febre as disposições para a cura da crença; e introduzindo na pratica evidentes demonstrações da cegueira em que vivia, zelando mais os riscos da alma que os perigos do corpo, lhe pediu quizesse reconhecer a lei de Christo, e seguil-a; porque, se recorresse ao verdadeiro Deus, e se baptisasse, não só segurava a saude da alma, que era a de que só se havia de fazer caso, mas tambem se dispunha para Deus lhe dar a saude do corpo, que tanto desejava. E dizendo-lhe, para melhor lhe introduzir esta pratica, muitas excellencias da nossa lei, lhe respondeu o gentio: como queria elle persuadir-lhe que a lei dos christãos era boa, se havia tão pouco que o principe tinha mandado degolar com tanta ignominia um mestre da mesma, pela prégar, e pela ensinar? E que não era possivel, se esta lei fôra boa, que um principe tão grande a houvesse de impugnar tanto, que tirasse a vida áquelle mestre pela querer introduzir. E que esta era a causa porque a não julgava tão boa, como elle lhe queria persuadir. Retorquiu este argumento mais a caridade que a philosophia d'aquelle physico, dizendo: que por isso mesmo se provava a sua verdade e excellencia; porque quem a professava a estimava tanto, que dava por ella a vida, que era o que mais se presava; de que era bom testemunho o que elle mesmo referia, confessando que aquelle mestre dera com tanto gosto a vida pela lei que ensinava. Controverteu-se o ponto de parte a parte, dizendo o christão muitos louvores da virtude do V. P. João de Britto, e que estava na presença de Deus logrando o premio de

seu martyrio, e rogando por todos os que se encommendavam ao mesmo Senhor por sua intercessão. Combatidos assim estes dois contendedores, e vendo-se o gentio já apertado, commetteu partido, e foi: se o que elle dizia ser verdadeiro Deus, por intencessão d'aquelle mestre, a quem se encommendava de todo o coração, e de quem elle contava tantas excellencias, sendo a maior de todas o dar a vida em credito da sua lei, lhe tirasse a febre em que se via estar ardendo dentro em vinte e quatro horas, e se visse reduzido a perfeita saude, promettia com todas as veras fazer-se christão, e crer na lei evangelica, de cujos documentos tinha já muito larga noticia. Acceitou o medico este partido, e confiando muito em Deus, que pelos merecimentos do V. P. João de Britto acodiria áquella alma, se foi para casa. No dia seguinte á hora aprasada foi ver o seu enfermo, e tomando-lhe o pulso achou-o livre da febre, e em poucos dias se viu restituido a saude perfeita, e reconhecendo o prodigio recebeu o santo baptismo, em que achou a disposição para a verdadeira saude, e vida espiritual. Este caso conta o P. Antonio Dias na sua Annua da missão do anno de mil seis centos e noventa e cinco.

Este foi o nascimento, esta foi a vida, e esta foi a morte do V. P. João de Britto. Os louvores d'este empenho da natureza, e d'este desempenho da graça, são empreza para talento de outra esphera. Dizer o que elle obrou, foi acção de um incendido affecto. Ponderar o que conseguiu, será empreza de algum elevado discurso. Foi o V. P. João de Britto o que eu não sei dizer que foi: só direi que na vida de missionario, a que se consagrou, ensinou com eloquencia de mestre, serviu com zelo de confessor, acabou com prerogativas de martyr.

COMPENDIO

DO NASCIMENTO, VIDA E MARTYRIO DO VENERAVEL SERVO DE DEUS

JOÃO DE BRITTO,

SACERDOTE PROFESSO DA COMPANHIA DE JESUS, MORTO EM ODIO DA FÉ PELO REGULO DO MARAVÁ.

FOI IMPRESSO EM ROMA NO ANNO DE 1714, E APRESENTADO NA SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS POR JOÃO BAPTISTA GALLERATO, A FIM DE SE CONSEGUIR DA MESMA SAGRADA CONGREGAÇÃO, QUE FOSSE COMMETTIDA A INTRODUCÇÃO DA CAUSA NO SOBREDITO CASO PARA EFFEITO DE SE PROCEDER Á SUA CANONISAÇÃO. VAE DISTRIBUIDO NÃO TANTO PELO DISCURSO, E CONTINUAÇÃO DA SUA VIDA, QUANTO PELA ORDEM E SERIE DAS VIRTUDES QUE N'ELLA EXERCITOU.

ADVERTENCIA AO LEITOR EM QUE SE DECLARAM AS RAZÕES DE AQUI SE ACCRESCENTAR ESTE COMPENDIO.

EVEM a ser a primeira, porque n'elle se acha recopilada toda a historia, que seu auctor compoz em estylo mais diffuso. Segunda, porque aqui se pode ler com mais brevidade, e sem as interrupções que n'ella se fazem por causa das reflexões moraes, politicas e panegyricas, de que vae ornada e revestida. Terceira, porque além de n'elle se conterem algumas cousas que o auctor na obra omittiu por falta de noticias, tudo quanto aqui se resume, e quanto se accrescenta fica com certeza em maior grau, por se fundar no summario authentico, e judicialmente formado. Isto presupposto e advertido, segue-se

UMA BREVE PREFACÇÃO.

Entre os mais argumentos da santa igreja catholica, com que a sua verdade manifestamente se demonstra, o principal é o sangue dos martyres constantemente derramado em todo o mundo, pela serie continuada dos seculos que foram correndo desde os seus principios até os tempos presentes, conforme o texto de S. João *Epist.* 1, *c.* 5, *n.*° 8. *Tres sunt, qui testimonium dant in terra, spiritus, et aqua, et sanguis.*

Sendo pois certissimo signal da verdade e fé catholica, como escreve o doutissimo Thomaz Bossio, *de Signis Ecclesiæ, tom.* 1.°, *Signo* 27, *c.* 3, a perpetua successão dos martyres, os quaes voluntariamente se offerecem e consagram á morte, não pelejando com armas, mas prégando a verdade, importa muito á mesma igreja, que na sagrada congregação se proponham frequentemente similhantes testemunhas da fé, pelas quaes se justifique esta successão continuada.

Entre ellas se deve contar o V. P. João de Britto, da companhia de Jesus, sacerdote professo, que no anno de 1693 soffreu constantissimamente a morte por Christo na India oriental, condemnado ao supplicio pelo regulo do Maravá.

Para se introduzir na santa congregação dos ritos a causa d'este martyrio humildemente instamos, concorrendo na causa todos os requisitos que pede Hostiense, e os mais escriptores sobre o cap. 1.° *de Reliquiis, et veneratione Sanctorum*, como constará do que logo diremos fundado no depoimento das testemunhas examinadas por auctoridade publica.

Por quanto divulgada, não só pelo Malabar, e mais provincias orientaes confinantes, mas tambem por toda a Europa a fama de tão celebre martyrio, se fizeram logo dois processos por auctoridade ordinaria. O primeiro em Malabar no anno de 1694, por commissão do bispo de Meliapor, no qual foram examinadas quarenta testemunhas. O segundo em Roma no anno de 1699, em presença do juiz delegado pelo eminentissimo cardeal vigario, no qual se examinou uma testemunha, que tinha chegado do Malabar.

Da validade de um e outro processo parece não haver

duvida; por quanto n'elles se observaram todas as cousas que de direito, estylo e forma da commissão se haviam de guardar, como se vê do summario dos autos que se exhibiu nas mãos do R. P. doutor promotor; como tambem se pode ver do exame das testemunhas, cuja lista anda no principio do summario, n.º 2, dos ditos das quaes testemunhas se tiraram para esta informação compendiosa as provas a respeito da santidade da vida, do martyrio, da causa do martyrio, dos milagres e da fama commum de todas estas cousas.

COMEÇA O COMPENDIO.

DO SEU NASCIMENTO, ENTRADA NA COMPANHIA, ESTUDOS EM PORTUGAL E EM GOA, NAVEGAÇÃO PARA A INDIA, E EMPREGO NA MISSÃO.

Nasceu este servo de Deus em Lisboa metropole de Portugal, tendo por paes a Salvador Pereira de Britto e D. Brites Pereira, illustres não menos em sangue, que em piedade; pelos quaes educado em toda a honestidade e virtude, passou a puericia entre os moços fidalgos que assistiam ao infante D. Pedro nos seus primeiros annos, que depois foi rei de Portugal, segundo d'este nome.

Já n'aquella occupação por causa da sua indole e costumes, começou a dar manifestos indicios da futura santidade e futuro martyrio; mas principalmente pela paciencia em tolerar os ludibrios, com que alguns dos outros aulicos o tratavam, conseguiu o appellido de nartyr, certificando-o assim o serenissimo rei D. Pedro de gloriosa memoria, e tambem Ruy de Moura Telles de presente arcebispo primaz de Braga, que antigamente fôra seu companheiro na assistencia do paço.

Mal tinha chegado aos annos da sua adolescencia, quando logo pediu instantemente ser admittido na Companhia de Jesus, e o conseguiu. Alli depois de acabados os dois annos de noviciado, e gastados alguns annos em estudos de humanidades, rhetorica e philosophia nas universidades de Coimbra e de Evora, d'onde passou a ensinar os primeiros principios da lingua latina em Lisboa no collegio de S. Antão, se inflammou em desejos da missão da India, que finalmente conseguiu; sem que a isso obstassem as diligencias de muitos que lh'o impediam. Or-

denado sacerdote, logo no anno de 1673, partiu com outros missionarios para a India oriental.

Tanto que chegou a Goa, onde absolveu o curso de theologia, foi destinado para a missão de Madurei na provincia do Malabar. Ahi mudou de vestidos, como costumam os missionarios d'aquella religião, segundo o costume, e forma exterior dos Pandarás, que como mestres são estimados dos indios por causa da austeridade com que vivem. O vestido de que por este respeito usava, era uma tunica talar de algodão, tinta de côr entre vermelha e amarella, descendo-lhe dos hombros uma tira comprida do mesmo panno, e cobrindo-lhe outra a cabeça. Na mão trasia um bordão maior que a marca ordinaria, signal, e divisa do magisterio.

No officio e exercicio de missionario deu admiravel demonstração de todas as virtudes, não só em grau ordinario, mas em grau heroico e sublime, como depoem a testemunha examinada no processo romano.

DA VIRTUDE DA FÉ.

E para que principiemos pelas virtudes theologaes, prova-se a sua excellente fé 1, da grande devoção que teve aos divinos mysterios, principalmente ao da Trindade e ao da Encarnação. Prova-se 2, dos ardentes desejos que sempre teve de derramar o sangue por Christo e pela fé catholica; de tal sorte que com grande amargura e dôr do seu coração se queixava lhe faltasse a ventura de confirmar a fé com o proprio sangue, quando a primeira vez no anno de 1688, sendo preso e condemnado á morte por causa da prégação do Evangelho, foi depois solto e restituido á sua liberdade, pondo lhe o regulo prohibição, e mandando-lhe que d'ahi por diante não prégasse a lei christã nas terras do Maravá.

E sabendo pouco antes do seu martyrio, que o rei do Maravá promettera aos sacerdotes dos idolos que lhe havia de cortar a cabeça, em carta a um seu amigo, exclamou: prasa a Deus que cumpra o que prometteu! Se assim o fizer, que mais tenho eu que desejar?

Prova-se 3 a mesma excellente fé em grau horoico, e se confirma da generosa confissão que d'ella fez em presença do general da milicia do regulo do Maravá, de mandado do qual fôra preso pela prégação do Evangelho no

anno de 1686, pois nem com açoutes, nem com ameaças pôde ser indusido a invocar o nome do idolo Xivá. Da mesma maneira na ultima perseguição de 1693, em que padeceu martyrio, sendo tentado pelo irmão do dito Regulo a que abjurasse a fé, promettendo-se-lhe algumas aldêas se invocasse o nome do idolo, firmissimamente resistiu, e detestando tal impiedade protestou que antes escolhia se lhe cortasse a cabeça, do que fazer a invocação requerida.

Prova-se 4 a sua grande fé, do ardente zeló que tinha de dilatar a mesma fé, com o qual zelo promoveu a conversão dos infieis até á ultima respiração, e o conseguiu felizmente; porque alguma vez em espaço de tres mezes fez que tres mil gentios recebessem a fé christã, fazendo d'ella profissão. Outra vez em 15 mezes converteu 15000, e no mesmo anno em que padeceu martyrio baptisou 4000.

DA VIRTUDE DA ESPERANÇA.

Qual fosse a sua esperança em Deus, e a esperança de alcançar a bemaventurança, e de se unir com o summo bem, consta claramente do continuo, e fervoroso desejo que tinha de dar o sangue por Christo, como acima fica dito: como tambem consta da continua prégação do Evangelho por muitos annos nas terras dos infieis com evidente perigo da vida.

E este modo de proceder não pôde nascer senão da grande esperança e confiança de alcançar a bemaventurança eterna. Movido da mesma esperança, quando já era condemnado á morte, applicou toda a diligencia possivel para que se não entregassem ao tyranno as cartas commendaticias que muitos christãos tinham procurado afim de lhe impetrarem a liberdade. Além d'isto prohibiu que os portuguezes, e geralmente os europeus de qualquer outra nação, fizessem alguma diligencia com o regulo para elle sair com vida; isto afim de que se não demorasse a consecução do premio eterno, desejando com S. Paulo desatar-se das prisões corporaes para estar no ceu com Chisto.

DA VIRTUDE DA CARIDADE.

Da caridade d'este grande servopara com seu Deus e Senhor não se pode duvidar. E na verdade elle a teve em

grau heroico; porque se Santo Thomaz *Secunda Secundæ, q.* 124, *art.* 3, *in corpore* demonstra, que entre todos os actos das virtudes o martyrio é a perfeição da caridade, conforme a sentença de Christo em S. João *cap.* 15. *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*, offerecendo o servo de Deus a cabeça ao golpe a que foi condemnado em odio da fé, por querer amplificar o reino de Deus nas terras dos infieis, segue-se que chegou ao perfeitissimo grau da caridade para com Deus.

Nem foi dissimilhante a caridade com o proximo que continuamente exercitava com todos, ou remediando com esmolas a indigencia dos pobres, ou curando os enfermos com medicamentos, em tal conformidade, que commummente era chamado pae dos neophitos, que são os christãos baptisados de novo. N'aquella navegação em que a segunda vez foi para a India, pegando-se na nau uma doença contagiosa, antepondo a saude dos proximos á sua, todo se occupava em servir os enfermos; e por estas acções de caridade mereceu ser tido entre os navegantes por outro Xavier.

Mas em nenhuma cousa se mostrou mais a caridade para com os proximos, que no zelo com que o servo de Deus se expoz a tantas difficuldades e perigos n'aquella ardua missão emprehendida pela salvação das almas, feito todo á vontade de todos, afim de lucrar a todos para Christo. Muitas vezes se disciplinava até verter sangue para reduzir a melhor vida os homens perdidos. E com a mesma industria conseguiu a paz e concordia de muitos que viviam entre odios e inimisades.

DA PRUDENCIA, JUSTIÇA, E FORTALEZA.

Descendo ás virtudes cardeaes e ás suas annexas, e começando pela prudencia, n'elle reconheceram os superiores esta virtude em grau superlativo; pois nas cousas, e negocios de maior consideração sempre o consultavam. Nem deu menores indicios da mesma virtude, quando superior no governo de toda a missão, no qual se portou com tal circumspecção e acerto, que satisfez plenamente assim aos seus maiores, como aos seus subditos. E assim como todos ou grandes ou pequenos lhe pediam conselho, assim não

houve algum que deixasse de abraçar os que lhe dava por menos conformes com a prudencia.

Do que toca á integridade da justiça, nada faltava n'este servo de Deus; porque era exactissimo na observancia dos mandamentos de Deus e da igreja, na obediencia aos mandados dos superiores, e na guarda das regras e instituto da Companhia, de tal sorte que não só se achou não delinquira em cousa grave, mas se viu que sempre fôra vigilantissimo no evitar as culpas veniaes, e as mais leves imperfeições, quanto soffre a humana fragilidade. Em toda a parte foi religioso exemplar; e todas as emprezas que tomou por obediencia de tal sorte as levou ao fim, que entre os missionarios d'aquelle tempo, não houve algum a respeito do qual fosse segundo.

A fortaleza heroica n'este servo de Deus mostrou bem a intrepida paciencia nos trabalhos, e frequentes perseguições toleradas pela gloria de Deus e salvação das almas, animando-se a soffrer tudo quanto respeitava á maior honra de seu Deus e Senhor. Encarcerado duas vezes e vexado com muitas injurias, açoutes e feridas, nunca deu o minimo signal de impaciencia. Além d'isso foi admiravel a constancia que mostrou, quando nem com ameaças, nem com premios pôde ser induzido a invocar por seu nome um idolo tido em grande veneração entre aquella gentilidade. E finalmente da morte que generosamente padeceu por amor de Christo, se collige qual, e em que grau fosse a fortaleza do servo de Deus.

DA TEMPERANÇA, E MAIS VIRTUDES QUE A ELLA SE SUBALTERNAM.

Quanto á temperança e mais virtudes que a ella se subalternam, consta de muitas experiencias, que teve exercicio d'ellas em grau sublime; porque n'elle resplendeceu a abstinencia insigne na comida e bebida. Em todo o tempo que exercitou as funcções de missionario, sem exceptuar o que gastou na Europa vindo da India, e o que gastou na volta para a sua missão, se absteve até á morte de carnes, de ovos, de peixe, e de vinho, contentando-se com legumes, hervas e frutas; e d'estas costumava eleger as mais insipidas, e tambem as mais amargosas.

A sua penitencia na austeridade da vida a todos causou admiração; porque o somno era brevissimo, e sempre na

terra nua sobre uma pelle de cervo, ou de tigre: continuamente trazia cilicio, e frequentissimamente se castigava com disciplinas de sangue. Gastava a maior parte da noute em oração e contemplação das cousas divinas. Sempre andava com os pés descalços nas peregrinações que fazia pela provincia do Malabar, ouvindo as confissões dos neophytos, catechisando e baptisando os catecumenos.

Todos os que o conversavam viam no servo de Deus summa continencia, modestia e pudicicia, em tal forma que nunca nas suas palavras e obras se notou alguma cousa contra estas virtudes, como depõem as testemunhas.

Na humildade finalmente, que é o fundamento de todas as virtudes, deu insignes e admiraveis exemplos: porque primeiramente rejeitou o arcebispado de Goa, que para elle destinava el-rei de Portugal. E até as dignidades da sua religião não aceitava, senão constrangido por obediencia.

Quando veiu da India mandado a Roma, para solicitar os negocios da missão, detendo-se por algum tempo em Lisboa, e dispondo-se para a volta do Malabar, não foi possivel, que vencido de razões ou movido de rogos acceitasse o cargo honorifico de mestre e director do principe de Portugal, que hoje é o serenissimo rei D. João V, tendo-o destinado para este emprego D. Pedro II, seu pae, antepondo as choupanas dos seus novos christãos á honra e magestade do paço.

Chegado ao Malabar, e sabendo mais que por humanas conjecturas a morte que o esperava em odio da santa fé, pediu a Deus, que se assim succedesse, de nenhum modo consentisse que as reliquias do seu corpo tivessem alguma veneração, antes fossem comidas pelas feras, como partes e membros de um grande peccador. Da mesma humildade nascia o despreso de si mesmo, e pelo contrario a grande estimação dos outros, cujos talentos engrandecia deprimindo sempre os seus.

Dos sobreditos actos de virtude que até aqui declarámos e reconhecemos no servo de Deus, além de muitas testemunhas de ouvida e fama publica, temos dezesete de vista e de sciencia immediata, como se vê no summario.

Pelo que não é admiração, se por tantas experiencias e provas de santidade que resplendeciam no V. P. João de Britto, tanto entre os christãos, quanto entre os gentios d'aquella missão de Madurei, e reinos confinan-

tes, fosse louvado e tido em conta de Santo quando vivia, como depõem as testemunhas.

DAS CAUSAS DO SEU MARTYRIO.

Disposto com o presidio de tão singulares virtudes, se preparava o servo de Deus para a palma do martyrio que o mesmo Deus lhe destinava por mão dos infieis. Porque os brachmenes e sacerdotes dos idolos, levando muito a mal ver tantos gentios convertidos á fé catholica, e que a veneração dos idolos cada dia se diminuisse, queixaram-se ao regulo do Maravá, e accusaram ao V. Padre de que prégava a lei de Christo, sendo causa de que os naturaes desamparassem os ritos patrios, que os templos carecessem dos devotos, que d'antes os frequentavam, e que os idolos fossem injuriados. Ajuntavam-se a isto ameaças de vinganças e castigos que estavam para vir do ceu, não sómente sobre os desertores da sua religião, mas tambem sobre o mesmo regulo que concedia impunidade a tão grandes delictos.

Accrescentou-se a sentida queixa de uma sobrinha do mesmo regulo com fundamento de que um fidalgo dos principaes do reino, sendo catecumeno, e pedindo ao V. Padre que lhe administrasse o baptismo, do qual foi excluido em razão da polygamia, ou de estar casado com muitas mulheres, elle impaciente da repulsa repudiou logo quatro mulheres illegitimas, das quaes era uma a dita sobrinha do principe; o qual enfurecendo-se com estas queixas mandou que o servo de Deus fosse preso, que as casas dos christãos fossem saqueadas, que fossem queimadas as igrejas, e que cada um dos fieis fosse multado com pena pecuniaria, que a uns fossem cortadas as orelhas, a outros os narizes, outros fossem açoutados, outros marcados na testa com ferro, signal com que n'aquellas terras se representava o culto e veneração do idolo.

DA PRISÃO DO V. PADRE.

Mandados pois á decretada execução os officiaes da justiça, foi preso no mesmo dia que antes tinha vaticinado, estando no logar ou povoação de Muni, depois que pela manhã celebrou a missa, e n'ella administrou o sacramento da Eucharistia aos que primeiro confessara. Preso

aqui com cadêas e algemas, foi conduzido por espaço de tres horas a outra povoação chamada Anumandacurem, onde amarrado a um carro triumphal do idolo ficou exposto ao ludibrio do vulgo, até o sol posto.

De noute foi mettido em grilhões e guardado pelos soldados. Depois d'isto foi levado em tres dias de caminho á côrte do regulo do Maravá, não tendo para se sustentar mais que um pouco de leite, e alguns figos que o seu catechista alcançou por esmola de alguns christãos.

Tanto que chegou ao paço e á presença do tyranno sendo perguntado ácerca da fé e doutrina que ensinava, declarou-lhe o symbolo e decalogo, isto é, o Credo e os Mandamentos da Lei de Deus. Mas em logar de lhe darem audiencia, os aulicos o exsiliabam e enchiam de affrontas. Logo foi tentado com terrores, ameaças, e premios para que invocasse o nome de um idolo, sacrilegio e superstição que elle não quiz admittir, admirando os mesmos barbaros a grande alegria do rosto e a constancia inflexivel do animo.

E conhecendo por isso o tyranno que trabalhava debalde com o servo de Deus na pertenção de o apartar da fé catholica, mandou-lhe pendurar ao pescoço o seu breviario, por meio do qual, segundo falsamente cuidava, encantava e enfeitiçava aos naturaes do seu estado, movendo-os e inclinando-os á fé de Christo, e que os soldados tirassem a este alvo, apontando e descarregando n'elle as armas de fogo. E promptos já os arcabuzeiros para darem a carga, o regulo temendo a sublevação do povo, se o servo de Deus fosse morto na côrte, manda que sobreestejam na execução, fingindo que mudava em desterro a pena da morte, e mandou que o levassem a seu irmão chamado Urenjadeven, que estava em Urgur, escrevendo-lhe secretamente que logo lhe cortasse a cabeça.

Chegando o servo de Deus a Urgur depois de dous dias de caminho, foi apresentado ao regulo, e perguntado segunda vez ácerca da doutrina e lei que ensinava. Depois de um largo exame em que intrepidamente confessou a fé christã, e defendeu a sua verdade, foi mandado de novo invocar o nome do idolo d'aquelles gentios, promettendo-lhe de o investir no feudo de algumas aldêas, se fizesse a vontade do regulo. Mas detestando varonilmente este partido, foi condemnado á morte.

DISPOSIÇÃO DO SERVO DE DEUS PARA A MORTE, E SEU GLORIOSO MARTYRIO.

Levado d'alli ao carcere tratou de se preparar para a morte com orações, e outros pios exercicios. Applicava-se a ler as vidas e acções dos Santos Martyres, que se referem nas licções do breviario, com cujos exemplos se confirmava, e juntamente aos seus catechistas, que com elle estavam presos, para a tolerancia de similhantes tormentos. Dia e noite passava em oração, e todos os dias com os mesmos catechistas resava as ladainhas de Nossa Senhora, e dos Santos, implorando auxilio de Deus para perseverar na fé até á morte.

Tambem com cartas de seu proprio punho rogava aos mais padres missionarios e christãos, que, publicado jejum de tres dias, resando juntamente o rosario, encommendassem a Deus a elle, e aos seus, a fim de lhes conseguirem perseverança e firmesa na fé até o ultimo instante da vida: requerendo tambem que nem os portuguezes, nem algum dos europeus intercedesse com o regulo do Maravá, para que o livrasse da morte.

Feitos os exercicios mencionados, no cabo de tres dias o tiraram do carcere; e sendo levado ao logar do supplicio junto do rio Pamparrú, ia tão alegre e contente deante de todos, levando o seu breviario pendurado ao pescoço por ordem do tyranno, que os mesmos gentios pasmados perguntavam, se caminhava com tanta pressa, e contentamento para alguma festa ou banquete.

Posto finalmente n'aquelle campo destinado para tão barbara e deshumana carnificina, cercado de innumeravel multidão de gente, que concorrera para ver aquelle expectaculo, pediu, e conseguiu por mercê algum espaço de tempo, para se pôr todo nas mãos de Deus, que n'aquella ultima hora desejava ter favoravel e propicio.

Em quanto junto do madeiro, ou póste, em que seu corpo havia de ser pregado, se offerece victima a Deus, da outra parte lhe offerece o algoz aos olhos o cutello, com que n'aquelle reino se costumam sacrificar as victimas aos idolos; põe-se a aguçal-o na pedra, para experimentar se o servo de Deus atemorisado com o que via mudava de parecer, e de fé.

Porém não só não deu o minimo signal de inconstancia, mas muito alegre, e levantados os olhos ao ceo

gastou em oração aquella meia hora que lhe restava de vida; a qual acabada, offereceu o pescoço ao algoz para que lhe cortasse a cabeça: este descarregando o golpe com toda a força, nem assim a pôde levar; mas pegando-lhe da barba o degollou pela parte da garganta, e caíu de costas o santo corpo do invictissimo Martyr de Christo. Sendo-lhe logo cortados os pés e as mãos, foi pregado o corpo n'aquelle póste, junto do qual padeceu a morte, pregando-lhe tambem alli a cabeça, para que assim servisse de expectaculo a todos.

D'este modo com glorioso genero de morte acabou a presente vida em odio da fé o V. P. João de Britto aos 4 de fevereiro de 1693, dia que n'aquelle anno foi o de Cinza, contando n'este tempo 45 annos de edade, 30 de religião, e 20 de missionario, como consta do Manilogio da Companhia.

QUALIFICAÇÃO DE QUE FOI VERDADEIRO MARTYRIO A SUA MORTE.

Pela serie de tantos actos heroicos acima referidos, assim antecedentes, como concomitantes o glorioso martyrio comprovado com as deposições de quasi vinte testemunhas de vista, consta com quanta fortaleza e constancia acceitou a morte por Christo; e conseguintemente de nenhum modo se pode duvidar do verdadeiro martyrio, pelo que toca ao sujeito, que o padeceu; por quanto além das razões e argumentos da dita constancia e fortalesa já declarados acima, especialmente o depõem quasi todas as testemunhas examinadas sobre o oitavo artigo, como se vê no summario.

Pelo que toca ao mesmo martyrio considerado da parte do tyranno, é evidente que não teve outra causa mais, que a prégação da lei de Christo, a conversão dos gentios á nossa santa religião, o despreso dos idolos; e por todos estes respeitos foi em odio da fé. Assim o qualifica a universal opinião, e fama sem contradicção alguma entre todos os habitadores d'aquelle reino, pelos quaes sempre foi tido por verdadeiro martyr, e de presente se conserva na mesma reputação. Esta fama se originou de testemunhas oculares, e dos mesmos idolatras, que se acharam presentes a todos os actos do martyrio.

DO CORPO DO V. MARTYR DEPOIS DE MORTO.

Depois da morte do Servo de Deus esteve o seu corpo pendente d'aquelle póste, em que foi levantado, por espaço de 8 dias, nos quaes choveu continuamente, e despregado por força das aguas caíu em terra, e foi comido pelas bestas feras muito a proposito do desejo, com que antes do martyrio pedia ao Senhor, que seu corpo fosse devorado pelas feras. Ficaram alli os ossos e a cabeça que alguns christãos, não sem perigo da vida, recolheram e os levaram ao superior da missão, para que as reliquias de tão grande martyr não perecessem, e para que a seu tempo tenha a fortuna de lograr o culto, que esperamos lhe concederá a Sé apostolica: e por esse fim se conservam hoje no collegio de Goa recolhidas e fechadas em um cofre.

DOS MILAGRES QUE OBROU EM VIDA.

Em quanto não succede a publica veneração e culto, que desejamos, não deixa Deus de confirmar a santidade de seu Servo na vida, e a gloria de tal martyrio depois da morte com extraordinarios signaes do ceu, e com estupendos milagres, dos quaes referiremos aqui alguns começando pelos que obrou em vida.

Sendo preso o V. Padre na perseguição de 1686 e por muitos modos vexado, com elle estava no carcere um catechista chamado Xilvé-Hayguen, ao qual ferindo cruelmente o guarda com golpes de azorrague, de tal sorte lhe offendeu um dos olhos (era este o direito), que o arrancou de seu logar, e pegando d'elle o catechista entre gemidos e dores o apresentou ao V. Padre em forma de quem pedia remedio. Então o Servo de Deus mettendo-o no seu logar o benzeu, implorando auxilio divino, e o enfermo logo ficou são, e com a vista restituida, como esse mesmo catechista o attestou de facto proprio com outras testemunhas de vista, e presentes. E quando o V. Padre referiu este prodigio ao padre João da Costa da Companhia, por evitar o louvor, que se lhe podia seguir, o attribuia a Santa Luzia.

Visitando as aldêas dos seus novos christãos, para lhes administrar os sacramentos, chegou em tempo de chuva e pela noute á margem de um rio, chamado Collarão, que engrossado das muitas aguas saía da madre, e começava

a tresbordar pelos campos adjacentes. N'este perigo, e desamparo não havia quem por preço algum se offerecesse a pôr da outra parte o Servo de Deus. N'este tempo, da parte d'além se ouviu uma voz de quem clamando perguntava, se queria passar. Chamado pelo V. Padre quem quer que fosse o auctor d'aquella voz, logo se veiu a nado para elle um mancebo, e melhor do que o dissera, o passou á outra banda cortando com muita facilidade a corrente, e da mesma sorte aos da sua comitiva.

Alli, em quanto o V. Padre lhe preparava alguma remuneração de tão grande serviço, aquelle conductor desappareceu, sem ser visto como e para onde; e buscado com diligencia por elle e por seus companheiros, não se achou, ainda que no logar visinho o procuraram, e perguntaram por elle. D'onde todos creram, e se persuadiram que o ceu acudira com tão especial favor a seu Servo por ministerio de algum anjo, principalmente sendo a noute muito escura, e o rio muito largo, sem que da parte ulterior se podesse discernir os que chegavam da parte d'áquem.

CONTINUA A MESMA MATERIA DOS MILAGRES EM VIDA.

O principe Tariadeven, de quem acima fallámos, legitimo successor do reino do Maravá, cuja conversão á fé foi a proxima occasião do martyrio do V. Padre, padecia uma enfermidade mortal, e a juiso de todos incuravel. Este principe tendo ouvido muitas vezes a prodigiosa virtude do catechismo christão, pediu ao V. Padre Britto o quizesse ler deante d'elle. Acabando de o ler, foi tal o effeito das palavras do V. Padre, com que pronunciava as do catechismo, que o principe logo recuperou a saude, reconhecendo a especial mercê que Deus lhe fizera por cooperação de seu Servo.

E d'este milagre resultou que o principe pediu o baptismo, para o qual se dispoz repudiando algumas das muitas mulheres que tinha; e d'aqui nasceu, que o regulo indignado á vista das queixas que lhe fizera sua sobrinha, uma das mulheres, ou, por melhor dizer, das concubinas do principe, mandou matar o V. P. Britto. Tanta era n'elle a ancia do martyrio, que fazia milagres, para com effeito o padecer!

Não foi menor a efficacia da virtude, com que milagrosamente triumphou de todas as artes magicas, quando

por ordem do tyranno se applicaram os mais insignes feiticeiros da sua côrte a preparar um veneficio tão efficaz e activo, que constava por experiencia não haver quem d'elle escapasse com vida. Era celebre n'aquelle reino esta confeição diabolica, composta de varios ingredientes, e se chamava patiragulipugei.

Depois de gastados tres dias n'este preparativo da morte, os necromanticos desenganaram ao tyranno, dizendo-lhe entendiam estava mal lograda a sua diligencia; porque o Padre tinha maiores forças que toda a potencia dos seus deuses. Por tres vezes se tinha repetido este arteficio, e sempre sem successo.

Finalmente vendo os mestres d'esta arte que se perdia o seu credito e opinião, tornaram a tentar fortuna, pedindo licença ao tyranno, para offerecerem uns execraveis sacrificios de tão forte e vehemente operação, que em cinco dias se havia de seguir infallivelmente a morte do V. Padre. Obtiveram a licença, fizeram os sacrificios, mas não se verificou a promessa; porque a vida do V. Padre se confirmava mais entre os meios da sua destruição. A' vista de tal prodigio podemos dizer de novo, que, como o V. Padre aspirava a dar a vida pela fé não de qualquer sorte, mas com effusão de sangue, não contente com a morte que lhe deixasse o sangue nas veias, venceu milagrosamente tantos veneficios, para que finalmente o derramasse em circumstancias, que a morte não parecesse natural, como pertendia a malicia de seus inimigos, mas fosse publica e notoriamente violenta, testemunhando seu mesmo sangue que padecera glorioso martyrio.

DO MILAGROSO ESPIRITO DE PROPHECIA.

Tambem alguns prognosticos de cousas futuras, e verificadas com o successo provam que o Servo de Deus fôra illustrado com espirito de prophecia. Estando esposada a princesa de Portugal D. Isabel Maria Josepha filha unica, que do primeiro matrimonio com a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya teve el-rei D. Pedro II, com o principe filho do duque de Saboya legitimo herdeiro dos seus estados, antes que se celebrasse o matrimonio, prophetisou na India, quando lá ouviu esta noticia, que não havia de ter effeito; e assim se cumpriu, mudando o saboyano de resolução, e voltando sem elle uma armada em que a me-

lhor nobresa de Portugal o fôra buscar. E o padre João da Costa da Companhia, que no processo feito em Roma depoem que ouvira esta prophecia ao V. Padre na India, accrescenta, que chegando a noticia da morte da sobredita princesa, elle a escrevera ao mesmo V. Padre, o qual lhe respondeu: lembre-se vossa reverencia do que eu algum dia lhe disse n'esta materia.

Depois de celebrar missa, allumiado n'ella por Deus, que lhe manifestou a ultima perseguição, em que morreu, logo avisou aos christãos, que a perseguição se armaria contra todos, e que tratassem de evitar os effeitos da ira do tyranno. Além d'isto sendo presos com elle muitos christãos e catechistas, que foram judicialmente examinados ácerca da religião christã, disse, que todos haviam de ficar livres, e que só elle havia de ser condemnado á morte, como com effeito succedeu.

DOS MILAGRES DEPOIS DA MORTE.

Se estas cousas aconteceram na sua vida, depois da sua morte continuou Deus em dar manifestos signaes da gloria que possuia no ceu. Em prova do que por tres dias e tres noutes foram vistas pelos infieis luminarias suspensas no ar sobre o corpo do Santo Martyr pendente no patibulo.

Um dos novos christãos estando cego, com applicar agua aos olhos, em que foi misturada a terra em que caira o sangue do V. Martyr, logo recuperou a vista.

Por virtude da mesma agua medicada com a dita terra ensanguentada, e bebida por uma mulher posta em perigo de morte pela difficuldade do parto, porque não podia expellir o féto, logo pario uma creança morta, e a mãe ficou viva e sãa.

Na mesma hora em que o martyrisaram, appareceu com a cabeça nas mãos ao padre João da Costa da Companhia de Jesus na aldêa de Talleis, que distava do logar do martyrio por espaço de quarenta leguas, como o mesmo padre depoem de facto proprio no summario romano.

Na costa da Pescaria pegou o fogo na casa de um habitador d'aquelle logar chamado Taléc, e já bem soprado e accendido pelo vento se ateava nas casas dos visinhos, que eram cobertas de folhas seccas de palma, e ameaçava um fatal incendio em toda aquella aldêa, quando

o padre João da Costa, de quem pouco acima fallámos, invocou de Deus auxilio por intercessão do V. Martyr, e o fogo de repente se voltou para a outra parte, onde não estavam casas, e começou a cair uma chuva copiosa, sendo que o ceu d'antes estava sereno, e sem mostras de agua, ficando com isto as mais habitações illesas; o que se não podia attribuir senão ao patrocinio do Servo de Deus.

Certa donzella da cidade de Cotata chamada Isabel, que estava doente de uns tumores malignos, mettendo-se na agua benta que bebeu, uma parte do lenho em que foi pregado o corpo do santo martyr, recuperou a sua antiga saude, e os tumores se seccaram, e abateram.

De similhante doença estava deplorado e proximo á morte um menimo por nome Mariadagen na cidade de Vaipura da mesma costa da Pescaria, e ficou tão desforme por causa dos tumores, que já não tinha figura de corpo humano. N'estes apertos os paes destituidos de humano auxilio recorreram á intercessão da Virgem Maria, e juntamente aos favores do V. Martyr, de quem fôra catechista o pae do menino, resando a este intento as ladainhas.

Então o doente, que havia dias tinha perdido a falla, chamando o pae com rosto alegre e risonho, lhe contou como a Santissima Virgem acompanhada de muitos anjos, e juntamente do V. P. João de Britto, que trazia á mão direita, lhe apparecera, e lhe alcançara de Deus saude. Depois d'isto em tempo de meia hora desappareceu todo o tumor, e correndo um liquor aqueo, ficou o menino totalmente livre.

Um gentio que padecia febre continua, ouvindo muitos louvores da nossa santa fé a um medico christão, a impugnava como falsa, só porque tinha ouvido que o regulo do Maravá a prohibira, e porque o mesmo rei tinha mandado degolar o Santo Padre que a ensinava. Comtudo pacteou com o medico, e prometteu que seria christão, se por auxilio e favor do V. P. João de Britto, que o medico asseverava ser martyr por defensor da lei verdadeira, em tempo de 24 horas convalecesse d'aquella febre tão continuada. O successo encheu e purificou a condição, achando-se o doente são no tempo aprazado; e satisfazendo á promessa se fez christão.

O testemunho de maior estimação é o que sae da bocca dos inimigos; e que estes o dessem irrefragavel ácerca dos milagres do V. P. João de Britto, vê-se claramente

do successo seguinte. Recolheram os infieis os vestidos e o bordão do Santo Martyr; e querendo os christãos resgatal-os a todo o preço, não foi possivel acabarem com os gentios que lhos vendessem, dando estes por razão que lhes serviam de armas contra os demonios que os infestavam; pois á vista d'estas sagradas reliquias desappareciam. D'onde se collige que, se com os outros prodigios já referidos vencia milagrosamente a natureza, com os effeitos d'estas sagradas reliquias vence o mesmo inferno.

EM QUE SE CONCLUE ESTE COMPENDIO.

De quanto fica deduzido na sobredita informação, assim das virtudes como do martyrio, e da causa do mesmo martyrio, e dos prodigios sobrenaturaes que se comprovam e justificam com quarenta e uma testemunhas examinadas por auctoridade do Ordinario, das quaes muitas são de vista, pois foram ou companheiros do Santo Martyr no carcere, onde tambem estiveram presos, ou seus catechistas, ou alguns outros christãos que dos logares circumvisinhos concorreram para assistirem á morte do pae universal d'aquella christandade:

De quanto fica deduzido (torno a dizer) parece está plenariamente provada a publica fama e a verdade do martyrio d'este Servo de Deus, como tambem a fama da sua santidade e dos milagres que obrou, sendo este o primeiro requisito para se introduzirem similhantes causas na sagrada Congregação dos Ritos; a qual fama e commum opinião certamente persevera até o presente dia, e consta do Manilogio da Companhia de Jesus, que se costuma ler todos os annos em toda a religião, no qual Manilogio aos 4 de fevereiro se expõe o martyrio do V. P. João de Britto.

E se conforme o estylo da Curia, além das causas motivas para a canonisação que consistem na santidade, milagres e martyrios justificados, são necessarias as impulsivas que consistem nas supplicas e instancias dos principes, omittindo aqui por brevidade as cartas que sobre esta materia escreveram a S. Santidade o eminentissimo Nuno Cardeal da Cunha, os illustrissimos arcebispo primaz Ruy de Moura Telles, arcebispo de Evora D. Simão da Gama, arcebispo de Cranganor D. João Ribeiro, bispo de Leiria D. Alvaro de Abranches, bispo de Meliapôr D. Francisco

Laynes e cabido da Sé de Lisboa oriental, faremos só menção das duas que escreveram os serenissimos rei e rainha de Portugal.

CAUSA IMPULSIVA PARA A CANONISAÇÃO NA SEGUINTE CARTA DO SERENISSIMO REI DE PORTUGAL D. JOÃO V.

Muito santo em Christo Padre, e muito bemaventurado Senhor, o vosso devoto e obediente filho D. João por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'álem mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. com toda humildade envia beijar seus santos pés.

Muito santo em Christo Padre, e muito bemaventurado Senhor, o V. P. João de Britto, que do serviço do paço onde se criou com o foro de moço fidalgo passou à ser religioso da Companhia de Jesus, onde sempre com exemplar vida satisfez á obrigação de filho dos illustres paes que teve no seculo, e d'aquelle grande pae S. Ignacio que buscou na religião, depois de o haver levado seu fervoroso espirito ás mais trabalhosas missões do Oriente em Madurey, onde com incançaveis fadigas e copiosos suores fertilisou aquellas terras cheias de espinhos da infidelidade, deixando n'ellas muitas e tenras plantas do paraiso regadas com a agua do sagrado baptismo, desde aquella dilatada distancia o trouxe o seu mesmo espirito a este reino a procurar o augmento d'aquellas missões; e restituindo-se a ellas, começou a ser tão copioso o fructo das suas conversões, e a conhecer-se tão activo o fogo do abrasado espirito do amor de Deus e do proximo, que obrando Deus pela sua mão as maravilhosas obras da sua omnipotencia, premiou os seus graves trabalhos com a corôa do cruel martyrio que gloriosamente padeceu no Malabar, o qual haverá dez annos veiu justificado do Oriente nas diligencias que já se remetteram a essa Curia.

E porque não só será de muita gloria para Deus Nosso Senhor, de grande esplendor para este reino, e de efficaz exemplo para a sua religião, mas tambem de grande gosto e consolação para mim servir-se V. Santidade de declarar por um dos bemaventurados a este grande Servo de Deus, que desde o caminho do paço chegou pelo caminho da religião a ser um dos soldados escolhidos por Deus para o exercito dos seus martyres:

Peço humilde e instantemente a V. Santidade queira com a sua paternal benignidade mandar ver com a maior brevidade estas diligencias. E por continuar a bôa fama das virtudes do dito V. João de Britto, e ser constante opinião de que padeceu glorioso martyrio, tive por conveniente renovar a supplica que el-rei meu senhor e pae havia feito a V. Santidade sobre este particular. Muito santo em Christo Padre, e muito bemaventurado Senhor, Deus N. S. por largos tempos conserve a pessoa de V. Santidade em seu santo serviço. Escrita em Lisboa a 4 de janeiro de 1714.

Muito obediente filho de V. Santidade

EL-REI.

OUTRA CAUSA IMPULSIVA NA SEGUINTE CARTA DA SERENISSIMA RAINHA DE PORTUGAL D. MARIA ANNA.

Muito santo em Christo Padre, e muito bemaventurado Senhor, a vossa devota e obediente filha D. Maria Anna por graça de Deus rainha de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'álem mar em Africa, senhora de Guiné e da conquista, navegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc., com toda humildade envia beijar seus santos pés. Muito santo em Christo Padre, e muito bemaventurado Senhor, o V. P. João de Britto da Companhia de Jesus, varão illustre pelo seu nascimento, e muito mais pelas suas obras e virtudes, missionario que foi em Madurey, onde a Providencia divina lhe tinha destinado o premio por seus incançaveis trabalhos no glorioso martyrio que padeceu para confirmação da fé, e que veiu justificado a V. Santidade do Oriente, como tambem os prodigios que a divina Providencia obrou por mão d'este seu Servo; e porque ainda continúa a boa fama das suas virtudes e a constante opinião de que padeceu glorioso martyrio:

Peço encarecidamente a V. Santidade queira com a sua paternal benignidade mandal-o declarar com toda a brevidade, para que desde o oriente até o occaso se veja exaltado o poder de Deus com gloria de Portugal e de toda a christandade, renovando agora a mesma supplica que a rainha minha predecessora já fez a V. Santidade sobre este particular, por desejar ver no meu tempo sobre os altares um varão tão veneravel, como foi o dito Padre. Muito

santo em Christo Padre, e muito bemaventurado Senhor, Deus Nosso Senhor por largos tempos conserve a pessoa de V. Santidade em seu santo serviço. Escrita em Lisboa, em 3 de janeiro de 1714.

Muito obediente filha de V. Santidade

A RAINHA.

VERDADEIRAS IMAGENS

DO V. PADRE

JOÃO DE BRITTO.

Proponho-te, ó benevolo leitor, por sobrescrito das cartas do V. P. João de Britto o titulo de verdadeiras imagens; porque nas cartas que cada um escreve treslada ao papel as tintas do seu animo e as côres do seu espirito. Vêmos os caracteres da carta com os olhos do corpo, e no mesmo tempo vêmos com os olhos do intendimento nas regras da mesma carta delineado o espirito de seu auctor. Se isto bem se considerasse, quantos aparariam melhor as suas pennas, e não deixariam abominaveis retratos de si mesmos, tão negros como a tinta com que escrevem as suas cartas, ou por melhor dizer, os libellos infamatorios do seu credito e opinião.

N'estas imagens que te proponho feitas á penna, verás em primeiro logar duas debuxadas em Roma pelo R. P. Thyrso Gonzales preposito geral da sagrada Companhia de Jesus, nas quaes respondendo ás cartas que de mandado de suas majestades lhe escreveram seus confessores os padres Sebastião de Magalhães, e Leopoldo Fués, pinta com vivas côres o conceito que tinha das virtudes e talento do V. P. João de Britto. Em qualquer d'estas duas imagens verás representado ao pae e juntamente ao filho; ao pae como auctor da carta, ao filho como objecto da escritura.

Em segundo logar verás tantas imagens do V. Padre, quantas cartas leres feitas pela sua penna ou a Fernão Pe-

reira do Britto seu irmão no sangue, ou a alguns padres da Companhia seus irmãos no espirito.

Abre bem os olhos para leres estas cartas; e peço-te que lhes respondas com o bom estylo da tua vida.

Primeira carta do P. Thyrso Gonzoles geral da Companhia de Jesus para o P. Sebastião de Magalhães confessor de sua majestade, em que declara as razões que havia para não vir da India para Portugal o V. P. João de Britto.

Recebi n'esta posta uma carta de V. R. escrita em 5 de junho proximo passado, na qual me dá noticia da grande propensão que sua majestade que Deus guarde, mostra a que o P. João de Britto torne a repetir a navegação da India para Portugal. Creio terá V. R. intendido quão prompto estou e estarei para executar, assim n'isto como em tudo o mais que se offerecer, quanto fôr do agrado e serviço de sua majestade; mas já que V. R. me adverte, que a singular piedade e recta intenção de sua majestade só pertende deixar na escolha do P. Britto ou ficar na India, ou voltar para esse reino, conforme elle julgar que será maior serviço de Deus, intendo me não estranhará sua majestade significar eu a V. R. o que julgo n'esta materia; e é que a vinda do P. Britto para Portugal será sem duvida contra o maior serviço de Deus, considerados os grandes talentos de missionario que a divina bondade communicou ao dito Padre, dando-lhe zelo apostolico para dilatar nossa santa fé, e particular graça para a prégar e attrahir a ella com seu bom modo e grande pericia da lingua do Malabar grande numero de gentios, e outras muitas prendas proprias de um homem escolhido de Deus para o serviço na empresa das almas; não dos christãos em Europa, mas dos gentios na India, onde os sobreditos talentos renderam cento por um, como já mostra a experiencia do copioso fructo que o P. Britto colheu da sua prégação no Malabar; e em Portugal não fructificaram um por cento. O mesmo julgo pondo os olhos no maior bem da missão do Malabar, a qual tendo a sua majestade por seu singular protector, não perderá cousa alguma em Portugal com a ausencia do P. Britto, e na India ganhará muito com a sua presença, valendo-se dos seus talentos, zelo e experiencia da missão, e pericia da lingua malabar; e tendo

n'elle um vivo exemplar de missionarios apostolicos do Malabar, a cuja vista e dos signaes que no corpo lhe deixaram os martyrios que padeceu pela fé e amor de Jesus Christo, conceberão grande fervor os missionarios, e trabalharão com maior zelo e desvelo no bem espiritual d'aquella missão, a qual se deve antepor a qualquer emolumento temporal, que o P. Britto lhe poderia grangear com sua assistencia em Lisboa. Pelo contrario, que desanimados ficarão os mesmos missionarios, e que frios nos seus bons propositos todos aquelles religiosos da Companhia que pertendem passar da Europa ás missões do Malabar, se virem deixar a empresa das almas a quem devia ser n'ella sua guia e capitão? Para uns e outros será este exemplo de grande escandalo, e para o P. Britto materia de não pouco discredito; porque o poderão tachar de inconstante, por voltar tão prestes para o reino, d'onde partiu em março proximo passado, e de menos zeloso no serviço de Deus, por trocar os trabalhos da missão pelo descanço de Portugal. Com que poderá facilmente perder em breve tempo a grande opinião de santidade que grangeou em tantos annos á custa de muitos trabalhos no Malabar, não costumando Deus concorrer com suas particulares graças e singulares dons com quem deixa a empresa das almas a que o chamou. Isto é o que diante de Deus intendo n'este particular, remettendo-me sempre e em tudo ao rectissimo parecer de sua majestade, em cuja consciencia desencarrego a minha. E porque se não offerece outra cousa, acabo recommendando-me nos santos sacrificios e orações de V. R. etc. Roma, 22 de julho de 1690.

Servo em Christo
Thyrso Gonzales.

Segunda carta do mesmo P. geral da Companhia para o P. Leopoldo Fües confessor da serenissima rainha de Portugal, o qual lhe escreveu, como era vontade da dita serenissima senhora que viesse da India o V. P. João de Britto, para ser mestre de suas altezas.

As grandes obrigações em que nos tem posto a serenissima rainha de Portugal, e a singular benevolencia com que favorece e patrocina esta nossa minima Companhia, justissimamente pedem de nós, como devido tributo, não só o agradecimento, mas tambem um animo promptissimo

para obedecer ao minimo aceno e significação da vontade de sua real majestade.

Por esta causa quizera eu com o exercicio da minha obediencia satisfazer ao grande desejo que tem a serenissima rainha de que o P. João de Britto deixe a missão do Malabar, e venha para Portugal, movido das particulares razões que V. R. de mandado da dita serenissima senhora me representou. Porém, considerado bem este negocio deante de Deus, julgo (e isto mesmo escrevi já ao P. Sebastião de Magalhães significasse ao serenissimo rei de Portugal) que cederá em maior gloria de Deus, salvação das almas, accrescentamento da provincia do Malabar, e maior honra do mesmo P. João de Britto, se não divertirmos a tão grande missionario da empresa, para a qual o Espirito Santo o segregou, como a outro apostolo das gentes da côrte de Lisboa, e o levou de Portugal para o Malabar. E como a serenissima rainha com todo seu coração e affectos promova o serviço de Deus, a conversão das almas e os progressos da missão do Malabar, tenho certa confiança de que ha de levar a bem persevere o P. Britto fidelissimo ministro e operario do Senhor em cultivar a vinha que o mesmo Senhor lhe encommendou. V. R. em meu nome lançado aos reaes pés da serenissima rainha de Portugal, lhe renda immortaes graças pelas innumeraveis mercês que temos recebido de sua liberal mão, e pelo muito credito que logra a Companhia á sombra de seu poderoso patrocinio. Nos santos sacrificios de V. R. muito me recommendo. Roma 30 de setembro de 1692.

Servo em Christo
Thyrso Gonzales.

Cartas do V. P. João de Britto escritas de Lisboa a seu irmão que assistia em Monforte, Fernão Pereira de Britto, em que se conhece bem que em todas as occasiões se achava no dito V. Padre amor de Deus, despresos da vida, cuidados da morte, despegos do mundo, e apostados desejos de dar a vida pela fé.

I. São tão grandes as occupações em que me acho, e o tropel de negocios e visitas que me levam o tempo, que só furtando este a outras obrigações posso satisfazer a esta. Estimo vossa saude e peço a Deus a empregueis sempre em o amar, que é só o com que vos haveis de achar

á hora da morte, e por toda a eternidade. A vosso serviço fica a com que Nosso Senhor me favorece. Chegou o papel; queira Deus que o faça eu bem nos seus divinos olhos; porque só a conta que tenho para lhe dar é a que me atormenta. Deus vos guarde, etc.

V. irmão e servo humilde
João.

II. Meu irmão e meu senhor, recebi aos 25 a vossa carta dos 21 de maio. O quanto a estimei vós o sabeis, pois sabeis o quanto sempre vos amei. Queira N. bom Deus e Senhor por sua misericordia que por toda a eternidade nos amemos; que tudo o que encontra isto, é engano e loucura, se não fôr falta de fé.

A minha ida para Roma está ainda dependente da vontade de sua majestade que Deus guarde. Deus Nosso Senhor por sua misericordia disponha as cousas de maneira, que succeda tudo para maior gloria sua e augmento de seu santo serviço, que é só o que devemos procurar.

As inquirições de Pedro Gonçalves tire-as quem vós ordenardes, e basta dizer no principio: A petição do P. João de Britto da Companhia de Jesus, procurador geral da provincia do Malabar, eu Fulano tiro estas inquirições, etc. Tambem vos peço que quando me fizerdes mercê escrever-me, me não ponhais no sobrescrito mais que ao P. João de Britto da Companhia de Jesus, meu irmão, e nada mais; porque eu não sou muito reverendo, nem senhor, porque sou vosso irmão mais moço, e como tal, e como religioso sou vosso servo; e se vos chamo por vós n'esta supposição, é por não alterar n'estas circumstancias o modo porque sempre vos tratei, podendo vós imaginar no que era obrigação minha, offensa no que vos quero. E o ser procurador geral é só para os papeis que o requerem ex-officio, e não para os sobrescritos que só denotam fantastica. E fique isto dito por uma vez que é já muito tarde, mas mais val tarde que nunca. Mandae-me muito em que vos sirva, que encommendarvos a Deus é obrigação a que satisfaço; assim me queira Deus ouvir. Elle vos guarde, como desejo, etc.

V. irmão e servo humilde
João.

III. Meu irmão e meu senhor, recebi as vossas no-

vas com aquelle gosto que vós podeis considerar do muito que vos amo. Morreu de um accidente, mas bem apparelhado o P. Francisco de Almeida, e eu perdi um grandissimo amigo: seja Deus bemdito que tudo acaba em a morte: por isso eu me vou para a India com tanto gosto, e mandei fazer as ultimas instancias, ou pedi que se fizessem pela rainha nossa senhora; e diz sua majestade que me dá licença, mas que d'aqui a dois annos me ha de mandar chamar; mas espero em Deus que se esqueça. Encommendai-me muito a Deus: aos sobrinhos a minha benção, etc.

V. irmão e servo
João.

IV. Meu irmão e meu senhor, hoje 18 de março recebi a vossa com a inclusa do provedor que logo darei; porque para vos servir no pouco que presto, não faltarei nunca: ainda que o tropel de occupações me tire o tempo, não me pode tirar nem a obrigação, nem a vontade que tenho de vos servir.

Todos os vossos discursos venero, como vossos, nem os podia venerar mais. Por tudo o que me mandaes vos beijo as mãos, mas a mim me não é necessario nada, que a sel-o, só de vós me havia de valer. O meu amor para com vosco não o posso manifestar, como vós o sabeis conhecer. Nem vos amo agora menos, nem nunca vos amei mais; porque sempre vos quiz tanto, que me parece se não podia augmentar mais o meu amor. Eu vou tão contente como vim pesaroso. Cuidar que alguem me desviou cuido que é engano; porque eu nunca havia de ficar; porque só no ceu quero estar na patria, e por isso só lá me não quero apartar de vós, a quem e a toda a vossa familia encommendarei muito a Deus. Aos sobrinhos a minha benção: a todos soccorra Deus de maneira que todos nos salvemos. Adeus, meu irmão muito do meu coração, adeus, etc.

V. irmão, servo e amigo
João.

Estas quatro cartas foram escritas depois que da India veiu a Portugal por procurador geral da sua missão; e as ultimas duas foram estando já de partida, e a ultima serviu de despedida. Logo que chegou a Goa, na primeira monção escreveu ao irmão a carta seguinte.

V. Meu irmão e meu senhor, nem toda a distancia que ha entre Portugal e a India, é bastante para me causar o menor esquecimento do muito que vos devo. Cheguei em quasi sete mezes de viagem aos 3 de novembro, tendo partido aos 8 de abril, dia em que suas majestades e altezas me fizeram as maiores honras do mundo, de que sempre viverei lembrado e agradecido; e a de maior e mais estima foi o darem-me licença para voltar para a minha missão, onde com a graça divina faço conta de morrer. Na viagem estive mal, mas escapei pela misericordia de Nosso Senhor. Morreram-me dois padres muito bons sujeitos e muito virtuosos que eram o P. Manuel de Faria e o irmão Manuel de Figueiredo. Da gente da nau, morreram perto de quarenta, e todo o peso me caiu ás costas, porque era o unico sacerdote que vinha na nau; porque um frade dominico, que tambem o era, nem dizia missa, nem confessava, nem se levantava da cama por seus achaques, e dois clerigos estavam suspensos das ordens. Espero que Deus Nosso Senhor me ha de perdoar alguns castigos dos muitos que mereço por meus peccados, pelo que padeci n'aquella nau. As doenças, os fedores, as fomes, as sedes, os frios, as calmas, as borrascas, os ventos contrarios, o desasocego contínuo, e em fim tudo, davam bastante materia ao soffrimento.

Achei morto a D. Rodrigo da Costa, e no governo a D. Miguel de Almeida que me faz muita mercê. Das novas que por cá ha, vos mando esse resumo. O P. Agostinho Louzado vos entregará uma grande reliquia do Santo Xavier, que é um barrete posto e tocado no seu santo corpo pela minha mão; porque se abriu o sepulchro do Santo para certa diligencia, assistindo o P. provincial, o P. preposito, o irmão sacristão e eu. Peço-vos que o tenhaes no oratorio de nossa mãe e senhora, em quanto ella viver, que queira Deus seja por muitos annos, e que depois vá lograr de Deus por toda a eternidade, que é só o que devemos desejar, e o que eu procuro, confiado em sua divina misericordia; e por isso não faço conta de tornar a Portugal; mas na primeira embarcação me parto, Deus querendo, para a minha missão.

N'esse resumo vereis as mais novas do estado da India. Mandae-mas muito meudas vossas, e ide accommodando esses meninos, já que Deus vol-os deu, que o que os paes fazem em vida é mais conveniente. A todos a

minha benção. Deus vos guarde como desejo, etc. Goa 26 de janeiro de 1691.

V. irmão, humilde servo e amigo

João.

VI. Meu irmão e meu senhor, depois que vos escrevi o anno passado no fim de janeiro, logo nos primeiros de fevereiro me embarquei para a minha provincia, e depois de quatro mezes cheguei á minha missão: depois de a visitar toda por ordem dos superiores me vim para esta residencia do Maravá, onde ha cinco annos fui preso. Receberam-me os christãos com grande gosto, e eu com não pequena consolação espiritual me acho outra vez entre elles. A conversão é grande, e o fervor nos neophytos tambem. A segurança não é muita; mas o caso passado faz mais constantes os christãos e amedronta os gentios; porque o general que me prendeu, e seus irmãos com toda a parentella foram presos por traidores e mortos dentro no mesmo anno com o mesmo genero de morte a que me sentencearam. E o rei do modo que me tratou a mim, o tratou Deus a elle; porque ao principio foi despojado do reino, e depois com ajuda do rei visinho o tornou a restaurar; porém perdeu quasi ametade das terras; e assim attribuem isto gentios e christãos a castigo da perseguição passada; e muitos mil, abrindo bem os olhos da consideração, se teem convertido, e entre elles alguns parentes e amigos do rei. Porém os inimigos de Deus não deixam de perseguir, ainda que o rei e o primeiro ministro não dão ouvidos ás queixas que lhes fazem, nem aos meios que lhes offerecem para nos acabar. Só o rei disse, se achasse que prégava a fé nas suas terras, me cortaria a cabeça. Eu trato agora de buscar meio para ter audiencia e saber em que lei vivo. Deus Nosso Senhor, cuja é a causa me encaminhe, para que acerte no que obrar, e que seja tudo conforme a sua santa vontade; e do que succeder vos avisarei para o anno, se então fôr vivo. Já ha muitos dias que poderam ter chegado as naus d'esse reino; mas eu não poderei ter as novas senão d'aqui a muitos mezes. Vivo muito contente n'este desterro com poucas saudades da patria, porque as tenho do ceu, e só lá saberemos distinguir e conhecer que cousa é bem e mal. Se fallardes com o bispo meu senhor, elle vos communicará alguma cousa das muitas que cá escreveram contra mim; mas por tudo dou muitas graças a

nosso bom Deus e Senhor; e espero só n'elle o perdão das minhas culpas e o bom fim da minha vida, que, naturalmente fallando, não poderá tardar muito; porque o peso dos desgostos com o contrapeso dos trabalhos não promettem larga vida; mas o que importa é que seja boa. Em quanto Deus m'a conservar farei d'ella estimação, por vos poder servir e obedecer. Deus vos guarde, como desejo, e encommendai-me ao mesmo Senhor, etc. Missão de setembro 22 de 1692.

V. irmão, servo e amigo
João.

Cartas do V. P. João de Britto escritas na India ao padre João da Costa da Companhia de Jesus, missionario da missão do Malabar.

I. Escrita em maio de 1691. — Domingo em que se contarão 27 de maio, faço conta de partir para o Maravá, e não é mau dia, porque é de S. João Martyr, que espero me encaminhe; e V. R. encommende este negocio muito a Deus, para que seja de maior gloria sua, etc., e bem da alma, etc.

II. Em 20 de junho do mesmo anno. — Já de Verugapati faço esta a V. R. e lhe dou conta de minha vinda. Estive aqui 15 dias: confessei a quasi 1000, e baptisei a 400, e deixei as cousas dispostas para uma grande conversão; e tambem para alguma empreza grande, etc.

III. Em 28 de março de 1692. — Novas d'estas terras são ficar ainda em guerra o Mayaquen com o Maravá; e eu por esta causa peregrino ha tres mezes: agora trato de fazer um marãosinho nas terras que o Maravá largou ao Ecogi quando lhe foi acudir: queira Deus que succeda, porque então poderei acudir melhor áquella christandade. A segunda dominga da quaresma fui buscado para ser preso indo acudir a um moribundo; mas meia hora que madruguei me livrou: depois prenderam a um christão baptisado de poucos dias, e lhe tem dado muita pancada, e posto ás portas da morte, para que arrenegue; mas elle está constantissimo; porém como esta perseguição não é do rei, senão de um seu regedor, não é tanto para temer, e eu trato de lhe acudir por todas as vias, etc.

IV. Em 11 de abril do mesmo anno. — Eu sempre disse a V. R. que não havia tornar a Portugal. Eu quero mais o ceu que a terra, e mais os mattos de Madurey que o paço de Portugal, etc.

V. Em 11 de julho do sobredito anno. — Perdoe-me que não posso ser largo, que fico estasado com o muito trabalho, que só n'estes 30 dias tenho baptisado a mais de 1200, e confessado a mais de 2000, e os sustos são horrendos, e eu ando sem casa nem choupana, mettido pelos mattos, para acudir aos christãos; e ainda assim fui buscado dia de S. João para me prenderem; mas contentou-se o Senhor com me desterrar das suas terras, e assim me vim para as do Maravá, onde fico por razão da guerra entre este e o Mayaquen de Madurey, etc.

VI. Em 22 do mesmo julho do dito anno. — Dizem agora que o Maravá tem dito que espera prender-me e cortar-me a cabeça, e assim pôr termo á prégação do evangelho nas suas terras: se assim o fizer, para que é fallar? Iremos mais cedo para o ceu, e como esta nova esteja já muito espalhada, julgo não ser gloria de Deus o deixar agora estas terras: eu não confio em mim nada, que sou um grandissimo peccador, mas confio só em Deus, que em similhantes occasiões dá simpliciter posse, e nas orações e santos sacrificios de V. R. que podem alcançar muito de Deus, e assim com especialidade os peço agora. No entretanto vae continuando a conversão, os baptismos, e a frequencia dos sacramentos em maior numero, e de diversas partes pedem de novo catechistas. E quanto melhor é isto, que todas as grandezas de Europa? etc.

Setima carta escrita do carcere em 3 de fevereiro de 1693, vespera do seu glorioso martyrio.

Sei muito bem o muito que devo a V. R. Deus lh'o pagará. Manuel terá informado a V. R. de toda a minha prisão e successos d'ella. Fui remettido a Urgur ultimamente para ser degolado: padeci muito no caminho, cheguei e fui levado a juiso: confessei a fé de Deus com largo exame: tornaram-me a metter no carcere, em que fico esperando o bom dia, para o que peço instantemente a santa benção do reverendo padre Provincial, de V. R. e

dos mais padres, e seus santos sacrificios. Fico muito consolado in domino, e com boa saude. Os soldados sempre me assistem, por isso não sou mais largo. Adeus meu bom amigo. Fevereiro 3 de 1693. Sirva esta para todos os Reverendos Padres. Este anno baptisei quatro mil, etc.

Humilde servo e amigo em Christo

João.

Carta do V. P. João de Britto para o P. Manuel Rodrigues Provincial da Provincia do Malabar, feita no carcere aos 30 de julho de 1686, quando foi preso a primeira vez.

Dia de Santo Aleixo, vindo da viagem, me prendeu o Padrane (id est, o principal do governo, que nós dizemos privado, e em latim *Secundus a Rege*) do Maravá Cumará Pillis, assim se chama. Tomou-nos tudo: queria que dissessemos *Xivá, Xivá* (é o nome de um dos principaes idolos que os gentios por alli adoram), que nos largaria dando-nos tudo; que nos faria honra e daria licença para prégar a lei de Deus, e me daria uma aldêa (é o mesmo que herdade) e um cavallo. Respondi e seis christãos que foram presos comigo, que não haviamos de dizer tal nome. Eu fui esbofeteado e lançado em dois grilhões, e amarrado ao cepo das parreiras na rua aquella noite, e o dia seguinte até as duas horas da tarde. Os christãos, especialmente Xelven catechista, e Xurã Gildean foram espancados tão cruelmente que lhes arrancaram a pelle das costas e dos peitos, e foram lançados todos no cepo comigo.

Ao outro dia lhes deram tratos de agua, e muitas feridas. Retrocedeu alli um *Cule* (é homem de carreto que levava algumas vitualhas do V. Padre) e era um dos seis, e logo lhe fizeram honra, e o mandaram; e nós fomos levados em companhia de Padrane e seu exercito a Calin Coil (é nome de uma fortaleza) com notavel crueldade. Alli deram crueis tormentos a Xurapen que se tem havido como glorioso martyr. Nós fomos condemnados a sermos atenasados: veiu fogo, tenazes, e os mais apparelhos; mas não chegou a execução, porque a noite acabou o dia. Eu fui lançado em dois grilhões e os outros em um, e fomos mettidos em um rigoroso carcere, onde estivemos até 28 d'este, e fomos trazidos e amarrados com cordas a este Paganey, aonde chegámos mortos de fome e sede, e abra-

sados do caminho; e em chegando nos intimaram sentença de morte, se não dissessemos *Xivá*, *Xivá*: e como dissessemos que não haviamos de dizer tal nome, levámos muitos couces, bofetadas, açoutes e tratos, e fomos lançados em grilhões, e o Padrane se partiu a confirmar a sentença com o Maravá, e cada hora esperamos pela resposta; e estamos muito contentes e conformes com a divina vontade, que nos faz tanta mercê como é dar a vida por sua santa lei. V. R. me lance a sua benção e peça aos padres todos me encommendem muito a Deus, para que me dê a ultima graça, que eu me lembrarei de todos no ceu. Julho 30 de 1686.

Filho em Christo de V. R.
João
Condemnado á morte por Christo.

Carta do V. P. João de Britto para o P. Luiz Pereira da Companhia de Jesus.

Ao primor de V. R. devo muito, pois se antecipou a me fazer mercê de novas suas, ainda antes de ter noticia da minha chegada á India. O quanto estimo esta lembrança, como V. R. o sabe, escuso de gastar tempo e palavras em lh'o manifestar. O passar V. R. em Portalegre com saude, ainda que com trabalho, é nova para mim de muito gosto, como o são tambem todas as que V. R. me dá do bispo meu senhor. Não ir elle para Evora, nem para Braga foi a perda das ovelhas e não do pastor. Se o promoveram para a Guarda, supponho que V. R. o não largaria; que elle bem conheço não ha de largar a V. R. Eu se não estivera em Madurey, nenhuma outra occupação fizera com gosto, senão acompanhar este prelado todos os dias da minha vida, e só para este fim a desejara larga. E se V. R. o não acompanha, venha para cá, para me acompanhar, ou para ser acompanhado de mim; pois n'esta vida não ha mais que desejar; porque eu não considero que se faça maior serviço de Deus em alguma outra parte, nem que se padeça mais por seu divino amor. As novas que V. R. me dá de sua madrinha e minha mãe e senhora, estimo eu muito, assim por V. R. m'as dar, como por serem boas. Escusa-se V. R. de me dar novas; porque se achava com dois sermões em Punhete. Se esta escusa val, escuso estou eu; porque me acho obrigado a prégar

quasi todos os dias e as mais das noites; mas com tudo furto o tempo aos negocios, só para me recrear um pouco escrevendo a um amigo.

Se V. R. deseja novas minhas, saiba que fico na minha missão e de saude, e que tenho já baptisado a muitos mil, depois que me apartei de V. R., e só se pode deixar a companhia do bispo meu senhor por esta causa. Tenho no meu Marraven aberta grande porta á conversão: mas são muitos os adversarios: Deus Nosso Senhor seja servido ou de os alumiar, ou de os confundir, para se poder colher um grande fructo que já se vai sazoando. Quando esta chegar ás mãos de V. R. espero em Deus de ter baptisado alli mais de seis mil. Veja que bem empregado tempo, e como fazem mais fructo as verdades da fé puramente prégadas que os conceitos delicados e as palavras polidas. E assim torno a concluir, que venha para cá, e verá como não ha cousa similhante n'este mundo para quem trata de se salvar, e de contentar a Deus. Isto está muito falto de obreiros; porque n'estes annos proximos morreram muitos mais á força dos trabalhos, que á violencia dos annos. E não vindo V. R. não se escuse de me dar as novas nem com os amigos, nem com os sermões; mas mande-me tudo muito por extenso, e encommende-me muito a Deus que lh'o mereço, e faço o mesmo. V. R. me ordene muito em que lhe obedeça; e se este anno apparecer lá procurador da provincia do Malabar, V. R. o favoreça em tudo o que puder. E se fôr o padre seu condiscipulo João da Costa, saiba que não tenho maior amigo na India: a esta medida e contemplação lhe deve assistir. Peço a benção e santos sacrificios de V. R. etc. Missão de Madurey na India oriental, 23 de maio de 1692.

Humilde servo e muito amigo
João de Britto.

Carta escrita nas vesperas da sua morte ao padre Francisco Laynes superior da missão.

Meu P. superior e todos meus companheiros, *Pax Christi.* O que succedeu desde a minha prisão até á partida do catechista Canaien, elle o terá relatado a V. R. Chamado ao tribunal aos 28 de janeiro ouvi a sentença da minha morte em que me mandavam arcabuzear: fui levado áquelle logar, onde devia ser o alvo dos tiros, e

preparados todos para darem a carga, temendo o regulo alguma sublevação e motim do povo, me apartou de meus companheiros, e me enviou a seu irmão Urenjadeven, para que logo me degolasse. Cheguei ao seu palacio no ultimo de janeiro não sem grande molestia, e fui levado ao tribunal. Agora espero padecer a morte por meu Deus e meu Senhor buscada duas vezes na India, na missão, e no Maravá: na verdade com grande trabalho, mas com premio incomparavel. A culpa de que me accusam vem a ser, que ensino a lei de Deus Nosso Senhor, e que de nenhuma maneira hão de ser adorados os idolos. Quando a culpa é virtude, o padecer é gloria. Sempre tenho os soldados á vista, e por isso deixo de escrever muitas cousas. Adeus, meus padres. Peço as santas benções e sacrificios de vossas reverencias. Do carcere de Urgur, 3 de fevereiro de 1693.

De VV. RR.

Indigno servo em Christo

João de Britto.

EPIGRAMMAS LAUDATORIOS,

E TRIUMPHAES ELOGIOS, COM QUE ALGUNS FILHOS DA COMPANHIA DE JESUS CELEBRARAM AS VIRTUDES, A VIDA, E A MORTE DE SEU FELICISSIMO IRMÃO O

V. P. JOÃO DE BRITTO.

LAUREATO CHRISTI MILITI

R. P. JOANNI DE BRITTO

Malabaricæ Missionis Antesignano,

Pro Catholica Fide mortem strenuè oppetenti

EPINICIUM.

Io triumphe!
Ferax palmarum India
Nobiles identidem palmas germinat,
Quæ
Triumphatores JESU Milites
Terrarum dominos evehit ad Cœlites
Io triumphe!
Laureatam Ignatii Militiam,
Victricem non semel
Ab Auroræ populis,
Quibus apud ipsa solis incunabula caligantibus
Evangelicam lucem advexit,
Societatem JESU
Spoliis Orientis jam pridem onustam
Glorioso suorum occasu,

Recentibus palmis multo rigatis sanguine
Denuo cumulat Joannes.
Io triumphe!
Plaudite Martyrum turmæ;
Ereptum aliquando martyrio Joannem,
Vestris debitum cætibus, restituit
Malabarica tyrannis.
Animæ individuæ holocaustum
Ut Deo sæpius immolaret
Joannes,
Mori non semel voluit, sed per intervalla;
Factus interim per carnis macerationem
Durus sui tortor, et carnifex.
Qui visus est inter Brachmenes
Homo ille missus a Deo,
Cui nomen erat Joannes,
Dum gentibus prædicaret Baptismum Pœnitentiæ,
A Deo
Iterum missus in Lusitaniam
Non ad Baptismum verbo,
Exemplo hortabatur ad Pænitentiam.
Nimirum venit Joannes
Novus Baptista non manducans, neque bibens;
Vinum, et siceram non bibit,
Divino semper ebrius zelo
Redeundi ad pristinos missionis suæ mores, et rigores.
Cum basilicè obsonabat,
Parabilem illi mensam dabant herbæ, et legumina.
Humi cubans somnum carpebat
Cælo gratissimus Jacob
Assuetus in Malabarica solitudine
Terrâ uti pro lecto,
Pelle pro culcitra,
Pro stragulis, et sindone levidensa,
Cœlo pro conopeo.
Subjectâ jam tunc scalâ, cum Angelis ascenderet
Ad Superos,
Nisi expugnari a se mallet per strictos enses.
Discite hinc, illustres Ephebi,
Non usque adeo horridos esse pœnitentiœ sentes,
Quos impensè adeo adamavit Joannes,
Vestrum ad instar aliquando etiam educatus in rosa:
Sed,

Quibus absynthium edulcat cœlestis amor,
Deo dulcem elaborante saporem,
Pœnitentiæ absynthio delectantur pro ambrosia.
Ita Baptistæ illi Joannes non absimilis
Causam mortis invenit non multùm absimilem,
Dum Regi
Post baptismatis lavacrum
Identidem inclamat:
Non licet tibi, etc.
Truncato capite cecidit
Lascivæ fœminæ, et Cupidinis victima?
Fuerat qui quondam Joannes in vinculis,
Quia eos illuminârat,
Qui in tenebris, et in umbra mortis sedebant,
Decollatus nunc, instigante Venere,
Sanguinem misit extra carcerem;
Magnan videlicet Joannis animam
Capere non poterant carceris angustiæ,
Cui
Vel etiam tota, quanta est Lusitania,
Angusta fuit.
Io triumphe!
Applaude tibi, o Malabarica Provincia;
Joanni tuo in vinculis
Funes ceciderunt in præclaris,
Cùm fune tractus
Ad triumphalem inanium deorum rhedam
Immobilis perstitit
Volubili rotæ innexus.
Plaudite Cœlites
Laureato Christi Martyri:
Vel profanos Deorum currus
Sacravit Fidei triumpho
Joannis spiritus, qui erat in rotis.
Tantæ prælusit victoriæ
Ipse sacrorum Cinerum dies,
Quos Ecclesia sibi comparat ex palmarum favillis.
Idem divini amoris Vesuvius,
Qui in verticem Martyris, dum viveret,
Juges eructabat cineres,
Victrices morientis palmas
Redegit in favillas:
Idem denique dies

Joanni fuit vitæ exordium,
A quo
Esuriales Quadragesimæ dies sumunt exordium.
Qui jugiter obsonabat famem
Longo, et perenni jejunio,
Quid mirum,
Si, facto Quadragesimalis jejunii compendio,
Ipso Cinerum die
Joanni illuxerit festum Paschæ?
Quod proprio sanguine dicavit
Innocens agnus,
Velata, et verbenata Christi victima.
Ecquid miraris, gens Malabarica,
Quod super erectas in sublime cadaveris exuvias
Apparuerint dispertitæ linguæ,
Tanquam ignis?
Immolato Paschate, ad Cœlosque cum Christo
Evolante Joanne,
Reliquum erat,
Ut Spiritus Sanctus descenderet
Ad vivificandas exanimati Apostoli reliquias:
Vivere adhuc hoc spiritu Joannem
Neu dubites,
Qui minutatim conscissus
Ex stipite, velut e suggestu, pendens
Facundo silentio gentes trahit ad Fidem.
Planè
Feracior nunquam fuit Malabarica Christi seges,
Quàm ex quo irrigata est Joannis sanguine,
Qui Abelis æmulus
Defunctus adhuc loquitur,
Et
Fidem prædicat.
Innatam ab Ulysse suo facundiam
Nacta videtur urbs Ulyssea:
Vel Antonios parit
Post mortem non elingues;
Vel Joannes procreat
Post obitum vocales,
Etiam, cùm, avulso ab humeris capite,
Lingua silet.
Impacta collo securi,
Ferali ictu a tergo petitus,

Verso in Cœlum ore resupinus Joannes ruit.
Quàm procul a carnificis vindicta
Martyris animus fuit,
Qui vel etiam inter acerbæ mortis angores
Terram non momordit.
Mirandum Cœlo spectaculum
Ut liberiùs videre soli liceret,
Summum Cœli verticem ascenderat in meridie,
Cùm Joannes occubuit:
Nisi malis,
Quòd in meridie sol diem æquavit,
Veritus ne Orienti noctesceret
In Joannis occasu,
Qui, dum viveret, erat lucerna ardens, et lucens.
Io triumphe!
Parce jam, o Lusitania,
Flebilibus modis urgere
Ademptum tibi non semel Joannem.
Charissimum tibi caput iterum rapuit India,
Ut gemmis coronaret,
Vicino e littore, ac ex prægnanti gemmis mari
Novas, quia rubras,
Margaritas extraxit Joannes ad coronam,
Dum animas expiscatur,
Quas pro gemmis insereret anulo Piscatoris.
Felix mercator,
Qui Indos repetens avidus quærendi
Bonas animarum margaritas,
Inventâ unâ martyrii pretiosâ,
Animæ magnæ prodigus
Non sua tantùm, sed et se ipsum vendidit,
Et comparavit illam
Sui sanguinis pretio.
Io triumphe!
Plaudite Lusitani Proceres,
Qui vestro sanguine
Vectigalem fecistis Asiam Lusitano nomini:
Vester etiam sanguis Joannes est,
Qui stipendiarios Cœlo Asiæ Principes
Suo scripsit sanguine:
Si Brittos, et Albuquerquios plures daret Lusitania,
Indicis animarum opibus ditesceret
Cœlestis Regis thesaurus,

Lusitanum Assertorem India non suspiraret.
Plaudite iterum, Proceres, plaudite, Aulici,
Et in Joanne discite
Fugacem Regum gratiam fugiendo interdum teneri:
Nunquam Joannes Regi verè suo charior,
Quàm, cùm ad Indos fugit
Nimium charus:
Pupilla oculi fuit, cùm ab oculis disparuit.
Jam tunc prælùdebat martyrio,
Qui Cœlo litabat Regum favores,
Quibus Aulici vivunt.
Superis jam velificabatur,
Qui contra faventes Aulæ Favonios
Ferentes tantùm in Orientem sequebatur ventos,
Regia nequicquam retardante rémora.
Ita soli tyranno
Amputandam cervicem Joannes inflectunt.
Nec mirum;
Arundo Joannes non est vento agitata:
Justi, ac tenacis propositi viri
Columnæ simillima constantia est:
Frangitur, non flectitur.
Quibusdam fortasse Joannes
Tunc primùm visus est capite minui,
Cum a patria, ab Aula, a propinquis
Iterum exul videbatur remeare ad Indos.
Sed proh cæcas mortalium mentes!
Cui patria exilium erat,
Necesse fuit
Maximam pati capitis minutionem;
Ut, vel etiam post obitum,
Rediret in patriam.
Io triumphe!
Triumpha gaudio, Ulyssipo
Lusitanorum Regum Metropolis,
Quæ concivem habes latè regnantem in Cœlis:
Desine jam tumere,
Quòd multiplici colle in Cœlum assurgis;
Inde citra tumorem superbire tibi fas est,
Quòd, adscripto inter Indigetes alumno tuo Joanne,
Digito jam Cœlum tangis.
Tantum gloriæ auctarium Joanni debes,
Et verè Baptistæ,

Qui, ut primùm lucem vidit,
Vitam illico auspicatus a Baptismo fluminis,
Vitæ periodum clausit Baptismo sanguinis.
Usque adeo
Non sola Judææ montana Baptistas procreant!
Suos etiam Baptistas parit
Lusitanorum Regum Curia,
Qui in ipsis Aulæ conclavibus
Sibi ædificant solitudines.
In eo tamen
Palæstino Ulyssiponensis Baptista dissimilis,
Quòd Palæstinus
Nullum quidem signum fecit Joannes;
Ulyssiponensis non ita;
Virtutes identidem operantur in eo.
Quòd si testes desideras,
Oculatos dabimus.
Dextrum oculum Martyris discipulo
Nodosæ chordæ ictu exculpsit tortor;
In ictu oculi
Solo Crucis signo
Suo refixit loco pupillam.
Stupes ad medicas Joannis manus?
Mirari desine;
Etenim Manus Domini erat cum illo,
Oculis caligabat alius ipso palpans in meridie,
Decidente in terram Martyris sanguine,
Fecit lutum, et linivit oculos;
Nec tantùm vidit, sed acutè vidit
Tanto collyrio:
Ita, quos bene auritos expertus fuerat
Ad suscipiendam Fidem,
Oculis carere non passus est Joannes;
Nec cæcutire ampliùs permisit,
Quos mirabili metamorphosi
Ex gentilium Talpis Lynces fecerat
In Fide suopte ingenio obscura.
Festivum illud,
Quòd cruciari prægnantes non patitur
Imploratus Joannes.
Dolorum helluo omnes sibi cruciatus tantùm vellet:
Torqueri neminem vellet, præter Joannem.
Quos febris urit,

Tactis Joannis reliquiis, relinquit ardor.
Nec mirere,
Ventum roris flantem experti sunt,
Invocato Joanne,
Quorum cùm flagraret pagus,
Vulcano jam superante domos,
Orto repentè turbine,
Solutoque in pluvias Cœlo,
Sudo alioqui, ac sereno,
Refrixit incendium :
Nivales nimirum Joannis mores, et nomen
Non solos Veneris ignes vincunt ;
Veretur etiam, et reveretur Vulcanus.
Io triumphe !
Accipite Regum deliciæ,
Petrus, et Elisabetha,
Partæ feliciter victoriæ spolia,
Quæ
In amoris tesseram,
In antiquæ servitutis vectigal
Ab India
Suis remittit Regibus Joannes.
Ingratæ Petro non erunt dulces illius exuviæ,
Quem,
Dum fata, Deusque sinebat,
In deliciis habuit.
Et quidni
Gratum, ac suave Elisabethæ sit,
Quod a Joanne est ?
Habetis hìc, Reges Serenissimi, falcatam securim,
Quam suo tinxit, ac sacravit jugulo
Liliatus puritatis zelator.
Habetis et felix lignum,
In quo membratim discerptus
Joannes pependit.
Hoc illi fuit Lignum Crucis ;
Ecquis de genu non adoret ?
Deus Immortalis, quæ donaria !
Hanc planè securim sibi Chrysostomus ambiret
Pro corona.
Hoc ex Ligno
Malum sibi vellet Petri navis,
Ut inter debacchantes in Ecclesiam procellas

Durare posset incolumis.
Qui, quo die Cœlum ascenderat,
Captivam duxit captivitatem,
Nactus Christianæ genti libertatem,
In terris modò
Triumphum acturus in Romanum Capitolium
Trabeâ sanguinis indutus
Novus Consul
Fasces jam præmittit, et secures;
Quòd si per Capitolinos gradus
Truncatis pedibus,
Titubante gressu claudicare videbitur Joannes,
Per singulos item gradus sui recordabitur triumphi.
Casum illi ne timeas, fallente vestigio:
Et verò speciosi Evangelizantium pedes
Nec fallere possunt, nec falli.
Ut ut amputatas Martyris manus videas,
Congiarium accipere a tanto Duce ne desperes;
Gratulanti populo
Æquè rorant sanguine, ac muneribus depluunt
Manus illæ.
O verè tornatas ferro Joannis manus,
Indicis plenas hyacinthis,
Quæ distillastis myrrham primam!
Proh quale contra Veneris contagia amuletum!
Huc Aulici,
Huc Lusitanorum Principum Ephebi
Obviis ulnis occurrite ad Joannis reliquias;
Imò et patulis auribus accipite;
Quidquid enim a Joanne est,
Vox est.
Avetis scire,
Quid ad aurem instillet securis illa
Recenti manans cruore?
Faxit Deus,
Ne item Joannes clamet in deserto!
Ecce (inquit) ecce,
Qui mollibus vestiuntur, in domibus Regum sunt;
Cùm non sit mollis
È terris ad astra via.
Abite delicatuli,
Procul hinc Veneris nepotuli:
A diebus Joannis

Regnum Cœlorum vim patitur, et violenti rapiunt illud.
Dictum bellè:
Plaudite Superi:
Io triumphe!

P. Josephus de Murcia Societ. Jesu, olim in Collegio D. Antonij Ulyssiponensis Primarius Rhetoricæ Magister; nunc in Conimbricensi Collegio Sacræ Theologiæ Professor Primarius.

FELICISSIMUS

P. JOANNES DE BRITTO

Occiditur securi, qua in idolorum sacris victimæ mactabantur.

EPIG.

Cum devota polo jam jam foret hostia Brittus,
Tortorique libens colla secanda daret;
Nec ferus armatur gladio, nec acinace tortor;
Surgit in immeritum sæva machæra caput.
Ante ministerium non huic, nisi turpe; rubebat
Scilicet infami tincta cruore priùs.
Turpibus hac sacris operarier antè Sacerdos:
Hac solitus vanos demeruisse Deos.
Cùm tamen innocuo modò sanguine tincta rubescat,
Et cadat hæc vero victima cæsa Deo;
Non Erebo tam grata fuit, quàm grata securis
Facta sit, et supero nunc pretiosa polo.
Nobilis infamem cruor expiat: una negatas
Hæc bene compensat victima sola Deo.

P. Emmanuel Vieira Societ. Jesu, olim in Eborensi Academia Primarius Rhetoricæ Magister, nunc in Collegio D. Antonij Ulyssiponensis Primarius Sacræ Theologiæ Professor.

Et si pronus in faciem, et a mento religatus fune, ut collum ictui liberius pateret, retro tamen, apertis oculis, extinctus cadit.

EPIG.

Dum manus in collum distringeret impia ferrum,
A mento Brittus fune ligatus erat.
Cùm tamen abscissum caput est, cadit hostia retro,
Sed non extremâ lumina morte cadunt.
Scilicet invitus terram aspicit; illa, Parenti
Ut quondam, nato sordida visa fuit.
Hinc est, cur, Britto cùm primùm est facta potestas,
Lumina ad Empyrei tollit aperta plagas.
Mortuus ad Superos oculis contendit apertis:
Nempe novum vitæ mors fuit ista genus.

Ejusdem Auctoris.

VENERABILIS

P. JOANNES DE BRITTO

Et vitâ, et morte Divo Joanni Baptistæ perquam similis.

EPIG.

Sancta Palæstinum jactas quæ terra Joannem,
Crederis et tanto sola beata viro,
Falleris; haud hæc est tua gloria sola; Joannem
India jam tandem jactat habere suum.
Sidere (si fas est mihi dicere) prorsus eodem
Et nasci, et Cœlo visus uterque mori.
Verba, viæ, lectus, potus, cibus, ardor, utrique
Mens eadem, atque idem finis utrique fuit.
Non licet, unus ait; Licet haud, bene consonat alter:
Hæc fuit ambobus vox pia causa necis.
Si vocis, vitæ, et mortis tenor extitit idem,
Aut unum, aut similes quis neget esse duos?

P. Mathias Correa Societ. Jesu, olim in Conimbri-

censi Collegio semel, et iterum Primarius Rhetoricæ Magister; deinde in Eborensi, mox in Collegio Conimbricensi Sacrarum Litterarum Interpres.

NOVO TESTAMENTI NOVI BAPTISTÆ,

COLENDO ADMODUM

P. JOANNI DE BRITTO

Nuper in odium Fidei, etsi crudeliter, feliciter occiso,

In amoris signum, æreque perennius monumentum.

EPIG.

Aut parvo, aut nullo inter se discrimine distant
Et novus hic Martyr, Martyr et ille vetus.
Stirpe satus clarâ Baptista: a sanguine claro
Joannes: titulis aptus uterque suis.
Moribus assimiles, similes quoque nomine: vitæ
Munus utrique, et idem funus utrique fuit.
Ille caput, caput hic diro sub vulnere ponit:
Ille cruentatas cernit, et iste genas.
Missus ab æthereo tractu, velut Angelus, ille:
Missus ad ignotas Angelus iste plagas.
Ille lucerna ardens: lucens hic: lumen ubique
Ille quidem: hic clarus sol Orientis erat.
Ergo quid? Exclamet felix, et lætus uterque:
Sors aliis impar nos sinit esse pares.

P. Petrus Rangel Theologus Societ. Jesu, olim in Ulyssiponensi Collegio Primarius Rhetoricæ Magister.

VENERABILI ADMODUM

P. JOANNI DE BRITTO

Ulyssipone quondam nato, et nuper pro Fide orthodoxa in Oriente occiso.

EPIG.

Qui fuerat quondam medio satus urbis Ulyssis,
Pro Christo Eois oppetit ipse plagis.
Miror! et invideo felicia fata: quid ultra?
Accipite: hunc reddit Martyr ab ore sonum:
Qui bene sic moritur, qui sic bene nascitur, inquit,
Nec melius nasci, nec potuisse mori.

Ejusdem Auctoris.

VENERABILIS

P. JOANNES DE BRITTO

Apud Malabares pro Fide occisus Divo Joanni Baptistae martyrio glorioso confertur.

EPIG.

Quàm bene Joannem, quem praefert nomine, Brittus,
Absciso tandem vertice, morte refert!
Ille pudicitiae cecidit data victima; Regis
Quòd bene damnârit perfida jura tori.
Vox eadem et Britto gemino caput abscidit ictu.
Martyr uterque fuit: crimen utrique pudor.
Ergo, cùm similes tituloque, et morte fuissent,
Illorum quisnam funere maior erit?
Ni fallor, maior cecidit modò funere Brittus,
Vulnere cui gemino mors tulit atra caput.
Scilicet haud uno potuit prosternere; tantum
Mors gemino stravit vulnere iniqua virum.

Stravit, at obscuro deductum carcere: parvo
Nec poterat claudi tanta ruina loco.
Maior Baptistâ nullus, qui surgeret: illo
Qui caderet maior funere, Brittus erat.

P. Xaverius de Lima Theologus Societ. Jesu, nuper iu Ulyssiponensi, et Eborensi Academia Primarius Rhetoricæ Magister.

ABSCISSO VENERABILIS P. CAPITE,

IGNEA EXINDE FLAMMA EBULLIRE VISA EST.

AD ILLUD:

Erat lucerna ardens, et lucens.

EPIG.

Impia cùm ferri Joannes vulnera sentit,
Ignea ab inflicto vulnere flamma micat.
An, quia supremum quò mens petat ardua Cœlum,
Fax veluti, Brittum lucida flamma præit?
An, quia divinas, quas claudit pectore, flammas
Evibrat ad ferri vulnera sacra silex?
Crediderim silicem; silicis nam Brittus ad instar
Expromit, ferro percutiente, facem.
Sed, quia plus solito scintillat funere Brittus,
Clarior et flammas, morte premente, jacit,
Ardentem Fidei se nunc probat ille lucernam:
Clarior instanti morte lucerna micat.

Ejusdem Auctoris.

VENERABILIS

P. JOANNES DE BRITTO

Versâ in Cœlum facie, apertisque oculis pro Fide occubuit.

EPIG.

Dum cadit infami Brittus pia victima cultro,
Tingit et armatas cæsa cruore manus,
Non oculos claudit mors impia: lumina Brittus
Tollit, et Empyreas suspicit ille domos.
Suspicit, ut Cœlum placida sic fronte serenet;
Suspicit, ut placet victima cæsa Deos;
Vel se Loyolæ natum probet ille Parentis;
Præ supero visa est sordida terra polo.
Quæsivit Cœlo lucem vel mortuus; unà
Ut similes Britto vitaque, morsque forent.
Lumina qui Britti rapuit, dum vixit, Olympus,
Extincti pariter lumina morte rapit.

Ejusdem Auctoris.

AD EUNDEM EVENTUM

EPIG.

Occidit? an fato Brittus jacet usque superstes,
Brittus sacrilegæ victima sacra manûs?
Vivit, et vultu nondum sua forma recessit:
Hæc frons, hæc facies, hic decor oris erat.
In Cœlum attollit duo lumina, et aurea fulget
Lux oculis: Cæli sidera bina putes.
Res nova! Quæ reliquis aufert improba lucem,
Britti oculis tantum non fuit ausa scelus.
Nescius interitûs, noctis quoque nescius umbras
Dissipat; et noctem lumina clara fugant.
Ergo videns, vivusque simul stat funere: Britto
Vita igitur, non mors, dicier ista potest.

Ejusdem Auctoris.

VENERABILIS

P. JOANNES DE BRITTO

Feriâ quartâ Cinerum mortem pro Christo feliciter oppetiit.

EPIG.

Felix auspicium! felicia fata! triumpho
Clarior insolito Brittus ad astra subit.
Palmæ aliis cineres, cineres tibi funere palmas,
Britte, gerunt: clara hæc gloria martirii.
Vive igitur; vitam cinis hic annuntiat, affert
Nuntia qui reliquis mortis acerba suæ.
Unicus egregiâ dicêris sorte; triumphi
Cùm cinis in palmas funere rursus eat.

Ejusdem Auctoris.

VENERABILIS

P. JOANNES DE BRITTO

Charitatis ardore totus igneus.

EPIG.

Ignis erat; petiit flagrantes Brittius oras,
Phœbus ubi radios explicat; ignis erat.
Ignis erat; sacrum extinxit non unda calorem,
Bis licèt Oceanum finderet; ignis erat.
Ignis erat; rutilasque sacro dedit ore favillas,
In morem tonuit fulminis; ignis erat.
Ignis erat; Maravûmque animas in pabula quærens
Frigora pectoribus dispulit; ignis erat.
Ignis erat; flammis scelerata idola Deorum,
Templaque suppositis diruit; ignis erat.
Ignis erat; gentesque accendit lumine: cæco

Restituit lucem protinus; ignis erat.
Ignis erat; sursum occisus sua lumina vertit,
Quò mens ad Superos tenderet; ignis erat.
Ignis erat; rutilam emisit de vulnere flammam;
Nocte vel obscura claruit; ignis erat.
Ignis erat; tandem positus sacer ignis ad aras
In Cinere extinctus desiit; ignis erat.

Ejusdem Auctoris.

VENERABILI

P. JOANNI DE BRITTO

Malabarensi Protomartyri truncatum post caput Cœlum rectâ arrectis oculis contuenti.

EPIG.

Martyrium Solymis primus qui pertulit, ipsam
Ante necem Cœlo lumina fixa habuit.
Primus apud Maravos pro Relligione peremptus
Post mortem Cœlo lumina fixa tenet.
Quod Stephanus vivens, quod stans, et rectus agebat,
Lethali id stratus vulnere Brittus agit.
Nil mirum, spectent viventis lumina Cælum:
Mortua quòd spectent lumina, prodigium est.
Tempore sit Stephanus, sit Brittus acumine primus:
Ille tulit primas tempore: at iste opere.

P. Petrus de Almeida Theologus Societ. Jesu, nuper in Conimbricensi Collegio Primarius Rhetoricæ Magister.

VENERABILI

P. JOANNI DE BRITTO

Unà cum reliquiaria theca abscinduntur terga.

EPIG.

Dum fera barbaries Joanni extrema minatur,
Apparent medio lipsana sacra sinu.
Atque, ea dum filo pendentia scindit, eodem,
Quo filum rumpit vulnere, corda patent.
Scilicet hoc Superi cùm sedem in corde locassent,
Relliquiis fuerit theca nec apta magis,
Extrahere haud aliter cordi intima lipsana possent
Carnifices, quàm si corda reclusa forent.

Ejusdem Auctoris.

VENERABILIS

P. JOANNES DE BRITTO

Jam olim Aulicis ab Ephebis Martyr vulgo indigitatus.

EPIG.

Qui modò martyrium subiit, cùm degeret Aulâ,
Martyr ab æquævis dicier est solitus.
Dic igitur, nunquid bis Martyr habendus, an ultra.
Et plusquam Martyr Brittus habendus erit?

Ejusdem Auctoris.

VENERABILIS

P. JOANNES DE BRITTO

Capite, manibus, et pedibus pro vera Fide truncatur.

EPIG.

Inclyta Joannes Fidei argumenta daturus
Dat caput, inde manus addit, et inde pedes.
Dum cadit ense caput, terris petit astra relictis:
Celsior, abscisso vertice, Brittus abit.
Fortius ille manu pugnat defectus utrâque:
Martyrii palmam dextera secta tenet.
Nec pedibus truncans Patrem manus impia fecit,
Tardus ut Empyrei corripuisset iter.
Non satis ore putans Fidei argumenta fateri,
Pro linguis artus maluit esse suos.
Quæ docuit vivens dictis, ea morte probavit:
Fecere intègram membra resecta Fidem.

P. Gregorius Barreto Societ. Jesu, in Eborensi Academia Primarius Rhetoricæ Magister.

PALMAM TRIUMPHALEM

V. P. JOANNIS DE BRITTO

SOCIETATIS JESU SANGUINE IRRIGATAM

ERIGIT

P. LUDOVICUS PEREIRA

EJUSDEM SOCIETATIS,

ET IN FOLIA EXPLICAT,

QUIBUS MARTYRIS SANGUINEM, VICTORIS TRIUMPHOS, JOANNIS VITAM, AMICI FIDEM, FRATRIS AMOREM CIRCUMSCRIBIT.

PALMÆ RADIX.

Tibi assurgit Palma, ô Joannes,
Cujus vitam
Tot terris sparsam,
Quippe quæ magnitudinem suam
Simplici loco continere non poterat.
Unam colligimus in Palmam.
Triumphat calamus,
Cum Palmæ libro vincentis facta
Inscribit.
Ipsa triumphant Epigrammata,

Cùm Palmæ tuæ Foliis
Fiunt acumina.
Nòn abludis a carmine;
Vita enim tua oratione ligata
In carmen evasit:
Et, quia sal terræ factus es,
Tanto ex sale, nòn sine nominis gratia,
Gratissimum factus es Epigramma,
Quod Joannis voce clamantis, an canentis
Apud omnium aures bene audivit.
Te igitur nostro depictum carmine
Adspicias
Ex papyro candidum,
Ex sanguine rubicundum.
Hæc vera illius imago est,
Cujus statura assimilata est palmæ,
Cujus comæ,
Velut elatæ palmarum.
Imaginis brevissimæ sunt lineæ:
Ideo te decent, quia rectæ.
Si placeam, tibi gratulor;
Cum enim amicorum omnia sint communia,
Ex tuo veniunt, quæ mea sunt.
Si tamen displiceam legentibus,
Tibi tunc maxime placiturum spero,
Quòd tibi geminem palmas,
Dum meo stylo ferreo
Novum subis martyrium.

FOLIA

V. P. JOANNES DE BRITTO

I. Joannis nomen tulit inter nomina palmam:
Et decus, et palmam nomine Brittus habet.

Societatis Jesu.

II. Quem Foliis scriptum præstat tibi Palma legendum,
Hunc Socium Christo vitaque, morsque dedit.

Gente Lusitanus.

III. Lysia virtutis tenet incunabula. Nasci
Non potuit Brittus nobiliore loco.

Patria Ulyssiponensis.

IV. Patria Ulyssipo: Sanctorum patria Cœlum est:
Urbs Cœlum, ut sancti patria facta viri.

Nascitur ex Salvatore de Britto Pereira, et Domina Beatrice Pereira.

V. Salvator Britto Pater est, Materque Beatrix:
Gratia Joannes: gloria jure venit.

Juxta urbis Castellum.

VI. Castello adnatus, natusque in prælia Brittus.
Maxima Castello debita turris erat.

In paroecia D. Andreæ.

VII. Nascitur Andreæ piscoso in littore Brittus:
Inferet inde Petri retia plena rati.

Mense martio.

VIII. Mense oritur Martis bene natus ad arma:
Bella geret Veneri, bella cruenta Deæ.

Quando sol erat in piscibus.

IX. Quos Cælo videt exoriens, piscabitur undis
Emoriens pisces sanguinis ille sui.

Vix natus baptismum recipit.

X. Ille simul naturæ ortusque, Deoque renatus:
Est ubi Joannes, gratia abesse nequit.

Post baptismum optima fruitur valetudine.

XI. Baptismi fonte immersus bibit ore salutem;
Certa salus Britto, naufraga vita fuit.

Prima infantia liberatur a morte S. Francisci Xaverii beneficio.

XII. Xaverius Britto incolumem dat munere vitam;
Quæ vita est Britto, Xavier, ipsa tua est.

In seculo induit Xaverii vestem.

XIII. Membris Xaverii vestes, ori induit ora,
Et mores animo: Xavier alter erat.

A pueritiæ moribus abhorret.

XIV. Dum puer, a puero pueri jocularia misit;
Laus pueri vita est, quæ probat esse senem.

Educatur in aula.

XV. Aulam habuit: Rex Brittus erat; fuit in Cruce sceptrum,
In Cœlo regnum, purpura martyrio.

Ab Aulicis Ephebis, non sine risu, Martyr appellatur.

XVI. Felix augurium Britto de Martyre risus;
Martyrii risum, et gaudia Brittus habet.

Dat nomen Societati Jesu.

XVII. Obsequio certat, comitem se jungit Iesu,
Ut Christum extremas ducat ad usque plagas.

In noviliatu Sanctissimæ Dei Genitrici charissimus.

XVIII. Christum oculis, facie Christum, Christum ore ferebat.
Hanc Maria in Britto Nati amat effigiem.

Bethlemico Puero chartam sanguine suo scribit, qua petit martyrium.

XIX. Scripta legit Britti pia vota in sanguine Christus:
Votis subscribit sanguine martyrii.

Absoluto novitiatu, emittit religionis vota.

XX. Heu novitas! Quid vota? Fuit vota ante Professus;
Virtutem (et nondum vota) professus erat.

Eboræ primum, deinde Conimbricæ dat operam litteris.

XXI. Utraque complexa est felix Academia Brittum:
Ut caperet tantum, non satis una, virum.

Ulyssipone grammaticam docet.

XXII. Barbara jam monitis castigat crimina linguæ,
Qui tua damnabit crimina, Barbaries.

Nuntius Apostolicus obstat V. Patris Indicæ profectioni, sed frustra.

XXIII. Maior Legati est monitis; nam Brittus ad Indos.
Christi Pontificis Nuntius ire parat.

Matri acerbissime lacrymanti valedicit.

XXIV. Ista mihi (memorat) Genitrix, placet unda: valeto;
Quæ cadit ex oculis, me rapit unda, tuis.

Patriam deserit.

XXV. Dicturus populis olim eventura recessit
Ex patria; in patria nemo Propheta sua est.

Indiam petit.

XXVI. Aureus ingenio, vitâ aureus, aureus ortu,
India, thesauris debitus ille tuis.

Dum navigat, in christianæ religionis officio nautas con et.

XXVII. Æstus, atque undas vitiorum a nave repellit:
Qua vehitur Brittus, fit ratis illa Petri.

Fidem docet.

XXVIII. Post audita Fides, post vocem audita sequuntur:
Joannis loquitur vox, sequitur que Fides.

Gentiles Baptizat.

XXIX. Fontem ubi suspirat populus, se format in ignem
Brittus, et hoc miras igne ministrat aquas.

Poenitentiæ sacramentum ministrat.

XXX. Dat veniam culpis; mensuram nominis implet:
Nominis hoc tanti gratia munus habet.

Vino abstinet.

XXXI. Non vinum sitit, in Britto sitis altera vivit
Ad vitam vivæ subsilientis aquæ.

Perpetua illi est abstinentia a carnibus.

XXXII. Quæ gerit ossa caro, virtuti spicula figit:
Ad stomachum Britti non facit iste cibus.

Lacte nutritur.

XXXIII. Sunt pueri mores, puerique alimenta Joanni:
O mihi vir quantus, quem video puerum!

Leonis pelle pro culcitra utitur.

XXXIV. Ut leo pelle jacet, sic Brittus pelle leonis:
Si leo, cum dormit, qualis erat vigilans!

Brevissimum capit somnum.

XXXV. Qui dormit longum, ut jaceat cubat ille: Joannes,
Ut surgat, dormit: somnus hic ergo brevis.

Cinerem in fronte gerit.

XXXVI. Impressus signat frontem cinis illius: ergo,
Qui cineris caput est, in capite ignis erat.

Paupertatis amantissimus divitias odio habet.

XXXVII. Displicet argenti Britto grave pondus, et auri:
Pauper amat cursu tendere in astra levi.

Assiduis flagellationibus se castigat.

XXXVIII. Sanguinolenta ferit Brittum sua dextra flagello:
Ad metam properat: verbere se stimulat.

Nudis incedit pedibus.

XXXIX. Altius ut surgat, pedibus mundi omnia calcat;
Inde gerit nudos omnibus ille pedes.

Orationis contemplatione in Deum effertur.

XL. Mente volat, Superûmque domos petit arduus alis:
Dimidium terræ est, dimidiumque polo.

Vestes gentilium induit, ut ipsos Christo lucretur.

XLI. Indus barbitio, veste Indus decipt Indos:
Vera, ubi (res mira est!) decipt, ipse docet.

Disputat cum idolorum sacerdotibus eosque calculatoriis argumentis convincit.

XLII. Dogmata falsa videt, logicusque in Cesare vincit:
Romanæ ad fidei prælia Cæsar erat.

Cum sustinet fidem, illius barba avellitur.

XLIII. Barba fidem dedit una pilo castreia: Britti
Maiorem firmat barba revulsa fidem.

In vincula conjicitur.

XLIV. Vincla ligant alios: tenuit sua vincla solutus
Joannes. Nodum solvite: sponte tulit.

Verberibus excipitur in odium fidei.

XLV. Pulsant ipsa fidem, Brittum quæ verbera pulsant:
Sed mage tunc sonuit, cum magis icta, fides.

Catechistæ erutum oculum restituit.

XLVI. Lumine privatus Brittanum accedit ad ignem;
Et, quod perdiderat lumen, ab igne capit.

Angelo suo Deus mandavit de Britto, ut trans fluvium sisteret.

XLVII. Pondus habet maius, cùm se trans stagna ferenti
Cœlicolæ Britti sarcina facta levis.

A Deo de victu providetur.

XLVIII. Esurit: ipse famem dapibus Deus explet: habebant
Brittum solandi Numina sacra famem.

Ab India in Lusitaniam mittitur.

XLIX. Cur patriam Brittus repetit modo? rursus ut illam
Deserat, atque ferat bina trophœa Deo.

Patriæ appulsus matrem invisere distulit.

L. Quæ mora? Britte, sinus tuta ostia quære parentis.
Matris (ait) timeo naufragium lacrymis.

Serenissimo Regi Petro apprime charus.

LI. Tantus amor Britti Petro est? quo numine? regis
Integrum erat regnum, dimidiumque Petri.

Episcopatum detrectat.

LII. Carpit iter toties Brittus, Baculumque recusat?
Est gravis hic Baculus; pondere tardat iter.

Concionatur in Sede Olyssiponensi.

LIII. Clamor Baptisæ, vox Pauli, verbaque Christi
In templo resonant: omnia Brittus agit.

Renuit esse principum magister.

LIV. Exemplo prœcepta tuis dedit, aula, magistris;
Et, cùm Prœceptor noluit esse, fuit.

Illustrissimo D. Joanni Mascarenhas Portalegrensi Episcopo strictissimo amoris vinculo conjunctissimus.

LV. Quàm similes animis amor hic dat utrunque Joannem!
Pœnitet: haud similes: unus uterque fuit.

Roman meditatur, sed ab itinere prohibetur.

LVI. Romam mente subit, non tangit corpore Romam:
Est toto Britto maxima Roma minor.

De falsis criminibus accusatur.

LVII Multum criminibus debes sine crimine Brittus;
Nam de te verum crimina falsa probant.

Serenissimus Rex Petrus dat Ven. P. Joanni de Britto annuum censum pro missionis expensis.

LVIII. Dat Cæsar Superis censum: miracula! censum
Per Brittum licuit Cæsaris esse Dei.

Ad indicam expeditionem milites scribit.

LIX. Militiæ scribis socios: stipendia belli,
Britte, habet hæc miles, quòd tuus esse potest.

In Indiam revertitur.

LX. Indos quid repetit? pretium tibi, Lysia, non est,
Unum quo redimas Brittum Orientis opes.

Charitate incensus nautis febri laborantibus succurrit.

LXI. Morbo nauta febrit, Joannes febrit amore:
Hac febris illa fuit frigida facta febri.

Ubi Indiam ingressus est, malabaricæ missionis renuntiatur Superior, et Visitator.

LXII. Magnus qui parvus, minimus qui maximus unquam est?
Maior ubi factus (credite) Brittus hic est.

Animarum piscator flumina intrat.

LXIII. Baptismi pisces petit ad vivaria rivis;
Vivit et agnatis piscis, ut exit, aquis.

Oculorum dolore levatur a divo Xaverio.

LXIV. Xavier ecce oculis Britto dolet ipse dolenti:
Qualis amor fuerat, queis dolor unus erat!

Libidinosos homines arcet a venere.

LXV. Mutantur Britti imperio Venus, atque Cupido:
Fit puer iste senex, illaque casta Venus.

Hyemali tempore bis quotidie se in frigida stagna mittit.

LXVI. Quæ sitis hæc Britti? quæ balnea? viscera febri
Torret amor: gelidas intrat adustus aquas.

Ab ethnicis creditur veneficus.

LXVII. Humanam in facien vultus dedit ire ferarum.
Inqne Deos homines: ecce veneficium.

Ad vocem Joannis regulus in se reversus Fidem amplectitur.

LXVIII. Regulus, an serpens clamantis voce Joannis
Cantatus cœpit Regulus esse sui.

Mortem suam prævidet, et prædicit.

LXIX. Et videt, et mortem vates canit ore futuram.
Mors oculos semper, mors erat ante suos.

A barbaris capitur.

LXX. Barbara vincla subit : magnum gens barbara Brittum
Si caperet, Brittum vincula non caperent.

Rotæ currus triumphalis idolorum Joannes alligatur.

LXXI. Victor io ! vinctus vincit divûm ille triumphos.
Miraris ? Currûs non sinit ire rotam.

Carceri includitur.

LXXII. Intrat Joannes tenebrosi carceris umbras,
Carceris ut nocti lux ferat alma diem.

Morti damnatur.

LXXIII. Impia Joannem sententia destinat aræ :
Morte tenet Brittum, quæ tenet ara deos.

Ipsius collo appenditur breviarium, ut ad hunc scopum milites explodant sclopetos.

LXXIV. Expectant Brittus, simul et Sacra Pagina vulnus :
Vulnera sunt Britti vulnera Evangelii.

Occiditur die cinerum.

LXXV. Ignis erat : vitæ in cineres jacit ille favillam.
Quid ? Britti extincti non caret igne cinis.

In genua flexus.

LXXVI. Quid peragit flexo moriturus poplite? adorat:
Hac Cœli Brittus Numina morte videt.

Iuxta erectum malum.

LXXVII. Hic malus meta est vitæ cursûsque bravium;
Britti conveniunt alta trophæa neci.

Ad fluminis ripam.

LXXVIII. Heu periit Brittus lacrymantem ad fluminis undam:
Hoc lacrymis aptum funere flumen erat.

Jugulatus.

LXXIX. Joannes periit: caput a cervice revulsum est.
Britti morte caput Chistiadûm cecidit.

Cultro, quo sontes mactabantur.

LXXX. Sola reum, sontesque ferit vis ferrea: Britti
Ferrea vis membis, aureus ictus erat.

Cum sol a meridie vergebat in occasum.

LXXXI. Occasum sol, et Brittus petiere: fatendum est
Cum Britto a terris tunc abiisse diem.

Ictus a tergo est.

LXXXII. Erubuit mors: a tergo insidiosa petivit:
Ante oculos Britti non foret ausa scelus.

Cadit in coelum supinus.

LXXXIII. Est post terga solum, dat sese in lumina Cœlum :
A terra hoc casu tendit ad usque polum.

Cadit apertis oculis.

LXXXIV. Post fatum merces oculorum Visio tota est :
Britte, oculos aperis : euge beate ! vides.

Mortuo abscinduntur manus.

LXXXV. Utraque scissa manus : manibus toto orbe ferendus ;
Orbis et accipient oscula digna manus.

Abscinduntur pedes.

LXXXVI. Vita pedes dedit ad cursum ; sed mors dedit alas.
In Cœlum volat hic : exuit ergo pedes.

Abscissas manus, pedesque inter se jungunt.

LXXXVII. Insertæ manibus plantæ vestigia veri
Ista notant : habet hos utraque palma pedes.

Vita defunctus malo superimponitur.

LXXXVIII. Est malo impositum Britti post fata cadaver :
Non cecidit Brittus funere, sed subiit.

Supra illius corpus nocte apparent geminæ faces.

LXXXIX. Britte, cadis, surguntque tibi duo lumina : solis
Occidui ad tumulum sidera clara micant.

Corpus a malo in terram dejectum a feris devoratur.

XC. Membra latent vivo bene condita mausoleo:
Vivum post mortem viva sepulchra decent.

P. Joanni da Costa societatis Jesu missionis socio et sibi amicissimo in somnis apparet eâdem quâ occisus est, hora.

XCI. Et Costa, et Brittus, somno ille, hic morte jacentes
Se spectant. Nunquam dormit amicitia.

Christiani cum Ven. P. Britto in vincula conjecti, quo die occiditur, a carcere mittuntur.

XCII. Proh mortis pretium! Vinctos a morte redemit.
Morte Rodemptoris Brittus imago fuit.

Ipsius mortem magna gentium conversio subsequitur.

XCIII. Triticum ubi moritur, sulcis seges ampla resurgit.
Britti morte Deo provenit ampla seges.

In V. Britti obsequium malabaricis pueris Joannis nomen imponi solet.

XCIV. Joannis nomen puerorum in nomine vivit.
Nomen, quod pueris crescere possit, habet.

Illius sanguis cæci oculis applicatur, visusque restituitur.

XCV. Accipiunt cæci de sanguine lumina lucem.
Illustri Brittus sanguine clarus erat.

Prægnans foemina Ven. P. Sanguinem pulvere immixtum bibit, et a partûs periculo liberatur.

XCVI. Brittus ubi auxilium est prægnanti, quæ sibi mortem
Concepit, vitam foemina læta parit.

Oppidum flagrat incendio: vocatus Brittus preces exaudit, flammasque extinguit.

XCVII. Tecta ardent, Britti ardet amor restinguere flammas.
Ignis maiori victus ab igne minor.

Ligni particula, quo transfixum est Ven. P. corpus, admovetur fœminæ ægrotanti, ipsamque liberat a febri.

XCVIII. Mira cano: accendunt ignem data ligna; sed ignis
Febris, ubi Brittus dat sua ligna, perit.

Preces exaudit Brittus, ubi emittitur votum de alendis pauperibus.

XCIX. Pro miseris voveas si prandia, vota rependit:
Quæ data sunt Britto, vendita, non data sunt.

De martyrii sui palma societatis filiis alloquitur.

C. Jesuadas dicam propriori nomine fratres,
Quos consanguineos martyrium dederit.

PALMÆ VERTEX.

A te principium, tibi desinit.
Injussus scripsi,
Quisquis enim amat, sine imperio laudat.
Si scribentis affectum penses,
Calami vitia non culpabis;
Licet nostri ingenii culpâ
Virtutes tuas
Deterere potius videamur,
Quam efferre.
Tua Cœlum vertice Palma attigit.
Non plus ultra!
Altissima Fidei Herculi
Debita erat columna.

Ubi Palmæ
Crescendi locus præcluditur,
Ad hospitalis umbræ officium
Ramos extendit.
Hæc Pyris nostris Palmæ tuæ adnatis
Nimium quantum placet umbra!
Umbra est;
Sed, si umbrâ protegis,
Tuus lucem jactabit
Ludovicus.

SUPRA VENERABILIS

P. JOANNIS DE BRITTO

Corpus splendidissima lumina noctu apparuerunt.

Extinctus lucet? Miracula! Lumina, et umbra
Britti junguntur funere? Prodigium!
Hîc necis exuviæ, hîc vitæ signacula? Mirum est!
Hîc terra, hîc Cœli sidera? Proh Superi!
Occasusque, ortusque simul sunt sole? Quid hoc est?
Nox obscura? dies lucida? Rara fides!
Mors vitâ pugnat, lux umbrâ, occasus et ortu,
Pugnat nocte dies, terraque sideribus.
Naturæ hæc Brittus vincit contraria. Pugnent;
Si non pugnarent, vinceret ille minus.

Idem P. Ludovicus Pereira Societ. JESU, olim in Eborensi Academia Rhetoricæ Magister, nunc vero in eâdem Academia Moralis Theologiæ Professor.

MEMORIA

PARA SERVIR DE ILLUSTRAÇÃO Á HISTORIA DA VIDA, MARTYRIO E CAUSA DE BEATIFICAÇÃO DO

BEATO JOÃO DE BRITTO.

PELO EDITOR DA SEGUNDA EDIÇÃO.

PARTE I.

INTRODUCÇÃO.

Difficilmente por mais que lancemos um olhar saudoso para aquellas idades ridentissimas e de fé, em que cerrados esquadrões de homens abalisados em credito de saber, de religião e santidade, largavam todos os annos das invejadas margens d'este emporio de todas as nações para lá se irem atravessar mares procellosos, trafegar serras e montes bravios, e transfundir em sertões longinquos entre povos barbaros e desconversaveis a doutrina de Jesu Christo, e banharem de mais radioso luzeiro as regiões da Africa, da Asia e da America, rasgando os pés pelas urzes de brenhas intrataveis e de campos sáfaros e estereis, desbaratando a saude e arriscando a vida, difficillimamente

diziamos encontraremos com um varão que meneado pela dextra do poder divino, operasse maiores prodigios depois do grande Xavier, e nos deixasse mais abonados testemunhos de suas heroicas virtudes, como o B. João de Britto. Em prova d'este discurso faz o que na presente historia fica relatado, e o mais que iremos desenterrando das sepulturas do esquecimento, e que por nos cair aqui a proposito enfeixaremos n'este nosso appendice, para dessedentar com a sua lição aquelles, que desejam conhecer todas as obras maravilhosas e de soberano espirito d'este Bem-aventurado Martyr portuguez, que foram célebres na memoria de nossos avós, e o serão ainda muito mais na nossa, se não deixarmos resvalar esta occasião em que a Igreja o alevanta por Santo, para de presente lhe promovermos o culto devido, o exaltarmos e nol-o affeiçoarmos para o futuro como novo protector nacional abonador de virtudes e de prosperos fados para este reino hoje tão baldio para a moralidade e a ventura. Este successo e estas considerações temos para nós, que devem sem duvida encher de uma certa ufania e complacencia não só os representantes da familia dos Brittos, de que nasceu um martyr, que em breve veneraremos sobre os altares, mas tambem os Lisbonenses, e especialmente os naturaes e moradores da freguesia de S. André, e em fim todos os portuguezes, que presam as glorias que a religião e santidade de nossos maiores nos grangearam e sellaram com as suas virtudes em grau heroico, e o laurel do martyrio. O nome d'este varão insigne que ahi vem agora augmentar o cathologo dos Santos portuguezes, ha largos annos cerrado não por falta de Martyres e Confessores, mas de outras condições que se requerem para levar ao cabo a sua beatificação, recorda-nos esses ditosos tempos, em que com as armas conquistámos muitos e riquissimos dominios á mãe patria, e com o zelo allumiámos com a luz da verdadeira fé, e sujeitámos muitos milheiros de almas ao jugo suavissimo de Christo, e de sua sagrada Igreja, dilatando e robustecendo por meio da religião o respeito e veneração pelo nome portuguez nas mais remotas regiões da terra. Que um dos mais esclarecidos testemunhos com que Deus costuma galardoar a fé viva das nações, são o engrandecimento e as prosperidades terrenas, assim como quando deslembradas da virtude dão abertura á torrente das paixões, as desabriga da sua sombra e pujança com que se lhes acanham

e abatem os esforços, seu imperio a lanço e lanço se desmorona, e se desaba, e seus pomposos titulos de gloria se deslustram para nunca jamais juvesnescer e florir. Recorda-nos emfim uma associação de homens que com a palavra, com os escriptos, com a santidade da vida, com os trabalhos do apostolado, e com o desbarate do seu sangue e da sua vida, concorreram immensamente para a dilatação do dominio portuguez, e para alevantar, conservar e eternisar os padrões das nossas maiores façanhas, embora a philosophia para chegar desassombrada a seus tenebrosos fins, empregasse meios sobre que os prejuisos de uns e as ideas de outros aconselham ainda a lançar o mais denso veu.

Ninguem ainda que pouco versado nas nossas historias, e que não esteja dominado de parcialidade, deixará hoje de confessar, que uma das principaes causas proximas da decadencia de Portugal na Africa, Asia e America, e da nossa influencia entre os povos limitrophes das nossas possessões n'essas partes do globo, e da perda das nossas missões, por cujo meio essa influencia se conservava, e robustecia, com grandes vantagens nossas, sem nos fazermos cargo da que ha pouco apontámos, foi a destruição da Companhia, e ultimamente a de todas as ordens regulares.

Lembraremos por todos um unico argumento. Proclamada no Oriente a extincção d'aquella corporação, e recolhidos os seus cartorios pela auctoridade publica para d'alli se extrahirem as grandes provas dos crimes e estragos que lhes imputavam, e com as quaes o marquez de Pombal esperava denunciar ao mundo a verdade do que havia feito espalhar, e a justiça do seu proprio procedimento, tudo quanto n'elles se encontrou foi em abono dos padres, e o mais solemne testemunho do muito que as missões orientaes lhes deviam. De sorte que o prelado que então governava a metropole das Indias, para ver se podia riscar de todo da lembrança dos homens os serviços por ella prestados ao estado e á Igreja, mandou reduzir a cinzas todos esses cartorios preciosissimos para a historia. Deixamos aos nossos leitores decidir qual foi maior n'aquelle prelado, o fanatismo, ou a adulação ao omnipotente ministro d'el-rei D. José.

Mas por quanto não é nosso intento tecer aqui a historia das nossas missões, e muito menos da corporação a que pertenceu o B. João de Britto, pondo de parte todas

estas considerações que não vém rigorosamente para o nosso assumpto, nos passaremos para já ao objecto principal d'esta nossa memoria.

PARTE II.

Dos Auctores que escreveram sobre o B. João de Britto.

Desde que deliberámos reimprimir a historia da vida do B. João de Britto escripta por seu irmão, assentámos logo em colligir todas as noticias e memorias, que podessem servir ou para a illustrar, ou para a supprir n'aquellas partes em que seu auctor não fôra completo, ou por falta de noticias, ou por não achar algumas materias bem averiguadas, rematando este nosso trabalho com os decretos relativos á conclusão da causa de sua beatificação. E não foi debalde que trabalhámos, pois vimos coroadas as nossas fadigas com o mais feliz successo. Quasi que não houve auctor contemporaneo de nomeada, ou que alcançasse de perto a epoca do B. João de Britto, que não consagrasse em suas obras algumas paginas em seu louvor. Dando uma relação e alguns extractos d'estas obras, seguiremos quanto possa ser a ordem chronologica.

A primeira peça importante (não fallando nas cartas annuaes das missões do Oriente), é a carta que o P. Francisco Laynes superior da missão do Maduré escreveu sete dias depois do martyrio do B. João de Britto aos padres da sua Companhia, que trabalhavam na mesma missão, a qual saiu impressa em Paris no anno de 1717 na 2.ª parte das cartas edificantes. Como esta carta vai toda inserida n'este appendice, julgamos desnecessario fazer sobre ella algum commentario.

Seguiu-se-lhe logo em 1695 um folheto escripto pelo P. Manuel de Coimbra, da Companhia, com o seguinte titulo — *Breve relaçam do illustre martyrio do V. P. João de Britto Religioso Professo da Sagrada Companhia de Jesus, residente na missam de Maduré, reino do Maravá, o qual padeceo em 4 de fevereiro de* 1693, impressa em

Lisboa em 1695. Consta esta obra de poucas paginas, mas estão ellas tão repassadas de uncção, e escriptas em tão bello estylo, que ainda que não fossem importantes só pela narração das circumstancias que precederam e acompanharam o martyrio do nosso Bemaventurado conterraneo, por este predicado se tornaria sobejamente recommendavel. Não contendo porém esta relação cousa que possa illustrar ou completar a nossa historia, não a reproduzimos aqui por brevidade.

Dois annos depois saiu á luz em Antuerpia a seguinte obra — *Illustre Certamen R. P. Joannis de Britto e Societate Jesu lusitani in odium fidei a Regulo Maravá trucidati quarta die februarii* 1683 *Auctore R. P. Joanne Baptista Maldonado Soc. Jesu Antuerpiæ anno* 1697. A vida do B. João de Britto, as suas virtudes, os seus trabalhos apostolicos, o seu martyrio e milagres, os costumes do Malabar, a historia da missão do Maduré, uma das mais preciosas do padroado portuguez na India, tudo alli se acha não diremos relatado, mas pintado tão ao vivo, e com tão vivas côres, e tanta copia de elegancia, que bastaria só esta obrita, a qual consta de 64 paginas em oitavo pequeno, para recommendar á posteridade o nome do seu auctor, que a poucas laudas de leitura manifestamente se vê que devia ser grande litterato, e mestre em latinidade.

Segundo o auctor confessa, foram-lhe guia n'este seu importante opusculo as cartas annuaes da missão do Malabar escriptas ao P. geral dos jesuitas pelo P. André Freire, jesuita, que depois de ter cultivado por mais de 30 annos aquella espinhosissima vinha, foi nomeado arcebispo de Angamale ou Cranganor, e pelo P. Francisco Laynes, tambem jesuita e superior da missão, e depois bispo de Meliapor, o qual investigou escrupulosamente as fadigas apostolicas e o martyrio do nosso Beato, além do P. Jeronymo Telles companheiro do S. Martyr na sua primeira viagem á India e na missão, e do P. José de Miranda testemunha ocular do apostolado do B. João, os quaes assistiram ao mesmo auctor quando o escreveu. D'esta obra daremos n'este appendice importantes e copiosos extractos, que não serão sem preço para a historia, deixando de inserir outros não menos curiosos por não fazermos leitura de cousas meudas.

Segue-se a *Imagem da Virtude em o noviciado da*

Companhia de Jesus na Corte de Lisboa pelo P. Antonio Franco da mesma Companhia, impressa em Coimbra em 1717. Consta esta obra da vida de todos os homens illustres da Companhia que fizeram o seu noviciado em Lisboa, sendo uma d'estas a do B. João de Britto desde pagina 755 a 847, cap. XV a XXXII, da qual daremos alguns trechos em que se relatam casos dignos de ficarem em lembrança, e bem merecedores de uma grande luz. Este mesmo padre publicou em Vienna d'Austria no anno de 1720 outra obra com o titulo *Annus Gloriosus Soc. Jesu in Lusitania*, onde em o dia 4 de fevereiro, de pagina 55 a 59, refere em succinto a vida e martyrio do B. João de Britto com algumas circumstancias interessantes, que omittira na *Imagem da Virtude*, com que enriqueceremos tambem este nosso trabalho. Segundo confessa o auctor na prefacção, tinha elle de principio escripto em linguagem esta sua obra, que depois traduziu e publicou em latim com poucas alterações, por conselho de alguns seus correligiosos que acharam que seria mais proveitoso, e de maior gloria para a provincia jesuitica de Portugal, publical-a na lingua latina. O original portuguez d'esta obra existe na torre do Tombo pela lettra do mesmo auctor, onde o examinámos.

Em 1738 publicou-se em Roma, sem nome de auctor, o seguinte opusculo que tambem consultámos, e do qual não podemos deixar de dar alguns extractos — *Vita del V. Servo di Dio P. Giovanni di Britto della Compagnia de Gesu ucciso dai barbari del Malabar in odio della fede.* Segundo diz o auctor, escreveu elle sobre as noticias authenticas e solemnemente juradas tanto das cartas annuaes da missão do Maduré desde 1671 até 1694, como dos processos feitos por auctoridade apostolica e ordinaria em Goa, Cochim, Meliapor, Cranganor e Roma. Tambem Diogo Barbosa Machado na sua Bibliotheca Lusitana tomo 2.º pag. 613, e o nosso distincto historiador D. Antonio Caetano de Sousa, na Historia genealogica da Casa Real a pag. 918 do tom. 12 part. 2.ª, escreveram sobre o B. João de Britto os artigos que nossos leitores verão na III parte d'esta memoria, aos quaes juntaremos o que a respeito do mesmo Beato escreveu Cretineau Joly na sua historia da Companhia publicada em França ha poucos annos.

PARTE III.

EXTRACTOS IMPORTANTES DAS OBRAS DE ALGUNS AUCTORES SOBRE O B. JOÃO DE BRITTO.

Carta do P. Francisco Laynez da Companhia de Jesus, Superior da missão do Maduré aos Padres da sua Companhia que trabalham na mesma missão sobre a morte do V. P. João de Britto.

Meus Reverendos Padres. P. C.

Não sei se devemos affligir-nos pela morte do nosso caro Companheiro, o P. João de Britto, e chorar a perda que esta Christandade soffreu de um pastor cheio de zelo, e de um missionario incançavel; ou se devemos antes regosijar-nos com as vantagens que esta nascente Igreja colherá da morte de um generoso confessor de Jesu Christo, que deu ao ceu. Por quanto se é verdade, segundo diz um dos santos Padres, que o sangue dos martyres é semente fecunda de novos Christãos, não teremos por ventura razão para esperar, que esta Christandade fructificará centuplicadamente, e se estenderá por todos os vastos paizes do Oriente?

Permitti-me pois, meus reverendos Padres, que vos convide a dar comigo graças a Deus por ter concedido martyres a esta Igreja, e ter feito a um de nossos irmãos a graça de derramar o seu sangue por Jesu Christo. Este favor deve para nós ser muito mais precioso do que os maiores successos do mundo. Que felicidade seria a nossa, se tambem fossemos destinados a egual morte. Façamos por não nos tornarmos indignos d'este favor com as nossas infidelidades. Renovemos o nosso zelo, trabalhemos mais do que nunca com maior coragem e fervor pela salvação d'estes infieis resgatados com o sangue do Salvador; e olhemos o martyrio do nosso Bemaventurado Companheiro, como uma viva exhortação que Deus nos faz a fim de que nos preparemos, e estejamos promptos para receber talvez a mesma mercê.

Bem sabeis que haverá seis annos, Rauganadadeven

principe do Maravá, depois de ter feito soffrer crueis tormentos ao P. João de Britto, lhe prohibiu sob pena de morte de permanecer e prégar o Evangelho nos seus estados, chegando a ameaçal-o que o faria esquartejar se não obedecesse ás suas ordens. O Servo de Deus que então era superior da missão, para não irritar aquelle principe gentio, retirou-se logo do Maravá, com intenção porém de voltar pouco depois; porque não sabia resolver-se a desamparar de todo uma numerosa Christandade, que havia estabelecido com tantos desvelos, e incriveis fadigas; e longe de temer os ameaços que se lhe faziam, tinha por a maior felicidade que lhe podia caber a honra de morrer em defesa da fé. Mas Deus contentou-se então com a sua boa vontade. E como estivesse para entrar de novo no Maravá, os nossos superiores enviaram-o á Europa como procurador geral d'esta provincia. Obedeceu elle, e chegou a Lisboa nos fins do anno de 1687.

El-rei de Portugal, que o conhecia, e com quem tivera elle a honra de ser educado, manifestou grande jubilo pelo seu regresso, e quiz que ficasse na côrte com importantes cargos. Porém o Santo homem, que nada mais anhelava do que a conversão dos infieis, desculpou-se energicamente. « Vossa majestade, disse elle ao rei respeitosa- « mente, tem nos seus estados grande numero de pessoas « idoneas para os cargos com que me quer honrar: porém « a missão do Maduré tem poucos operarios: e ainda quan- « do muitos houvera para cultivarem este vasto campo, eu « tenho sobre elles a vantagem de saber a lingua do paiz, « de conhecer os costumes d'estes povos, e de estar costu- « mado ao seu modo de viver, que é muito extraordina- « rio. »

O P. Britto tendo de tal arte evitado o perigo em que esteve de ficar na côrte de Portugal, e posto fim aos negocios que lhe haviam sido commettidos, não pensou a mais do que a partir de Lisboa e voltar á India. Logo que chegou a Gôa, tratou de se recolher a esta missão de que tinha sido feito visitador. Como ardia em zelo pela casa de Deus, não tomou tempo para se descançar das fadigas de tão longa viagem, e refazer-se de uma perigosa doença que tivera a bordo das naus. Todo o seu cuidado foi desempenhar-se dos deveres do novo cargo que se lhe confiára. Começou pela visita de todas as casas que temos em Maduré. Depois restituiu-se aos Maravás seus caros filhos em

Jesu Christo, que faziam todas as suas delicias. Pelos mattos d'este paiz ha como sabeis muitas Igrejas dispersas. Percorreu-as todas com um zelo incançavel, e grandes descommodidades. Os sacerdotes dos gentios soltaram-se contra elle, e a sua raiva foi tão longe, que estava cada dia exposto a perder a vida, e não podia demorar-se dois dias seguidos no mesmo logar sem correr grandes riscos. Mas Deus animava-o n'estes perigos e fadigas com as grandes bençãos, que se dignava de derramar sobre os seus trabalhos apostolicos.

No espaço de quinze mezes que esteve no Maravá depois de regressar da Europa até á sua morte, teve a consolação de baptisar oito mil catechumenos, e converter um dos principaes senhores do paiz. E' este o principe Teriadeven, a quem pertenceria o principado do Maravá, de que seus maiores foram despojados pela familia de Rauganadadeven ora reinante. Como o nascimento e meritos de Teriadeven lhe grangeavam a estima e affeição de todos os da sua nação, a sua conversão produziu grande arruido e foi causa da morte do P. Britto. Estava elle enfermo de uma doença que os medicos do paiz julgavam mortal. Reduzido aos ultimos extremos e sem esperança de allivio, determinou implorar o auxilio do Deus dos christãos. Para esse fim mandou muitas vezes rogar ao P. Britto que o fosse ver, ou que ao menos lhe mandasse um catechista, para lhe ensinar a doutrina do Evangelho em cuja virtude, dizia elle, tinha posto toda a sua confiança. Não se demorou o Padre a conceder-lhe o que pedia: mandou-o visitar por um catechista, que recitou sobre elle o santo Evangelho, e logo ficou perfeitamente sarado.

Tão evidente milagre ugmentou o desejo que Teriadeven tinha, havia muito, de ver o pregoeiro de uma lei tão santa e prodigiosa, e não tardou em ter essa satisfacção. Por quanto não duvidando já o Padre da sinceridade das intenções d'este principe, contra o qual estivera de sobre aviso até então, dirigiu-se ás terras do seu governo, e como esse logar ainda não era suspeito aos sacerdotes dos idolos, demorou-se alli para celebrar a festa dos Reis Magos. Passou-se esta solemnidade com extraordinaria devoção dos christãos, e tão grande successo, que o P. Britto baptisou n'esse dia pela sua propria mão duzentos catechumenos. As palavras vivas e animadas do Servo de Deus, o seu zelo, a alegria que se descobria nos novos christãos,

a majestade das ceremonias da Igreja, e sobre tudo a graça de Jesu Christo, que quiz servir-se d'este favoravel ensejo para a conversão de Teriadeven, penetraram tão vivamente o coração d'este principe, que pediu logo o baptismo. « Vós « não sabeis ainda, lhe disse o Padre, qual é a pureza de « vida que cumpre guardar na profissão do christianismo. « Eu me tornaria culpado perante Deus, se vos concedesse « a graça do baptismo antes de vos instruir e dispôr para « receber este sacramento. »

D'aqui passou a explicar-lhe o que o Evangelho prescreve ácerca do matrimonio. Era este ponto o mais necessario, porque Teriadeven tinha então cinco mulheres, e um grande numero de concubinas.

O discurso do missionario bem longe de descoroçoar o novo catechumeno, tornou-o mais animoso e mostrou o seu fervor e empenho em receber o baptismo. « Este obs- « taculo, disse elle ao Padre, será desde já removido, e « tereis motivo para vos dar por satisfeito de mim. » No mesmo instante volta ao seu palacio, chama á sua presença todas as suas mulheres, e depois de lhes fallar da cura milagrosa que recebera do verdadeiro Deus, por virtude do santo Evangelho, declara-lhes que está resolvido a empregar o resto da vida no serviço de tão poderoso e tão bom Senhor: que como este Senhor prohibia ter mais de uma mulher, queria obedecer-lhe, e não ter para o futuro mais que uma unica. E para consolar aquellas a quem renunciava, accrescentou que cuidaria n'ellas, que nada lhes faltaria, e que as consideraria sempre como suas proprias irmãas.

Uma falla tão inesperada lançou aquellas mulheres em terrivel consternação: a mais joven foi a que mais se abalou. A principio não poupou a rogos nem a lagrimas para ganhar seu marido, e lhe fazer mudar de resolução: mas vendo que eram baldados todos os seus esforços, transpoz todos os limites, e resolveu vingar-se no P. Britto e nos christãos da injustiça que se persuadiu que se lhe fazia. Como era sobrinha de Rauganadadeven, principe soberano do Maravá, de que já fallei, foi-se queixar a elle da leviandade de seu esposo. Chorou, gemeu, representou o triste estado a que ficava reduzida, e implorou a auctoridade e justiça de seu tio. Respondeu-lhe este, que a resolução de Teriadeven procedia de se ter abandonado á mercê do magico mais abominavel que havia no Oriente;

que este homem tinha enfeitiçado seu marido, que o tinha persuadido a repudial-a vergonhosamente e a todas as outras mulheres, á excepção de uma só. Mas para conseguir melhor os seus intentos fallou de uma maneira mais energica aos sacerdotes dos idolos, que havia muito tempo procuravam occasião favoravel para romperem contra os ministros do Evangelho.

Havia entre elles um brahmene chamado Pompavanan famoso por suas imposturas, e odio irreconciliavel aos missionarios, e sobre tudo ao P. Britto. Este malvado arrebatado de prazer por encontrar tão bello ensejo de se vingar de quem destruia a honra dos seus idolos, lhe tirava os seus discipulos, e por isso o reduzia com toda a sua familia á extrema pobreza, juntou os outros brahmenes, e consultou com elles os meios de perder o Santo Missionario, e arruinar a sua nova Igreja. Foram todos de parecer que deviam ir juntos fallar ao principe. O brahmene Pompavanan se poz á testa d'elles, e tomou a palavra. Começou por se queixar que já se não respeitavam os deuses; que muitos idolos tinham sido derribados, e a maior parte dos templos abandonados; que já se não celebravam sacrificios nem festas, e que todo o povo seguia a infame seita dos europeus; que não podendo por mais tempo soffrer os desacatos que se faziam aos seus deuses, se retirariam todos para os reinos visinhos, não querendo ser espectadores da vingança que os mesmos deuses irritados estavam para tomar dos seus desertores, e d'aquelles que devendo punir tão enormes crimes os toleravam com tanto escandalo.

Não fôra preciso tanto para animar Rauganadadeven, que já estava preoccupado contra o P. Britto, e fôra novamente instado pelos queixumes e lagrimas de sua sobrinha, e que por outro lado, como parecia, não tinha razões para amar o principe Teriadeven. Ordenou logo o saque de todas as casas dos christãos dos seus estados, e que aquelles que perseverassem firmes na sua crença pagassem uma grande multa, e sobre tudo que se lhes queimassem todas as Igrejas. Esta ordem rigorosa cumpriu-se tanto á risca, que muitissimas familias christãs ficaram de todo arruinadas, porque antes quizeram perder todos os seus bens, do que renegar a fé. O modo porém como se procedeu contra o P. Britto foi ainda mais violento. O tyranno que o considerava como auctor de todas estas suppostas desordens,

mandou expressamente que fosse preso e conduzido á sua presença. Este barbaro por meio do rigor com que o havia de tratar, pretendia atemorisar os christãos, e fazer que mudassem de resolução.

N'esse dia em que se contavam oito de janeiro d'este anno de 1693, o Santo Missionario tinha administrado os sacramentos a grande numero de fieis; e ou elle suspeitasse, ou por alguma via, que não sabemos, tivesse certesa do que se tramava contra a sua pessoa, aconselhou muitas vezes aos christãos reunidos, que se retirassem para evitar a sanguinolenta perseguição de que estavam ameaçados.

Algumas horas depois foram-lhe dizer que um tropel de soldados marchava para o prender; e logo com rosto prasenteiro, e sem fazer mostra de sobresalto, saiu-lhes ao encontro. Porém estes impios apenas o divisaram, arremetteram a elle, e com tal furia o empuxaram, que desapiedadamente o derribaram em terra. Não foi melhor o trato que deram a um brahmene christão chamado João, que o acompanhava: ataram rijamente estes dois confessores de Jesu Christo, a quem abalavam mais as blasphemias que ouviam pronunciar contra Deus, do que o que lhes faziam soffrer. Dois jovens christãos que tinham seguido o P. Britto, dos quaes o mais velho ainda não contava quatorze annos de edade, longe de se espantarem com as crueldades que exerciam contra elles, e os opprobrios com que os opprimiam, cobraram tal animo, e fortaleza na sua fé, que correram com fervor incrivel a abraçar o Santo homem, apesar de algemado, e não o quizeram deixar. Os soldados vendo que os ameaços e golpes não bastavam para os affastar, amarraram tambem estas duas innocentes victimas, e assim as juntaram a seu pai e pastor.

N'este estado conduziram a todos quatro; mas o P. Britto que era de uma compleição delicada, e cujas forças estavam exhaustas pelos longos e penosos trabalhos, e pela vida penitente que havia mais de vinte annos fazia no Maduré, sentiu-se extremamente abatido. Toda a sua coragem não o pôde suster senão por pouco tempo, de sorte que se viu tão cançado e quebrantado, que caía quasi a cada passo. Os guardas querendo apressar-se, batiam n'elle e o obrigavam a levantar-se e andar ainda que lhe viam os pés ensanguentados, e horrivelmente inchados.

N'este estado pouco differente do em que estava o seu

divino Mestre quando caminhava para o calvario, chegaram a uma grande povoação chamada Anoumandancoury, onde os confessores de Jesu Christo receberam novas affrontas. Por quanto para satisfazerem ao povo que de toda a parte acodia em tropel para ver tão insolito espectaculo, os poseram em um carro bem alto, no qual os brahmenes costumam levar pelas ruas como em triumpho os seus idolos, e alli os deixaram dia e meio expostos ao escarneo publico. Muito soffreram n'este logar, já pela fome, já pela sede, já pelo peso dos grandes grilhões com que os carregaram. Satisfeita assim a curiosidade e o furor d'este povo, fizeram-os continuar o seu caminho para Ramanadabouram côrte do principe do Maravá. Antes de alli chegar encontraram-se com outro confessor de Jesu Christo. Era este o catechista Moutapen, que havia sido preso em Candaramanicom, aonde o P. Britto o tinha mandado para tomar conta de uma Igreja que alli tinha fundado. Os soldados depois de o prenderem queimaram a Igreja, arrasaram as casas dos christãos, segundo as ordens que tinham recebido, e levaram este catechista, bem atado, á cidade de Ramanadabouram. Este encontro causou grande jubilo a todos estes servos de Deus, e o P. Britto colheu esta occasião para os animar a perseverarem fervorosamente na confissão da fé de Jesu Christo. Rauganadadeven que estava algumas leguas distante da sua capital, quando estes gloriosos confessores alli chegaram, ordenou que fossem mettidos no carcere, e guardados a vista até á sua chegada. No entretanto o principe Teriadeven, esse zeloso catechumeno que era a causa innocente de toda a perseguição, compareceu na côrte para supplicar graça da vida para aquelle a quem elle se julgava devedor da do corpo e alma. Sabida a crueldade com que tinha sido tratado o Servo de Deus em toda a jornada, pediu aos guardas que dessem melhor tratamento a um prisioneiro que elle respeitava. Houve logo alguma consideração pela recommendação d'este principe; e o P. Britto depois d'isso não foi tratado com o mesmo rigor, mas não deixou de soffrer muito, e passar alguns dias sem tomar outro alimento afora um pouco de leite, que se lhe dava uma vez por dia.

Durante este tempo, os sacerdotes dos idolos fizeram novos esforços para obrigar o principe do Maravá a dar a morte aos confessores de Jesu Christo. Apresentaram-se em grande numero no palacio, vomitando blasphemias

execraveis contra a Religião Christã, e accusando o Padre de muitos crimes enormes. Pediram ao tyranno com grande instancia que o mandasse enforcar na praça publica, para que ninguem mais ousasse seguir a lei que elle ensinava. O generoso Teriadeven que estava junto do principe do Maravá, quando lhe apresentaram esta supplica injusta, irritou-se vivamente contra os sacerdotes dos idolos que pediam o seu cumprimento. Depois dirigindo-se a Rauganadadeven, supplicou-o que mandasse vir á sua presença os brahmenes mais habeis para os fazer disputar com o novo doutor da lei do verdadeiro Deus, accrescentando, que este seria um meio seguro e facil para se descobrir a verdade.

O principe agastou-se com a liberdade de Teriadeven, e cheio de colera o reprehendeu porque sustentava o partido infame do doutor de uma lei estrangeira, intimando-lhe que adorasse logo alli alguns idolos que estavam na sala. «Não permitta Deus, replicou o generoso catechu-«meno, que eu commetta similhante impiedade; ainda «não ha muito tempo que livrei d'uma doença mortal por «virtude do santo Evangelho: como ousarei renuncial-o «para adorar os idolos, e perder ao mesmo tempo a vida «da alma e do corpo?»

Estas palavras fizeram subir de ponto o furor do tyranno, mas razões d'estado não lhe deixaram julgar conveniente manifestal-o. Dirigiu-se a um joven cavalleiro a quem amava, chamado Pouvaroudeven, e lhe ordenou o mesmo. Porém este que pouco antes por meio do baptismo livrara tambem de um grave incommodo que soffrera nove annos, hesitou primeiro; mas o receio de desagradar ao rei que era furiosamente irritado, o levou a obedecer-lhe cegamente. Apenas porém offereceu o seu sacrificio, sentiu-se atacado de novo da sua antiga enfermidade, mas com tanta violencia que em breve se viu reduzido aos extremos. Tão prompto e tão terrivel castigo, o fez tornar em si; recorreu a Deus que tão cobardemente abandonara. Pediu que lhe trouxessem um Crucifixo, lançou-se-lhe aos pés, pediu humildemente perdão do crime que commettera, e supplicou ao Senhor, que tivesse piedade da sua alma, e compaixão do seu corpo. Logo que acabou esta oração viu que fôra exaudido: o seu mal cessou novamente, e não duvidou que aquelle Senhor que com tanta bondade lhe concedia a saude do corpo, lhe perdoaria misericordiosamente a sua culpa.

Em quanto Pouvaroudeveu sacrificava aos idolos, o principe do Maravá dirigiu-se segunda vez a Teriadeveu, e lhe ordenou com ameaças que seguisse o exemplo d'aquelle senhor; mas Teriadeven lhe respondeu generosamente, que antes queria morrer, que commetter tão grande impiedade; e para tirar ao tyranno toda a esperança de o reduzir, estendeu-se sobre a virtude do santo Evangelho, e os louvores da religião christã. O principe irado por uma resposta tão firme, interrompeu-o, e lhe disse com um ar de zombaria: «pois bem, tu vaes ver qual é o po-«der do Deus que adoras, e a virtude da lei que o teu in-«fame doutor te ensinou. Pretendo que dentro em tres «dias morra esse perverso só pela força dos nossos deuses, «sem que alguem lhe toque.»

Ditas estas palavras, ordenou que em honra dos pagodes se fizesse o sacrificio chamado *Patiragalipouci*, que é uma especie de sortilegio a que estes infieis attribuem tão grande virtude, que asseguram não se lhe poder resistir, e que é forçoso absolutamente que pereça aquelle contra quem se faz. D'aqui procede que algumas vezes o chamam tambem *Santouroverangaram*, isto é, destruição total do inimigo. Este principe idolatra empregou tres dias inteiros n'estes exercicios diabolicos, fazendo muitos sacrificios para conseguir o seu intento. Alguns gentios que estavam presentes, e que algumas vezes tinham ouvido as exhortações do confessor de Jesu Christo, debalde lhe representaram que todos os seus esforços seriam inuteis, porque todos os maleficios não teriam virtude alguma contra um homem que zombava dos seus deuses. Estes discursos irritaram furiosamente o principe, e como o primeiro sortilegio não teve effeito, julgou que alguma circumstancia teria faltado, e assim começou de novo tres vezes o mesmo sacrificio sem successo.

Alguns dos principaes ministros dos falsos deuses querendo livral-o do embaraço, e da extrema confusão em que estava, lhe pediram licença para fazerem outro genero de sacrificio, contra o qual, segundo elles, não havia recurso. Este sortilegio é o *Salpechiam*, o qual tem, dizem elles, uma virtude tão infallivel, que não ha poder divino ou humano, que a possa illudir. Assim asseguraram que o pregoeiro de Christo morreria infallivelmente ao quinto dia. Seguranças tão positivas calmaram um pouco Rauganadadeven da desesperação em que estava de se ver con-

fundido, e a todos os seus deuses por um só homem, que tinha em ferros, e a quem despresava.

Mas foi uma nova confusão para elle, e para os sacerdotes dos idolos, quando passados os cinco dias do *Salpcchiam*, viram que o Santo homem, que infallivelmente devia ser destruido, nem um unico dos seus cabellos tinha perdido.

Os brahmenes disseram ao tyranno, que este doutor da nova lei, era um dos maiores magos que havia no mundo, e que resistira á virtude de todos os seus sacrificios só pela força dos seus encantos. Rauganadadeven cedeu facilmente a esta impressão; mandou vir á sua presença o P. Britto, e perguntou-lhe, mostrando-lhe o seu breviario, que lhe tinham tirado quando o prenderam, se era d'aquelle livro que elle tirava a virtude que tornara até então inefficazes todos os seus encantos. E respondendo-lhe o Santo homem que não se podia duvidar d'isso: «pois «bem, lhe disse o tyranno, quero ver se este livro te ha «de tornar tambem impenetravel aos nossos mosquetes.» Ao mesmo tempo ordenou que lhe pozessem ao pescoço o breviario, e que o fizessem passar pelas armas. Já os soldados estavam prestes a darem as suas descargas, quando Teriadeven com uma coragem heroica clamou publicamente contra uma ordem tão tyrannica, e lançando-se entre os soldados, protestou que tambem elle queria morrer, se tiravam a vida ao seu querido mestre. Rauganadadeven que percebeu alguma commoção entre as tropas, teve medo de alguma revolta, porque não duvidava que Teriadeven tinha ainda muitos sequazes que não permittiriam que este principe fosse abertamente insultado. Estas considerações comprimiram o arrebatamento de Rauganadadeven, que até fez mostras de revogar a ordem dada, e ordenou que o Servo de Jesu Christo fosse de novo mettido no carcere.

Todavia n'esse mesmo dia pronunciou contra elle a sentença de morte; e a fim de que se executasse sem obstaculo, mandou partir secretamente o Padre com boa guarda e com ordem de o levarem a Ouriardeven seu irmão, cabeça de uma povoação situada a dois dias de distancia da côrte para lhe ser dada a morte sem dilação. Quando participaram esta sentença ao Servo de Deus, o jubilo de se ver tão perto do que desejava tão ardentemente, foi um pouco moderado pela pena que teve de deixar os seus caros filhos em Jesu Christo, que com elle se achavam na

prisão. Foi-lhe tão sensivel esta separação, que não póde conter as lagrimas ao despedir-se d'elles. Abraçou ternamente a todos quatro um após outro, e animou á constancia a cada um em particular com razões energicas e proprias das circumstancias em que se achavam, segundo a capacidade de suas intelligencias. Depois dirigindo-se a todos em commum lhes fez um discurso commovente e pathetico para os exhortar a permanecerem inabalaveis na confissão da fé, e darem generosamente a sua vida pelo verdadeiro Deus, de quem a tinham recebido. Os gentios que estavam presentes enterneceram-se tanto com esta vista, que choraram, e ficaram assombrados da ternura que o Servo de Deus mostrava pelos seus discipulos no momento em que estava proximo á morte. Não era menos o espanto que lhes causava a santa resolução dos outros quatro confessores de Jesu Christo, que mostraram grande impaciencia por derramarem o seu sangue por amor do seu Salvador. Assim saiu da prisão de Ramanadabouram, acompanhado dos votos de seus discipulos que pediam com instancia para o seguir e morrer com elle.

Partiu sobre a noute com os guardas que lhe foram destinados; mas sendo o seu abatimento maior ainda que na jornada antecente, chegou ao logar do seu martyrio depois de soffrer incriveis trabalhos. Não se sabe se foi o receio de o verem morrer antes do supplicio, que fez com que ao principio o pozessem a cavallo: mas bem depressa lh'o tiraram. Caminhava descalço, e as frequentes quedas lhe feriram de tal modo as pernas, que tinha extremamente inchadas, que pelo sangue se lhe podia seguir o rasto. Todavia esforçava-se por andar, até que as guardas vendo que elle já não podia suster-se, se poseram a arrastal-o desapiedadamente ao longo do caminho,

Além d'estas fadigas horriveis, e d'este tratamento cheio de crueldade, não lhe deram durante a jornada, que foi de tres dias, outro alimento senão uma pequena medida de leite; de sorte que os mesmos gentios se admiravam que tivesse podido resistir até ao fim, e os Christãos o attribuiram a singular favor de Deus.

Foi n'este lastimavel estado, que este homem verdadeiramente apostolico chegou em 31 de janeiro a Orejour, onde devia completar-se o seu martyrio. E' Orejour uma grande villa situada nas margens do rio Pambarou nos confins do principado de Maravá, e do reino de Tanjor.

Logo que Ouriardeven irmão do cruel Rauganadadeven, e ainda mais inhumano que elle, soube da chegada do Servo de Deus, ordenou que o levassem á sua presença. Este barbaro, de principio lhe deu favoravel gasalhado. Estava elle havia alguns annos cego, e paralytico dos pés e mãos, e como tinha muitas vezes ouvido fallar das maravilhas que Deus obrava pelo santo Evangelho, concebeu esperança de que o doutor da nova lei, tendo poder, não lhe recusaria uma graça que muitos outros tinham recebido. Por isso depois de lhe ter mostrado muita benignidade na primeira audiencia, em que não se fallou senão de religião, ao outro dia lhe enviou todas as suas mulheres, que se prostraram aos pés do confessor de Jesu Christo para lhe supplicar que désse saude a seu marido. Mas despedindo-as o P. Britto sem lhes prometter cousa alguma, Ouriardeven mandou-o chamar em particular para o empenhar a todo o preço a fazer este milagre em seu favor. Prometteu-lhe logo que se lhe concedesse o que pedia, não sómente o tiraria do carcere, e livraria da morte, mas lhe faria ricas dadivas. « Não são estas as promessas, lhe res« pondeu o fervoroso Missionario, que poderiam obrigar« me a restituir-vos a saude, se isso estivera em meu po« der; nem imagineis que possa o medo da morte obrigar« me a tal. Só Deus, cujo poder é infinito, póde conceder« vos essa graça. »

O barbaro offendido com esta resposta, mandou logo que reconduzissem o prisioneiro ao seu carcere, e que logo se aprestassem os instrumentos para o supplicio. Porém a execução differiu-se tres dias, durante os quaes lhe ministraram muito menos alimento do que era costume; de sorte que se não lhe abreviassem a morte com o ferro, teria certamente perecido de mingua e miseria. A tres de fevereiro, que foi a vespera do seu martyrio, teve meio de me enviar uma carta dirigida a todos os padres d'esta missão, a qual guardo como preciosa reliquia. Na falta de penna e tinta serviu-se para escrever de uma palha e um pouco de carvão desfeito em agua. Eis aqui os proprios termos d'esta carta. (E' a que vem a pagina 229).

Era com estes sentimentos, e com esta grande coragem, que o homem de Deus esperava o momento do seu martyrio. O tyranno que tinha recebido ordem expressa para logo o fazer morrer, vendo que nada podia obter para a sua cura, entregou-o a cinco algozes para o fazerem pe-

daços, e expôr á vista do povo depois de morto. A um tiro de mosquete distante do povoado tinham levantado uma grande estaca, ou especie de poste muito alto no meio de um vasto descampado, que devia servir de theatro a este sanguinoso espectaculo. A quatro de fevereiro pelo meio dia, conduziram alli o Servo de Deus para consummar o seu sacrificio na presença de grande multidão de povo que tinha acodido de toda a parte, logo que se espalhou no paiz a noticia da sua condemnação. Chegado ao logar do supplicio, pediu aos algozes que lhe concedessem um momento para se recolher, o que lhe foi concedido. E logo ajoelhando na presença de todo este povo numeroso, virado para o poste, a que o seu corpo separado da sua cabeça devia ser pendurado, pareceu entrar em profunda contemplação. E' facil de julgar quaes seriam então os sentimentos d'este Santo religioso em tal occasião, persuadido que a poucos momentos irìa gosar da gloria dos Santos, e juntar-se para sempre ao seu Deus. Enterneceram-se tanto os gentios da terna devoção que parecia pintada em seu rosto, que não poderam conter as lagrimas. Muitos d'elles chegaram a condemnar altamente a crueldade usada com este Santo homem.

Depois de quasi um quarto de hora de oração, levantou-se com o rosto tão risonho, que bem mostrava a serenidade e paz da sua alma; e aproximando-se aos algozes que se tinham um pouco afastado, abraçou-os todos de joelhos com tanto affecto e alegria, que os encheu de admiração. Depois levantando-se: « agora podeis, meus irmãos, lhes disse, podeis fazer de mim o que vos aprouver » accrescentando algumas palavras cheias de doçura e caridade que ainda se não poderam colher. Arremeçaram-se logo a elle os algozes, meio enebriados, e lhe rasgaram os vestidos, para pouparem o trabalho e tempo de lh'os despirem. Mas descobrindo o relicario que costumava trazer ao pescoço, fizeram pé atraz cheios de espanto, e dizendo uns para os outros que n'aquella caixa por certo se continham os encantos com que enfeitiçava os homens da sua nação que seguiam a sua doutrina, e que bem se deviam guardar de lhe tocarem para não serem tambem seduzidos como os outros. Com este ridiculo pensamento, um d'elles tomando o seu sabre para cortar o cordão que segurava o relicario, fez ao Padre um profundo golpe, de que correu copioso sangue. O fervoroso Missionario offereceu-o a Deus como

primicias do sacrificio que estava para concluir. Emfim estes barbaros persuadidos que os magicos encantos dos christãos eram assás poderosos para resistirem aos golpes de seus montantes, fizeram vir um grande machado de que se serviam em seus pagodes para degolarem as victimas que immolavam aos idolos. Depois d'isto, lhe ataram uma corda á barba, e lh'a enlaçaram ao redor do corpo para fazer pender a cabeça sobre o peito quando lhe descarregassem o golpe.

O homem de Deus poz-se logo de joelhos diante dos algozes, e alevantando os olhos e as mãos para o ceu esperou n'esta postura a coroa do martyrio, quando dois christãos do Maravá, não podendo já conter o ardor que lhes abrazava os corações, romperam a multidão, e se foram deitar aos pés do Santo confessor, protestando quererem morrer com o seu querido pastor, pois que elle se expunha com tanto zelo a morrer por elles; que a falta, se a havia da sua parte, era commum a elles, e que por isso era justo serem participantes com elle da pena. A coragem d'estes dois christãos causou estranho assombro a todo aquelle ajuntamento, e irritou os algozes. Mas não se atrevendo a dar-lhes a morte sem ordem, apartaram-os d'alli, e depois de os pôrem a bom recado, tornaram ao P. Britto, e lhe cortaram a cabeça. O seu corpo que naturalmente devia cair para diante, por estar inclinado para esse lado antes de receber o golpe, caiu todavia para o lado opposto com a cabeça que ainda tinha os olhos abertos e postos no ceu. Os algozes apressaram-se em lh'a separar do tronco, com medo, diziam elles, de que por seus encantos achasse meio de a tornar a juntar. Cortaram-lhe depois pés e mãos, e ataram o corpo e a cabeça ao poste que alli estava levantado, afim de ficar exposto á vista, e aos insultos dos caminhantes. Depois d'esta execução os verdugos conduziram á presença do tyranno os dois christãos que tinham ido offerecer-se ao martyrio. Este barbaro fez-lhes cortar os narizes e as orelhas, e os despediu ignominiosamente. Um d'elles chorando amargamente não ter tido a felicidade de dar a vida por Jesu Christo, tornou ao logar do supplicio, onde á sua vontade considerou as santas reliquias; e depois de ter recolhido devotamente os pés e as mãos que estavam dispersos pelo chão, os collocou junto ao poste onde estavam a cabeça e o corpo, demorando-se alli algum tempo em oração antes de se retirar.

Eis aqui, meus reverendos padres, qual foi o glorioso fim do nosso caro companheiro o R. P. João de Britto. Havia largo tempo que suspirava por este termo, e finalmente o conseguiu. Como foi com eguaes desejos que tambem nós deixámos a Europa, e viemos parar á India, esperamos ter algum dia a mesma dita que coube a este Servo de Deus. Aprasa a nosso Senhor Jesu Christo concedernos esta mercê, e que pela nossa parte lhe não ponhamos algum obstaculo. A christandade do Maravá está reduzida á maior consternação pela perda do seu Santo Pastor. Juntai pois, eu vol-o supplico, ás nossas tambem as vossas rogativas, para que o sangue do seu primeiro martyr lhe não seja inutil, e ache por intercessão d'este novo protector, outros padres tão poderosos por suas obras e palavras como elle, os quaes sustentem, e acabem o que elle tão gloriosamente encetara.

No momento em que recebi a noticia da prisão do nosso glorioso confessor, puz-me em caminho para ir ao Maravá assistil-o, e prestar-lhe todos os bons officios de que sou capaz. Caminhava com extraordinaria diligencia, e tinha já andado boa parte do caminho, quando me trouxeram noticias certas do seu martyrio. Resolvi passar adiante, mas os christãos que me acompanhavam, e os mesmos gentios que estavam presentes, me representaram que se entrasse no Maravá, exporia esta christandade desolada a nova perseguição sem esperança de successo. Este receio me fez mudar de resolução, e retirei-me para uma povoação proxima, para estar mais prompto a soccorrer os que ainda estavam presos, e procurar recolher as reliquias do Santo Martyr, ou fazel-as enterrar decentemente.

Se porventura achardes que vos mando menos noticias do que desejarieis saber, estai certos pelo menos, que não vos communico cousa alguma que não indagasse primeiro de pessoas dignas de fé, que foram testemunhas oculares. Se puder ainda descobrir alguma cousa certa, não deixarei de vol-a communicar. No entretanto encommendo-me aos vossos santos sacrificios, e sou com respeito

Meus reverendos padres

Vosso mui humilde e obediente servo em J. C.

Francisco Laynez

da Companhia de Jesus.

Da missão do Maduré a 10 de fevereiro de 1693.

DO ILLUSTRE CERTAME DO R. P. JOÃO DE BRITTO, PELO P. JOÃO BAPTISTA MALDONADO.

Parte para a India apesar de muitas contradicções.

§. I. Tem por usança os missionarios da India, poucos dias antes de se partirem, ir ao paço beijar as reaes mãos, que é este um dever por certo de gratidão, reverencia e fidelidade para com os monarchas portuguezes tão benemeritos da Companhia, e fundadores munificentissimos das missões indianas. E depois em o dia aprasado saem os novos missionarios da India do celeberrimo collegio de S. Antão acompanhados dos religiosos de Lisboa seus irmãos de profissão, e em longa e bem ordenada procissão são conduzidos pelas praças de Lisboa até ás praias do Tejo. Acode a ver este espectaculo crescida multidão de gente de todas as condições, divisando-se d'entre os outros os missionarios da India pelo Crucifixo que lhes pende do pescoço, e é como a divisa d'esta nova milicia. Alli finalmente entre suavissimos affectos e abundantes lagrimas se despedem de seus companheiros, dirigindo-se uns para as naus, e outros para casa. Mas o P. João antevendo n'estes ultimos officios de urbanidade grande molestia, evitou-os occultando-se prudentemente. Raiou em fim o desejado dia da navegação, correndo já em meio o mez de outubro de 1673, quando fazendo-se as naus na volta do oceano, saiu se elle do esconderijo onde mansamente se furtara. Ia de conserva o P. Prospero Inforcetta, vice-procurador da missão chineza, que levava comsigo para a China missionarios escolhidos: e assim o porto de Lisboa expedia á conversão das Indias dois esquadrões de obreiros evangelicos. Feliz emporio d'onde todos os annos saem tantas mercadorias evangelicas, que lá vão enriquecer e alumiar o Oriente! Com prospera navegação e ventos de servir entrava já o P. João de Britto na zona torrida, e se approximava á linha equinoxial, que em breve esperava de passar.

Patrocinio de S. Francisco Xavier.

§. II. Mas uma atroz calmaria illudiu toda a esperança não permittindo avançar nem retroceder por muitos dias. N'este entanto os redemoinhos submarinos açoutando continuamente a nau, a faziam resaltar com abalos e sacudimentos tão impetuosos, e arfar com pendores e balanços taes, que era grande o trabalho dos mareantes e passageiros em meio de tantas incommodidades. Além de que o intenso ardor do sol, e os maus vapores das aguas contaminaram primeiro os comestiveis, e depois os corpos, produzindo fastio, e febres mortaes, que levavam logo muitos ao extremo. Ministrou-se a extrema uncção a oitenta, que a cada momento esperavam a morte. Divisava-se em todos um aspecto tão triste, que a nau parecia ter-se tornado um hospital, offerecendo ao ardente zelo do P. João de Britto grande materia para exercer a sua paciencia e caridade. O contagio crescia tanto, que perdida toda a esperança de humanos soccorros, só restava o recurso ao divino auxilio. Assim todos unanimemente concordaram em tomar por intercessor para com Deus a S. Francisco Xavier, cuja caridade em perigos taes é mais que notoria, começando logo para esse fim uma novena. E foi tal o successo, que dentro em poucos dias passaram a linha, e recuperaram saude quasi todos os moribundos, mas com tanta rapidez, que os medicos á bocca cheia confessavam, que este beneficio da convalescencia devia unicamente attribuir-se a prodigio. Com o patrocinio pois do Santo Xavier velejava a nau prosperamente em demanda do cabo de Boa Esperança. Porém os ventos ponteiros que com rija furia sopravam na altura do cabo, deram nova occasião ao mesmo patrocinio. Por muitos dias parecia insuperavel este promontorio, quando D. Rodrigo da Cunha capitão da armada, que tudo obrava por conselho do P. João, proclamou que era mister recorrer de novo com uma novena a S. Francisco Xavier, promettendo 40 cruzados de prata ao primeiro piloto que dirigisse a proa para o Oriente. E logo obedecendo ao voto os ventos, a nau se fez na volta do ponto em que estavam fitos os animos de todos, e com prestesa tal e constancia, que em breve tocou a ilha de

Madagascar, e foram felizmente surgir em Goa no mez de setembro, onde em devota e concorrida procissão se dirigiram todos ao glorioso sepulchro de S. Francisco Xavier para render graças ao Altissimo. Resplendeceu então com estranhas mostras a piedade do P. João, o qual como ardia em desejos da missão, fazia ferventissimos rogos para a alcançar.

Prepara-se para a missão.

§. V. E não foi de balde; porque passados cinco mezes no estudo da theologia, com permissão de seus superiores se sujeitou logo ao exame, a fim de quanto antes se pôr a caminho para a missão. Não foi pouca a admiração de seus mestres, quando se offereceu a responder a todas as questões da theologia universal, que são as mais difficeis. E não falhou o exito do exame. Por quanto a um ingenho feliz juntou tão discreta assiduidade no estudo, que compendiosamente aprendeu muito, por se expedir mais depressa para a conversão dos ethnicos: e os seus mestres conhecendo a capacidade e o zelo do joven religioso, cortando boa parte do curso theologico se houveram com elle benignamente. Como estava destinado para a missão do Malabar, logo se poz a caminho. Entre as missões indianas da Companhia de Jesus, tem a do Malabar a singularidade de abranger quasi todas as missões em que os dois apostolos da India, o grande S. Thomé, e o seu discipulo S. Francisco Xavier andaram espalhando a semente da fé. Attestam a sua evangelisação os monumentos de santidade, e prodigios que alli deixaram estes dois pregoeiros do Evangelho, e bem assim as muitas igrejas por elles fundadas. Os socios do Malabar seguem quanto podem os vestigios apostolicos, continuando a cultura das antigas missões, e estendendo-a a novos campos. E anhelando ardentemente o P. João por estas missões, tinha o fito especialissimamente na do Maduré, por ser muito abrolhada de trabalhos, e fecundissima em fructos christãos.

O que é a missão do Maduré.

§. VI. Esta missão tomou o seu nome e origem da cidade do Madurey, a primeira do reino d'este nome na India. Os seus confins porém não se limitam aos d'aquelle reino e cidade, porque se estendem aos reinos de Ginja, Tanjor, Velur, e Golocondá, aos quaes pertencem Trichinapali, e o principado do Maravá, illustrado com o sangue do P. João de Britto, e outros dominios de menor nomeada, comprehendendo, pelo menos, oitenta leguas de latitude de nascente a occidente, e duzentas de longitude de norte a sul. Grande extensão na verdade se se considerar o pequeno numero de operarios, e grandissima se se ponderar na descommodidade dos caminhos, nos perigos de vida, na mingua de viveres, e nos perpetuos conflictos com os ethnicos, e finalmente nos muitos outros trabalhos, que ha a soffrer a cada passo. Deu começo a esta missão o P. Roberto Nobili......., o qual, considerando prudentemente porque razão desde o anno de 1540 o proprio S. Francisco Xavier, e seus companheiros, apesar de terem empregado o maior desvelo, não tinham podido reduzir á fé de Christo um só brahmene, conheceu sapientemente que tal não era devido tanto a odio da fé, como da nação, pois lhes desagradavam alguns costumes dos europeus, por cuja aversão fugiam tambem de lhes seguir a religião. E na verdade não se pode explicar quanto aquelles ethnicos soberbissimos têem os europeus em pouca conta, e em execração já por muitas ainda que ridiculas accusações que lhes fazem, já porque matam e comem vaccas, que aquelles povos horrorosamente cegos e delirantes teem em summa veneração como a deuses. Assim pois o P. Nobili percebida toda a difficuldade d'esta empresa, a tomou sobre seus hombros com animo sobejo. Investigou cuidadosamente todas as historias, os ritos, as leis, a religião, as fabulas e ficções d'aquella gentilidade. Despiu quanto pôde o homem europeu, e tomou o traje e os costumes dos indigenas. E primeiramente imitou no exterior os rajás que têem grande reputação entre os indios: porém esta industria nada aproveitou para a conversão das almas. Imitando depois os brahmenes seculares, vestiu-se como elles com uma cor-

da de algodão de triplice trança, ou tiracollo pendente dos hombros, signal de honra: ungiu a testa de sandalo, ou madeira cheirosa, e finalmente deposto todo o genero de côres, tornou-se em tudo um verdadeiro brahmene. D'est'arte conciliou a familiaridade e benevolencia d'estes homens, porém não alcançou convertel-os. Todavia, como era de grandes animos, sem embargo de soffrer duas repulsas, não perdeu as esperanças. Tentou nova metamorphose, e do traje de brahmene secular passando-se para o de religioso, vestiu-se de saniás penitente. Os saniases estão em levantado grau de reputação entre os brahmenes: como mestres da lei professam uma vida alheia a todo o genero de riquesas, honras, e prazeres; contentam-se com uma comida diaria de arroz, e ninguem lhes falla senão de longe em signal de reverencia. Com este methodo de vida, ganhou finalmente o P. Roberto muitos brahmenes para Christo; que tanto importa levar por diante com alentados animos aquillo que uma vez se tomou por empresa. Mas as piedosas industrias do P. Roberto, como parecia terem visos de superstição, encontraram muitas contrariedades até em pessoas gravissimas, as quaes porém convenceu a sua sabedoria. De tão grande peso era estabelecer a missão do Maduré, de que como teremos de fallar muitas vezes bastará ter tocado brevemente a sua origem, em quanto seguimos o P. João de Britto, que para alli se encaminha a grandes passos. Saira elle de Gòa com oito companheiros, e chegara a Tanor, d'onde atravessando os rios que retalham campos e bosques, chegou ao collegio de Ambalagata no qual ficou esperando as ordens do seu provincial.

Chega ao collegio de Ambalagata.

§. VII. Esta casa, que justamente se deve chamar o seminario dos missionarios, está situada a pouca distancia dos montes, que por se estenderem por dilatado espaço com seus bastos picos têem a forma e o nome de serra. Estes são os celebres montes de Angamale, cujos habitantes, ainda hoje conservam a fé christã que ha dezeseis seculos receberam do apostolo S. Thomé, o que é um dos maiores monumentos da Igreja catholica. E ainda que depois do

scisma dos gregos, cairam tambem elles em alguns erros, porque eram instruidos por bispos armenios sujeitos ao patriarcha de Alexandria, todavia ainda no meio dos seus erros mostravam sempre claros vestigios da religião romana, conservando a forma do sacrificio debaixo de ambas as especies, a adoração da cruz, os suffragios pelos defunctos, o jejum quadragesimal, os venerandos ministerios do sacerdocio, e muitos outros signaes da antiga fé. . . . E foi tal a dignidade da igreja de Angamale desde o seu principio, já pela memoria do apostolo que a fundou, já pela multidão e prestancia dos fieis de que se compunha, que os seus prelados eram arcebispos e estendiam a sua jurisdicção até á China. Como porém importava muito purgal-a do scisma, D. Aleixo de Menezes, da sagrada ordem de S. Agostinho, metropolita da India, saiu de Goa no seculo passado para a visitar. E por quanto era dotado de muita caridade e saber, congregando alli um concilio, discutiu os erros, e reconciliou todo aquelle povo com o Summo Pontifice Romano, entregando o seu futuro governo aos missionarios da Companhia de Jesus da provincia do Malabar. Foi este o fim da instituição do collegio de Ambalagata, onde os sacerdotes da Igreja de Angamale, chamados cassanares aprendem a lingua syriaca na qual celebram os divinos mysterios conforme o antigo rito, e se instruem cuidadosamente nas outras ceremonias pertencentes ao seu ministerio. E no tocante a este ponto releva notar dois singulares exemplos d'estes povos. Em quanto observam a quaresma não sómente se abstem de carne, ovos, lacticios, e todo o genero de peixe, senão tambem do bethel ou folha de certo arbusto, o que para elles é muito penoso por ser a sua comida tão commum na India e tão usada, que é quasi o continuo alimento, tanto para fortalecer o estomago, como para purificar do mau cheiro o halito. Nas suas maiores festividades representam exactamente os ágapes dos primitivos christãos, porque dispostos em longas fileiras esperam á porta do templo a comida do arroz, que se cose em grandissimas caldeiras para sete ou oito mil pessoas, cuja distribuição é feita por um cassanar depois de resadas sobre todos algumas orações. Tomada a refeição, todos muito alegres se dirigem ás proprias habitações entre reciprocas congratulações.

Do collegio de Ambalagata parte para Satiamangalam.

§. VIII. Nem só a este seminario de Ambalagata se deve a educação dos sacerdótes, mas ainda a de muitos mancebos. Chegando alli o P. João de Britto, foi pelo P. Braz de Azevedo provincial do Malabar destinado á missão de Maduré; e depois de breve descanço, logo se preparou para a jornada. Vestiu-se de pandar, que entre os indios, pela austeridade de vida, são muito estimados, e chamados penitentes. Ensinados por larga experiencia os missionarios, tiveram este traje por muito commodo para tratar com todas as seitas da India, e mais ainda que o de saniás por professarem estes uma vida separada do trato commum (1). Assim em quanto alguns para converte-

(1) E' manifesta aqui a discrepancia entre èste auctor, e o da vida que publicamos: e o P. Franco no extracto que abaixo daremos diz, que o B. João de Britto vestia de jogue, que quer dizer gentio que na India oriental peregrina por penitencia ou motivos religiosos. Nós intendemos que o habito de pandar pouca differença faz do de saniás, mas que alguma ha no methodo de vida de uma e outra classe de brahmenes. Que o B. Britto seguisse mais aos saniases que aos pandares, inclinamo-nos a crel-o, porque é isto o que diz seu irmão, o qual devia sabel-o com certesa, e tel-o ouvido da bocca do seu proprio Bemaventurado irmão; quando ao P. Maldonado não podemos attribuir egual certesa, porque segundo elle confessa tudo o que escreveu foi por informações aliás respeitaveis, nem nos consta que antes d'escrever a sua obra se empregasse nas missões da India. Alem de que parece-nos provavel, que a experiencia ensinaria aos missionarios jesuitas da India a seguir simultaneamente os ritos dos brahmenes pandares e saniases, e que por isso alguns auctores disseram que o B. João de Britto trajava e vivia como pandar, e outros que se conformava com o trajo e uso dos saniases, sendo certo que para converter os ethnicos e conservar a fé entre os christãos, um e outro methodo era efficacissimo. Bluteau dando no tomo II pag. 180, e 181 do

rem os brahmenes, seguindo o exemplo do P. Roberto, trajam de saniás, outros para mais facilmente tratarem com todos, imitam os pandares, e com feliz successo. E como na India é muito intenso o calor, todo este vestido consiste em um ou dois pannos de côr de açafrão, que, ou ande traçado pela cintura, ou caia dos hombros ao desdem, não tem forma alguma especial. Os missionarios fazem do panno d'esta côr uma especie de habito talar, cobrindo a cabeça com uma das pontas. Usam o cabello apanhado no alto da cabeça, e um pouco alevantado; espalham cinza na testa, e pendurada dos hombros costumam trazer alguma pelle de animal, sobre a qual se recostam quer para se assentarem, quer para dormirem. Na mão levam um bordão maior que o ordinario em signal de magisterio. Andam quasi sempre com os pés descalços, e só algumas vezes para mais gravidade usam de uma especie de sola de madeira parecida com o que em portuguez chamamos tamancos. N'esta assentam a planta do pé sem correia ou ligadura, e só segura por um prego de pau, que sobresaindo entre o dedo grande e o segundo, não a deixa cair: mas quando devem andar maior caminho, descalçam os pés inteiramente, e servem-se algumas vezes de cavallo. Ao vestido corresponde na simplicidade a comida, que é quasi toda de arroz, algumas hervas e legumes, e algum leite. Toda a sorte de animal é de todo banida da mesa e sustento dos pandares. Este teor de vida dos missionarios do Maduré concilia para Deus admiravelmente os animos dos indianos. Nem pode haver cousa mais conforme com a imagem dos apostolos, quanto o traje de pandar; mas a vida d'estes missionarios tem ainda mais conformidade com os apostolos, do que o seu vestido.

Prepara-se para os ministerios da missão.

§. IX. Chegaram felizmente á residencia de Coley

---

seu erudito diccionario um interessante artigo sobre os *brahmenes*, nada diz, nem alli nem nas lettras competentes a respeito das duas classes de brahmenes a que nos referimos. *Nota do Editor.*

na fronteira do reino de Ginja em vespera de S. Ignacio. . . . Aqui o P. João de Britto tendo já a desejada opportunidade de aprender a lingua, e de se instruir melhor nos costumes dos povos da India, applicou-se com todo o esmero ao estudo d'estes e d'aquella. E foi felicissimo, porque além da lingua bagadar cujo uso lhe foi facil, aprendeu perfeitamente a thamul, que é necessarissima, de modo que lhe era facillimo fallar, ler, e escrever n'ella. Nem saiu menos perfeito na noticia dos ritos, que os indigenas, e especialmente os brahmenes observam muito á risca. Esta noticia é tão necessaria aos que se dedicam a esta missão, que aquelle que a não tiver, cuidando que fará um beneficio aos christãos, não fará mais do que cavar-lhes a sua ruina.

Trata-se dos ritos indianos.

§. X. Devem os missionarios d'estas regiões evitar o trato promiscuo com todos, grandes e pequenos, se não querem perder de todo os christãos. Ha pouco correu grande risco de assim acontecer por causa de um novo missionarios, que levado de zelo indiscreto quiz antes guiar-se pelo seu conselho, do que pelo de antiquissimos missionarios. E para dizer de passagem alguma cousa dos ritos indianos, é de saber que, pela tradição primordial d'estes povos, e juiso quasi irrefragavel, tres são entre os indios as castas honestas de homens, cada uma das quaes é mais nobre que a outra. Na primeira collocam-se a si mesmos os brahmenes, como aquelles que se dizem nascidos da cabeça do deus Bruma. Esta opinião affirmam elles, como saida de algum oraculo, não menos ridiculamente do que aquelles que dizem fabulosamente, que Minerva nasceu do cerebro de Jupiter. Este delirio porém passou já entre os indianos como em axioma de eterna verdade: de sorte que querem ser tidos acima de todos como nobres, litteratos, e sabios; e taes são vulgarmente reputados os brahmenes. Por isso elles desdenham todos os officios mechanicos, e só attendem ao serviço dos pagodes, e dos deuses, e a promover as rendas do culto, como acontece especialmente no Malabar; e n'outras partes tambem tratam de negocios civis, affectam o regime militar, mas sobre tudo seu

mister é apregoar as fabulas da sua lei, e enganar admiravelmente o povo. No segundo grau de nobresa estam os rajás, ou magnatas, os quaes porque dizem ter origem dos hombros de Bruna, teem uma nobresa algum tanto inferior. A' terceira pertencem os chustres, isto é, todos os que nascem das canelas e pés de Bruma. Està classe como é numerosissima subdivide-se em innumeraveis ordens, todas distinctas umas das outras por algum grau de honestidade, posto que todas se reputem graves e honestas a seu modo. N'esta teem o seu logar os que exercem a agricultura, e o commercio, os tecelões, os militares, os ourives, os ferreiros, os carpinteiros, e outros. A cada um d'estes graus correspondem privilegios particulares, e não pode alguem saír dos limites do seu grau e condição, para se passar a outra classe. Assim não pode o ferreiro fazer-se ourives, nem o carpinteiro trabalhar ferro; cada um deve estar contente com a sorte que teve quando nasceu. E esta tão immudavel variedade de estados, ainda que a um europeu parece indigna da liberdade humana, todavia entre os indianos posto que é ridiculo passou já como em naturesa. D'estas tres classes, são excluidos, como uma casta de homens infames e a escoria vilissima da plebe, aquelles que entre os indios por opprobrio são chamados pariás, e por isso obrigados a viver como leprosos separados da habitação commum. E é tão grande ignominia cohabitar, comer, ou tratar familiarmente com elles, que por este crime quem o pratica é degradado da dignidade da sua casta. Todavia esta gente assim como é muito despresivel aos olhos do mundo, assim é muito apta para o reino de Deus, e numerosissima; por onde acontece que se convertem muitos mais da sua casta, do que das outras seitas indianas. Mas os missionarios usam grandes cautelas e moderação, para não parecer que com as outras castas honestas, querem misturar a abjectissima dos pariás; porque d'outra sorte cairia todo o edificio da religião christã. Tendo por tanto visto o que são as castas de familia, relataremos n'outra parte o que são as seitas religiosas.

Das seitas religiosas da India.

§. XVIII. Aqui de passagem convem saber, que os

brahmenes ministros da religião na India estabelecem a existencia de algum deus supremo com attributos taes, que facilmente se conhece terem os indios recebido ou de S. Thomé, ou dos antigos hebreus noticia do verdadeiro Deus. Mas se a tiveram da verdadeira divindade, cairam em ficções tão absurdas, tão torpes e execrandas, que destroem insensatamente aquillo mesmo que estabelecem. Pois além de supporem deuses sem fim, apregoam n'elles crimes taes, que forçoso é chamal-os não deuses mas antes hediondissimos monstros de impiedade. Horrororisa-me o animo em revolver este charco de immundicies, e por isso bastará o que fica dito. Além do supremo deus que envolvem em um abysmo d'escuridade, imaginam tres deuses corporeos, a saber, Bruma, Visnú e Xiven. Ao primeiro como progenitor dos outros attribuem a creação do mundo, ao segundo a conservação, ao terceiro a destruição. Sendo pois estas tres divindades em subido grau de veneração entre os indios, é para admirar como toda a sua religião se divide primeiramente só em duas seitas, isto é, na que segue a Visnú, e na outra que pertinazmente adhere à Xiven: uma e outra são entre si contrarias, negando os que seguem a Visnú que Xiven é deus, e os que seguem a Xiven que o seja Visnú. Debaixo d'estas duas seitas pullulam outras innumeraveis. Entre estas a seita de Lingan, que pertence á dos que adherem a Xiven, mostra horrorosamente a sua impudencia a toda a honestidade.

Sua chegada a Lisboa.

§. XXXVI. Logo que desembarcou da nau, dirigiu-se ao collegio de Lisboa, aonde assim que a fama espalhou a noticia da sua chegada, concorreu grande numero de pessoas da primeira nobresa para lhe darem os parabens da sua vinda, depois de tantos perigos de terra e mar. Muitas foram as perguntas que lhe foram feitas sobre cousas curiosas, como costuma acontecer aos que véem do novo mundo, onde tudo parece peregrino aos europeus. E querendo o P. João de Britto satisfazer a todos, mas não podendo responder brevemente a tantas perguntas e congratulações (pois as perguntas e os parabens, e o desejo de fallar e sa-

ber cada dia augmentava), apenas houve noticia da carta que escrevera do carcere do Maravá ao P. provincial, informando-o do seu estado, cresceu prodigiosamente a sua reputação, ainda que n'ella se falla mui parcamente dos trabalhos que padecia (1).

Benevolencia do rei para com o P. João de Britto.

§. XXXVIII. Esta carta era já conhecida, e sem o P. João o saber corria pelas mãos de muitos: por onde muito subiu em veneração o seu nome, como o de um varão que generosamente confessara o nome de Christo entre os tyrannos. Mas logo que foi ao paço, aonde os reaes favores o obrigaram a comparecer, apenas se pode dizer com que affecto e veneração foi recebido por el-rei e pela rainha. Era el-rei muito seu affeiçoado desde a meninice; e como contra sua vontade o deixara partir para a India, assim vendo-o regressar o recebeu com os mais abonados testemunhos de amor e benevolencia. A rainha porém por quanto o venerava como martyr, quiz que celebrasse na capella do páço para satisfazer á sua piedade ouvindo a sua missa, e recebendo de suas mãos a sagrada communhão. E não concorria pouco o habito de pandar, que vestia segundo a opportunidade para representar de missionario do Maduré, no que se lhe notava um não sei que de apostolico. Mas o seu teor de vida sobrelevava muito ao trajo de missionario.

Observa o mesmo teor de vida que costumava na sua missão.

§. XXXIX. Desde que saiu da missão até ao seu regresso, por mar e por terra, usou sempre dos mesmos alimentos, contentando-se com arroz, lacticinios, agua,

---

(1) Esta é a carta que fica a pag. 227.
Nota do Editor.

hervas, e legumes. De sorte que, desde que se passou dos bosques do Maravá para a metropole de Portugal, nenhuma outra novidade se lhe notou senão o habito talar da Companhia, conservando-se em tudo o mais um verdadeiro missionario do Maduré, o que áquelles que pensam justamente indica grande constancia de animo. Sendo convidado para a mesa do Nuncio apostolico, e não podendo escusar-se, nem afastar se da abstinencia proposta, o sapientissimo prelado ordenou, que toda a comida fosse de tal maneira feita e adubada, que não faltando em nada á dignidade da sua pessoa, em nada tambem encontrasse a costumada abstinencia do P. Missionario (1).

Liberalidade d'el-rei a favor da missão madurense.

§. XLI. Depois de ter juntado alguns socios, dèu-se o bom procurador a sollicitar os meios necessarios para os missionarios no tocante ao viatico tanto na viagem, como na missão. Mas a piedade d'el-rei D. Pedro II livrou ao Padre d'essa anciedade, pois além das rendas costumadas que a antiga munificencia dos reis de Portugal consignou para os missionarios, poz com especial affecto debaixo da sua especial protecção como sua propria a missão do Maduré.

Sobre as varias indagações feitas ao V. Padre. Da pesca das perolas.

§. XLII. N'este emtanto a continua conversação com os amigos, pedia resposta ás varias perguntas que se lhe faziam, ás quaes o Padre João de Britto respondia o seguinte. Os habitantes da costa da Pescaria no cabo Co-

(1) Este Nuncio era Mgr. Niccolini Arcebispo de Rhodes, que residiu como tal em Lisboa desde julho de 1686 até setembro de 1690, em que passou como Nuncio á corte de França, e morreu brevemente.

morim, a quem chamam paravás, exercem esta arte com preferencia a todos os outros povos da India. S. Francisco Xavier doutrinou-os na noticia de Christo, e com muitos prodigios robusteçeu-os na fé. Por isso esforçando-se ha pouco um ministro protestante casado em perverter aquelles povos, pois bem lhe disseram, resuscitae os mortos como o nosso apostolo, e só então abandonaremos a fé que elle gravou em nossos corações. Porém sabei, que nem aquelle nosso Thaumaturgo, nem os seus vigarios que nos assistem, trazem comsigo mulher e filhos, como vós que vos inculcaes por doutor de uma nova lei. De sorte que aquelle ministro, a esta resposta corrido e cheio de pejo, se retirou, conhecendo que dos paravás catholicos romanos e firmissimos nada havia a esperar. Ora estes habitantes quando se aprestam para a sua pesca, que é muito perigosa, purificam primeiro a alma no sacramento da penitencia: depois demandando os seus barcos, atam aos pés uma pedra (de que mal chegam ao fundo do mar se desprendem), e á cintura uma corda com uma rede que lhes pende do ventre. Logo se precipitam ao fundo do mar, e com quanta prestesa podem, lançam na rede as conchas que podem encontrar. E quando se julgam bastante carregados, puxam a corda para indicar a seus companheiros, que os devem alar do fundo do mar. Com a attracção do cabo, e ajudados da propria natação surgem do mar, e logo lançam a agua, de que apenas podem evitar o beber alguma porção. Porém se topam n'alguma arraia, ou n'outro peixe devorador, ou os companheiros, como ás vezes acontece, occupados em recolher furtivamente as perolas, deixam de os içar com a devida celeridade, perdido está o pobre pescador. Depois poem ao sol as conchas, a cujos raios abrindo-se, apparece o que n'ellas se occulta.

Da busca dos diamantes.

§. XLIII. Indagavam outros o modo como no reino de Golocondá se extrahem os diamantes; se estão pegados aos rochedos ou escondidos nas suas entranhas, e porque modo emfim os recolhem. A esta pergunta tanto mais de boamente respondeu, quanto mais util era para esclarecer a ce-

gueira dos homens... E' de saber portanto que os diamantes acham-se no seio da terra, por cujo fim paga-se certa quantia para cavar certa porção de terreno. Feito o preço, cada um com o maior cuidado que pode investiga a que lhe foi designada. Os que encontram diamantes regosijamse com a sua sorte, porém os que os não acham voltam do seu trabalho com as mãos vasias.

Da infame seita dos pariás.

§. XLIV. Mas diziam outros, que mal se podia perceber porque os pariás são tão abominados entre os indios. Porventura, perguntavam, são elles tão desasisados e tão incapazes de tudo, que nenhum vestigio tenham de homem? A isto respondia o Padre, pelo que vos vou dizer vereis como os homens se deixam levár obstinadamente após de um phantasma ainda que ridiculo, quando são guiados pelo costume e não pela razão. Se é mister cultivar um campo, e encelleirar uma seara, ainda os mais nobres se confundem com esses a quem chamam pariás. Muitas vezes para se curarem chamam a medicos pariás, pois ha entre elles alguns excellentes n'esta arte. Ha tambem entre elles alguns litteratos, e peritos nos mysterios da lingua grandonica, que é tida em conta da mais antiga da India, e de mãe de todos os idiomas d'aquelles povos. Conservam-se desde tempos antiquissimos os seus dogmas gravados com ponteiro de ferro em folhas de palmas sylvestres. Este costume de escrever está em grande vigor não só entre os indianos, senão tambem entre os peguanos, os siamenses, e os cambaianos. Estas folhas passadas por uma cordinha as apertam com dois paus, e assim formam seus livros: e quando os querem abrir desatam os paus, e ficam por sua ordem patentes as folhas, e em estado de se lerem. Tudo isto sabem os pariás, e em muitas outras cousas mostram o seu ingenho: porém por um unico exemplo, que tem muitos outros similhantes, se poderá conhecer em quanta abominação são tidos estes homens.

Prova-se com um exemplo em quanto despreso e horror é tida esta seita.

§. XLV. Alguns inimigos fraudulentos das nossas missões, haviam feito subir repetidas instancias á presença do rei de Travancor, para que nos expulsasse de todo dos seus dominios, e aos rogos juntaram tambem a promessa de dadivas, com que se vencem os corações ainda os mais endurecidos. Parecia que o rei tinha annuido ao seu pedido, ao menos na apparencia. Mandaram portanto com pompa os donativos a palacio; porém os que os levavam eram da infame seita dos pariás. Assim que entraram no primeiro vestibulo da real habitação, logo se alevantou um alarido como se houvera uma incursão de inimigos: os pariás no palacio, os pariás no palacio, clamam voz em grita os d'el-rei. A este clamor, como a um signal de guerra, acodem de toda a parte os famulos, as sentinellas e soldados, e arremettendo a elles com armas e paus tentaram fazer d'elles completa destruição. Porém estes, abandonados os presentes, mais velozes que o vento fugiram. Mas não foi pouca a indignação do rei contra os que introduziram no palacio os pariás, resultando d'aqui que os nossos inimigos, perdidos os donativos por causa dos pariás, só reportaram d'aquella negociação muita infamia.

São recolhidas as reliquias do P. João de Britto, e guardadas em Pondichery.

LXVI. As principaes reliquias do V. Padre foram recolhidas como se pôde. Porém o cutello, o bordão, e a tunica nem com muito ouro foi possivel resgatar dos gentios, porque diziam, que por meio d'estes instrumentos se livravam de ser infestados pelos demonios. As principaes pois mandou o P. Francisco Laynes selladas com o seu sello para Pondichery ao director, e ao R. P. Guidon Tachard para que as guardassem, e alli se conservam enterradas na sacristia da Igreja da Companhia. Assistiram a

esta conducção cinco christãos, tres dos quaes eram um catechista, e um menino, que tinham estado no carcere presos com o R. Padre, e outro um que esperando morrer com elle, soffreu mais dura pena que a mesma morte, a mutilação.

Caracter do P. João de Britto.

§. LXVII. Era o P. João de Britto de corpo delicado e não robusto; d'estatura um pouco baixa, de indole nobre, e de rosto um pouco comprido. Tinha o nariz proporcionado, os olhos pequenos, mas vivazes e serenos, dos quaes como de todo o semblante respirava suavissima affabilidade. A sua falla era branda, os cabellos pretos, a barba comprida e basta porém já um pouco encanecida. O rosto de sua natureza alvo, tinha-se feito um pouco trigueiro com o ardor do sol. Em pequeno corpo tinha uma alma grande; era vivo de ingenho, e maduro de juiso, de muita reflexão, prompto em pôr por obra qualquer empresa, intrepido em todos os trabalhos, benevolo, liberal, e generoso. Se pelos indicios humanos se pode alguma cousa conjecturar do thesouro da divina graça, havia n'elle uma caridade insaciavel e indefessa, á qual estavam subordinadas e serviam todas as outras virtudes. Tinha grande sapiencia no que dizia respeito a procurar o ultimo fim, summa prudencia em applicar os meios convenientes, grande ardor nas obras, e fortissima paciencia em soffrer: e sobre tudo isto tanta puresa de consciencia, que aquelles que o tratavam no tribunal da penitencia apenas lhe achavam materia para a absolvição. Tinha sempre a Deus tão presente na sua alma, e estimava-o e amava tanto, que por sua gloria ardia em intimos desejos de dar a vida.

N. B. N'estes extractos seguimos a numeração dos §§ d'onde são extrahidos.

O Editor.

DA IMAGEM DA VIRTUDE PELO P. ANTONIO FRANCO, DESDE PAG. 755 A 847.

...... O cubiculo em que morou em Evora no Recolhimento, que é o primeiro do segundo corredor, e cae para o pateo como todos os mais, se chama hoje com o nome d'este Santo Martyr: n'elle se poz lettreiro em que se diz como alli morou. Ainda quando esta escrevo é vivo o padre que foi alli seu companheiro n'aquelle cubiculo; a elle mesmo o ouvi dizer algumas vezes (1). Não é razão

(1) Bem dizia o P. Franco, porém elle não calculava, que este reino havia de soffrer uma assolação pouco dissimilhante das dos alanos, suevos, e mouros. No tocante ao ponto de que se trata temos as provas na resposta que tivemos d'Evora, para onde escrevemos a um respeitavel ecclesiastico pedindo que nos dissesse se ainda se conservava no collegio que alli tiveram os jesuitas a memoria a que se refere o auctor. Por quanto nos diz elle, que aquelle collegio tendo sido doado pela extincção da Companhia aos religiosos franciscanos da Terceira Ordem da Penitencia, vulgo borras, estes o habitaram até o anno de 1834, em que as memorias que ainda alli se conservavam dos jesuitas acabaram pelo roubo e pela completa devastação. Pelo roubo porque tudo o que alli havia desappareceu, até a livraria: pela devastação porque tendo sido aquella magnifica casa, obra do sumptuoso cardeal infante D. Henrique que alli creou uma insigne universidade, destinada para differentes repartições publicas, e quartel de tropa, fizeram desapparecer a sua antiga forma interior, para a accommodar aos novos destinos a que foi applicada. Do nome, ou cubiculo que fôra do B. João de Britto nenhuma noticia existe: apenas em um corredor mais alto que se diz fôra o noviciado dos jesuitas, ainda existe um cubiculo com lettreiro por cima da porta com lettras grandes e bem intelligiveis, que diz ter sido aquelle o aposento de S. Francisco de Borja, e no lado fronteiro uma capellinha em que este Santo se recolhia a fazer oração.

Mas não são só estes os vestigios das vicissitudes mo-

que deixemos esquecer estas memorias, que tanto servem para afervorar, e pelas quaes suspiram os vindouros, assim como nós agora suspiramos pelas de muitos homens santos, que por descuido dos antepassados nos faltam.

. . . . . . Na cidade lhe fez grandes honras o illm.º sr. D. João de Sousa bispo da mesma cidade, e muito particular amigo do P. Britto, por serem as familias de ambos servidoras da real casa de Bragança. Vestiu-se no seu traje de jogue, e fez as mais ceremonias diante do bispo na varanda do collegio do Porto, que elle viu com grandes mostras de piedade, edificando-se e chorando de consolação de ver, que se sujeitava a tal vida e traje por amor de Deus, e lhe deu mui boas esmolas para a sua missão. Tambem em outros dias por dar gosto ao cabido, aos senhores da camara, e aos desembargadores da relação, que todos lh'o mereciam, fez as mesmas ceremonias diante d'elles, que fizera diante do senhor bispo.

Quando chegou ao collegio do Porto, querendo os padres lavar-lhe os pés, o não consentiu; mas não se pôde livrar de dois irmãos coadjutores, que com grandes instancias lhe rogaram lhes désse a consolação de lavarem uns pés que estiveram aferrolhados em grilhões pela fé: não pôde resistir, dizendo que havia muitos annos não tivera similhante allivio. Depois lhe beijaram os vincos dos grilhões, e os signaes das fontes que se lhe fecharam por as não poder curar em a prisão por ter algemadas as mãos; e dizia o Santo Padre que depois de fechadas tivera me-

...

dernas que soffreu a muito nobre cidade d'Evora, com todas as mais cidades e terras do reino. Como se não fôra já bastante sensivel a falta da sua antiga universidade, tão celebre nos fastos das sciencias e das lettras, depois de 1834 por muitos annos esteve privada dos estabelecimentos de instrucção indispensaveis n'uma séde metropolitana, e capital de uma provincia abastada. A quem não correrão as lagrimas em baga pelas faces entrando na Igreja dos Cartuxos onde um commissario do proprio governo cortou a canivete (!!) os famosos quadros (que depois desappareceram) da vida de S. Bruno que em ricas molduras, que ainda lá estão para attestar o vandalismo moderno, guarneciam toda a igreja? *O Editor.*

lhor saude, e que elle mesmo pasmava da saude e forças que sentia nos seus martyrios.

...... N'esta occasião vimos os que estavamos no santo collegio d'Evora aquelle homem, de quem nas Annuas da Companhia tinhamos ouvido ler quasi tudo o que fica escrito, e com grande consolação abraçámos tão santo hospede, e o ouvimos praticar á communidade na capella do collegio; e ao depois vestir-se n'aquelles seus andrajos ao modo que andava na sua missão, e assim vestido appareceu ou entrou pela capella dentro, em que assistia a communidade para ver tão santo espectaculo, o qual elle com agrado de todos representou com as ceremonias que se usam nas provincias de que era missionario. Aqui o ouvimos conversar muitas vezes, e podia-se elle ouvir, porque nada tinha de molesto, antes era muito desenfastiado nas suas praticas; o trato jucundo e agradavel; singular affabilidade no seu modo sem genero algum de soberania affectada; com estes bons accidentes se fazia a sua virtude amada geralmente de todos.

Morou as duas vezes que esteve n'este collegio, uma em o cubiculo do P. reitor que então estava de vago, a outra no ultimo cubiculo do corredor novo que cae para o poente, e agora serve de alcoba ao cubiculo do P. provincial. Não pareçam escusadas estas meudesas a quem as ler, que são grandes despertadores para a virtude, ou aos que entram nos taes cubiculos, ou aos que moram n'elles; e muito mais se os servos de Deus que alli moraram, chegarem a ter o culto publico da Igreja, que esperamos não faltará a este glorioso Martyr; por quanto poucos ou nenhuns da Companhia teem mais abonados juridicamente os processos para a canonisação; que foi este o maior empenho de seu grande amigo o P. João da Costa, quando cá veiu da sua missão e foi a Roma por procurador do Malabar, e com razão se gloriava muito de lhe ter feito este serviço. Na mesa só comia d'aquellas cousas que lá comera na sua missão, como hervas, frutas e lacticinios, guardando em quanto cá andou n'esta materia o mesmo rigor que lá tinha.

...... Quem lendo esta vida e morte do Santo P. João de Britto, deixará de venerar n'este illustrissimo Martyr um transumpto d'aquelles grandes mestres da Igreja, os santos Apostolos, cujos empregos tão apostadamente imitou; acompanhando esta sua vida apostolica de todas as

virtudes com que ella costuma andar acompanhada? Que humildade tão profunda, pois não queria cousa que cedesse em honra sua?.... D'esta humildade nasceu tambem o desejo que tinha de salvar almas, aquella santa constancia que teve em fugir das honras para que os serenissimos reis o queriam em Portugal.... Ao P. João da Costa escreveu das suas missões = «Eu sempre disse a V. R., que «não havia de tornar a Portugal: eu quero mais o ceu, «que a terra, mais os mattos de Maduré, que o paço de «Portugal.» = Das quaes palavra e certeza com que as diz, parece que o Santo Padre tinha noticia superior de que não havia de voltar ao reino, ainda que S. M. lhe dissera que d'alli a dois annos o havia de mandar chamar; e em effeito ainda no anno de 1692, que foi o antecedente ao seu martyrio, lidou a rainha n'este ponto, e sobre elle escreveu da sua parte seu confessor o P. Leopoldo Fués ao R. P. geral, para que mandasse vir da India o P. João de Britto; d'onde se infere que não podia elle ter lá o ultimo desengano das vontades reaes, pois a carta do R. P. geral para o P. Leopoldo foi dado em Roma aos 30 de setembro de 1692, e chegou a Portugal dois mezes e meio antes da morte do Santo Padre.

Com que palavras se poderá encarecer a grande confiança, que teve em Deus, não fugindo aos perigos, mas mettendo-se n'elles quando era necessario para sua maior gloria? (1)

O P. Jeronymo Telles, de que acima se fez menção, missionario tambem do Maduré, e de quem o Santo Martyr João de Britto cá em o reino disse escrevendo a um seu irmão da nossa Companhia: «O P. Jeronymo Telles «é hoje o melhor missionario, que tem a missão, e faz «muitos e muito grandes serviços a Deus nosso Senhor, á «Igreja, e á Companhia: V. R. pode dar muitas graças «a Deus de ter tal irmão, porque é um santo:» escrevendo a seu irmão em carta aos 4 de agosto de 1684, diz assim fallando do P. João de Britto: «As novas d'esta missão vão na Annua que eu tresladei por m'o pedir o P. «João de Britto insigne missionario, o qual sendo tão il«lustre corre todos estes reinos a pé descalço com tanto «desejo de acodir aos christãos, e aos que se convertem, «que me parece um verdadeiro retrato do Santo Xavier.»

---

(1) Vide a carta a pag. 226. *O Editor.*

Em outra dada em 3 de janeiro de 1687 quando o Santo Padre havia de vir ao reino por procurador, dis assim escrevendo ao mesmo irmão: «Já lhe escrevi por via «de Goa, mas porque depois d'isso succedeu a eleição do «procurador geral a Roma, faço esta por via de França, «pois para Goa já não é tempo, para significar em como «vae o P. João de Britto varão verdadeiramente aposto-«lico, e insigne sujeito em toda a materia, que desde que «veiu comigo d'esse reino, esteve sempre n'esta missão, «que augmentou extraordinariamente á custa de infinitos «trabalhos, e horriveis perseguições, e por ultimo sendo «superior d'ella só usou de seus poderes para alliviar aos «outros, e mortificar-se mais a si, andando sempre em «uma roda viva, e mettendo-se nos maiores perigos para «salvar as almas, e exaltar a fé de Christo, por amor da «qual foi preso muitas vezes, e padeceu infinitos marty-«rios: a este famoso missionario e grande apostolo de nos-«sos tempos, devo eu, além de infinitas obrigações e in-«numeraveis favores, um affecto extraordinario.»

O mesmo em outra carta fallando do Santo Martyr, e do incançavel zelo, com que trabalhava, diz que o P. João de Britto se havia no zelo das almas e trabalhos por as salvar tão incançavelmente, que não sabia que S. Francisco Xavier se houvesse com mais fervor n'estas materias. Refiro os ditos d'este padre, que como era testemunha, e tão abonada dos apostolicos empregos d'este Santo Martyr, não tenho para mim que fallava tanto levado do affecto que lhe merecia este, quanto pelo que julgava do agigantado espirito com que indefessamente procurava a salvação das almas, á imitação do grande Apostolo do Oriente, de quem foi um dos maiores imitadores que teve a Companhia nas apostolicas e gloriosissimas missões da India, como se deixa bem vêr de tudo o que fica referido. Quem tiver noticia dos filhos da nossa Companhia que nas Indias trabalham incançavelmente na salvação das almas, á imitação do S. Apostolo S. Francisco Xavier, e conferir as obras e fervores de cada um com as do S. Martyr João de Britto, porventura que julgue, ou ao menos duvide, se as missões da India depois do S. Xavier tiveram missionario mais glorioso.

Nos annos seguintes aos de sua morte veiu a este reino por procurador do Malabar o P. João da Costa, e trouxe comsigo o cutello ou fouce de roçar matto com que o

degolaram, a qual por bom preço se houve do gentio de quem era, que se não queria desfazer d'ella por ter n'isso não sei que agouro; mas deixou-se vencer do dinheiro, que tudo vence, com condição que lhe havia de tirar o cabo, que de outra sorte temia algum grande desastre: facilmente se veiu no concerto, e se recolheu este precioso instrumento.

O Padre lhe mandou na India fazer de filagrana de prata uma bem lavrada bainha em que o metteu; e quando chegou ao reino o foi offerecer a el-rei, o qual com grande piedade o beijou; porém não acceitou a offerta, dizendo que melhor ficava na Companhia onde seria mais respeitada, e não correria perigo de se perder, e serviria para afervorar os missionarios.

Beijaram tambem esta santa reliquia os senhores da côrte amigos do V. Padre não sem grande affecto e piedade, lembrando-se que era instrumento do martyrio de um homem a quem havia tão pouco tinham conversado. Entre outros senhores o marquez de Marialva tomando-o nas mãos, e fazendo-lhe as merecidas reverencias, disse diante de alguns religiosos da Companhia: «não sei quem fez «mais, se o Santo P. João de Britto pelo martyrio, se eu «pelo impedir;» significando n'isto, que elle fôra um dos mais empenhados para o Padre não voltar para a India. Esta peça se guarda na Procuratura do Malabar no collegio de S. Antão em Lisboa......

No mesmo mez (de fevereiro de 1694) deu tal peste na povoação onde o Padre foi preso, que de todos os moradores um só ficou com vida, como para testemunha do castigo e açoute de Deus. Estas cousas escreve nas Annuas de 1692 e 1693 o V. P. José Carvalho tambem ditoso martyr na mesma missão.

O P. Antonio Dias tem assim em uma Annua sua do anno de 1692: «E' grande a devoção que os christãos «têem ao V. P. João de Britto, dos quaes a alguns be«bendo da terra do logar em que elle morreu, concedeu «Deus filhos carecendo d'elles muitos annos.»

.;... A vida que aqui fica escrita se recolheu da que d'este Santo Martyr escreveu seu irmão Fernão Pereira de Britto, conforme os documentos que se lhe tinham dado da Companhia, por este fidalgo levar em gosto ser o escriptor da vida de seu mui Santo Irmão. D'ella, como disse, recolhi estas noticias, accrescentando outras certas

de homens que as ouviram ao mesmo Santo Padre, e outras que n'elle se observaram quando veiu á Portugal. Tambem escreveram sua vida em latim e a imprimiram os nossos padres francezes, mas muito diminuta por falta de noticias.

Não apontou seu irmão as casas e ruas onde nascera, o que lhe não era difficultoso sendo ainda viva sua mãe. Posto que n'este ponto fiz depois alguma diligencia, nada pude descobrir, no que tive alguma pena; porque chegando, como esperamos, a ser canonisado, poderia servir a noticia para n'ellas se lhe levantar Igreja, como ao glorioso Santo Antonio. Só me disse um nosso irmão coadjutor mui velho, que elle o conhecera morar com sua mãe na rua de S. Christovão na freguezia d'este Santo, em as casas que depois foram de um Affonso de Pina Caldas, lettrado n'aquelle tempo mui conhecido em Lisboa (1).

DO ANNUS GLORIOSUS SOCIETATIS JESUS IN LUSITANIA, PELO P. ANTONIO FRANCO, DE PAG. 55 A 57.

.... Seus paes seguiam a corte da real casa de Bragança: proclamado pelos portuguezes el-rei D. João IV passaram para Lisboa ao serviço do paço.

.... Dois annos depois foi mandado para Evora cursar os estudos. No alto da porta do quarto em que alli morou, logo que constou do seu martyrio, foi posto com grandes lettras um lettreiro que recordava ter alli morado.

.... Em quanto residiu em Portugal, o famulo que

(1) Sentimos que fossem inuteis algumas indagações feitas para descobrir se ainda existe a casa citada por este auctor, ou qual era a sua localidade. Talvez que não seja impossivel ainda conseguir-se esta descoberta, que recommendamos aos curiosos d'estas noticias.

O Editor.

lhe ajudava á missa, que era de muita piedade, e costumava acompanhar o V. Padre nas suas jornadas, o viu muitas vezes, quando dizia missa, levantado do chão; o que elle mesmo sendo já velho, e residindo na Batalha em a diocese de Leiria, me escreveu por mão de um seu filho sacerdote, visto que não sabia escrever. Tambem o mesmo famulo me contou a admiravel virtude do V. Padre em curar os enfermos.

.... Trouxe comsigo o P. João da Costa o cutello com que o V. Padre foi martyrisado, o qual se conserva em Lisboa no collegio de S. Antão (1).

DA VIDA DO V. SERVO DE DEUS JOÃO DE BRITTO, IMPRESSA EM ROMA EM 1738.

Regressando á Europa como procurador da missão o V. Padre João de Britto, el-rei D. Pedro II, que se lembrava dos serviços que elle lhe prestara nos seus primeiros annos, e que pelas cartas da India sabia quanto havia obrado e padecido pela fé, o recebeu com extremo jubilo e affecto. Egual gazalhado teve tambem da rainha D. Maria Francisca Isabel, a qual quiz que celebrasse missa na sua presença na capella do paço, e receber de suas mãos a sagrada communhão.... O rei e os ministros nada lhe recusaram do que elle sollicitava, dizendo que era um Santo quem lh'o pedia....

Só escaparam alguns ossos e fragmentos do V. Martyr, que foram recolhidos pelos catechistas, que tambem compraram aos gentios a espada com que foi degolado, e o bordão de que usava, entregando tudo ao P. Francisco Laynes, que fez guardar tudo em uma arca que depois remetteu para Goa, onde se conservava no collegio dos jesuitas. A espada guardada em uma bainha de filagrana de prata foi enviada a el-rei D. Pedro II, que recebeu

(1) Vertido do latim em vulgar pelo Editor.

tão preciosa dadiva com lagrimas, renovando na sua memoria, que quando o V. Padre era ainda menino, já lhe chamavam martyr. E porque vivia ainda sua mãe D. Brites Pereira, mandou dar-lhe el-rei parabens pela gloriosa morte de seu bemaventurado filho, ordenando-lhe que se vestisse não de lucto, mas de gala, o que a piedosa matrona com toda a sua numerosa familia alegremente cumpriram.

De todas as relações e processos consta que o V. P. João de Britto foi santamente heroico, e heroicamente santo: que foi *alter Xaverius, et omnium virtutum genere conspicuus.*

De muitos milagres que Deus operou por intercessão do seu Servo consta, entre outros documentos, da carta que o bispo de Meliapor D. José Pinheiro dirigiu á Santidade de Clemente XII em data de 13 de janeiro de 1713, a qual é do teor seguinte:

Beatissimo Padre.

Na occasião de fazer por mandato da Sagrada Congregação dos Ritos o pequeno processo tendente a procurar, juntar, e remetter á Sagrada Congregação as cartas do V. Servo de Deus João de Britto, soube que todas as quartas feiras concorre grandissimo numero de neophytos e infieis ao logar do martyrio do V. Servo de Deus, por causa dos singulares beneficios e milagres quasi quotidianos que o Altissimo se digna de fazer por intercessão do seu V. Servo, e que o mesmo regulo movido por tantos milagres, deu permissão para a edificação de uma Igreja no referido logar, e ministrou muitos materiaes. Em prova da verdade edificou-se no mesmo logar uma Igreja com o titulo e invocação da Santissima Virgem, para que, quando aprouver ao Altissimo, depois de feita pela santa Sé a declaração do martyrio do dito Servo de Deus, se possa venerar na mesma Igreja (1).

(1) Vertida do latim em linguagem, assim como o foi do italiano o extracto que a precede, pelo Editor.

DA BIBLIOTHECA LUSITANA DO ABBADE DIOGO BARBOSA MACHADO, TOMO II. PAG. 613.

O V. P. João de Britto chamado no seculo João Heitor de Britto, terceiro e ultimo filho de Salvador de Britto Pereira fidalgo da casa d'el-rei D. João o IV, e seu trinchante ao tempo que subiu ao throno de Portugal, e de D. Brites Pereira, nasceu em a cidade de Lisboa no primeiro de março de 1647. No palacio onde tinha o exercicio de moço fidalgo, era tal a modestia de seu semblante, e a compostura das suas palavras, que servia de exemplar aos aulicos, e de admiração aos principes. Attrahido suavemente da vida religiosa como mais conforme ao seu espirito, abraçou o instituto de jesuita em o noviciado de Lisboa a 17 de dezembro de 1662 quando contava a florente edade de quinze annos.

Estudada a philosophia em o collegio de Coimbra, dictou lettras humanas em o de Lisboa; e como a sua maior inclinação era annunciar o Evangelho nas vastissimas regiões do Oriente, se embarcou com faculdade dos superiores a 24 de março de 1673. Chegando a Goa se applicou ao estudo da theologia, em que saiu egregiamente instruido; e querendo os prelados que dictasse philosophia em Goa, se escusou dizendo que não viera á India buscar applausos das cadeiras, mas trabalhos das missões. Acompanhado do P. Antonio Freire partiu de Goa para Ambalagata nas terras do Malabar; e depois de tolerar por todo o caminho que era summamente fragoso diversas molestias, chegou a Maduré destinada balisa dos seus apostolicos desvelos. A primeira cultura que emprehendeu foi a christandade da residencia de Coley, e do reino de Tanjor, levantando uma Igreja em Tantuancheri, onde com ruina de muitos idolos fez adorar o verdadeiro Deus, soffrendo com animo constante a perseguição de alguns regulos, e a infidelidade de muitos gentios, que furiosos o buscavam para o privarem da vida. Ao tempo que assistia em Cutur no reino de Ginja, passou á costa da Pescaria, logar que muito venerou por ter sido santificado com a presença do Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier, d'onde partiu para Travancor; e no principio do anno de 1683,

estando na provincia do Cabo que é do Maravá, disputou com dois lettrados da gentilidade, os quaes vendo-se vencidos o trataram com graves ignominias. Invejoso o inimigo commum das muitas almas que do seu infernal poder extrahia este insigne varão, concitou contra elle horriveis perseguições, de que eram impios executores os idolatras das provincias de Vetavanão, Tirumnaley, e Xengama, sendo a mais sensivel a que padeceu no reino do Maravá, onde preso com cinco catechistas pelas mãos e pés com grossos grilhões, passou sem comer o espaço de dois dias, sendo ludibrio de toda a gentilidade que o aborrecia como instrumento da ruina e abatimento dos seus idolos. Conduzido da prisão á presença do rei que o tinha condemnado á morte, de tal modo se penetrou da vehemente energia com que o varão apostolico lhe explicou os mysterios da nossa fé, que promptamente revogou a sentença contra elle fulminada. Chamado pelo provincial do Malabar, este lhe significou como era preciso passar a Roma para informar ao geral dos progressos da missão de Maduré. Chegou a Lisboa a 8 de setembro de 1688, onde foi recebido pela magestade d'el-rei D. Pedro II, com distinctas significações de agrado, não sómente pela memoria que conservava do tempo em que no paço fôra moço fidalgo, mas do apostolico zelo com que tinha promovido a conversão da gentilidade. Determinou o mesmo monarcha que fosse mestre de seus serenissimos filhos; porém agradecendo a honra do ministerio a não acceitou, protestando a el-rei que o seu magisterio estava destinado para aquellas almas que jaziam sepultadas no abysmo da idolatria, sendo esta incumbencia mais nobre e illustre que todas as dignidades do mundo. Desenganado de ir a Roma por motivos politicos que lhe impediam a jornada, resolveu partir sem demora para a India, e vencidos fortes obstaculos armados contra esta resolução, se embarcou no anno de 1690, em cuja viagem experimentaram os navegantes os effeitos de seu compassivo coração, assistindo a uns como confessor, a outros como medico e enfermeiro, sem attender ao risco da saude, e ao perigo da vida, que quasi esteve agonisante de uma gravissima doença causada do continuo trabalho. Tanto que chegou a Goa se embarcou para o Malabar, d'onde se introduziu no reino de Maravá situado entre Maduré e a Costa da Pescaria, do qual era soberano o regulo Rauganadadeven, que perfidamente usurpara a seu sobri-

nho o principe Teriadeven. No espaço de quinze mezes foi copioso o fructo que o seu ardente zelo colheu, pois entre oito mil catechumenos que purificou com as aguas do baptismo, foi o principe Teriadaven, o qual querendo recuperar a saude do corpo, conseguiu felizmente a da alma. Estimulados os brahmenes d'esta conversão, proposeram ao regulo do Maravá a fatal guerra que tinha movido contra o culto dos deuses, e veneração dos pagodes aquelle prégador do occidente, pois se lhe não mandava tirar a vida, certamente se extinguia a lei tão religiosamente observada por seus maiores. Condescendeu a estas palavras o tyranno ordenando que fosse conduzido o V. P. á corte; e depois de estar preso vinte e tres dias em que tolerou as maiores affrontas, o mandou vir á sua presença, e provada com diversos exames a constancia da fé que prégava, receando algum tumulto o remetteu á cidade de Urgur distante duas jornadas da corte. Levado a um outeiro eminente ao rio Pamparru, foi despojado dos seus vestidos por cinco algozes, que vendo pendente do pescoço um relicario, imaginaram ser deposito dos feitiços com que encantava aos convertidos, por cuja causa receando, se o tocassem, serem attrahidos do maleficio, um d'elles cortou com a espada o cordão de que pendia, recebendo em um lado uma penetrante ferida de que começou a manar copioso sangue. Sem demora arremetteram furiosamente a prender aquella innocente victima, e atando-lhe as mãos e barba que era muito comprida, foi degolado de um golpe, cuja cabeça, mãos e pés cortados suspenderam da cintura do cadaver, que arvorado em um altissimo pau, e exposto por oito dias á inclemencia do tempo, foi comido pelas feras, como tinha vaticinado. Com este genero de martyrio consummou a sua apostolica vida o V. P. João de Britto a 4 de fevereiro de 1693, confirmando Deus com grande numero de milagres quanto lhe fôra agradavel o sacrificio d'este seu Servo, cuja beatificação se espera com devota impaciencia por estar muito proxima a sua declaração.

Escreveu com estylo elegante a sua vida seu irmão Fernando de Britto Pereira, de quem já fizemos menção em seu logar, a qual saiu impressa em Coimbra no real collegio das Artes em 1722 folio.

D'elle se lembram honorificamente o P. Franco *Imagem da Virtude em o noviciado de Lisboa. Liv.* 4 *cap.* 15 *até* 32 e *Annus Glorios. S. I. in Lusitauia* pag. 55: o

P. Manuel Coimbra, Epitome da vida e morte do V. Padre: o P. Francisco Laynes superior da missão do Maduré em uma larga carta aos padres da Companhia que trabalham na dita missão escrita de Maduré a 10 de fevereiro de 1693, onde relata individualmente as circumstancias do martyrio d'este insigne varão, a qual saiu traduzida em francez nas *Lettres edifiantes et curieuses ecrites des missions étrangères* part. 2. desde pag. 1 até 56.

DA HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL, POR D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA.

Salvador de Britto, que foi governador do Rio de Janeiro, e casou com D. Brites Pereira, foram paes do V. P. João de Britto, que nasceu no anno de 1647, e foi baptisado na freguezia de S. André de Lisboa a 29 de março: serviu no paço de moço fidalgo, e se creou com o infante D. Pedro, depois rei, a quem foi muito acceito; e depois tomando a roupeta da Companhia passou no anno de 1672 á India, e occupado na missão do Maduré, tendo feito grandes serviços, foi coroado de martyrio a 4 de fevereiro de 1693, cujo processo está em Roma tão adiantado, que esperamos de o ver brevemente collocado no altar. (t. 12, p. 2.ª p. 818).

DA HISTORIA DA COMPANHIA DE JESUS, POR CRETINEAU JOLY.

... Este jesuita era João de Britto, filho de um vicerei do Brasil. Em 1672 Britto, bem como o P. Roberto,

arrancou-se ás lagrimas da sua familia, aos rogos de seus amigos, e de D. Pedro regente de Portugal, e na flor da idade se dedicou á missão do Maduré onde se vestiu de saniás. Tinha grande zelo moderado pela prudencia, possuia as sciencias da India como as da Europa; e assim pôde em alguns annos operar grandes prodigios. Mas não bastando ao seu zelo o Maduré, penetrou nos reinos de Tanjor e Ginja; abriu aos jesuitas o caminho de Maissur, entrou no Malabar e alli prégou a fé baptisando trinta mil idolatras. Açoutado por seus, carregado de grilhões por outros, e honrado por muitos, a final depois de 20 annos de trabalhos foi morto pelos brahmenes que o accusavam de magia. Mas a morte do P. Britto não fez parar o impulso dado áquellas missões. (t. 3. p. 248.)

PARTE IV.

DOS PROCESSOS PARA A CAUSA DA BEATIFICAÇÃO DO B. JOÃO DE BRITTO E SUA CONCLUSÃO.

Resta-nos finalmente dizer alguma cousa sobre os processos para a causa da beatificação do B. João de Britto, e extrahir d'elles algumas noticias importantes. Porém são ellas tantas, que mais seriam obra para crescido volume, do que para uma breve Memoria. Por tanto ainda que o animo se deleita, e a penna corre de vontade, todavia procuraremos limitar-nos só ás cousas de maior vulto, mormente que não pouco fica já dito no tocante aos pontos de que tratam os processos em toda esta historia, e no que até aqui havemos lançado n'esta Memoria um pouco mais estendida do que porventura haviamos traçado.

Quatro foram os processos informativos que se fizeram para instruir a causa da beatificação do nosso Bemaventurado Martyr. O primeiro no Malabar em 1694 por commissão do bispo de Meliapor, o segundo em Roma por commissão do cardeal vigario em 1699, outro em Cochim e outro em Goa quasi pelos mesmos annos. A estes seguiu-se o processo para a introducção da causa, cujo é um extracto o primeiro addiccionamento á historia da vida do mesmo Beato que aqui reproduzimos como se continha na primeira edição. Lamentamos porém que tendo-se-lhe juntado as cartas impulsivas escritas a Sua Santidade, por el-rei D. João V, e pela rainha D. Maria Anna sua mulher, não se lhe juntassem as que foram dirigidas pelo cardeal D. Nuno da Cunha, pelo patriarcha de Lisboa, e arcebispos de Braga, Evora, e Cranganor, pelos bispos de Leiria, e de Meliapor, pelo cabido da Sé de Lisboa oriental, e pela universidade d'Evora, que foram inseridas no referido processo para a introducção da causa, menos as duas d'el-rei D. Pedro II e da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, que pelas noticias que nos foram mandadas de Roma sabemos que não se acham juntas áquelle processo, porque parece se desencaminharam desde o principio. Esperamos comtudo que as outras cartas acima citadas nos

hão de ser remettidas par copia authentica, e é nossa tenção publical-as ou em appenso a esta Memoria, se as recebermos em tempo, ou separadamente.

Porém a segunda parte do processo, que o é propriamente da causa d'esta beatificação, tivemos a fortuna de o encontrar na bibliotheca publica d'esta capital, e tem o titulo seguinte = *Sacra Rituun Congregatione Emõ ac Rmõ D. Cardinali S. Clementis Ponente, Meliaporen Beatificationis seu Declarationis Martyrii V. Servi Dei Joannis de Britto Sacerdotis Professi Societatis Jesu Positio super dubio an constet de martyrio et causa martyrii in casu et ad effectum de quo agitur. Romæ MDCCXXXVII Typis Rev. Cameræ Apostolicæ.*

E porque é muito interessante a sua materia, seremos um pouco mais extensos em dar algumas noticias do que nos pareceu mais importante e digno d'este logar. Começaremos porém pela integra do indice para servir como de resenha geral de tudo o que n'elle se contém, e assim satisfazermos á curiosidade de quem deseja ter uma idéa de processos d'esta natureza, e conhecer com quanto rigor, maduresa e circunspecção procede a Igreja em materia tão delicada e gravissima.

INDICE.

Segundo já dissémos, e consta d'este processo, quatro foram os que se fizeram para instruir a causa do B. João de Britto: um em Meliapor, no qual deposeram 40 testemunhas: um em Cochim, em que deposeram 52 testemunhas: outro em Goa, em que deposeram 11 testemunhas, todos portuguezes; e finalmente outro em Roma, no qual deu importantes depoimentos o P. João da Costa, jesuita portuguez, de 42 annos, missionario, e procurador da missão do Malabar.

Passaremos agora a dar alguns extractos d'alguns dos depoimentos dos referidos processos.

O citado P. João da Costa diz que o pai do V. Padre

João de Britto era natural de Villa Viçosa, e sua mãe de Portalegre, o que nos pareceu conveniente registar n'estas memorias, porque na vida do mesmo V. Padre, escripta por seu irmão, não se declara esta circumstância, que não deixa de ser importante.

A mesma testemunha apresentou uma carta que o V. Padre João de Britto lhe escreveu do carcere no dia anterior ao seu martyrio, a qual depois de reconhecida a sua authenticidade, foi inserida no processo a pag. 75 em latim, cujo original portuguez vem na *Imagem da Virtude*, e é a mesma que fica a pag. 226 d'esta obra.

D. Christovão de Mello, cavalleiro da Ordem de Christo, de 43 annos de idade, depoz no processo de Goa, que era tal a affeição que el-rei D. Pedro II consagrava ao V. P. João de Britto, que indo uma vez a Salvaterra onde estava a corte para lhe fallar, el-rei vendo-o de uma varanda do pateo onde o esperava, chamou por elle, e indo esperal-o nas escadas, o tomou nos braços e levou para dentro do paço á vista de muita gente. Depoz tambem que indo de Portugal para os estados de Goa Christovão de Britto, sobrinho do V. Padre já martyrisado, o mesmo rei D. Pedro II lhe concedeu uma pensão especial, declarando na carta de mercê que não servisse de exemplo para o futuro aquella graça, porque era em attenção ao glorioso martyrio de seu tio; e que chegando a Portugal a noticia da heroica e santa morte do Servo de Deus, el-rei ordenou ao seu confessor que no seu real nome escrevesse a D. Brites, mãe do V. Padre, partipando-lh'a, e dando-lhe os parabens, com recommendação de que apesar da viuva se vestisse de gala, o que ella cumpriu indo beijar á mão de sua majestade, que a recebeu com infinitas honras, imitando toda a corte o exemplo do piedoso monarcha.

No processo feito em Meliapor depoz tambem o proprio soldado que degolou o V. P. João de Britto, que se chamava Terumal da tribu Valeicu, e tinha quando depoz 55 annos. Contra esta testemunha porém fez graves objecções o Promotor da Fé, fundando-se para isso na qualidade de gentio e de algoz. Foram porém rebatidas com muitas razões juridicas, e auctoridades de auctores gravissimos, e com identicos exemplos de gentios e executores de sentenças capitaes admittidos a deporem em processos antigos; e especialmente pela razão de não serem os executores de sentenças capitaes na India algozes por offi-

cio, mas escolhidos e designados pelos principes entre a milicia para taes casos, sem que d'ahi lhes resulte infamia alguma, como tambem na Europa nenhuma infamia contrahem os soldados que são chamados a ser executores de penas ainda capitaes contra os seus camaradas.

O mesmo bispo de Meliapor, interpellado pela Congregação sobre este ponto, respondeu a 19 de dezembro de 1726 o seguinte: «Terumal, gentio, que degolou o V. «Servo de Deus, não pode ser rejeitado como infame, por«que neste paiz não ha algozes de officio, mas os mesmos «soldados, não sendo das tribus mais nobres, segundo o «costume, são indistinctamente destinados pelo regulo para «executores das decapitações.»

Outra grave opposição feita pelo Promotor da fé foi a dos ritos malabares, especialmente os dos banhos diarios, e do uso da cinza na testa, seguidos pelo P. João de Britto. Não nos demoraremos aqui a descrever estes ritos, nem as questões a que elles deram origem. Limitar-nos-hemos a dizer, que por um lado os missionarios conhecendo por experiencia que eram baldados todos os seus esforços para desbravar aquelles povos, e attrahil-os ao redil da Igreja, se não seguissem quanto era possivel os costumes do paiz, adoptaram alguns d'esses ritos christianisando-os; e pelo outro a santa Sé julgou que deviam ser banidos pelos missionarios e neophytos. As decisões da santa Sé porém a respeito d'estes ritos, foram umas vezes mitigadas, e outras ampliadas, enviando para esse fim duas vezes á India e á China um legado apostolico, um dos quaes foi o cardeal de Tournon que morreu preso em Macau.

A esta grave objecção respondeu-se cabalmente, provando-se que o nosso Beato nunca fez uso d'esses ritos como os gentios, mas sómente dentro dos limites das declarações da santa Sé, e que só onze annos depois do seu glorioso martyrio foram inteiramente prohibidos.

Juntam-se para este fim ao processo os seguintes documentos do arcebispo de Cranganor e do bispo de Meliapor.

«Julgamos que não poderá deixar de acontecer o con«trario se se prohibir aos neophytos o uso quotidiano da «cinza benta, que foi admittido ha já mais de 60 annos «pelo nosso predecessor D. Estevão de Britto, arcebispo «de Cranganor, e prelado d'aquella christandade, e con«cedido sem fim algum supersticioso, mas em signal de

« penitencia e do juiso final, especialmente não concebendo « n'este uso os ethnicos a menor suspeita de mal. Dada em « Chalacuri sob o nosso signal, e sello de que usamos a 30 « de outubro de 1704. — D. Sebastião Ribeiro, arcebispo « de Cranganor. — Logar do sello. »

« O uso da cinza está tão introduzido n'estes reinos *a* « *tempore immemoriali*, e os malabares tão afferrados estão « a este costume, quanto o contrario lhes parece indecen- « cia, e falta de politica e civilidade; por isso D. Estevão « de Britto, arcebispo de Cranganor, por commissão de « Sua Santidade, depois de maduro exame, concedeu aos « neophytos o uso quotidiano da cinza benta, mudando-lhe « o fim *in signum pœnitentiæ et memoriam universalis ju-* « *dicii*, etc. Dado em S. Thomé debaixo do nosso signal e « sello aos 4 de agosto de 1704. — Gaspar Affonso, bispo « de Meliapor. — Logar do sello. »

Em quanto ás reliquias do V. Martyr consta do processo de Meliapor, a paginas 79, pelo depoimento de Pedro da Rocha, negociante de 73 annos, que elle mesmo levou para Ceilão o pau em que foi dependurado o cadaver depois do martyrio, o alfange com que foi degolado, parte dos ossos e a cabeça do V. Padre: que todos estes preciosos restos foram entregues ao P. Francisco Laynes, superior da missão, e depois bispo de Meliapor, que os levou para Pondichery d'onde os fez conduzir para Goa. O mesmo consta de outras testemunhas de vista e de ouvido.

No processo feito em Roma depoz o citado P. João da Costa, que os christãos alguns dias depois do martyrio do Servo de Deus, procuraram as reliquias, e que achando no rio a cabeça e alguns ossos, pois o resto havia sido devorado pelas feras, a occultas os arrecadaram, e levaram para a cidade de Manareouil, d'onde foram para Pondichery, depois para S. Thomé de Meliapor, e finalmente em uma nau mandada pelo vice-rei para Goa, onde estavam em uma caixa de madeira nas mãos do P. procurador da Companhia sellada com o sello do P. provincial.

No processo não achámos depoimento algum pelo qual se possa deduzir que a espada com que o B. Padre João de Britto foi degolado viesse para Portugal offerecida a el-rei D. Pedro II, como asseveram os historiadores do nosso Beato acima citados. Onde porém existam hoje estas preciosas reliquias, ignoramol-o completamente, e receamos que, se escaparam á extincção dos jesuitas no tempo do famoso

marquez de Pombal, talvez se perdessem depois com o andar dos tempos.

Para complemento do processo exigiu-se que se colligissem as cartas escriptas pelo V. Padre, existentes nos archivos de Portugal e de Roma, e na India, para cujo fim receberam uma precatoria os bispos de Cochim e Meliapor, que cumpriram fielmente a commissão, mandando seis cartas de 1683 a 1692, ás quaes se juntaram nove escriptas ao geral dos jesuitas desde 1682 a 1690, quatro dirigidas ao P. assistente de Portugal desde 1677 a 1690, duas citadas pelo P. Maldonado no seu *Illustre Certamen*, uma achada na *Annua Malabarica*, escripta do carcere a 3 de fevereiro de 1693 ao P. superior da missão, outra tambem achada na *Carta Circular* da missão de 1693, escripta ao P. Francisco Laynes, de 1692, e finalmente outra escripta do carcere aos missionarios a 3 de fevereiro de 1693, junta ao processo pelo P. Costa, que acima inserimos. Foram deputados dois theologos para as examinarem, mas nada encontraram que servisse de objecção á causa.

Resta-nos finalmente dar a certidão do baptismo que no processo vem em latim a paginas 231, e vertida em linguagem é do teor seguinte.

«O doutor José Corrêa da Silva, prothonotario apostolico, juiz do tribunal da Legacia, conservador apostolico do real collegio de Santo Antão da Companhia de Jesus, e dos reaes mosteiros de Belem, Matto, e Penhalonga da congregação de S. Jeronymo, das provincias das ordens de Santo Agostinho, de S. Domingos, do Carmo da antiga Reforma, da provincia de Santa Maria d'Arrabida, e do convento do Bom Successo da provincia Irlandeza, etc. Faço saber e attesto que tive em minhas mãos o livro dos baptismos da igreja parochial de Santo André de Lisboa Oriental, onde a folhas seis vi e li o assento de João, filho dos nobres senhores Salvador de Britto, e D. Brites Pereira, que é do teor seguinte: = No dia 29 do dito mez de março do anno de 1647 puz os santos oleos a João, filho de Salvador de Britto e D. Brites Pereira, padrinho Christovão de Britto, e madrinha D. Luiza de Britto, em fé do que fiz este assento, anno, dia e mez supra — Miguel Pestana. — E nada mais se continha no dito assento que fielmente trasladei, e efficazmente cotejei, ao qual me reporto. Em fé do que, a instancias do P. procurador do Japão, passei as presentes lettras, e attestação na fé de mi-

nhas ordens e de prothonotario. Dada em Lisboa Occidental aos 18 dias de novembro sob o meu signal e sello no anno de 1735. — José Corrêa da Silva. — Logar do sello.»

O benemerito reverendo prior da freguezia de Santo André, achou no referido livro o assento citado, que concorda exactamente com o que acabamos de referir, de que aqui juntamos uma certidão authentica passada pelo mesmo reverendo prior, porque contém algumas notas importantes. A certidão é a seguinte.

«Certifico que a folhas 6 do livro 3.º dos assentos dos baptisados da igreja parochial de Santo André de Lisboa se acha o do teor seguinte: — Aos vinte e nove do mez de março de mil seiscentos quarenta e sete puz os santos oleos a João, filho de Salvador de Britto, e de sua mulher Brites Pereira. Padrinho Christovão de Brito, madrinha D. Luiza de Britto, de que fiz este assento, dia, mez ut supra. — Miguel Pestana. — No alto d'este assento está lançada esta declaração: — Foi martyrisado em 4 de fevereiro de 693 — e á margem do mesmo assento se acha escripto: — Este é o Padre João de Britto da Companhia, que na India morreu martyr pela fé no anno de 1680 (1). O prior Borges. — Este prior administrou esta Igreja pelos annos de 1738 e se chamava Francisco Luiz Henriques Borges. — O nome de João no assento está cercado de estrellas de tinta preta. — Igreja parochial de Santo André e Santa Marinha de Lisboa 26 de abril de 1852. — O prior Manuel Frazão.»

N'este estado estava a causa da beatificação do nosso Bemaventurado Martyr, e tão adiantada se achava ella, que parecia já mui proxima ao seu fim; quando levantando-se repentinamente a mais terrivel borrasca contra a Companhia n'este reino, cujos padres eram os principaes promotores d'esta causa, e seguindo-se-lhe com pouco intervallo as vicissitudes que feriram a mesma ordem em todo o mundo, ficou ella sustada até ao mez de abril do anno de 1851 em que foi de novo proposta na sagrada Congregação dos ritos.

Sentimos porém, e parece-nos que o nosso sentimento é não só justo mas proprio do brio de portuguezes, sentimos, tornamos a dizer, que a continuação da causa de

---

(1) E' manifesto o erro d'esta data, mas não achámos conveniente corrigil-o para não alterar o assento.

beatificação de um filho d'esta metropole não fosse, não diremos promovida, mas nem sequer ajudada por empenhos de seus conterraneos. Todavia a lembrança de que foram portuguezes os primeiros que lhe deram impulso, e que quando subiu de novo á discussão, se achava no mesmo estado em que nós a deixámos, não é de pouco lenitivo a tão justa queixa. Foram os prelados, o clero, e os fieis das nossas dioceses de Meliapor, Cochim e Goa, foram os padres da Companhia das provincias de Portugal, Goa e Malabar os que primeiro a intentaram; e tudo o que hoje se fez foi baseado sobre as próvas que uns e outros, mas todos portuguezes, haviam colligido com grande trabalho, não pouco cabedál, e acrisolado zelo.

Assim forçoso é confessar, que se algum desar póde porventura caber a Portugal em não ter concorrido em nossos dias para a conclusão da causa de beatificação de um Martyr seu filho, toda a gloria do começo e grande adiantamento da empreza é nossa. No entretanto servindo-nos em respeito a Portugal das palavras que da provincia da sua ordem dizia o nosso insigne historiador Fr. Luiz de Sousa na prefacção da sua inimitavel vida do grande arcebispo de Braga o V. D. Fr. Bartholomeo dos Martyres, cuja causa promove hoje em Roma não este reino mas a ordem dos prégadores, cumpre confessar que «queixa é antiga dos «filhos d'esta terra sermos pouco cuidadosos em desenter«rar, não só em illustrar e levantar com meios e côres es«tudadas as maravilhas de valor e santidade que Deus n'el«la nos tem dado.» Mas sem embargo de tudo isto as circumstancias porque este reino tem passado desde a segunda metade do ultimo seculo em que ficou parada a causa do nosso Beato, algumas das quaes o S. Padre aponta no decreto da approvação do martyrio, que mais abaixo daremos, merecem consideração e desculpa. E finalmente embora as prevenções de uma epoca que já passou entregássem ao esquecimento um heroe portuguez, podemos asseverar, que os portuguezes de hoje que se ufanam de filhos e herdeiros da piedade d'aquelles que souberam amar e respeitar em vida este santo varão, e com animo não menos pio e digno de portuguezes veneral-o e promover-lhe o culto depois da morte, saberão imital-os agora que a Igreja lhe decreta as sagradas honras dos altares, e avantajar-se ainda áquelles que por irmandade de habito e profissão conseguiram o remate e a coroa da causa da sua beatifica-

ção mais a instancias suas do que por diligencia nossa.

Proposta de novo, como ha pouco diziamos, esta causa ficou a 16 de setembro em termos taes, que só faltava a declaração final do oraculo do Vaticano, o qual bem depressa se fez ouvir por todos os recantos da christandade por meio de dois decretos pontificios, cuja publicação foi feita com as solemnidades que vamos referir.

No dia 20 de setembro de 1851, a Santidade de Pio IX foi, segundo o costume, ao hospicio ou casa pia de S. Miguel, onde foi recebido pelo seu presidente o cardeal Tosti. Depois de ouvir missa na Igreja esplendidamente armada, subiu ao throno que se lhe havia preparado, e alli na presença dos cardeaes Lambruschini, prefeito da Congregação dos ritos, Antonelli, pro-secretario d'estado, e Tosti, e dos monsenhores Frattini, promotor da fé, e Fatati, secretario da dita Congregação dos ritos, do P. João Roothaan, preposito geral da Companhia de Jesus, e das outras pessoas que costumam assistir a taes actos, publicou o decreto em que declarou — *Constare de Martyrio, et causa Martyrii, multis signis à Deo illustratis et confirmatis, ac propterea procedi posse ad ulteriora etc.* na causa da beatificação do V. Servo de Deus João de Britto, da Companhia de Jesus, que morreu martyr da fé no Malabar.

O decreto por extenso é o seguinte:

MELIAPOR.

Decreto de beatificação ou declaração do martyrio do V. Servo de Deus João de Britto, sacerdote professo da Companhia de Jesus.

Sendo a Companhia de Jesus particularmente destinada pelo seu santo fundador a ir annunciar o Evangelho em todo o mundo, fazem alguns de seus membros o quarto voto, pelo qual rigorosamente se obrigam a prégar aos homens o Filho de Deus, e a dar a propria vida entre os infieis, a fim de ganhar para Jesu Christo aquelles infelizes, e dar á sua Igreja novos filhos. Entre estes, depois das primicias dos martyres offerecidas a Deus pela mesma Companhia entre as nações do Japão, occupa um brilhante logar o V. P. João de Britto, que nasceu em Lisboa de uma familia nobre e illustre. Foi elle logo nos primeiros

annos da sua adolescencia nomeado pagem de D. Pedro II, rei de Portugal; mas a pia educação que recebera, e a inteireza de seus costumes, o levaram bem depressa a retirar-se da corte, e provado já na sciencia dos Santos, aos quinze annos de idade, abraçou o instituto da Companhia de Jesus. Ainda antes de ordenado sacerdote, mas já maduro para o sagrado ministerio, ardendo em desejos pelas missões da India, foi destinado para a do Maduré, na provincia do Malabar, tão fecunda em trabalhos e padecimentos, depois de felizmente preparado com tudo o necessario para tão santa obra. Alli este operario evangelico, depois de ter pelo espaço de treze annos convertido muitos gentios, e baptisado muitos milhares de infieis, foi preso por ordem do regulo do Maravá, e soffreu com inaudita constancia o mais duro captiveiro; e finalmente depois de soffrer os mais crueis tratos, foi banido, e por ordem de seus superiores regressou á Europa.

Tendo promovido egregiamente os negocios d'aquellas missões, que lhe haviam sido confiados, voltou ao Malabar, onde se dedicou com maior fervor aos trabalhos apostolicos; e depois de alcançar novas e numerosas conversões, foi preso e levado perante o tribunal do mesmo tyranno, em cuja presença confessou publicamente a fé de Jesu Christo. Incitado com grandes dadivas a invocar ao menos o nome do idolo, despresa-as; ameaçado, não se atemorisa; açoutado, não se quebranta; e condemnado á morte em odio da fé, soffre heroicamente o martyrio a 4 de fevereiro de 1693. A fama da santidade d'este esclarecido Martyr da fé espalhou-se logo por toda a India; e augmentando por meio dos prodigios com que Deus a confirmara, o ordinario de Meliapor primeiramente, depois o de Cochim, e finalmente o de Goa, instauraram os processos de inquerito, com os quaes instruidos os instrumentos apostolicos do costume, depois de preenchidas todas as formalidades que o direito e o estylo demandam em taes casos, reuniu-se uma junta preparatoria dos sagrados ritos em casa do cardeal de S. Clemente como relator, no primeiro de julho de 1738, para examinar a duvida: = *An constet de martyrio, et causa martyrii in casu, et ad effectum de quo agitur?* =

E como na dita junta se suscitou a duvida, se o V. João durante as suas missões teria feito uso de alguns dos ritos gentios em contravenção das prescripções da Igreja,

o Papa Clemente XII, de saudosa memoria, julgou expediente que o exame d'esse artigo fosse entregue ao tribunal supremo da sagrada Inquisição. Tendo porém fallecido este Pontifice primeiro que se désse a sentença, o seu successor, de gloriosa memoria, Bento XIV, que quando era minorista fôra promotor da fé nos preliminares d'esta causa, e consultor relator junto da sagrada Inquisição sobre este obstaculo, tendo avocado a si esta causa, de seu motu proprio, determinou que a Congregação dos sagrados ritos se reunisse na sua presença em sessão ordinaria a 22 de abril de 1741 para examinar a duvida = *An obstent objecti ritus, quominus procedi possit ad ulteriora in casu, et ad effectum de quo agitur?* = N'esta sessão depois de ouvidas não sómente as objecções do promotor da fé, e os pareceres de cada um dos cardeaes; mas lido e examinado tudo e attentissimamente ponderado, tendo constado que aquelles ritos haviam sido usados não de um modo significativo como os gentios, mas que haviam sido meramente actos da vida civil communs a todos, o Pontifice depois de muitas preces, e da celebração do santo sacrificio da missa, a 6 de julho do mesmo anno decretou = «que os ritos objectados pelo promotor da fé «não obstavam a que na presente causa se procedesse *ad* «*ulteriora*, isto é, á discussão da duvida do martyrio, e «causa do martyrio, e maravilhas ou milagres que se di«ziam feitos por intercessão do Servo de Deus.» =

Desfeitas estas difficuldades, devia em breve esta duvida ser discutida n'uma junta preparatoria, se repentinamente se não tivesse levantado em Portugal uma tempestade contra aquella provincia da Companhia de Jesus, e não se lhe tivessem seguido com pouco intervallo as vicissitudes que feriram toda a Companhia. Tendo porém cessado todo o impedimento, juntou-se a Congregação no palacio do Vaticano a 8 de abril do anno corrente perante os reverendissimos padres dos sagrados ritos: e finalmente a 16 de setembro foi instaurada esta questão em sessão plena celebrada na presença do Santissimo Padre o Papa Pio IX, na qual o reverendissimo prefeito cardeal Luiz Lambruschini propoz a causa em logar do reverendissimo sr. cardeal Della-Ganga Sermattei, relator, e os reverendissimos srs. cardeaes, e os outros padres deram todos o seu voto.

E tendo attentamente ouvido tudo, o Santo Padre di-

latou o emittir o seu juiso, e levantando a sessão com termos cheios de bondade, exhortou a todos especialmente a dirigirem ao Altissimo humildes rogativas sobre este gravissimo ponto; e tendo o mesmo Santo Padre invocado o Senhor, n'este dia dedicado ao Principe da Milicia Celeste, cuja fortaleza o V. João por muitos annos imitára na propagação da fé, e confissão do nome de Jesu Christo, havendo primeiro celebrado o incruento sacrificio, e implorado novamente o auxilio do Divino Espirito Santo, dirigiu-se ao hospicio apostolico innocenciano na margem do Tibre, onde desempenhou as funcções de vigilantissimo pastor, e convocados á sua presença o reverendissimo sr. cardeal Lambruschini, bispo do Porto de Santa Rufina e Centocellas, prefeito da Congregação dos sagrados ritos, o reverendissimo padre André Maria Frattini, promotor da santa fé, juntamente comigo secretario abaixo assignado, pronunciou na presença de todos canonicamente que = «consta do martyrio, e da causa do martyrio do referido V. Servo de Deus João de Britto, que «Deus illustrou e confirmou com muitos prodigios; e por «isso se pode proceder *ad ulteriora*, sem se discutirem ou«tros milagres além dos já propostos e examinados nas di«tas congregações.» =

E mandou que se publicasse este decreto, e se lavrasse nas actas da Congregação dos sagrados ritos n'este dia 29 de setembro do anno 1851.

L. Cardeal Lambruschini, bispo do Porto de Santa Rufina e Centocellas, prefeito da Congregação dos sagrados ritos.

Logar ✠ do sello.

L. G. Fatati, secretario da sagrada Congregação dos ritos.

Sem se metterem muitos mezes em meio, logo no seguinte mez de fevereiro em a manhã do dia 17 o mesmo Santo Padre se dirigiu com grande pompa ao oratorio da Santissima Communhão, e de S. Francisco Xavier, chamado vulgarmente o *Caravita* (1), onde foi recebido pelo P.

---

(1) Este oratorio tomou o nome de *Caravita* do padre jesuita que o fundou. E' uma Igreja bastante grande, onde de dia e de noite se fazem com muita concorrencia e devoção differentes exercicios de piedade, como entre nós antigamente no dos padres da congregação do orato-

Roothan, preposito geral da Companhia de Jesus, e pelo P. Sacchetti, director do oratorio. Feita a adoração ao augustissimo Sacramento, que este anno se havia exposto com maior pompa, e maior numero de luzes, o Santo Padre acompanhado da sua corte dirigiu-se pela escada interior á aula maxima (1) do collegio romano, edificada de novo, onde se havia levantado o solio pontificio, subindo ao qual pronunciou na presença do cardeal Lambruschini, prefeito da Congregação dos ritos, de Monsenhor Frattini, promotor da fé, e de Monsenhor Gigli, sub-secretario da mesma Congregação dos ritos, dois decretos. Com o primeiro declarou que se podia sem duvida proceder á beatificação solemne do V. P. João de Britto; e com o segundo approvou os milagres do V. João Grande, religioso professo da ordem hospitaleira de S. João de Deus, chamado o *Peccador*.

Coucluido este sagrado rito com as formalidades do estylo, recebeu o Santo Padre benignamente as acções de graças do P. preposito geral da Companhia de Jesus, e do P. Deidda, geral, e P. Alfieri, secretario da ordem de S. João de Deus, e dos respectivos postuladores d'estas causas, aos quaes correspondeu com palavras de congratulação, retirando-se depois pela porta principal do referido collegio.

O decreto relativo á beatificação do B. João de Britto é como segue.

---

rio ao Espirito Santo, sendo um d'elles o jubileo das quarenta e oito horas entre o domingo da sexagesima e quinquagesima.

(1) E' o grande salão dos actos do collegio romano, que serve tambem de oratorio das classes inferiores d'aquelle grande e celebre lyceu ou universidade. Tendo-se ultimamente queimado quando os francezes alli estavam aquartelados, foi ha pouco restaurado.

O Editor.

DECRETO MELIAPORENSE

De beatificação e canonisação do V. Servo de Deus João de Britto, sacerdote professo da Companhia de Jesus, sobre a duvida se vista a approvação do martyrio, e dos milagres d'este Veneravel, se possa com segurança proceder á sua beatificação solemne.

O V. Varão João de Britto, sacerdote professo da Companhia de Jesus, que no fim do seculo decimo setimo, depois de soffrer as maiores injurias e ludibrios, os carceres, os ferros, e os mais estranhos tormentos, recebeu felizmente uma morte gloriosa no reino do Maduré, provincia do Malabar, por ordem do regulo do Maravá, que lhe havia interdicto prégar aos povos a salvação eterna, augmentou os tropheos dos martyres que dão honra e esplendor á Igreja militante por meio do desejo continuo de se tornar digno de padecer injurias pelo Nome de Jesus, e da mais rara constancia em confessar a fé de Christo. E como a verdade infallivel por sua boca nos ensina, que todo aquelle que confessar perante os homens o Filho de Deus conseguirá egual confissão perante o Divino Pai, isto é, junto de Deus, dos Anjos e dos homens, gosando por disposição da Divina Sapiencia o justo galardão na gloria eterna com Deus e os Anjos, perante os homens consegue a promettida confissão especialmente quando por intercessão do V. Varão são reconduzidas ao redil da Santa Madre Igreja as ovelhas desgarradas, assim como em sua vida occupado no sagrado ministerio afugentara em muitos as trevas do erro, e as arrebanhara copiosamente.

Por tanto tendo o Santissimo Padre Pio IX, nosso Senhor, publicado em 29 de setembro do anno passado de 1851 um decreto solemne pelo qual declarou = que constava do martyrio, e da causa do martyrio do sobredito V. Servo de Deus João de Britto, que Deus illustrara e confirmara por meio de muitos milagres, e que por consequencia podia proceder-se ulteriormente, sem se discutirem outros milagres além dos que já tinham sido propostos e examinados =; nada mais restava senão interrogar, segundo o costume, os padres da sagrada Congregação dos ritos sobre se julgavam poder-se seguramente re-

ferir o mesmo Veneravel no cathalogo dos Beatos. O que tendo tido logar no dia 27 de janeiro do corrente anno, na Congregação geral celebrada no Vaticano na presença do mesmo Summo Pontifice, houve e assentimento de todos os que se achavam presentes.

Todavia o mesmo Santissimo Padre Pio IX Pontifice Maximo, para que não faltasse o tempo de impetrar as luzes do Santo Espirito com as suas rogativas e dos mesmos padres, segundo a exhortação que benignamente havia feito, quiz espaçar este negocio, e a declaração do seu juiso supremo. Por tanto n'este dia em que se conta terça feira depois do domingo da sexagesima, tendo offerecido devotamente a Hostia do Cordeiro immaculado, dirigiu-se á aula maxima do collegio romano da Companhia de Jesus, depois de reiterar férvidas supplicas no contiguo oratorio da Santissima Communhão geral perante o augusto Mysterio da nossa fé exposto á publica veneração, segundo o louvavel costume d'estes dias; e alli chamou á sua presença o reverendissimo sr. cardeal Luiz Lambruschini, bispo do Porto de Santa Rufina e de Centocellas, prefeito da Congregação dos sagrados ritos, o reverendissimo P. André Maria Frattini, promotor da santa fé, e a mim abaixo assignado vice-secretario, e diante de todos prenunciou solemnemente = *que se podia seguramente proder á beatificação do sobredito V. Servo de Deus João de Britto* = e expedir as lettras apostolicas em fórma de breve sobre a mesma beatificação, que a seu tempo se devia celebrar na basilica do Vaticano.

E ordenou que se publicasse este decreto, e se lavrasse nas actas da Congregação dos sagrados ritos a 18 de março do anno de 1852. — *L. Cardeal Lambruschini*, prefeito da Congregação dos sagrados ritos. — Logar ✠ do sello. — *Domingos Gigli*, vice-secretario da Congregação dos sagrados ritos.

PARTE V.

NOTICIAS SOBRE A MISSÃO DO MADURÉ DESDE A EXTINCÇÃO DOS JESUITAS, E CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE AS MISSÕES PORTUGUEZAS.

Antes de concluir esta Memoria, parece-nos que será razão fazer uma breve relação do estado em que de presente se acha a missão do Maduré ensopada com o suor e o sangue de tantos varões portuguezes. Esta missão creada e cultivada pelos jesuitas portuguezes desde o anno de 1646, e sujeita á jurisdicção do bispo de Meliapor, havia chegado ao maior esplendor quando aconteceu a dissolução e extincção da Companhia. Ignoramos quaes foram os primeiros missionarios que alli lhes succederam. E' certo porém que, assim como todas as outras, soffreu grande abalo, e a sua falta foi muito sentida.

No tomo 2.° das *Anedoctas do Ministerio do Marquez de Pombal* impressas este anno na cidade do Porto, que é uma obra importantissima para a historia ecclesiastica e politica do reinado d'el-rei D. José, achamos a pagina 133 e seguintes algumas noticias muito relevantes sobre as missões dos jesuitas no Oriente na epoca a que nos referimos, que não podemos desaproveitar. «O vice-rei, diz «o auctor, (1) se dirigiu aos superiores das outras ordens «religiosas, para arranjar missionarios que occupassem o «logar dos jesuitas. Elles lh'os mandaram, mas d'aquelles «que melhor podiam dispensar, e sobretudo gente nova, «de quem a idade, as luzes, e a experiencia convinham «pouco a funcções tão grandes e penosas. Augmentou-se-«lhes consideravelmente a somma até ahi estipulada aos «missionarios: e embarcando elles praticaram durante a «viagem algumas scenas que se não assimilhavam aos tra-

(1) Este vice-rei era o conde da Ega, que depois de ter servido fielmente os designios do marquez de Pombal, foi chamado em 1764, e encerrado ignominiosamente nas prisões de Lisboa, ignorando-se a causa da sua desgraça.

« balhos apostolicos. Entrando n'elles a divisão se separa« ram; mas logo foram obrigados a reunir-se para se apre« sentarem ao arcebispo Serrano *Monseigneur de Regi« bus* (1). Este virtuoso prelado bem depressa lhes avaliou « o seu merito, dizendo-lhes que não tinha difficuldade « em receber os novos missionarios, que o rei lhe mandava « em logar dos jesuitas, assim que lhe constasse que eram « capazes para exercer as funcções do seu ministerio; mas « que se elles não soubessem a lingua do paiz nem hou« vessem estudado theologia, os não podia empregar, ajun« tando que se lhe fosse tirada a sua pensão annual com que « o vice-rei o ameaçava, elle tornaria a ir viver de hervas « e legumes, como tinha feito no Maduré por espaço de « 30 annos. Foi assim que escreveu ao vice-rei. Que trium« pho para a religião, se o ministro tivesse encontrado « egual firmesa em todos os bispos! Seu despotismo des« truidor não teria podido vencer um dique tão insupera« vel. Detidos por este obstaculo os novos missionarios, se « retiraram a Calecut, e começaram a aprender a lingua; « mas este trabalho lhes pareceu tão arduo, que logo o re« jeitaram; e assim depois de ter gasto as sommas rece« bidas, nada mais fizeram do que voltar a Goa, onde fo« ram muito mal recebidos. »

Por este discurso do auctor das *Anedoctas* parece inferir-se grave injuria ás ordens regulares estabelecidas no Oriente, as quaes tinham muitos religiosos de virtude e saber, e prestavam valiosos serviços á Igreja nas muitas e importantes missões de que se achavam encarregadas. Em honra da verdade porém cumpre dizer, que alguma relaxação grassava n'aquellas ordens; mas as causas tinham sido repetidas vezes apontadas á côrte pelos respectivos prelados e pelos bispos sem que esta promovesse a applicação dos remedios competentes. As principaes eram, 1.º as isenções dos regulares tão reprovadas por tantos Papas e pelo concilio de Trento que os tornavam independentes da auctoridade dos bispos; 2.º o mandarem-se geralmente de Portugal para o Oriente nos ultimos tempos, em logar de religiosos revestidos de virtudes apostolicas, os discolos como em castigo; 3.º a facilidade com que se admittiam os seus re-

(1) Este arcebispo era o da Serra ou Cranganor, o qual recebia directamente de Goa a sua congrua.

O Editor.

cursos á coroa, quando os prelados diocesanos intentavam exercer a sua indisputavel inspecção sobre o governo das suas religiões; 4.º a propriedade que se lhes dera de muitas missões, para as administrarem quasi independentemente dos bispos. A existencia pois e continuação d'estes males antes que imputar-se aos regulares, deve attribuir-se á incuria dos governos, e menospreso dos verdadeiros interesses da religião. . . . .

E para que estas nossas asserções não pareçam suspeitas e graciosas, apresentamos aos nossos leitores um testemunho irrefragavel da auctoridade mais competente n'esta materia, omittindo por brevidade outros que poderiamos adduzir. E' este o de D. Fr. Manuel de S. Galdino, que em 1804 foi transferido da Igreja de Macau para a coadjutoria e futura successão do arcebispo de Goa D. Fr. Manuel de S. Catharina. Este prelado em uma representação dirigida ao principe regente D. João em janeiro de 1805, diz o seguinte. . . . .

«Senhor. Como V. A. houve por bem encarregar-me o governo da principal Igreja da Asia, a quem presentemente está incumbido cuidar de todas as outras, que não têem bispos, acho ser da minha obrigação expor a V. A. o estado geral em que se acham, e em particular a de Macau, que ainda estou governando, e de quem me persuado ter todo o conhecimento, pedindo a V. A. providencias para todas ellas. . . . .

«Quando os portuguezes, senhor, conquistaram a India, cuidaram logo em fazer muitos conventos de religiosos, para que estes fizessem tambem conquistas para a religião: isto não podia deixar de ser muito util mesmo para o estado, pois só a religião christã é capaz de fazer doceis os povos, e sujeital-os de coração aos seus soberanos, e assim aconteceu com effeito em quanto vieram religiosos escolhidos, homens já determinados ao combate das paixões; porém logo que os provinciaes do reino entraram a não mandar senão aquelles que lá não podiam soffrer, ou mandáram umas recrutas de rapazes sem talentos, sem estudos, e o peior é, sem costumes, e dos que elles não queriam para ficarem nos conventos da Europa, depois que vieram para a India frades, que a virem deveriam vir soldados, as religiões decairam, relaxaram-se, e ficaram de bem pouca utilidade. As missões encarregadas a sujeitos tão pouco habeis desfalleceram, decairam,

e á proporção decaiu tambem o amor dos povos ao nome christão, e ao nome portuguez, no que o estado tem soffrido uma perda, que não é facil de calcular.

« No principio foi preciso encarregar as missões aos religiosos assim pela probidade d'estes, como porque o clero indiano (se o havia) é pouco apto para grandes coisas; cada religião teve districto assignado de missionar para evitar as intrigas, que nasciam da mistura de religiosos de diversos institutos nas mesmas terras; e pelo tempo adiante cada religião chamou seu ao districto, em que mais frequentemente missionava. Os bispos contentes dos progressos, que então faziam, e temendo entrar em contestações calaram-se, e não disputaram os titulos, com que se chamavam donos d'aquellas missões, ficou pois sendo isto para as religiões uma prerogativa, e um direito de posse, que têem procurado sempre conservar bem contra a vontade dos ultimos bispos que se acham sem forças de combatel-os, porque os bispos são sós, e as religiões em similhantes artigos fazem causa commum. Era preciso para conservarem-se n'esta posse, e prover cada uma o seu districto terem gente; e como de Europa nem mesmo da incapaz lhes vinha, entraram a mandar buscal-a a bordo das naus do reino, e acceitarem não só alguns rapazes que vinham servindo nos navios, mas até dos soldados da guarnição, e alguns mesmos dos que vinham degradados. Não obstante a desordem d'esta escolha, as religiões não têem a gente sufficiente, e as missões que devem prover, estão com tão pouca e tão má pela maior parte, que não exagero em dizer que estão desertas.

« Os provinciaes de Goa á imitação dos da Europa, tambem não mandam para as missões, especialmente as mais distantes, e em paizes menos sadios, senão aquelles de que querem desfazer-se. Timor por exemplo, que é o degredo dos degradados de Goa, o veiu a ser tambem dos religiosos de S. Domingos com a differença, que estes degradados vão a missionar, e parochiar. Que parochos, e que missionarios! O menor mal que lá fazem é negociar. Eu sou testemunha de um padre, que no mesmo barco em que foi, mandou logo varias commissões de sandalo por sua conta.

« O arcebispo além de não ter clerigos que bastem a prover estas missões, os mesmos que tem, não póde mandal-os por serem as missões denominadas dos religiosos;

e se se attrevesse a designar os sujeitos mais capazes de entre estes, e de propria auctoridade os quizesse enviar, além de não ser obedecido, havia logo recursos por abuso de poder, logo gritavam que eram isentos, que lhes quebravam os privilegios, etc., e estas isenções e privilegios, que os summos Pontifices lhes não concederam, senão para o melhor serviço da Igreja, veiu a ser presentemente, em especial na Asia, o meio de não serem as missões servidas, e de perder-se aquillo mesmo, que custou tanto a ganhar para a Igreja.

«Eu faço gloria, senhor, de ser religioso, preso-me muito do meu habito, e da corporação a que tenho a honra de pertencer, mas é por isso mesmo que me attrevo a dizer a V. A. que na Asia não deve haver religiosos isentos, ao menos n'estes pontos, e que para o bom regimen d'estas Igrejas é preciso que V. A. determine que os bispos mandem para qualquer missão, pertença a quem pertencer, os individuos que lhes pareçam ou sejam seculares, ou regulares sem que os provinciaes possam oppor-se, salvo no caso que fosse immediatamente prejudicial ao governo economico dos conventos.

«Tão longe estou eu, senhor, de ser contra as religiões, que pêço pelo amor de Deus a V. A. mande bispos para estes bispados extrahidos das mesmas corporações, que presumem pertencer-lhes, isto é, de S. Domingos para o bispado de Malaca, de S. Agostinho para o bispado de Meliapor, e arcebispado de Cranganor. Para Cochim, que agora não pertence a corporação particular, pode vir d'onde V. A. quizer, com obrigação porém de que os provinciaes destinem a cada bispo pelo menos quatro religiosos sacerdotes da mesma corporação para acompanhal-os, aliás véem os pobres sem acharem ninguem que os ajude. A V. A. não querer mandar bispos, queira ao menos mandar religiosos homens já feitos e capazes. Eu sei que os provinciaes têem razão de não quererem mandar d'estes, porque lá mesmo são muito uteis; porém, senhor, ainda que o sacerdote bom é utilissimo em toda a parte, e sempre faz falta d'onde se tira, os provinciaes devem attender á maior necessidade da Igreja, e do estado, e mandarem para a India ao menos homens sérios....

«Em uma palavra, senhor, o que eu lembro a V. A. e encarecidamente rogo, é que determine que venham padres, e de probidade, aliás perdem-se de todo estas missões, e consecutivamente estas colonias.

«Mas em todos os casos é indispensavel, e absolutamente da ultima necessidade, que V. A. mande dois padres, quando não possam ser mais, da congregação da missão, vulgo Rilhafolles, para cuidarem ao menos de um seminario de Goa, porque por experiencia se tem conhecido uma total differença no clero, que foi educado pelos da mesma congregação que estiveram em Goa; e o unico modo de crear um clero secular respeitavel, é pôr no seminario mestres d'esta corporação, pois os das outras ainda que sejam muito sabios e virtuosos, como não tiveram creação de seminario, não são tão aptos. Eu sei que os padres hão de desculpar-se muito, e de muitos modos, porém queira V. A. attender que elles na Asia, ainda fazendo pouco, são muito mais uteis á religião, e ao estado do que na Europa trabalhando muito, e com muito fructo, e peço a V. A. pelo amor de Deus, e em nome da Igreja, que absolutamente me mande dois, etc.»

Feita esta observação, continúa o citado auctor *das Anedoctas* a pagina 135 em uma nota o seguinte. «Um «d'estes pequenos principes do Malabar instruido das vio«lencias que se faziam aos missionarios, chamou-os aos «seus estados. «Vinde para minha casa, lhes dizia elle, «eu repartirei o arroz comvosco.» *M. do M. de Pomb.*» E no texto a pagina 140 segue d'este modo. «Chegaram «do Maissur n'este tempo tres catechistas deputados por «sua nação, para supplicar ao vice-rei, que lhes não ti«rasse os seus missionarios. Esta personagem recebeu-os «com altivez, e disse-lhes que mandaria tropa para os «prender. Nós não os tememos, responderam com firmeza «estes fervorosos christãos; *nós* somos livres. Poderão ar«rancar-nos a vida, mas não a nossa fé, nem os nossos «padres. Mas quando elles vos faltarem em Portugal e «em Goa, onde os ireis buscar? A França, disseram el«les, e os outros paizes da Europa nol-os darão. — E co«mo e com que os sustentareis, replicou o vice-rei? — «Em quanto as nossas terras produzirem arroz e legumes, «temos com que os sustentar. — Uma pessoa que estava «presente começou a desacreditar a doutrina dos jesuitas; «mas os catechistas que estavam perfeitamente instruidos «em materia de religião, porque o deviam estar para «refutar as subtilesas dos brahmenes, disseram-lhe que «estavam promptos a explicar a doutrina de seus padres, «e o que elles lhes tinham ensinado, pedindo que lhes

ajuntassem os theologos, que não duvidariam passar pelo seu exame: mas não pareceu conveniente fazer-lhes essa vontade, e foram despedidos.»

N'este passo dá o auctor a seguinte nota. «Carvalho «mandou traduzir na linguagem do paiz, e espalhar um «grande numero de libellos infamatorios para prevenir os «indios contra os jesuitas. *M. do M. de Pomb.*»

Mas continuemos o fio da historia da missão do Maduré tanto quanto as poucas noticias especiaes que d'ella temos nol-o consentem, permittindo-nos o entrançar n'este contexto algumas outras reflexões sobre a importante materia das nossas missões.

Em 1773 o Papa Clemente XIV estabeleceu que as missões dos reinos de Maduré, Carnate, Maissur, e da costa da Pescaria se entregassem aos religiosos carmelitas descalços debaixo da direcção de um vigario apostolico. Este plano porém não chegou a ter execução por causa das complicações que se suscitaram, sendo uma d'ellas a pretenção da França, que aproveitando-se do grande vacuo que a extincção dos jesuitas deixara nas missões portuguezas, quiz ampliar a sua preponderancia com os despojos alheios, exigindo que se confiassem aos padres do seminario das missões estrangeiras de Paris todas as da India e da China que tinham sido dos jesuitas. Esta pretenção foi reforçada com novas instancias no tempo do Papa Pio VI. Mas como feria os direitos da coroa de Portugal, e das dioceses portuguezas do Oriente, não annuiu a S. Sé. Todavia em 1776 foi concedido á França um vigario apostolico com residencia em Pondichery para as missões que os missionarios francezes da extincta Companhia exerciam na costa de Coromandel, ao qual em 1784 se concedeu um coadjutor, confiando-se a ambos as missões do Malabar das provincias de Telegon, Carnate, Maissur e Maduré outr'ora pertencentes aos missionarios portuguezes da Companhia. Esta medida encontrando, como era natural, a jurisdicção dos bispos de Meliapor e Cochim, a que aquellas missões pertenciam, suscitou graves conflictos, que foram desfeitos, pela prudencia que distingue todos os actos da S. Sé, declarando-se que a commissão dada aos ditos vigario e coadjutor, era puramente para auxiliar aquelles bispos onde elles não podiam chegar, e não para lhes subtrahir a minima parte do seu rebanho, e coarctar a sua jurisdicção.

Todavia tornou-se cada dia mais tão sensivel é manifesta a falta que fizeram os missionarios da Companhia, que algumas das nossas missões, na carencia de outros, ficaram por muito tempo sem ministros, posto que muitos dos jesuitas continuaram a servir algumas como presbyteros seculares. Uma das que mais sentiu esta falta foi a do Maduré, para onde pelos annos de 1783 foram mandados alguns barbadinhos italianos, a instancias de Portugal. Ignoramos porém se elles chegaram a tomar conta d'esta missão, que tambem teve missionarios carmelitas descalços.

A causa d'esta penuria não era só devida á falta dos jesuitas, mas tambem a não haver na India um corpo de clero propriamente indigena, porque, ou por se ter reconhecido por experiencia que os indios não eram os mais proprios para o apostolado catholico, ou antes por motivos de humana politica, que não vem para aqui indagar, nunca se tinha com proposito firme assentado em formar um clero dos naturaes do paiz. A isto quiz acudir o perspicasissimo marquez de Pombal nas famosas instrucções, que alguns annos depois deu ao arcebispo de Goa para attender seriamente á formação de um clero indiano. Parece todavia que, ou por não se penetrar bem o alcance da mente do sabio ministro, ou por preconceitos inveterados, ou por outras causas que não intendemos agora investigar, se não obteve o desejado effeito. E' certo porém que a S. Sé nos tempos successivos, e principalmente n'estes ultimos, inculcando tambem como unica e indispensavel esta mesma medida aos seus delegados, não tem obtido melhores resultados.

De sorte que aggravando-se o mal com o correr dos tempos, ou pelo entibiamento do antigo fervor, ou por as vicissitudes politicas que desde os fins do seculo passado desolaram a Europa, e especialmente Portugal, era já nos principios d'este seculo tão grande e tão geral a carencia de missionarios nas missões portuguezas, e tão reconhecida a necessidade dos jesuitas, que os mesmos bispos portuguezes os pediram efficazmente. Temos uma prova d'isto, entre outras que poderiamos citar, em D. Fr. Thomar de Noronha da ordem de S. Agostinho, bispo eleito de Cochim, que pelos annos de 1817, 18, e 19 fez grandes instancias com a corte de Portugal, para que se permittisse chamar os missionarios da Companhia já restabelecida por Pio VII.

« Em uma carta datada de Goa a 30 de novembro de 1817 diz elle o seguinte = « Os padres jesuitas foram, como se « sabe, os fundadores da religião no bispado de Cochim. « Na visita que fiz do mesmo bispado, admirei a sabedo-« ria e discernimento com que aquelles lamentados padres « estabeleceram as christandades, que ainda depois de tan-« tos annos conservam um resto da antiga boa ordem; « mas um resto que só basta para chorar a falta d'estes « homens apostolicos, e suspirar pela sua restituição ás « suas antigas missões.

« Com effeito, querer a conservação da religião na « India sem sacerdotes europeus, é querer um impossivel, « ainda digo mais, sem padres jesuitas; pois é experien-« cia feita, que os outros o que mais fizeram foi conser-« var; quando n'aquelles logares que foram depois entre-« gues aos padres da India, como Cochim, os negocios da « religião peioram todos os dias. E' absurda a lembrança « que canarins possam conservar, não digo continuar, e « menos adiantar, os gloriosos trabalhos de homens que se « sacrificavam todos ao bem das almas.

« Não se poderá conseguir ao menos seis padres je-« suitas, ao menos dois ou tres, algum para o bispado de « Cochim? Eu vi que em Madrasta e Pondichery os in-« glezes os respeitavam; e a India toda obedece a esta na-« ção, a qual dá plena liberdade aos sacerdotes catholicos, « e sómente toma particulares precauções com os france-« zes. Em uma palavra, sendo italianos ou hespanhoes nada « ha que temer....

« Tratei este negocio com o exm.° sr. arcebispo, a « quem agradou, e que por isso, se não se declara, é por « boas considerações, que não militam no meu caso; pois « Cochim é um deserto, de cujos operarios se não sabe em « Goa; e por outra parte quem quer os fins, deve querer « tambem os meios. S. Ex.ª com tudo vae dar agora al-« gum passo sobre isto para a missão de Balagate..,

« P. S. Hei-de convidar tambem o arcebispo eleito « de Cranganor, que foi meu discipulo na ordem, e que « muito necessita dos jesuitas n'aquella diocese, de que « bem conheço as precisões.» Em outra carta de 23 de novembro de 1818 repetia a mesma instancia pedindo ao menos dois padres jesuitas. « A religião na India, diz el-« le, necessita hoje mais que nunca dos padres jesuitas pe-« las razões que exponho na minha carta.»

O que este prelado dizia em respeito ao bispado de Cochim, era applicavel a todos os outros do padroado portuguez, talvez com alguma excepção do de Goa. E como se não bastasse o estado em que isto se achava, veiu em 1834 a illegal e funesta suppressão das ordens regulares não só no continente, mas o que foi peor ainda no ultramar. Parece incrivel que um governo que se jactava de querer restituir á nação o seu antigo esplendor, commettesse um erro tão grande!

Devia pelo menos imitar o exemplo de Hespanha que conservou alguns regulares para as suas missões, e um seminario em Ocanã para esse fim, o qual vae agora ser transferido para Toledo, onde se lhe dará muito maior extensão. Devia imitar a França que protegeu o seu seminario das missões estrangeiras em Paris, e outros que tão uteis lhe têem sido espiritual e politicamente.

Imitará agora o nosso governo estes exemplos, ou continuará no systema vergonhosissimo de não attender á creação de missionarios para as nossas missões, e de não permittir que os que de fóra se nos véem offerecer, vão alli repartir o pão da divina palavra, que debalde os povos estão pedindo ha largos annos? O homem que não podendo com as suas forças sustentar um peso que o faz vergar e cair, impede que outros lhe deem a mão para se suster, torna-se abjecto e ridiculo! Fechará o nosso governo os olhos ao espantoso movimento religioso que agita as nações tanto mais poderosamente, quanto mais civilisadas, e outr'ora mais descrentes? De toda a parte pullulam missionarios, que aos milhares lá se vão para a Asia e Africa annunciar o Evangelho a seus habitadores; porque se lhes não dará accesso ás missões portuguezas, como faziamos nos seculos passados com inquestionavel utilidade da religião e do estado? Franqueam-se os portos a todo o genero de mercadorias para animar o commercio; porque não se franquearão tambem ás mercadorias evangelicas, de que outr'ora foi um verdadeiro emporio esta cosmopolitica cidade, a cujo porto aos centos arribavam todos os annos missionarios de todas as nações, e d'onde aos centos partiam a christianisar as mais remotas regiões, e os mais barbaros povos? Se isto se não fizer, virá tempo em que já não será tempo, e Portugal coberto de ignominia, debalde chamará á memoria com pomposas phrases as suas passadas glorias, e os seus titulos e privilegios adquiridos

quando a fé era viva, e não era mesquinha a sua politica. Porventura é a sua causa tão fraca que tema perdel-a chamando pregoeiros estranhos, que só tenham o fito no bem da religião? Isto é inadmissivel. Entretanto como a Igreja não concede privilegios *ad destructionem*, mas *ad ædificationem*, continuando Portugal a reclamar esses privilegios, sem curar dos encargos que lhes são inherentes, o Summo Pontifice em desempenho dos deveres gravissimos do seu sagrado ministerio por certo que providenciará ás necessidades espirituaes dos fieis, como já fez segundo é notorio. N'estes termos se Portugal não quer que para a coroa portugueza seja um titulo vão e ridiculo o de Fidelissimo, é imperiosamente necessario acceitar os bons officios, ao menos por ora, dos missionarios estrangeiros, e especialmente dos capuchinhos e jesuitas italianos, porque aliás os verá seu mau grado estabelecidos ás portas das nossas possessões, sem meios legaes e justos para obstar a que elles preguem o Evangelho áquelles que debalde nol-o pedem. Fallamos d'este modo vendo as disposições do actual governo para as medidas grandiosas e urgentes as quaes não devem limitar-se ao temporal, mas tambem ás cousas da religião, com que aquelle tem intima ligação.

Estes são hoje os sentimentos dos portuguezes sensatos, que conhecem as verdadeiras necessidades do paiz, e da religião de nossos paes.

Mas voltando á missão do Maduré, coube ella aos jesuitas francezes com sujeição ao vigario apostolico de Pondichery para onde partiram alguns padres em 1836, sendo superior o P. Bertrand. Assim o Maduré depois de quasi oitenta annos tornou a ver os irmãos de seus antigos pastores, com grande utilidade da religião, e não pouca consolação dos missionarios, que nas diversas igrejas da missão ainda encontraram os registros dos antigos padres por occasião da visita que em cada anno fazia o padre provincial. A missão actual do Maduré comprehende Tanjor, Maissur, Trichinapaly, Aour, e o Maravá, regado com o sangue do B. João de Britto, e com o de alguns dos novos missionarios, que foram victimas do seu zelo á imitação de seu Santo Correligioso e Prototypo. Mas infelizmente ou por causa dos esforços da propaganda protestante, que bem poucos proselytos tem feito, ou antes das dissenções, e dos excessos commettidos depois da nova administração estabelecida pela Santa Sé desde 1833 nas chris-

tandades do Oriente, poucas conversões teem havido n'estes ultimos tempos, tendo-se feito pouco mais do que conservar a religião onde a tinham plantado os antigos missionarios. Isto porém é ainda mais notavel na costa de Coromandel, onde a conversão dos infieis foi sempre, e é ainda hoje difficillima, não por falta de zelo nos missionarios, mas de disposições nos habitantes por extremo supersticiosos, e aferrados a seus costumes e praticas religiosas.

Aqui cae-nos bem o que o nosso erudito José Accursio das Neves expendeu nas suas *Considerações politicas e commerciaes sobre os descobrimentos portuguezes na Africa e na Asia* impressas em Lisboa em 1830. Diz elle o seguinte a pagina 136: «O christianismo tão superior ao «islamismo, como a verdade á mentira, é de todas as re«ligiões do mundo a mais capaz de adoçar os costumes e «civilisar os povos; e é com elle que os francezes e ingle«zes teem emprehendido esta grande obra em Guiné, como «tres seculos antes tinham tentado os portuguezes n'aquel«les mesmos paizes, e com mais proveito no Congo. Mas «o christianismo ataca a polygamia, habito profundamente «arreigado n'aquelles povos, e favorecido pela ardencia «do clima, e o islamismo a consente. Eis aqui o principal «motivo porque o christianismo tantos obstaculos tem en«contrado nos paizes onde o levaram, e nenhuns o isla«mismo onde os arabes o teem plantado.....

«Farei uma reflexão que deve reanimar as nossas es«peranças: nenhuma nação é tão bem recebida pelos po«vos d'aquella costa como a portugueza: ainda se não ex«tinguiram entre elles os antigos habitos adquiridos pela «sua frequente e diuturna communicação com os portu«guezes, que além d'isto por aquellas regiões deixaram «muito propagada a sua geração communicando-se com «as mulheres do paiz.»

Eis uma das causas principaes porque as dissenções religiosas nas missões do Oriente teem tomado um caracter gravissimo n'estes ultimos tempos, e se perpetuarão, sabe Deus por quanto tempo, se não se lhes applicar o remedio conveniente.

Conforma-se com as idéas do auctor citado o nosso distincto D. Fr. Francisco de S. Luiz na sua *Memoria sobre as viagens dos portuguezes á India por terra, e ao interior da Africa, desde os principios do seculo XV* im-

pressa em 1841 com o *Indice Chronologico das navegações, viagens e descobrimentos dos portuguezes.* Diz elle a pag. 267: «Demais, os habitantes d'aquellas vastissimas re-«giões, são extremamente supersticiosos, e tenacissimos «de suas praticas religiosas; e nos logares aonde o maho-«metismo tem chegado, e se tem misturado com as gros-«seiras superstições do paiz, participam os miseraveis ha-«bitantos dos vicios innatos dos seus mestres, e não deixam «de mostrar por todos os modos o odio e a extrema aver-«são que elles lhes teem inspirado aos europeus. Accresce «ainda em geral que os homens selvagens e barbaros de «quasi todos os paizes do mundo, mostram constantemen-«te uma invencivel repugnancia a alterarem o seu modo «de viver, e a adoptarem a nossa civilisação.»

Oxalá que as considerações que despidas de animo acintoso expendemos respeitosamente n'esta parte da presente Memoria, sirvam para abrir os olhos áquelles que, esquecidos das gravissimas obrigações inherentes aos privilegios do antigo padroado portuguez no Oriente, só sabem clamar pelo seu exercicio, sem tratar dos meios necessarios para o exercer. Quem quer os fins deve querer os meios; e portanto quem quer o padroado deve querer missionarios, e estes não nascem, fazem-se em estabelecimentos proprios para esse fim, ou saem de corporações que teem por instituto as missões, e nenhuma achamos mais recommendavel como aquella a que pertenceu o B. João de Britto, porque assim nol-o estão dizendo a experiencia e a historia imparcial baseada em provas e monumentos que não será facil destruir.

PARTE VI.

CARTAS IMPULSIVAS PARA A CANONISAÇÃO DO B. JOÃO DE BRITTO.

Por quanto vieram de Roma ás nossas mãos as cartas impulsivas que por parte de alguns prelados portuguezes, do cabido da sé de Lisboa, e da universidade d'Evora foram dirigidas á Santidade de Clemente XI sollicitando a canonisação do então V. P. João de Britto, que debalde tinhamos procurado em alguns dos nossos cartorios; desenterrando-as do esquecimento em que jaziam, aqui as entregamos para já fielmente vertidas do latim em linguagem á custodia das lettras, para que se conserve muito inteira a memoria d'este precioso monumento de historia ecclesiastica do reino, e para complemento d'este nosso trabalho, e satisfação do que acima haviamos promettido. Vão ellas pela mesma ordem com que se acham no processo, em seguida ás d'el-rei D. João V, e da rainha D. Maria Anna sua mulher que já inserimos a paginas 215, e 216 d'esta obra.

Carta do cardeal D. Nuno da Cunha.

Santissimo Padre — O V. P. João de Britto da Companhia de Jesus, quando no Malabar em o reino de Maravá foi preso pelo tyranno do mesmo reino porque prégava a fé catholica, que elle com severissimos decretos prohibira que se annunciasse, e porque ensinara a um principe seu parente a observancia da castidade conjugal, e o purificara com as aguas do baptismo, deu sellado com o proprio sangue tão preclaro testemunho da fé, offerecendo a Deus seu illustre sangue, e morrendo felizmente em Urgur degolado; e com tanto applauso é universalmente chamado Martyr por todos os portuguezes e indios, já pelo

seu insigne martyrio, já pelas egregias virtudes que exerceu no paço do serenissimo rei D. João IV e na Companhia, pois ninguem foi mais humilde do que elle, ninguem trabalhou com mais ardor em ganhar almas para Deus, ninguem com maior alegria soffreu os tormentos, os opprobrios, os carceres e as irrisões: que julguei ser do meu dever pedir e supplicar com a maior instancia a V. S., que para ornamento da fé catholica, consolação dos neophytos, e maior gloria e honra de Deus se dignasse de declarar por Martyr um varão tão benemerito da fé, e referil-o nos fastos dos Santos.

Beijando os pés de V. S., imploro a sua sagrada benção, e ardentemente rogo ao Altissimo que prospere a V. S. por largos annos no governo da sua santa Igreja. Lisboa, 15 de novembro de 1713. De V. S. mui humilde, devoto e obrigadissimo servo e creatura — D. Nuno cardeal da Cunha.

Carta do arcebispo de Braga primaz das Hespanhas.

Santissimo Padre — A sagrada magnificencia de V. S., tão piedosamente se inclina ao merito da virtude, que attrahe os corações e a veneração de todos. E' este o motivo porque ouso levar ao conhecimento de V. S. os prestantissimos merecimentos do V. Varão João de Britto, e os copiosos fructos que elle colheu na dilatação da fé catholica. Conheci-o não sómente desde a meninice, e direi quasi desde o berço, mas assistimos ambos no illustre emprego de moços fidalgos do serenissimo D. Pedro II de Portugal e dos Algarves então principe e depois rei, meu senhor, no qual ministerio vimos manifestamente que o dito João era observantissimo da innocencia candida, e de todo o genero de perfeição, o qual teor de vida, depois que chamado a maiores cousas entrou na Companhia de Jesus, e finalmente fez a sua profissão religiosa, nunca mudou, mas antes augmentou como quem era já prestante em santidade. Ardendo em desejos pelo martyrio, e passando ás incultas terras da India, colheu abundantissimos fructos dos seus trabalhos na conversão das almas arrebanhando para o redil da religião catholica povos innumeraveis; e

depois de ter alli padecido pela fé de Christo muitos trabalhos, e tribulações, regressando a Portugal consummou copiosa e felismente na própagação das doutrinas catholicas todo o tempo da sua permanencia no reino, exercendo exemplarmente por toda a parte e por habito, admiraveis virtudes, pois se diz que abstendo-se sempre de carne e peixe se contentava unicamente de hervas e legumes, de que somos testemunhas oculares: porque sendo pelo excellentissimo marquez de Mariáva que tinha assistencia no paço convidados ambos a jantar em quinta feira santa, sentámo-nos todos juntos á mesa, onde aquelle Varão entre as muitissimas iguarias lautamente aprestadas, sómente tómou umas hervinhas, e alguma fructa. Era tão austera a sua vida, que aos cançados membros dava repouso no duro chão, e orava continuamente. Por todos estes predicados, era tão amado de todos, e tão desejado, que a magestade do serenissimo D. Pedro II o convidou com repetidas instancias a ficar em Lisboa, o que elle varonilmente engeitou, porque só aspirava a merecer a palma do martyrio. Por isso voltando ao Malaber, opprimido de trabalhos e soffrendo o rigor dos tempos e das estações, n'aquella vastissima provincia converteu infinitas almas para Christo e entre estas um principe, e foi finalmente degolado pela fé catholica, e pela castidade, offerecendo a Deus com acções de graças o sacrificio da vida. Era seu companheiro o P.' João da Costa da mesma Companhia, o qual estando ausente do logar do martyrio, viu em sonhos um malabar que lhe levava a cabeça do Bemaventurado Martyr; a qual visão conferindo depois de acordado, chegou logo o dito malabar em busca do P. João da Costa, e achando-o lhe apresentou a cabeça do mesmo Martyr. Este admiravel acontecimento nos referiu fielmente, como julgamos, o mesmo P. João da Costa. Por tudo isto, B. P., por certo que vemos e cremos piamente, que Deus por tão raras virtudes depois de conceder a palma do martyrio ao V. João de Britto, o cordaria com o premio da bemaventurança; e portanto reverentemente prostrado aos sagrados pés de V. S., e beijando-lhos, sem hesitar ouso supplicar, que se digne conceder a tão assignalado Varão as honras dos Beatos, para que entre os homens seja celebrado com a gloria que lhe é devida aquelle mesmo, que não duvidámos estar gosando do grande bem da visão beatifica. E rogarei ao Altissimo eternamente pela prosperi-

dade e bemaventurança eterna do Santissimo Pastor e Vigario do seu Unigenito Filho sobre a terra, para augmento e feliz estabilidade da sua Igreja. Braga aos sete dias do mez de dezembro do anno do Senhor de 1713. De V. S., beijando-lhe reverentemente os seus sagrados pés, mui humilde filho D. Rodrigo de Moura Telles arcebispo de Braga primaz das Hespanhas.

Carta do arcebispo d'Evora.

Santissimo e Beatissimo Padre. — São passados alguns annos desde que o V. P. João de Britto portuguez natural de Lisboa, e sacerdote professo da Companhia de Jesus, foi morto em odio da fé em Urgur no reino do Maravá; e ainda vive entre os portuguezes e os indios tão fresca memoria da santidade do V. Padre, que não ha ninguem que o não chame Martyr e Santo. Recordam-se da innocencia de sua vida nos paços do serenissimo rei D. João IV, onde pela sua singular paciencia era já chamado Martyr a cada passo pelos pagens da côrte. Recordam-se do zelo pelas almas em que elle ardia, que o levou não só a abandonar os carinhos maternos e a patria para abraçar o instituto da Companhia, mas tambem a dizer adeus á Europa para se passar ao Malabar, e alli adoçar com a suavidade da prégação evangelica, e converter á verdadeira fé os endurecidos corações d'aquelles povos. Andam na bocca de todos os trabalhos que padeceu, os carceres, e os grilhões que soffreu, e os monumentos de virtude que deixou. Louvam todos a sua abstinencia de carne e peixe, a assiduidade na oração, a caridade indefessa para com o proximo, e muito mais a sua constancia na fé, com a qual se offereceu a Deus em puro holocausto, quando condemnado á morte pelo regulo do Maravá por apregoar o Evangelho, deu a alma ao Creador a 4 de fevereiro do anno de 1693. Tudo isto leva-os a proclamar o V. P. João de Britto como Martyr; porém não podem conferir-lhe esta gloria, se as suas vozes não forem seguidas do oraculo de V. S., declarando-o Martyr, o que esta Igreja Metropolitana d'Evora supplica a V. S., que espera annuirá facilmente a seus pios votos, em quanto eu

instantemente desejo e rogo para V. S. do divino Pae celeste mui larga e diuturna prosperidade no governo da Igreja de Deus, beijando humildemente os pés de V. S. Dada em Lisboa a 28 de novembro de 1713. De V. S. mui humilde servo — Simão, arcebispo d'Evora.

Carta do arcebispo de Cranganor.

Beatissimo Padre — E' costume, Santissimo Padre, que os membros da Igreja militante sobre a terra, promovam efficazmente as honras d'aquelles que a Igreja triumphante recebe nos seus tabernaculos. Por quanto assim como Deus é admiravel nos seus Santos, assim por meio d'elles a Igreja terrestre recebe esplendor e honra, especialmente quando laureada com as coroas dos Martyres tira dos mesmos inimigos da fé, senão veneração, pelo menos admiração. Por tanto sendo celebre n'estas partes da India oriental o nome do V. P. João de Britto, da Companhia de Jesus, e o martyrio que elle soffreu não ha muitos annos nas terras do regulo do Maravá por confessar a fé catholica; e sendo constante e crescendo todos os dias tanto entre os neophytos, como entre os portuguezes a fama de suas virtudes, e dos milagres com que Deus nosso Senhor se digna de confirmar os merecimentos d'este seu Servo, prostrado aos pés de V. S. offereço humildemente os votos de toda esta nova christandade, para que seja declarado o seu martyrio. Já que, não é duvidosa a fama derivada de testemunhas ainda viventes, de que o dito Servo de Deus João de Britto porque promulgou o Evangelho no reino do Maravá, e arrancou ao culto dos idolos muitos infieis que regenerou com o baptismo, excitou contra si o odio dos brahmenes e do regulo, e depois de mettido em grilhões depois de varias questões, ludibrios e tormentos lhe foi decepada a cabeça, os pés e mãos. Que além d'isto, pouco antes da sentença de morte, foi tentado duas vezes a adorar os idolos, o que recusando constantissimamente com grande firmesa de animo, se offereceu alegremente á morte perseverando na confissão da fé até ao ultimo respiro. A santidade da vida augmenta n'este Servo de Deus a gloria do martyrio, pois sendo muitos annos

missionario no Malabar, deu os mais admiraveis testemunhos de todas as virtudes. Por quanto resplendecia n'elle um zelo verdadeiramente apostolico de procurar a salvação das almas; uma fortaleza invencivel com a qual soffreu muitas vezes perigos de vida pela propagação da fé; uma austeridade admiravel tanto na abstinencia em a comida, como em penitenciar o seu corpo: uma humildade eximia em engeitar as honras que lhe foram offerecidas no paço pelo serenissimo rei de Portugal, para abraçar a cruz de Christo nas missões dos barbaros; finalmente um perfeitissimo amor de Deus com o qual consummou constantemente o martyrio pela verdadeira religião. Bastaria certamente, S. P., a fama d'estas virtudes tanto entre os gentios, como entre os christãos d'estas regiões, para que V. S. julgasse que podia fazer introduzir a causa do seu martyrio para o fim de ser solemnemente declarado. Á isto porém accresce o poderoso incitamento da fama de muitos milagres com que Deus se dignou de manifestar a gloria do seu Servo entre os neophytos d'estas terras. Porque é fama que muitos achando-se privados da vista dos olhos, conseguiram por sua interceesão a faculdade de ver perfeitamente; que outros estando em artigo de morte recuperaram a saude; que algumas mulheres foram arrebatadas das fauces da morte em que estavam pela difficuldade de seus partos; e que alguns outros foram confirmados na verdade do mesmo martyrio com a apparição visivel do V. Martyr. Os mesmos gentios dão abonado testemunho do seu triumpho confessando, que em tres noites viram luzes ardentes brilhar sobre o seu corpo pendente do patibulo. Por isso todos os christãos d'este arcebispado de Cranganor, aos quaes indignamente presido, instam justamente perante V. S. pela declaração de tão illustre martyrio, afim de que a nossa religião alcance por intercessão de tão grande Martyr maior conversão de infieis. E' isto na verdade o que todos nós desejamos obter de V. S. para maior gloria de Deus, para promover valorosamente a conversão dos pagãos, para confusão dos herejes que habitam estas terras, e para sublime lustre do nome portuguez, debaixo do qual o soldado de Christo João de Britto pelejou denodadamente pela verdadeira fé até á morte. Espero pois que estes rogos apoiados em uma causa pia e justa, não serão frustrados perante V. S., a quem ardentemente peço a benção apostolica, no emtanto que

supplico ao Altissimo que conserve diutnrnamente V. S. são e salvo á sua Igreja. Chalacuri 12 de janeiro de 1712. De V. S. indigno servo e supplicante — João Ribeiro, arcebispo de Cranganor.

Carta do bispo de Leiria.

Beatissimo Padre — O V. P. João de Britto Sacerdote da Companhia de Jesus, portuguez natural de Lisboa, alevantou no Malabar tão insigne tropheo sobre a gentilidade, quando sentenceado á morte em odio da fé que prégava áquelles povos barbaros, morreu como victima agradavel a Deus, que não é possivel riscar-se a sua memoria com o correr dos tempos. Vive ainda inteira a fama do seu martyrio em Portugal e na India.

Louvam ainda hoje os christãos, e ainda mesmo os gentios a humildade, paciencia e caridade, o zelo pelas almas, e todas as outras virtudes que ornavam o V. Padre. Louvam a sua fortaleza e constancia com que espalhou livremente a fé, apesar das severissimas leis do reino promulgadas contra os pregoeiros evangelicos. Louvam finalmente a força de animo com que elle prodigo do seu sangue e vida, com rosto sereno e repassado de alegria, se encaminhou para o logar do supplicio, e alli sem hesitação offereceu a cabeça, decepada a qual no dia 4 de fevereiro de 1693 voou para as mansões celestiaes. Tudo isto louvam, e proclamam Martyr ao V. Padre por toda a parte. Como porém não pode elle ser decorado d'esta honra, sem que assim seja definido por V. S., roga e instantemente supplica a V. S. esta Igreja de Leiria, que se digne de declarar Martyr este Varão tão benemerito da religião catholica, o qual gerou para ella tantos filhos, que ao de muitos mil sobe o seu numero. Deus nosso Senhor conserve são e salvo a V. S. por muitos e dilatados annos. Leiria 23 de dezembro de 1713. De V. S., beijando seus sagrados pés, mui humilde e obsequiosissimo servo — D. Alvaro, bispo de Leiria.

Carta do bispo de Meliapor.

Santissimo Padre — Prostrado humildemente aos pés de V. S., seja-me licito expôr, que a Igreja militante nas Indias orientaes se acha em tal estado, que para a sua conservação no meio das perseguições, que contra a nossa santa religião levanta todos os dias a cegueira dos idolatras, carece immensamente do patrocinio da Igreja triumphante, e em particular d'aquelles que foram sôbre a terra seus mestres da verdadeira fé. N'esta minha diocése de Meliapor, em que se contém o reino do Malabar, é perenne a fama das virtudes do V. João de Britto da Companhia de Jesus, de que eu proprio posso ser testemunha, por ter sido seu companheiro nas missões do Malabar, e a quem toda esta christandade commettida aos meus cuidados por dispensação apostolica, reconhece como glorioso Martyr de Christo. Porquanto depois de prégar o Evangelho de Christo n'este reino, depois de immensas fadigas em percorrer as terras dos neophytos, depois de converter á confissão da nossa religião muitos milhares de pagãos, concitou de maneira tal contra si o odio dos brahmenes, por verem desertos os pagodes dos idolos, que lançado em grilhões ha quasi vinte annos, foi por sentença do principe do Maravá decapitado em odio da fé. Ninguem, B. P., entre estes neophytos duvída da causa do seu martyrio, a ponto que logo depois da sua morte todos, e por toda a parte o apregoaram como Martyr. Além d'isto para que as reliquias d'este valorosissimo Soldado de Christo não caissem nas mãos dos pagãos, alguns christãos com perigo de vida ousaram tiral-as de noite do patibulo, e trazer-m'as como precioso deposito que devia ser conservado para o futuro, até que a Santa Sé lhes concedesse veneração e culto. Poderia eu, S. P., encher muitas paginas com a narração das acções cheias de santidade e virtude que elle obrou em vida, tendo por muitos annos exercido com elle o ministerio de missionario no Malabar, de maneira que julgo que possa ser referido não sómente entre os Martyres, senão tambem entre os Santos Confessores. Mas para não passar os confins de uma simples carta, só uma cousa attesto a V. S., a saber, que a fama da

sua santidade, e do seu martyrio e milagres cresce tanto e se divulga de dia em dia n'esta minha diocese, que todos os christãos d'estas regiões nada mais desejam unanimemente, senão que V. S. ponha solemnemente entre o numero dos martyres da Igreja o V. João de Britto. E em verdade parece justo que sejam acolhidos por V. S. os rogos de tantos christãos malabares, que se dirigem com justissimo desejo a honrar com culto publico o seu pae e mestre dado pelo ceu, grande benemerito do Malabar, e da Igreja universal por ter derramado o proprio sangue pela confissão da fé catholica. E porque pedem que por meu meio sejam estas suas rogativas levadas aos pés de V. S., ao que tambem me excita tanto a sollicitude pastoral em amplificar a propagação da fé n'esta Igreja de Meliapor, como a antiga amisade com tão abalisado companheiro durante a sua vida, depois de beijar os sagrados pés de V. S., junto com quanto empenho posso, tambem os meus votos aos de tantos povos, e peço instantemente que se conceda o culto a tão perfeito Missionario, e valorosissimo Martyr, esperando que estes rogos offerecidos por aquelle mesmo que depois de percorrer outr'ora por muitos annos todo o Malabar como simples missionario, e depois de ter sido lançado em ferros mais de uma vez, muito padeceu pela exaltação da fé, não serão despresados por V. S., que Deus por largos annos nos conserve para augmento da Igreja universal. Pondichery 2 de fevereiro de 1712. De V. S. mui devoto e humilde filho em Christo — Francisco Laynes, bispo de Meilepor.

Carta do Cabido de Lisboa sede vacante.

Santissimo e Beatissimo Padre. — São passados quasi dez annos desde que o V. P. João de Britto levantou com o seu sangue no Malabar um tropheo insigne sobre a gentilidade, e está ainda tão viva a memoria de tão illustre martyrio tanto entre os indios, como entre os portuguezes, que o cabido d'esta Igreja de Lisboa, sede vacante, prostrado aos pés de V. S., não se peja de pedir a coroa e declaração do martyrio para este seu cidadão e filho. E de certo olhando para os costumes d'este Varão desde a

sua infancia, parece que em toda a sua vida preludiava o martyrio. Nascido n'esta nossa cidade de nobre estirpe, e educado entre os pagens da corte, deu tão abonados testemunhos de si, que era por seus collegas chamado Martyr e Santo. Tendo professado o instituto da Companhia de Jesus, depois de vencer não pequenas difficuldades, passou ás missões da India, onde purificou com as aguas do baptismo muitos milhares de seus habitantes. Reduziu á lei evangelica tambem um poderoso principe d'aquellas terras, e o levou a despedir as suas mulheres com que anteriormente se casara, excepto uma, o que soffrendo de mau animo uma d'ellas, arrebatada de impio furor contra o defensor da castidade, bem como nova Herodiades ganhou por tal arte a vontade do rei do Maravá, que logo no mesmo dia que fôra vaticinado pelo V. P. João de Britto, foi mettido no carcere por sua ordem. Não emmudeceu porém n'elle o innocentissimo Varão, mas antes com evidentissimos argumentos provou a fé apostolica, e a religião catholica, até que (como todos attestam no Malabar) em sua defesa, depois de soffrer injurias gravissimas, e açoutes, foi decapitado, e morreu victima agradavel a Deus no dia 4 de fevereiro do anno do Senhor de 1693. A fama d'este martyrio vive inteira; e todos á bocca cheia o chamam Martyr. Por tanto, B. P., pedimos encarecidamente a V. S. que seja servido favorecer os piedosos desejos d'este cabido, declarando Martyr aquelle a quem a causa do martyrio, a santidade da vida, as vozes unanimes de testemunhas oculares, e as linguas de todos os malabares já chamam e proclamam Martyr. Deus nosso Senhor tenha em sua santa guarda por largos annos a Pessoa de V. S. para bem da Igreja romana, asylo da fé, em quanto de joelhos beijamos seus sagrados pés. Lisboa em cabido sede vacante 1 de dezembro de 1713. De V. S. mui humildes filhos — Carlos Perim Chantre de Lisboa, Diniz da Silva Andrade, conego de Lisboa.

Carta da Universidade d'Evora.

Beatissimo Padre — Julgamos que será mui agradavel a V. S. e á Igreja universal se commemoramos as vir-

tudes eximias e a morte preciosa aos olhos de Deus do V. P. João de Britto. Foi elle portuguez e natural de Lisboa, religioso professo e sacerdote da Companhia de Jesus. Nascido de paes muito nobres, passou a primeira adolescencia entre os illustres moços fidalgos do paço dos reis portuguezes, onde pela sua excessiva mansidão e paciencia todos a cada passo o chamavam Santo e Martyr. Determinado a dizer adeus ás vaidades mundanas, alistou-se na Companhia de Jesus. Ardendo logo em desejos vehementes de imitar S. Francisco Xavier, pediu com grandes instancias a missão da India e a alcançou. Alli propagou admiravelmente a fé catholica em cinco reinos da provincia de Maduré, que lhe tocara. Foi pasmosa a sua parcimonia na missão; absteve-se sempre de carnes, peixe e vinho sustentando-se só com hervas e agua. Soffreu em odio da fé as maiores asperesas sendo lançado muitas vezes em carceres, e arrastado sobre rochas e espinhaes, espesinhado e esbofeteado com a maior ignominia entre aquelles povos. Tendo no espaço de quinze annos padecido estes e outros trabalhos e ludibrios, voltou a Portugal por mandado dos seus superiores, para promover os negocios da sua afflicta provincia, concluidos os quaes logo se passou de novo á India contra a vontade manifesta do serenissimo rei de Portugal D. Pedro segundo d'este nome, que o havia escolhido para mestre do seu primogenito o principe do Brasil. Restituido á India, regenerou com o baptismo em quinze dias oito mil gentios no reino limitrophe do Malabar. Desejoso d'este sacramento um principe visinho e muito illustre n'aquelle paiz, demittiu de si e exterminou todas as mulheres com que havia casado, excepto a primeira. Entre estas uma recorreu ao rei do Malabar seu tio, e de tal sorte o incitou e aos brahmenes contra o pregoeiro da castidade, que o rei logo no mesmo dia, como predissera o Servo de Deus, o mandou prender e agrilhoar em duro carcere, onde occupando-se incessantemente em orar, em prégar o Verbo divino, e em outras obras de piedade e caridade, se mostrou valorosissimo campeão de Christo. Finalmente só por amor de Christo, cuja fé espalhara com grande proveito por espaço de vinte annos, depois de cruelissimos tratos e affrontas, foi decapitado e voou á bemaventurança celestial. Tudo isto é tão vulgar e está tão propagado, que não ha ninguem que o ignore, ninguem que quotidianamente não falle n'esta

materia, ninguem que não confesse por verdadeiro Santo e Martyr este Servo de Deus. Por toda a parte se propagam as suas virtudes, a sua prégação e milagres, de modo que os principes, e outros homens piedosos da Asia e da Europa trazem comsigo as suas reliquias em guardas de ouro e prata. Por tanto a Academia d'Evora prostrada humildemente aos sagrados pés de V. S., por voto unanime de todos os seus doutores, supplíca que seja servido de referir nos fastos dos Martyres este V. Varão cheio de tantos merecimentos e virtudes, e ornado com o glorioso laurel da morte que soffreu por Christo, para maior gloria de Deus e esplendor da Igreja romana. A memoria de tão assignalado beneficio será em nós perduravel, em quanto beijando reverentemente os sagrados pés de V. S., rogamos a Deus pela sua dilatada saude sobre a terra, a eterna felicidade nos ceus. Evora 8 de dezembro de 1713. — Beatissimo Padre, beijam os sagrados pés de V. S.

Domingos Fernandes, reitor da Academia d'Evora. — O doutor Luiz Fragoso, cancellario da mesma Academia — O doutor Francisco de Sande, lente de prima de theologia na mesma Academia — Matheus Jano, lente de vespera de theologia na mesma Academia.

Revistas — João Zuccherini, vice-promotor da fé.

PARTE VII.

CONCLUSÃO.

Offerecendo aos nossos conterraneos estendidamente relatadas as glorias de um Beato portuguez, fizemol-o sem ter olhos a outro fim mais do que avivar uma memoria de tanta honra nossa, e gloria do nosso reino, ou para melhor dizer da religião. Dizemos da religião e nossa, porque dos famosos exemplos de virtude e santidade do B. João de Britto, resultarão ao reino em particular, e á christandade em geral muitos e muito grandes bens, sendo certo que é para os imitarmos, e dar gloria a Deus, que a Igreja os propõe á veneração dos fieis.

Mas já vae longa esta Memoria, nem ainda que nos sobra a vontade, a poderiamos protrahir. Todavia antes de acabar não podemos deixar d'exclamar, que são occultos os conselhos, insondaveis os juisos e immenso o abysmo da incomprehensivel Divina Providencia! Quando Portugal jaz abatido e prostrado, e lançando os olhos desfallecidos para a Africa, a Asia, e a America atravez das immensas aguas do Oceano, que outr'ora subjugou e assombrou com o poderio de suas armadas, se recorda com saudade dos dias da sua gloria, como o naufrago, que tendo a custo salvado sobre uma taboa a propria vida, olha da praia para o fragil baixel que soçobrando prestes está para ser engolido pelas ondas do mar com as riquezas que lá deixou para as perder irreparavelmente, eis que a religião lhe vem alentar os animos com as glorias de um seu filho que vae ser levantado sobre os altares; quando Portugal pelo entibiamento de seu antigo zelo, e pelas commoções politicas dos nossos tempos perdeu a mór parte das suas Igrejas e missões da Asia, cujos campos regou e fertilisou com o ouro, o suor, o saber, a santidade, o valor e o glorioso sangue de seus filhos, vê pela primeira vez tributar as honras dos Santos a um dos milhares de portuguezes martyres da fé nas terras do Oriente. Desejada

honra que nos dias da sua maior prosperidade nunca havia podido conseguir!

Estas duas considerações animam-nos a crer que temos n'este acontecimento um penhor da restauração das glorias dos nossos maiores, se lhes imitarmos as virtudes, o denodo, e o zelo pela religião, cujo estandarte lhes deu a conquista de immensos povos, e serviu por toda a parte como de base e coroa aos padrões não perecedouros que ainda hoje estão apregoando por todos os fins da terra, e eternisando o inclito nome portuguez, que em esforço e piedade vencerá em perpetuidade todos os marmores e bronzes da terra. Porque em fim essas pedras, esses bronzes, esses desmoronados baluartes que na Africa, na Asia e na America amostram ainda hoje as lusitanas quinas, são todavia memorias mudas e sem movimento, sujeitas a ruinas e ao esquecimento. Mas a piedade, a religião de nossos maiores, o seu zelo pela propagação da fé, são memoria viva, e estatua animada com tantas linguas para publicar essas grandezas quantos são os povos que converteram, e as Igrejas que fundaram; com tantas azas para voar e as fazer estimar por toda a parte, quantos são os Martyres que com o seu sangue confessaram a fé de Jesu Christo por sua industria e esforços annunciada em tão remotos climas, e a povos tão diversos por natureza, leis e costumes; com tanta vida quanta recebe e renovará por todos os seculos com o culto dos altares que a Igreja hoje decreta ao Beato João de Britto.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS D'ESTA OBRA.

PAG.	LIN.	ERRAT.	EMEND.
9	16	conplemento	complemento
11	11	no dia de	no dia da
17	2	feita a Procissão	feita a Profissão
››	11	exercieios	exercicios
27	17	tres dias	taes dias
33	8	ainha	ainda
››	11	comtndo	comtudo
34	20	lhe	lhes
››	21	lhe	lhes
35	20	serra	seara
37	18	concerto	conceito
40	18	convertido	convertidos
42	10	Golocandá	Golocondá
48	22	arrenegado	arrenegando
54	19	occupavamas	occupavam as
62	14	Caranbantú	Carabantú
71	2	mesmá	mesma
77	2	Superioe	Superior
78	14	collegie	collegio
››	16	cem	com
79	6	Turucurim	Tutucurim
80	15	alguns alguns	alguns
83	22	preposições	proposições
89	22	fazer-lhe	fazer-lhes
93	9	consideraçãe	consideração
96	14	busear	buscar
››	25	acouselharam	aconselharam
102	7	muudo	mundo
››	15	monoscabo	menoscabo
119	24	muiito	muito
144	19	siugular	singular
››	23	no	ao

PAG.	LIN.	ERRAT.	EMEND.
146	10	pergunta	pergunto
»	32	majestade:	majestade,
162	12	Raganadadeven	Rauganadadeven
165	27	lhe	lhes
166	29	do occasião	da occasião
191	13	sojei-	sujei-
192	6	cemsigo	comsigo
199	26	nartyr	martyr
206	14	exsillabam	exsibilavam
209	31	ficon	ficou
218	33	renderam	renderão
»	35	fructificaram	fructificarão
228	38	serom	serem
242	25	Collogio	Collegio
245	10	snspicit	suspicit
»	22	evultu	e vultu
255	5	con et	continet
260	23	Inqne	Inque
269	28	lhes	lhe
270	30	eseripto	escripto
275	31	ugmentou	augmentou
276	11	prescseve	prescreve
308	10	palavra	palavras
»	20	dado	dada
322	28	partipando-lh'a	participando-lh'a
351	14	fresca memoria	fresca a memoria

[illegible]

[illegible] 5e [illegible]

[illegible]

18 - 2 - [illegible]